

"Spencer é minha nova compra automática."

— Autora bestselling do New York Times:

Elizabeth Hoyt



A Linguagem do Amor

Academia do Amor

Minerva Spencer

Escrevendo como S.M. LAVIOLETTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

"Spencer é minha nova compra automática."
— Autora bestselling do New York Times:
Elizabeth Hoyt



A Linguagem do Amor

Academia do Amor

Minerva Spencer

Escrevendo como S.M. LAVIOLETTE

A Linguagem do Amor

Academia do Amor 4

Minerva Spencer

Escrevendo como S.M. LAVIOLETTE

1ª Edição



2023

Ribeirão Preto/SP



Título Original A Language of Love
Copyright © 2022 Shantal M. LaViolette
Copyright da tradução©2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão: Raquel Medeiros
Diagramação: Labellaluna Web
Capa:Biserka Design

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S745lbe

Spencer, Minerva- S. M. LaViollette

Título: A Linguagem do Amor (recurso eletrônico) © 2023 -

Leabhar Books Editora Ltda. - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: The Language of Love © 2021 Minerva Spencer

Formato: ePub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-048-6

1. Romance histórico. 2.Série. I. Costa, Hamireths. II. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134.3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de Setembro, 1851 conj.1 CEP: 14025-200 – RP/SP – Brasil.

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com



Prólogo

1797

Castelo de Stoke, Yorkshire

Henry correu o mais rápido que pôde pelo corredor gelado e sombrio.

Bem, o mais rápido que um homem com uma ereção quase dolorosa poderia correr.

Homem? Ahá!

Ele cerrou os dentes e ignorou a risada zombeteira de seu companheiro. *Companheiro imaginário.*

Ninguém mais será seu amigo, então deveria ter cuidado com seu tom de voz, meu garoto...

Henry não era louco; ele conhecia a voz em sua cabeça que abusava dele todos os dias, não era um amigo - imaginário ou não. Era pior do que isso: era sua própria mente que arremessava abusos constantes e minava a pouca autoconfiança que ele conseguiu construir.

Era de se esperar que, se alguém tivesse que suportar um companheiro mental, que fosse ao menos, sociável e solidário.

Ele exalou calmamente com aquele pensamento tolo, seus olhos disparando curiosamente sobre o corredor enquanto seguia pela noite escura. Esta era uma parte do Castelo de Stoke que ele só tinha visitado uma vez antes, quando era um garoto de sete anos de idade e entrou por engano na ala da família.

A surra que levou, assim que foi pego, garantiu que Henry evitasse essa ala do castelo por nove longos anos.

Mas desta vez era diferente. Desta vez, ele não estava entrando em um lugar onde não fosse bem-vindo. Desta vez, ele foi... *convidado.*

Por Julia.

Apenas pensar em seu nome fez o seu membro endurecido se contorcer.

É melhor se acalmar ou sua noite emocionante acabará antes mesmo de começar.

Henry fez uma careta, mas se recusou a ser arrastado para aquela discussão inútil. Não só porque sempre perdia, mas ele estava muito perto do quarto de Julia para sequer pensar direito.

À frente estava a última curva de sua longa jornada dos aposentos dos criados até os aposentos de seu tio.

Quando Henry alcançou a maçaneta da porta marcada por uma fita rosa, ele fez uma pausa.

Seu coração estava batendo tão alto que era surpreendente que toda a casa não tivesse ouvido. Ele precisava se acalmar. Se ele fosse até ela agora, ele se derramaria todo só de olhar para ela.

Essa era a sua chance. Sua *única* oportunidade de provar que era digno dela. Lady Julia não era apenas a filha de um duque, ela também era a garota mais bonita da história da Grã-Bretanha.

E ela *o* queria, Henry Singleton, o bastardo do desonrado filho mais novo da casa e uma camareira.

Ele respirou fundo várias vezes e depois entrou no quarto como ela o havia instruído.

Henry parou na soleira e apertou os olhos para enxergar o quarto, que estava ainda mais escuro do que o corredor.

— Entre e feche a porta, depressa!

Henry se assustou com o sussurro alto e fez o que ela pediu, a ação cortando o pouco de luz dos castiçais no corredor.

— Não consigo ver nada — ele sussurrou, mesmo aquele som soou anormalmente alto no quarto silencioso.

— Dê dois passos à frente e depois vire à direita e continue andando até encontrar minha c-cama.

Henry sorriu para si mesmo quando ela gaguejou a palavra *cama*. Até então, ele estava se sentindo como o único que estava nervoso com o que eles estavam prestes a fazer.

— Viu alguém no seu caminho para cá? — ela perguntou, enquanto ele caminhava cuidadosamente na direção dela.

— Não — ele bateu a canela em algo duro e soltou um grito abafado.

— Xiiiiu.

Henry franziu a testa na escuridão. — *Não é como se eu quisesse bater a minha perna de propósito.*

— Onde está? — ela sibilou.

— Eu estou ao pé da sua cama, eu acho.

Ele ouviu o farfalhar da roupa de cama, e então, uma mão quente e macia tocou a dele. — Tire suas roupas.

— O-o quê? — era a sua vez de gaguejar.

— Dificilmente poderemos fazer isso se estiver vestido — ela fez uma pausa e depois acrescentou: — *Já fez isso antes, espero?*

O tom zombeteiro dela fez o rosto dele escaldar. — Claro que sim!

— Bem, tire-as.

— Tudo? — ele perguntou, ainda hesitando. Ele não havia tirado nada quando *fez isso* antes, e fez *muitas vezes*. Embora com outras criadas e não uma dama nobre.

— Henry... — ela sussurrou, sua voz suave fazendo todos os pelos de seu corpo se levantarem. — Não quer sentir minha pele nua na sua?

— *Glup* — o som inarticulado escorregou de sua boca antes que ele pudesse segurá-lo. Seu membro, que já estava vazando, explodiu como uma

fonte em suas calças.

Henry gemeu e agarrou o pé da cama enquanto seu clímax fervia de suas bolas doloridas.

— Xiiiiiiiiiiu!

Ele não estava em condições de discutir.

— O que está fazendo, Henry?

Henry de alguma forma duvidou que ela apreciasse a resposta àquela pergunta, então ele cerrou os dentes e afastou o prazer entorpecente, enquanto seus dedos se atrapalhavam com as fitas e botões de sua vestimenta, removendo as botas com pés desajeitados e pesados. Era embaraçoso e lamentável, mas estava tão escuro que ela nunca saberia o que aconteceu.

Com sorte.

Quando Henry jogou a camisa no chão, ele quase recuperou o controle de suas extremidades. Seu membro, sempre disposto, estava quase endurecido novamente.

— Henry, se não subir aqui agora, vai precisar...

Ele subiu na cama e Julia deu um grunhido assustado. Henry bateu a cama. — Onde está? Não consigo...

Seu grito estridente foi ainda mais chocante no silêncio ensurdecedor que inundava a escuridão.

Henry deu um grito mortificante e se jogou para trás, como um camarão se afastando de um predador. Ele estava tão perto do pé da cama que caiu dela de costas.

Julia gritou novamente e desta vez ele não tinha mais fôlego nos pulmões para gritar ou exigir o que diabos estava errado.

A porta se abriu e a luz do corredor - que parecia crepuscular quando ele subiu - agora ardia como o sol do meio-dia.

— O *que* está acontecendo aqui?! — a voz de seu primo gritou.

Henry estava vagamente ciente da figura de Julia chorando, coberta por um lençol, disparando da cama em direção à porta. — Acordei e o encontrei em cima de mim, Charles! E ele está n-nu!

A essa altura, Henry estava realmente grato por não conseguir falar.

Eu lhe disse, a voz em sua cabeça cantou alegremente. *Eu disse que era algum tipo de truque*.

Henry não podia argumentar, mesmo se conseguisse.

— Vista-se, seu porco *nojento*! — Charles jogou as botas e as roupas espalhadas de Henry nele.

— O que está acontecendo? — uma nova voz exigiu.

Ah, sim, seu primo Edmund.

Henry riu, embora tivesse saído um som sufocado e distorcido.

— Henry entrou furtivamente no quarto de Julia e... bem, pode ver o que o porco degenerado tinha em mente. Eu disse para se vestir! — Charles gritou novamente.

Finalmente capaz de respirar, Henry se levantou até conseguir se sentar,

ignorando os gritos e acusações vindos da porta, que agora estava às suas costas.

Ele tirou a camisa da pilha emaranhada e a vestiu primeiro.

O teatro estava quase terminado, faltando apenas um ator para completar a humilhação de Henry.

Como se estivesse na hora, a voz de seu tio Robert - o Conde de Rotherhithe - veio do corredor: — Que diabos é essa comoção?

— Henry entrou escondido no quarto de Julia e tentou forçá-la — a voz de Charles era quase tão forte e dominante quanto a de seu pai, embora ele fosse apenas um ano mais velho que Henry, cuja própria voz ainda era propensa a grasnar e gritos.

Julia soluçou mais alto e deu um pequeno grito quando Henry se levantou, sua bunda apontada na direção dela enquanto ele lutava para vestir as calças.

— Tire-a daqui seu tolo, — comandou o tio Robert.

Os soluços de Julia e as vozes tranquilizantes de seus primos desapareceram, junto com seus passos.

— Apresse-se — ordenou o tio.

Henry encolheu os ombros no colete e no casaco. Quando ele se sentou para vestir suas meias e botas, seu tio disse: — Pegue-as e me siga.

No corredor, ele viu os cabelos grisalhos de sua tia-avó Millicent em uma porta, sua touca torcida enquanto observava com olhos arregalados a atividade.

— Rotherhithe, o que é...

— Volte para a cama, Millicent — o conde berrou.

A porta se fechou imediatamente, assim como as outras que abriram, todos os cômodos ocupados por vários parentes idosos, que viviam da generosidade do chefe de sua família, o Conde de Rotherhithe. Todas as tias e tios de Henry, embora nenhum deles o reconhecesse em doze anos.

Quando eles passaram da ala da família para a parte da casa onde seu tio mantinha seu escritório, outras cabeças apareceram, os criados.

O pessoal de Henry.

Ele rangeu os dentes quando viu a Sra. Jenkins, a governanta e a mulher que o criara, embora ele nunca tivesse a chamado de *mãe*.

— Milorde? — ela chamou, puxando um xale cinza pulgoso sobre seu pesado roupão de flanela. — Há algo errado?

— Vá arrumar as coisas do menino — o conde retrucou, sem parar para olhar para ela. — Peça a cozinheira para montar um saco de comida e acorde Falkirk e diga-lhe para preparar a charrete. Ele irá para a aldeia em uma hora.

A Sra. Jenkins lançou um olhar aterrorizado para Henry, mas girou nos calcanhares para obedecer às ordens de seu mestre.

O conde abriu a porta de bronze que dava para o escritório e seguiu até sua enorme mesa.

Henry se sentou em uma cadeira e colocou as meias e as botas, a mente dormente, o corpo passando pelos movimentos.

Ele ouviu o soar das chaves e, distraidamente, identificou o som da abertura de uma gaveta, o baque característico do caixa forte de seu tio e, em seguida, o rangido de sua cadeira quando ele sentou-se.

E então ele ouviu o *tilintar* maçante das moedas.

— Isso é tudo o que vai conseguir de mim.

Henry terminou de colocar a segunda bota antes de olhar para cima.

O conde fez uma careta para ele. — É uma desgraça. Eu sabia disso, mas nunca suspeitei que fosse um estuprador em formação.

Henry sentiu seus lábios se curvarem em um sorriso zombeteiro, mas ficou impotente para impedi-lo.

— Acha que isso é divertido, não é?

Henry não disse uma palavra.

— Vai pegar isso — ele chacoalhou a bolsinha de couro em sua mesa, — e vai pegar a charrete que estou oferecendo até a aldeia. Há o suficiente para comprar passagem para praticamente qualquer lugar do mundo e dinheiro para alimentá-lo por um mês ou dois quando chegar lá. O que fizer será sua responsabilidade, pode morrer de fome, se quiser. Mas nunca, nunca mais voltará para essas bandas. Se voltar, mandarei prendê-lo e jogá-lo na cela mais escura da pior prisão que encontrar. Farei com que seja acusado de estupro e será *enforcado*. Não pense que tenho medo de envergonhar o nome Singleton, garoto. Agora, saia da minha frente. Me enoja.

Henry se levantou, virou-se e caminhou em direção à porta.

— Garoto! Esqueceu o dinheiro.

Henry parou e se voltou para o tio, um homem que nunca o reconheceu como seu próprio sangue ou lhe dera um olhar gentil ou uma palavra amigável em mais de uma década.

— Fique com isso, tio. Da maneira como o senhor desperdiçou dinheiro no ano passado, suponho que o precisará mais do que eu.

— *Bastardo insolente de uma rameira!* — o conde trovejou, levantando-se.

Henry engoliu a dor e a fúria com essa acusação familiar - embora no passado sempre tivesse vindo de seus primos, em vez de seu tio - e então se virou e saiu do escritório.

Ele não foi para a cozinha como ordenado e não esperou a charrete ficar pronta. Também não se despediu de uma única alma.

Tudo o que ele fez antes de sair foi fazer uma parada rápida no quarto, que mais parecia uma cela, que habitou por mais de uma década. Ele deu de ombros em seu casaco pesado, levantou o colchão e coletou todo o dinheiro que ganhou nos últimos anos fazendo trabalhos estranhos, e guardou o medalhão surrado com miniaturas de seus falecidos pais.

Em vez de sair pela porta da frente ou pela porta de serviço, ele usou a porta escondida no arsenal, para não ter que encontrar mais ninguém quando deixasse a casa.

Ainda estava escuro quando ele deixou Stoke, dez minutos depois,

alimentado por uma profunda sensação de mau uso e uma determinação forte de nunca, nunca mais retornar a este lugar e encontrar as pessoas que não fizeram nada além de rejeitá-lo e envergonhá-lo.

Henry caminhou em direção ao seu futuro desconhecido - e aterrorizante - sem sequer olhar para trás.



Annis continuou lendo e relendo a carta do advogado da avó, como se a leitura repetida pudesse alterar magicamente seu conteúdo.

Olhou para cima.

— O que foi, minha querida? — Lady Cecily estendeu a mão fina e branca para sentir o ar ao redor da neta.

— Hum... — para uma mulher que ensinou línguas em uma academia para jovens damas por cinco anos, Annis não conseguia juntar duas palavras em seu idioma nativo.

Os olhos nublados de sua avó - outrora de um azul pervinca vívido como o de Annis - piscaram-lhe, ambos cegos e totalmente confiantes. Confiava em Annis para decifrar esta carta, assim como confiava nela para administrar o resto de seus negócios desde que perdeu gradualmente sua visão durante os últimos oito anos.

Annis retribuiu sua confiança trazendo James Leech para suas vidas e dando-lhe acesso à sua casa e às casas de seus *amigos*.

— Não está se sentindo bem, minha querida?

Annis pigarreou e depois jogou-se sem nenhuma graça sobre a poltrona, não conseguia manter-se em pé.

— Estou bem, vovó, só um pouco cansada.

— Parece sem fôlego — Lady Cecily tocou a campainha que mantinha ao lado de sua cadeira. Um sino que, provavelmente, agora pertencia aos credores mencionados na carta que Annis segurava nas mãos.

A porta se abriu tão rapidamente que Mary, a criada de sua avó, devia estar ouvindo do outro lado.

E por que não? Annis pensou; *eu também destruí a sua vida.* Afinal, que trabalho uma mulher de quase setenta anos poderia encontrar?

— Chamou, milady? — Mary perguntou.

— Por favor, traga o amoníaco para minha neta.

Annis se livrou de seu torpor.

— Não preciso de amoníaco, vovó, de verdade — disse sorrindo para Mary. — Mas chá seria perfeito.

Lady Cecily semicerrou os olhos cegos para Annis por um longo momento antes de assentir.

— Parece que chá será suficiente, Mary.

— Muito bem, milady.

A porta se fechou e sua avó se virou para a neta novamente.

— O que o Sr. Pears tem a dizer em sua carta, minha querida?

Annis abriu a boca para contar a verdade à avó, mas, como tantas vezes acontecia em sua vida, algo totalmente diferente saiu.

— Parece que houve mais perdas do que previa, mas diz para não nos preocuparmos, pois essas flutuações são comuns agora que a guerra acabou — mordeu o lábio enquanto considerava sua próxima mentira. — Pede que eu vá a Londres o mais rápido possível para assinar alguns papéis.

Também para que eu possa cair de joelhos e implorar por misericórdia.

O sorriso de sua avó iluminou suas feições delicadas.

— Oh, é tão boa para mim, Annis — disse, suas palavras a atingindo como facas. — Sei como uma viagem até a cidade pode ser cansativa, mas poderá ver suas amigas - Lady Sedgwick, Honoria Keyes e aquela mulher inteligente que trabalha com pedra - qual era mesmo seu nome?

— Serena Lockheart, agora que está casada. E Honoria agora é Lady Saybrook — Annis forneceu rigidamente.

— Ah, sim! Isso mesmo. Tantos casamentos em tão pouco tempo.

Annis só podia imaginar como as amigas a quem sua avó se referia, as seis outras professoras da Academia Stefani para Jovens Damas, pessoas adoráveis e atenciosas, todas muito mais inteligentes do que Annis - reagiriam se confessasse como permitiu se encantar por um ladrão intrigante que falsificou seu nome em documentos financeiros, tomou as pérolas que sua avó lhe havia dado - sua única posse de valor - e depois roubou as casas dos amigos de sua avó.

Usando Annis como sua cúmplice involuntária.

Annis fechou os olhos com força, envergonhada de como soava estúpida quando pensou em tudo aquilo.

Não se esqueça de mencionar o fato de que também roubou sua virgindade, sua voz interior sabe-tudo apontou, apenas para aumentar seu festival de auto aversão.

Ele não me roubou, argumentou inutilmente com sua própria mente. Não sou vítima quando se trata de abandonar meu estado de inocência questionavelmente feliz. Eu *escolhi* me entregar a ele, ou pelo menos escolhi dar-lhe essa parte de mim.

A voz apenas riu, o que foi ainda pior do que uma réplica afiada e inteligente.

— Annis? *Annis?*

Olhou para cima e encontrou sua avó franzindo a testa em confusão.

— Perdão, vovó, o que foi?

— Eu disse que deveria visitar aquele meu filho enquanto estiver em

Londres.

Annis ficou grata por sua avó não ter podido ver sua careta. O único filho vivo de Lady Cecily era Thomas Bowman, um homem tão diferente do seu querido pai falecido como o proverbial giz do queijo.

A expressão idiomática atraiu sua atenção como um espinho que se agarra à roupa: *Tão diferente quanto o giz do queijo. Conhecia essa*. Annis franziu a testa enquanto buscava na memória a origem da expressão e tamborilava os dedos de uma das mãos na musselina azul desbotada que cobria seu joelho. Era do Inglês medieval, disso tinha certeza. Então talvez...

— Annis, querida? Está aí? — sua avó virava a cabeça de um lado para outro, como se pudesse realmente ver ao redor de sua pequena sala.

— Sinto muito, vovó, estava pensando na viagem — mentiu. — Receio não ter entendido a última coisa que a senhora disse.

— Eu disse que deveria aceitar a oferta do seu tio para franqueá-la nesta temporada — Lady Cecily franziu a testa, aprofundando os sulcos que circundavam sua boca. — Sua tia nem sempre é uma mulher agradável, mas deve estar desesperada para casar uma das suas meninas, então ousou dizer que as arrastará loucamente para todos os lugares nesta temporada.

Mais uma razão para não querer uma sobrinha empobrecida atrás dela. Mas Annis não chamou atenção para esse fato.

— Vou visitá-los, vovó — estremeceu com a ideia de se submeter a uma gélida meia hora com sua tia Agnes e suas filhas solteiras - Susanna e Miriam - e o horrível e mimado herdeiro Percy.

Lady Cecily suspirou.

— Sei que não deveria dizer isso, mas criei esperanças com o Sr. Leech. É um jovem *tão bom* e senti que gosta dele. Oh, não é que eu queira perdê-la para ele e me entristeceria que fosse para Yorkshire, mas... — a velha senhora deu de ombros sem dizer uma palavra.

Annis teve que piscar rapidamente, embora sua avó não pudesse ver suas lágrimas. Sim, também gostava do gentil e bonito Sr. Leech. Gostava tanto que lhe confiou *tudo* o que tinha, e depois o apresentou às amigas mais queridas de sua avó, duas irmãs que viviam uma vida mais humilde. Mulheres que agora tinham ainda menos, graças a Annis.

Como se isso não bastasse, sua avó apresentou Leech à esposa do escudeiro Lancing, que convidou o jovem e encantador pároco para jantar várias vezes durante sua estada em Cockleshaw porque quem não gostaria de receber amigos de Lady Cecily, a filha de um *conde*, embora agora fosse alguém que vivesse em circunstâncias bem difíceis.

Annis não conseguia se lembrar daquela noite fatídica na casa do escudeiro sem ter uma terrível dor de cabeça e se sentir mal. Supôs que teve sorte por ninguém ter conectado a visita do '*pároco*' com a onda de roubos na região.

Era uma *idiota*.

Engoliu de volta suas lágrimas, sua vergonha e sua fúria. De que servia

desejar que se comportasse de forma diferente? Chafurdar na pena, é o que isso significaria. E não tinha tempo nem o direito de revoltar-se com o que um dia sentiu pelo Sr. Leech. Precisava consertar as coisas, não choramingar.

E para consertá-las, precisaria de dinheiro: £12,000 para ser exata. Só havia uma maneira de uma mulher de nascimento nobre ganhar dinheiro rapidamente: casando-se com um homem de posses.

Simples assim: devia se casar com um homem rico. E logo.

Isso é o que teria que fazer, se é que alguém iria aceitá-la. Era a única maneira de garantir que sua avó não acabasse em um asilo.

Annis estremeceu. Sabia que sua tia - uma mulher tão pragmática e implacável quanto um general do exército - poderia lhe encontrar um marido. Não queria pensar com qual tipo de homem acabaria. Afinal, mendigos não podiam escolher.

Sorriu brevemente para o jargão - de origem em meados do século XVI.

— Decidi que aceitarei a oferta de meu tio — disse Annis antes que perdesse a coragem.

— Oh, esplêndido! — o sorriso de sua avó iluminou a sala. — *Fico* feliz em ouvi-la dizer isso. É uma jovem bela e talentosa, com uma natureza adorável e amorosa. Sei que meu filho e sua família podem ser difíceis, mas Agnes irá ajudá-la a encontrar o marido que merece, minha querida.

Annis fez tudo o que pôde para não se jogar aos pés da avó e confessar tudo. Mas isso seria espalhar sua miséria para uma pessoa que não fez nada para merecê-la e, no entanto, foi a quem mais machucou.

A porta se abriu e Mary entrou com a bandeja de chá. Annis dobrou a carta, as palavras da avó ressoando em seus ouvidos: *encontrará o homem que merece.*



Duas semanas depois, Londres, The Clarendon Hotel

Henry Singleton, o sétimo conde de Rotherhithe, estava tomando um excelente clarete e examinava a opulenta sala de jantar do hotel.

Mesmo que o Clarendon tivesse os mesmos rostos pálidos que veria em qualquer reunião da Companhia em Calcutá ou Dacca, as pessoas aqui pareciam inexperientes e delicadas.

Mas Henry sabia que era uma ilusão. Não havia criatura na terra mais resiliente e minuciosa do que um membro da classe alta inglesa, especialmente quando se tratava de perseguir e atormentar aquelas pessoas que acreditavam não merecer estar entre seu círculo.

Pessoas como Henry, em outras palavras.

Colin Parker ergueu a taça, como se estivesse ansioso para beber um gole por Henry. — Isso soa como uma brincadeira divertida que o senhor inventou, — disse Colin. — Mas eu acredito que terá sorte de ter pelo menos meia Temporada antes que a brincadeira acabe, milorde.

Henry se inclinou sobre a mesa, o movimento repentino fazendo seu empregado idiota recuar. — Serei exposto antes que esta maldita refeição termine se não se lembrar de me chamar de Parker, *milorde*.

A cor flamejou nas bochechas milagrosamente pálidas do verdadeiro Colin Parker. Como diabos que o homem não ficara marcado pelo brutal sol indiano depois de viver em Dacca por quase quatro anos era um mistério para Henry.

— Mas... — Colin mordeu o lábio inferior, olhando para Henry como um roedor olhava para uma cobra.

— Sim, *milorde*? — Henry perguntou em um tom tão gentil e paciente quanto pôde reunir depois de sete horas sólidas na companhia do outro homem.

— Er, por que devo me dirigir ao senhor como Parker, mesmo quando estamos sozinhos?

— Porque nunca se sabe quem pode estar ouvindo, *milorde*, — disse Henry. Sem mencionar que tem menos juízo do que um carneiro e precisa de toda a maldita prática que puder ter.

O Adonis de cabelos pretos e olhos azuis sentado à sua frente sorriu compreendendo repentinamente e deu a Henry uma piscadela exagerada. — Ah, sim, meu... er, Parker. É isso mesmo, é isso mesmo. Podem estar à espreita em todos os lugares — ele virou a cabeça de um lado para o outro, examinando o salão com olhos cortantes e suspeitos antes de se virar para Henry e se inclinar sobre a mesa, a manga direita raspando o prato de manteiga no processo. — Mas, meu... er Parker, não está preocupado que alguém que conheceu na Índia possa reconhecê-lo aqui?

— Eu não socializo fora de Dacca há quase sete anos, — Henry lembrou-o com a maior calma possível, o que exigiu algum esforço já que haviam discutido esse mesmo tópico no dia anterior. E um dia antes.

Ele continuou: — Eu estive em Calcutá duas vezes nos últimos dez anos e apenas para negócios. *Raramente* participava dos eventos da empresa, se pudesse evitar. Ninguém lá sabia quem era meu pai, e eu não contei a ninguém que estava na fila para herdar um condado. Na verdade, nunca mencionei meu parentesco com o Conde de Rotherhithe. Então, não, eu não acredito que haja muito com o que se preocupar, *milorde*.

A feição de Colin suavizou. — Er, sim. Muito bem. — ele tossiu e acrescentou em voz baixa: — Parker.

Henry não pôde deixar de se divertir com a tentativa do homem de imitar a voz baixa e ligeiramente rouca de Henry; isso o fez lembrar de um filhote tentando imitar um lobo. Ainda assim, Colin Parker estava tentando.

Em todos os sentidos da palavra.

— Por Deus, er... Parker, — Colin sussurrou em voz alta, — e se alguém que o conhecia *antes* de deixar a Inglaterra o vir e reconhecê-lo? Certamente sua família o reconheceria?

— Não.

Colin se encolheu como um spaniel repreendido com a resposta monossilábica e dura.

Henry cedeu. — Minha *família* — ele disse aquela palavra como se ela deixasse um gosto desagradável em sua boca. Porque deixava — vive em Yorkshire. Mesmo antes de partir para a Índia, nenhum deles veio para Londres.

Não porque não queriam, mas porque eram poucos.

Mas Colin não precisava saber disso. Seu cérebro já estava confuso o suficiente.

Henry viu que Colin ainda o encarava, a confusão estragando seus traços perfeitos.

— Além disso, — acrescentou Henry. — Faz vinte anos desde a última vez que os vi. Eles sabiam da minha existência, é claro, mas duvido que mais de um ou dois me reconheçam.

Uma delas seria Julia, a cobra de duas caras que se casou com seu primo Charles - o falecido conde - e a outra era Edmund, o herdeiro nojento de Henry.

Pensar em suas pessoas menos favoritas no mundo fez com que os lábios de Henry se curvassem em um sorriso que fez o pobre Colin recuar.

Julia era a razão pela qual Henry havia jurado nunca se casar, e Edmund - ironicamente - era a razão pela qual Henry deixaria de lado sua promessa de vinte anos e realmente consideraria tomar uma esposa.

Porque ele seria amaldiçoado se morresse e deixasse o condado - não importa o quão empobrecido - para o maldito Edmund.

Henry ergueu os olhos de sua reflexão vingativa e encontrou Colin olhando para ele pensativo. — Não só se passaram vinte anos, milorde, mas o senhor precisa entender como foi para mim na casa do meu tio — ele se inclinou para Colin. — Eu gostaria de explicar isso apenas uma vez, milorde. Está ouvindo?

Os olhos de Colin se arregalaram e o seu pomo de adão se mexeu.

— Eu era o filho órfão do irmão mais novo morto e desonrado do meu tio. O conde expulsou meu pai da casa - e da família - e disse a ele para que nunca mais voltasse — ele sorriu desagradavelmente. — Então, tenho certeza de que pode imaginar o quão contente, Sua Senhoria ficou por me botar para fora de sua casa cinco anos depois que meu pai morreu. Está me acompanhando, milorde?

— Sim, P-Parker.

— O conde não me mandou para a escola como seu filho, Charles, ou como meu outro primo Edmund. Na verdade, nunca havia deixado a maldita Yorkshire desde o dia em que cheguei aos cinco anos de idade e até deixá-la aos dezesseis. Durante os onze anos, oito meses, três semanas e dois dias em que morei com meu tio, ele nunca me apresentou a ninguém fora da *família*, — novamente ele cuspiu aquela palavra. — Na verdade, ele nunca me reconheceu publicamente como seu sobrinho. Passei toda a minha infância

morando na ala dos criados, sob os cuidados da Sra. Jenkins, sua governanta.

Em retrospecto, essa pode ter sido a única coisa gentil que seu tio fez por ele. Enquanto a Sra. Jenkins nunca o amou, ela nunca foi cruel com ele. Ela apenas tratava Henry como mais um de seus deveres, em vez de uma criança que exigia amor e carinho. Seu tratamento nas mãos dela foi *muito* mais gentil do que qualquer coisa que ele recebeu de seus tios e tias, seus primos ou a adorável protegida de seu tio, Lady Julia Tybald.

Lady Julia. Henry exalou. Ele conheceu ladrões de becos que se comportaram de uma maneira mais *feminina* do que o antigo amor de sua vida.

Pensamentos sobre a filha do duque que uma vez partiu seu coração e pisou nele com seu delicado pé e, em seguida, enfiou uma estaca nele, deixou Henry mais determinado do que nunca a desfrutar de um pouco de entretenimento às custas da *ton*.

Henry continuou sua história lamentável: — Eu cresci nos aposentos dos criados, brincava com os filhos deles e me associava apenas com eles e trabalhadores agrícolas, até o dia em que parti. Então, *milorde*, a menos que alguns rapazes dos estábulos - ou talvez a moça da cozinha que me aliviou da minha virgindade problemática quando eu tinha catorze anos - apareçam em um salão de baile em Londres, duvido que tenha que me preocupar em encontrar alguém que conheço.

Colin parecia que estava prestes a chorar e Henry se amaldiçoou por aterrorizar o pobre coitado, que seria uma pilha de nervos inútil se Henry não conseguisse conter seu temperamento quando falasse com ele.

— Respire fundo, milorde, respire fundo.

Colin obedeceu. Assim que terminou, ele abriu a boca, mas depois a fechou.

— Faça-me perguntas se precisar — Henry encorajou. — Agora é a hora.

— Então... o senhor está fazendo tudo isso apenas por brincadeira?

— Eu não estou me envolvendo nesta trama, *apenas*, por diversão. Embora essa motivação - por mais imatura que seja - fosse certamente uma grande parte dela.

— Oh?

Henry rangeu os dentes, odiando ter que admitir a próxima parte. — Eu também estou fazendo isso porque eu desejo... não, — se corrigiu, — porque eu *preciso* me casar.

— Mas... er, mais mulheres não iriam querer se casar com o senhor se soubessem que é um lorde?

Pela primeira vez, o pobre Colin fazia sentido.

— Embora isso seja verdade, também é verdade que muitas gostariam de se casar comigo, *apenas*, porque sou um nobre rico. Estou sendo forçado a me casar, mas pelo menos gostaria de me casar com uma mulher que não seja uma caçadora de fortunas.

Colin assentiu, mas Henry podia ver que ainda não entendia.

— Estou participando dessa farsa porque ninguém presta atenção na criadagem ou ao que eles dizem na frente deles — algo que Henry sabia por experiência própria. — Vou aprender mais sobre as damas e cavalheiros da *ton* como um serviçal - de outros criados e ouvindo mestres e senhoras - do que eu jamais aprenderia como um lorde rico e bajulado — ele mostrou seus dentes. — Não tenho grandes esperanças de encontrar uma esposa neste poço aristocrático de cobras, mas se *houver* uma mulher decente à espreita da *ton*, essa trama é a melhor maneira de descobri-la.

Henry tomou um gole de vinho, pousou a taça e continuou: — Pare de se preocupar se alguém irá me reconhecer, milorde. Lembre-se, quer eu seja descoberto ou não, receberá seu dinheiro em tempo integral e uma posição na Leadenhall Street.

Um posto no escritório da Companhia era algo que um homem como Colin nunca poderia esperar adquirir sem o devido patrocínio - especialmente depois de ser demitido de seu cargo de funcionário na Índia. Com o nome e o dinheiro de Henry para suportá-lo, não importaria que Colin Parker tivesse a inteligência de um nabo e as habilidades sociais de um javali: a influência de Henry lhe garantiria um emprego.

Se ele poderia mantê-lo, esse era problema dele.

— Essas pessoas não vão odiá-lo quando descobrirem como o senhor as enganou? — Colin perguntou.

Henry riu. — Eu espero que sim.

— Mas... mas por que o senhor iria querer uma coisa dessas?

Ele não se preocupou em responder à pergunta porque Colin nunca entenderia. Em vez disso, ele disse: — Sim, eles me odiarão, mas minha imensa riqueza garantirá que superem sua repulsa com rapidez suficiente, ou pelo menos aprendam a escondê-la — a melhor parte de toda essa aventura seria observar os exaltados membros da *ton* engolirem seu orgulho e terem que tragá-lo, mesmo depois de ele ter feito todos de tolos.

Henry considerou a expressão perplexa de Colin e desejou, mais uma vez, que tivesse havido *qualquer* outro homem que ele pudesse ter contratado para essa posição incomum. Mas suas escolhas eram extremamente limitadas. Colin não só estava desesperadamente precisando de um emprego, mas também estava voltando para a Inglaterra, onde era desconhecido em *muitos* círculos; ele tinha trinta e três anos, era quatro anos mais novo que Henry, eram próximos o bastante em idade; era descomprometido e extremamente bem apessoado...

Essa última qualidade não era uma necessidade, mas a boa aparência heroica do homem faria com que o que Henry chamava de a *Grande Loteria do Conde* fosse muito mais divertido.

No início, divertiu Henry pensar em soltar esse homem bonito, mas palhaço, na *ton* e assistir seus membros se remexerem para aceitá-lo.

Mas sua diversão desapareceu quando ele compreendeu a magnitude da ignorância de Colin Parker: o homem passou quatro anos na Índia e não

conseguia encontrar Dacca em um mapa! Ele não só era rústico quanto uma prancha, mas também era teimosamente ignorante e casualmente intolerante. Claro, pode-se dizer o mesmo de pelo menos metade dos homens que trabalhavam atualmente para a Companhia e viviam na Índia.

Parker também era o pior marinheiro da história da humanidade.

Então, em vez de passar sua jornada ensaiando para a mentira que se aproximava, Colin passou cada momento gemendo em sofrimento ou vomitando em uma bacia. Henry não tinha certeza de que o homem realmente chegaria à Inglaterra vivo.

Eles mal trocaram uma palavra durante a longa jornada e mal se conheciam. Embora certamente isso fosse uma dádiva de Deus quando se tratava de preservar sua sanidade, isso significava que Colin não sabia quase nada sobre o homem que ele deveria personificar: Henry, o *verdadeiro* conde de Rotherhithe.

Henry suspirou e se forçou a sorrir para Colin. — Vamos praticar um pouco antes que nosso próximo prato chegue, milorde. Henry estava tão cansado do assunto quanto seu empregado provavelmente estava, mas era o mínimo que Colin deveria saber para a reunião que eles deveriam ter mais tarde naquele dia.

— Como chegou em Dacca, milorde? — Henry perguntou pela quinta ou sexta vez naquela semana.

— Erm, eu fui para lá de navio.

Foi preciso extremo autocontrole para não perder o controle.

O que quer que fosse que Colin viu no rosto de Henry, uma raiva insana? Desespero? Pareceu recuperar a sua memória. — Ah, sim, eu me lembro agora! — Colin estalou os dedos e o som afiado fez com que vários comensais se virassem e franzissem a testa. — Recebi uma carta do parceiro de negócios do meu pai em Dacca.

Henry assentiu e Colin se aqueceu visivelmente ao seu assunto e continuou: — Eu estava morando em Yorkshire com meu tio - o conde de Rotherhithe - e suas cinco filhas. Ele sorriu triunfantemente.

Henry estreitou os olhos.

— Er, três filhas?

— Eu pensei que seu tio tivesse apenas um filho, Charles...

Colin levantou a mão em um gesto ofensivo e o fez parar, uma expressão de intensa concentração comprimindo seus belos traços. — Espere, espere, eu sei essa. Sim, meu primo Charles, que foi o último conde. Ele, er, morreu cerca de dois anos atrás — ele lançou a Henry um olhar rápido e esperançoso.

— Não me lembro muito bem de *como* ele morreu. O senhor se lembra, milorde?

Colin mordeu seu lábio inferior. — Ele foi atingido na costela durante uma partida de críquete?

— Perto, milorde. Ele morreu quando guiou sua montaria contra uma parede de pedra enquanto caçava.

Os olhos de Colin se arregalaram, como se ele nunca tivesse ouvido essa história antes, em vez de tê-la ouvido no começo do dia.

Felizmente, antes de Henry recorrer à violência, o garçom chegou com mais comida.

— Oh! Pudim de Yorkshire, meu favorito — o sorriso de Colin se esticou de orelha a orelha enquanto ele saltava para cima e para baixo em sua cadeira, seu entusiasmo inocente fazendo com que Henry se sentisse grosseiro por ser tão mal-humorado com ele.

Enquanto ele observava Colin se entusiasmar com sua refeição, intrigou sua mente pensar que tipo de trabalho o homem poderia ter feito para a Companhia. A única coisa em que Colin parecia ter algum conhecimento - baseado em sua tagarelice - era bilhar e promiscuidade.

Henry testemunhou o desempenho impressionante de Colin na sala de bilhar na Casa Rotherhithe na noite anterior.

Quanto a sua promiscuidade? Bem, Henry felizmente não tinha conhecimento pessoal disso, embora certamente tivesse tido várias oportunidades. Em vez disso, ele vetou duas vezes o pedido de Colin de visitar um bordel de Londres que *algum amigo* em Dacca havia lhe contado. De acordo com Colin, o bordel em questão era o tipo de lugar onde um homem poderia chegar a *todos os tipos de confusão*.

Henry estremeceu ao imaginar.

— O senhor acredita que podemos ir ver aquela coisa de cera hoje? — Colin perguntou. — Quero dizer, depois que terminarmos nossas aulas? — Parker mastigou com a boca aberta, bem *aberta* e bastante cheia.

A temperatura de Henry subiu.

É melhor amolecer, Henry. Afinal, foi sua ideia se envolver nessa mentira.

Sim, foi sua ideia estúpida; ele cerrou as mandíbulas com força.

— Sabe o que eu quero dizer? — Parker persistiu, indiferente ao silêncio de Henry. — Um amigo meu em Dacca viu suas estátuas no Liceu.

Se Henry tivesse que ouvir as palavras, *um amigo meu* mais uma vez, ele...

Colin acenou com a faca - manchada de molho - no ar. — O maldito nome *está* na ponta da minha língua.

Na verdade, era rosbife que estava na ponta da língua, junto com um pedaço considerável de pudim de Yorkshire.

— *Deve* saber a quem me refiro, milor... Parker. É aquela velha francesa que faz todas aquelas pessoas de cera, algumas bem detalhistas, eu ouvi dizer — ele fez uma pausa para enfiar um grande pedaço de pudim na boca.

— Seu nome é Madame Tussaud, milorde. Ela está atualmente em turnê pelo interior e não está em Londres. E referindo-se a ela - ou qualquer mulher - como uma *velha* não será muito bem-visto.

Parker soltou uma gargalhada, uma ação que enviou um pedaço encharcado de pudim voando para sua taça de vinho meio cheia.

Henry respirou fundo e gesticulou para o garçom. — Uma nova taça para

Sua Senhoria, — disse ele ao homem boquiaberto, e depois voltou sua atenção para seu prato intocado antes que perdesse a paciência.

Ele estava faminto. Desde que chegaram a Londres, eles ficaram na Casa Rotherhithe, mas a cozinheira que Henry havia contratado por carta fugiu ao ver o estado da cozinha, então eles estavam fazendo suas refeições em vários restaurantes. Ele serrou um pedaço de rosbife e colocou-o na boca, sorrindo enquanto mastigava; esta era a primeira comida que ele comia na Inglaterra que não tinha gosto de papel.

Henry decidiu que comeriam a maior parte de suas refeições no hotel a partir de agora. Inferno, ele *viveria* no maldito hotel e deixaria a Casa Rotherhithe apodrecer se tal ação não parecesse tão...

Colin estalou os dedos. — *Lembrei* agora. A fábrica que meu pai e seu parceiro eram donos fazia algum tipo de tecido — ele sorriu para Henry, triunfante, mas cauteloso.

Henry terminou de mastigar e depois engoliu a comida antes de falar, esperando dar o exemplo. — Interessante. Então, milorde, por que vendeu suas ações?

— Er...

— Por que a indústria têxtil na Índia caiu bastante nos últimos anos?

Colin engoliu em seco várias vezes, suor escorrendo de sua testa pálida. — Er, sim, foi isso. Mas depois... — ele parou, uma expressão aterrorizada distorcendo seus belos traços. — Espere, espere, eu sei — mais uma vez Colin estalou os dedos, esquecendo que estava segurando seu garfo e enviando o instrumento por sobre uma mesa próxima, perdendo por pouco a orelha do cavalheiro de idade de costas para eles. O garfo continuou e pousou com um barulho sobre uma mesa desocupada.

— Ora, mas que diabos! — murmurou Colin. Seus olhos dispararam para frente e para trás entre a mesa vazia e várias cheias, onde os clientes pararam de comer para se virar e olhar.

Seu olhar azul preocupado finalmente pousou em Henry. — O senhor acha que eles sabem que fui eu?

O garçom apareceu com um garfo limpo e colocou-o na mesa ao lado de Colin sem dizer uma palavra.

Henry respirou fundo e gesticulou para a garrafa quase vazia sobre a mesa. — Vamos precisar de outro desse.

Assim que o garçom saiu, Henry se virou para Colin. — Podemos retomar essa conversa mais tarde, milorde. Depois que terminar sua sobremesa.

Colin pediu ovos nevados e Henry tremeu ao pensar o dano que poderia causar com uma colher e creme.

Colin suspirou aliviado. — Oh, muito bom! Meu cérebro amoleceu um pouco. Podemos dar uma olhada no White hoje? Um amigo meu...

— Não teremos tempo — sem mencionar que Henry não tinha intenção de colocar seu nome como membro em tal bastião do Toryismo.

— Por que não? — Colin exigiu.

— Lembre-se de que marcou um encontro com Lady Winifred Sedgwick esta tarde.

— Marquei? — a testa de Colin franziu. — Erm, quem é ela, de novo?

— A Condessa de Sedgwick é a mulher que contratou para ajudá-lo a navegar pelas águas traiçoeiras da *ton*.

— Ah, sim, a cafetina casamenteira.

Henry baixou a cabeça nas mãos. *Bom Deus*.

A risada de Colin fez Henry olhar para cima.

O outro homem estava sorrindo. — Eu estava apenas brincando, Parker. Eu sei que elas são realmente chamadas de casamenteiras.

Henry suspirou. — Tenho certeza de que ela vai advertir contra mergulhar nas coisas muito rápido, — assegurou a Colin, ou isso era mais para si mesmo? — Podemos esperar uma semana antes de entrarmos nesse combate.

— Prefiro não esperar uma semana - milor, hum, Parker. Aprendo melhor em ação, por assim dizer, e não sou muito interessado em estudar. Estudar não é meu forte.

Sim, eu sei.

— Nós poderíamos mergulhar hoje, no que me diz respeito, — declarou Colin com um sorriso assustadoramente estúpido. — Estou em forma e pronto para começar a brincadeira.

Henry mordeu a língua. Forte.

— Na verdade, — continuou Colin, — esta manhã eu estava lendo alguns dos convites empilhados na biblioteca...

Henry absteve de apontar que era *sua* correspondência que Colin havia aberto e lido.

— ... e eu encontrei um convite para uma festa onde podemos usar uma fantasia.

— Um baile de máscara, — Henry forneceu, tomado por um medo.

— Isso! Eu só consegui usar uma fantasia uma vez, de Presépio, sabe. Eu era um burro, junto com meu irmão mais velho, Tommy.

— É mesmo? — Henry perguntou, divertido apesar de tudo.

Colin assentiu com entusiasmo. — Era uma fantasia bastante astuta, duas partes. Mas, erm, Tommy me fez ficar no fundo, e eu não vi muita coisa durante a maior parte da noite.

— Ah.

— Eu pensei que talvez pudéssemos encontrar uma fantasia como essa?

Henry cerrou as mandíbulas. *Nem. Pense. Nisso.*

Os olhos de Colin se estreitaram. — Talvez um cavalo em vez de um burro? E desta vez eu ficaria na frente do cavalo porque, como sabe, eu sou um conde — ele sorriu. Quando Henry não respondeu, Colin acrescentou: — Parece uma brincadeira muito alegre, não é, Parker?

Parecia um novo círculo no Inferno de Dante.

— Então, o que me diz? — Colin cutucou. — Podemos ir? Podemos, por favor?

— Acredito que esteja se referindo ao baile de máscaras de Palmer, que acontece hoje à noite, milorde, e duvido que estejamos prontos para isso, mesmo que pudéssemos encontrar uma fantasia de cavalo — Henry acrescentou calmamente.

As sobrancelhas de Colin caíram e sua expressão transformou-se inteiramente em teimosia. — *Estou pronto e gostaria de ir, Parker. Talvez essa Lady Sludgewit possa...*

— Lady Sedgwick, milorde. E *nada* de baile de máscaras esta noite.

Ou nunca.

Colin se encolheu com o assobio ameaçador de Henry, engolindo em seco algumas vezes antes de assentir. — Er, sim, perfeitamente. Ouso dizer que ela dirá que preciso de uma boa limpeza primeiro.

— Ouso concordar.

A expressão de Colin clareou. — Mas haverá outras festanças com fantasias, muitos bailes, magotes e coisas assim?

Henry assentiu, começando uma dor de cabeça com o pensamento de tais *festanças*.

Talvez não fosse tarde demais para mudar de ideia sobre essa mentira e fugir de volta para Dacca o mais rápido que seu navio pudesse carregá-lo.



Capítulo Dois

Henry escolheu Lady Winifred Sedgwick como sua casamenteira, porque soube que ela era extraordinária quando se tratava de encontrar parceiros ou parceiras adequadas para os ricos que estavam proliferando de uma forma que horrorizava a *ton*. Ele gostava da ideia de empregar uma mulher que ajudasse a classe mercante a penetrar no círculo interno sagrado do *beau monde*.

A casa em que a condessa os recebeu era modesta, mas impecavelmente decorada. Era também uma moradia muito feminina, sem muitos detalhes masculinos.

Colin estava fazendo um bom trabalho sendo o encantador de cabeça vazia que ele era. Ele estava falando sobre um novo estilo de gravata enquanto Lady Sedgwick o observava perplexa. Henry quase podia ouvir seus pensamentos: *como diabos uma pessoa com tamanha falta de inteligência acumulou uma fortuna tão substancial?*

A porta da sala de estar se abriu e uma garota entrou, sua atenção fixada na fita do chapéu, que parecia estar enroscada em um nó sob sua orelha direita. — Essa coisa miserável, — ela murmurou sem olhar para cima. — Pode me ajudar, Freddie? — Não era a voz de uma garota, mas a de uma mulher.

Colin, que não estava falando nada de importante, parou de falar e os dois homens se levantaram.

O movimento chamou a atenção da recém-chegada, e ela olhou para cima, seus olhos azuis se arregalando de mortificação. — Oh, minha nossa, eu *sinto* muito, Freddie, eu não sabia que estava com visitas — ela virou-se para sair. — Eu só...

Lady Sedgwick - ou Freddie, um nome incongruente para uma mulher tão elegante - já estava se movendo em sua direção. — Por favor, entre, Annis — ela se virou para Colin, — Lorde Rotherhithe, esta é minha querida amiga, Srta. Annis Bowman.

Colin curvou-se, seu rosto bonito se dividindo em um sorriso fátuo. A maneira como o homem se comportava em torno das mulheres - como se fossem raras bestas míticas - fez com que Henry duvidasse da veracidade das vanglórias de Colin sobre sua prodigiosa experiência com prostitutas. Henry achava mais provável que ele fosse, o virgem mais velho da Inglaterra.

— Ora, prazer em conhecê-la, Srta. Bowman — Colin sacudiu sua mão como se estivesse manuseando a alavanca de uma bomba.

Os olhos de Lady Sedgwick piscaram com a recepção efusiva de Colin, e Henry fez uma nota mental para instruir o seu protegido na arte de exibir o tédio aristocrático.

A condessa se virou para Henry: — Este é o Sr. Colin Parker, o empregado de Lorde Rotherhithe — uma marca se formou entre seus olhos de cor de ardósia incomuns.

— Eu sou o secretário temporário de Sua Senhoria — Henry podia ver que suas palavras a surpreenderam. E bem, elas deveriam, que Senhoria prestava visitas com seu secretário a reboque?

Esta era a deixa de Colin, e, pela primeira vez, ele acertou sua marca. — Parker é mais do que um secretário. Ele também é meu bom amigo.

Henry estremeceu ao ser incluído naquele grupo repugnante.

— Nós nos conhecemos na escola em... — Colin olhou para Henry, fez uma careta e continuou. — Bem, certamente não importa onde era a escola, e provavelmente ainda é, tenho certeza. O que importa é que vamos a todos os lugares juntos. Somos basicamente unidos pelo quadril, por assim dizer. Ha, somos nós, verdadeiros gêmeos — ele riu e todos olharam.

— Sua Senhoria é muito gentil comigo — Henry murmurou, pegando a mão da recém-chegada, que era tão leve e delicada quanto vidro afiado. — Prazer em conhecê-la, Srta. Bowman.

Ela fez uma elegante reverência e Henry olhou para os enormes olhos azuis franjados por cílios loiros longos, mas quase invisíveis, que lhe davam um aspecto de assustada. Ela era, ele percebeu, muito mais velha do que parecia inicialmente, talvez dentro dos seus vinte e poucos anos.

Seu vestido era bem-feito, mas estava desfiado e fora de moda, a bainha estava tão tomada por sujeira que muito provavelmente ela deve ter caminhado uma grande distância.

Ela não era exatamente bonita, mas era notável à sua maneira. Henry nunca tinha visto olhos tão grandes e límpidos. Ele sentiu como se estivesse caindo dentro deles.

Ele se sacudiu, enervado pelo pensamento estranhamente fantasioso.

Um puxão gentil em seus dedos o lembrou de que ele ainda não havia liberado a mão dela. Quando o fez, ela deu um passo para trás.

— Eu estava prestes a pedir chá — disse Lady Sedgwick, virando um olhar curioso para Colin. — Se isso lhe for agradável, milorde?

A Srta. Bowman removeu o chapéu surrado, expondo uma massa mal contida de cabelos sedosos cor de milho.

Colin estava olhando fixamente para a criatura mística com seu sorriso intacto e não parecia ter ouvido a pergunta da condessa.

— Obrigado, milady — disse Henry a Lady Sedgwick. — Chá seria muito bem-vindo.

Se a condessa achou estranho que o secretário de um conde tomasse as decisões de seu senhor por ele, ela não deu nenhum sinal disso.

Enquanto Lady Sedgwick chamava um criado, a Srta. Bowman disse a

Colin: — O senhor é novo em seu título, eu entendo?

Colin assentiu vigorosamente, uma mecha de cabelo escuro caindo em sua testa. — De fato, tão novo que ainda me assusto com ele — disse rindo.

A testa da Srta. Bowman franziu.

— O último conde morreu há quase dois anos, Srta. Bowman — Henry olhou para Colin com escrutínio. *E o mais novo conde pode não chegar vivo em casa esta noite.*

— O nome Rotherhithe é antigo e reverenciado — disse ela.

As sobrancelhas de Colin imergiram como dois furões pulando de um penhasco. — Er, é mesmo? — Colin olhou freneticamente para Henry. — Imagina, a senhorita saber de algo assim.

Henry sorriu para a mulher, mas ela estava olhando fixamente para Colin. — Não é tão incomum, milorde. Afinal, todos já ouviram falar das Relíquias de Stoke.

A mandíbula de Colin cedeu. Pela primeira vez, a ignorância do homem era culpa de Henry. Ele não mencionou as malditas relíquias porque não tinha intenção de se preocupar em ver as malditas coisas.

O silêncio se estendeu.

— A senhorita está certa, Srta. Bowman — disse Henry. — As Relíquias de Stoke são um tesouro nacional. E sim, o título é antigo. Eu estava refrescando minha memória com uma cópia do pariatto na biblioteca de Sua Senhoria e parece que o primeiro Barão Rotherhithe foi criado durante o reinado de Henrique VIII. A família ficou bem conhecida por seus navios e, é claro, por suas docas.

A carranca da Srta. Bowman diminuiu e ela deu-lhe um aceno de aprovação.

Ele não pôde deixar de se envaidecer, só um pouco.

— Rotherhithe é uma palavra anglo-saxã — disse.

Era a vez de Henry ficar perplexo. — Er, é mesmo? Que interessante, eu não sabia.

— O *senhor* sabe o significado de seu novo nome, milorde? — ela perguntou a Colin.

Colin recostou-se, como se ela o tivesse cutucado no peito com algo afiado. — Uh. Eu pensei que tinha a ver com as docas e tal.

— É sem dúvida verdade. Mas todos os nomes têm uma origem, o senhor entende.

— Tem é? — Colin olhou apreensivamente para a ligeira, mas persistente, fêmea, como se estivesse prestes a ser interrogado pelo mestre da casa.

— Rotherhithe significa local de pastagem para o gado.

A boca de Colin se abriu, mas nada saiu.

Henry ficou impressionado que a Srta. Bowman havia reduzido o homem normalmente gárrulo à estupefação.

Mas ele decidiu que era hora de ir ao resgate do seu empregado. — Anglo-saxão? Que informação interessante. Diga-me, Srta. Bowman, a

senhorita fala, er, anglo-saxão?

Antes que ela pudesse responder, Lady Sedgwick se juntou a eles. — Lorde Rotherhithe e o Sr. Parker acabaram de chegar da Índia, Annis — disse a condessa à amiga enquanto se sentava ao lado da Srta. Bowman, arrumando graciosamente sua saia de lavanda, que era - Henry não pôde deixar de notar - elegantemente cortada, mas feita de musselina barata.

Os olhos da Srta. Bowman se arregalaram, o que Henry não havia pensado ser possível.

— Oh, Índia, que maravilhoso — disse sorrindo, o que fez Henry notar o resto de seu rosto, e não apenas aqueles olhos. Uma pequena boca coral-rosa se formava nos cantos e acima dela estava um pequeno nariz reto que era perfeitamente proporcional ao seu rosto em forma de coração. Mas ambos os traços foram totalmente lançados à sombra pelas enormes esferas azuis acima deles.

— Eu adoraria conhecer a Índia — disse, aniquilando a inteligência geralmente afiada de Henry com seu olhar cerúleo antes de se virar para Colin.

Henry sentiu-se deslumbrado, como se tivesse acabado de bater a cabeça em uma verga baixa.

— Er, a senhorita gostaria? — Colin perguntou, visivelmente confuso.

— Ah, sim! Que coleção fascinante de dialetos e idiomas — um leve rubor percorreu suas bochechas pálidas enquanto ela se inclinava em direção a Colin, sua postura de excitação mal contida. — As línguas são uma espécie de paixão para mim, milorde. Diga-me, o senhor fala urdu, sânscrito, télugo ou qualquer uma das outras línguas?

A mandíbula de Colin caiu. — *Eu?* Por Deus, não, eu mal posso falar inglês! — Respondeu rindo e depois parou quando viu que ninguém mais estava rindo com ele. Ele pressionou os lábios em uma linha reta e séria. — Ah, sim, línguas — continuou, sua voz baixando pelo menos um oitavo. — Hmm, bem, eu *conheço* algumas palavras em um idioma ou outro - não me lembro muito bem qual - o suficiente para dizer: ‘este chá é muito forte’ e ‘que diabos é esse fedor horrível?’

Henry olhou de seu empregado sorridente para sua audiência horrorizada. — Sua senhoria está brincando — garantiu. — Ele é bastante familiarizado com vários dialetos e fala urdu fluente depois de quase *duas décadas* vivendo e fazendo negócios na Índia.

Colin piscou, e Henry sabia que o belo cabeça de vento havia mais uma vez esquecido quem ele deveria ser.

Esta maldita mentira acabaria antes mesmo de começar.

Como se Colin o tivesse ouvido, ele endireitou sua postura e vestiu o que Henry considerava seu aspecto *nobre* - um sorriso arrogante, presunçoso e condescendente, que era tão convincente, que fez Henry querer acertá-lo na cara.

— Heh, heh. O Sr. Parker está certo. Apenas um pouco de humor da

Companhia, entende.

Henry rangeu os dentes com esse comentário, mas manteve a boca fechada.

— A senhorita terá que me perdoar, milady, Srta. Bowman, modos selvagens e tudo mais — disse Colin. — Mas o que se pode esperar quando eu passei a maior parte do meu tempo com esses tipos nos últimos vinte anos? — ele riu sem motivo aparente. — Mas a senhora vai cuidar dessa parte rude, não é, milady? — Colin perguntou a Lady Sedgwick. — Lustrar tudo até que fique brilhante, não é? — ele olhou de mulher para mulher, sua expressão ansiosa, como um spaniel de caça que retornou ao seu mestre com a ave abatida na boca. — Eu ousou dizer que a senhora vai embelezar-me todo, er, colocar-me em forma dos pés à cabeça, tirar todas as imperfeições em pouco tempo.

Cabia a Henry quebrar o silêncio. — A senhorita parece ter algum conhecimento da Índia, Srta. Bowman. A senhorita tem alguma conexão com o país?

Ela se afastou de Colin, a quem ela estava estudando com uma sobranceira franzida.

Senhor, aqueles olhos. Henry sentiu como se tivesse sido pego no raio do holofote de um farol.

— Eu não tenho, Sr. Parker. Mas tenho interesse em todas as línguas.

— É mesmo? — Henry decidiu que gostava do som de sua voz suave e precisa quase tanto quanto gostava de ser objeto de seu olhar enervante. Ela era uma criatura simples - não como as mulheres que geralmente chamavam a sua atenção -, mas havia algo em seu rosto de fada e nela que dificultava que ele desviasse o olhar.

— A Srta. Bowman e eu costumávamos ensinar juntas em uma academia de moças, — explicou a condessa. — Ela era a professora de idiomas.

— Que interessante. E quais línguas a senhorita ensinava?

— Francês e italiano.

— Mas a Srta. Bowman também é fluente em alemão, espanhol, latim e grego.

Henry ficou impressionado. — Como a senhorita aprendeu tantas línguas?

— Sim, como? — Colin interveio, aparentemente decidindo que não estava apenas evitando seu dever senhorial, mas também perdendo toda a atenção das mulheres.

— Papai era um acadêmico de idiomas em Oxford. Quando eu era criança, ele me ensinou alemão, latim e grego. Os outros eu aprendi na escola.

A porta se abriu.

— Ah, aqui está o chá — disse a condessa.

Foi alívio que Henry ouviu em sua voz?

— O senhor disse que o Conde de Rotherhithe anterior morreu há quase dois anos? - a Srta. Bowman perguntou.

Colin olhou para Henry antes de assentir com cautela. — Sim, isso é

verdade.

— Por que está voltando para casa apenas agora? — ela corou quando percebeu, o quão direta era a pergunta. — Se não se importar de responder, milorde.

Os olhos de Colin se arregalaram.

— Sua Senhoria não podia deixar seus interesses comerciais na Índia imediatamente — Henry explicou quando ficou claro que Colin não se lembrava das conversas anteriores. — E então, é claro, a viagem em si levou um pouco mais de três meses.

— Três meses no mar! Foi adorável?

Henry e Colin falaram ao mesmo tempo.

— Não.

— Sim.

A Srta. Bowman riu. — Parece haver uma diferença de opiniões. O senhor disse *não*, milorde. Isso é por que sofreu com enjoos?

Colin empalideceu com a mera palavra. — Todos os dias.

— Que terrível — ela se virou para Henry. — Mas o senhor não?

— Eu tive sorte nesta jornada, mas já passei mal no passado — admitiu Henry.

— Como toma seu chá, milorde? — perguntou a condessa.

— Fraco com três colheres de açúcar, por favor.

Henry se encolheu, embora já soubesse sobre a mistura leitosa e repugnantemente doce que Colin preferia.

— Senhor Parker?

— Forte para mim, por favor.

— E a senhorita irá participar de todas as festas desta Temporada, Srta. Bowman? — Colin perguntou, aceitando a xícara e o pires de Lady Sedgwick.

A Srta. Bowman corou sob a atenção do homem e Henry teve que suprimir uma pontada de irritação; ela não parecia tão perturbada quando *ele* conversou com ela.

Ele se repreendeu por aquele pensamento tolo. Por que uma jovem e bela dama não acharia a atenção de um lorde bem apessoado e rico mais gratificante do que a de um secretário e amigo pobre e nada atraente?

Além disso, por que ele se importaria se uma completa estranha preferia Colin a ele? Esse era exatamente o tipo de reação que ele esperava, então era melhor ele se acostumar.

A Srta. Bowman mordeu um bolinho antes de responder à pergunta de Colin. — Eu vim para Londres para fazer companhia a minhas primas, Lorde Rotherhithe, não para participar da Temporada.

Ela era uma pessoa contratada? Ah, então talvez ela não estivesse corando por causa da atenção de Parker, mas por causa de suas circunstâncias?

Lady Winifred entrou no silêncio desconfortável que a confissão da outra mulher havia criado. — A Srta. Bowman voltou recentemente a Londres. Até uma semana atrás, ela morava com sua avó, Lady Cecily Bowman, em uma

pequena aldeia ao norte de Londres.

Então, a Srta. Bowman era uma espécie de parente pobre, passava de casa em casa, um destino pior que a morte, na opinião de Henry.

Divertia-o que Lady Sedgwick tivesse mencionado o título da avó, apenas para que ambos soubessem que a Srta. Bowman era uma mulher de nascimento e conexões, apesar de não ter dinheiro.

— E quem são as primas afortunadas que têm a honra de sua companhia? — Henry perguntou, sua pergunta desenhando um olhar bastante aguçado de Lady Freddie.

Bem, quanto mais cedo ela se acostumar com o *bom amigo* do conde e seus modos agressivos, melhor.

— Meu tio é o Sr. Thomas Bowman.

E não era um personagem agradável, a julgar pelo aperto dos lábios rosados beijáveis da Srta. Bowman.

Henry tomou um gole de chá - uma bebida insignificante e tépida que era uma cópia pálida do chá que ele havia desfrutado nos últimos vinte anos - e pôs apressadamente sua xícara e pires.

— Lorde Rotherhithe abriu sua casa em Londres — disse a condessa, afastando a conversa das circunstâncias inferiores de sua amiga.

A Srta. Bowman se animou e se virou para Colin. — Fica na Berkeley Square e tem um friso adorável acima da entrada, não é?

Todos os três olharam para Colin, que mergulhou o punho da sua manga no chá e o levantou para a boca aberta, como se quisesse sugar o linho fino.

Quando percebeu que se tornara o centro das atenções, baixou o braço. — Disse frio? Não é um pouco tarde no ano para isso?

Um breve silêncio se seguiu antes que Henry entrasse. — Sim, Srta. Bowman, está certa. O friso é bastante antigo e foi instalado há quase trezentos anos para comemorar a conexão da família com o transporte marítimo.

Se as damas achavam estranho que o secretário de Lorde Rotherhithe soubesse mais sobre a casa e a linhagem do homem do que ele, ambas eram muito bem-educadas para demonstrar isso.

Lady Sedgwick voltou sua atenção para Colin. — Eu pensei que poderíamos discutir as próximas semanas, talvez acertar algumas reuniões para que possamos organizar o que certamente será uma agenda ocupada.

Colin pôs a xícara de chá e o pires com um barulho e se levantou, caminhando até a janela que dava para um pequeno jardim. — Ora essa! Essa é a maior galinha que eu já vi.

Os lábios da condessa se separaram, mas nada saiu.

A Srta. Bowman mordeu o lábio inferior e sufocou um som.

Henry se levantou para olhar pela janela. Um peru estava andando de um lado para o outro no pequeno jardim da parte de trás, sua plumagem em plena exibição para um peru regular, que era uma fração do tamanho de um gato.

— Aquilo é um *peru*, milorde — disse Henry com os dentes cerrados.

Por Deus. Colin *jurou* que não precisava dos óculos que Henry o fez usar, e depois o escondeu furtivamente mais de uma vez. Claramente, ele mentiu já que não conseguia dizer a diferença entre um maldito peru e uma galinha.

— Não... é mesmo? — Colin apertou os olhos e se inclinou até que seu nariz batesse no vidro. — Ora! — Ele esfregou o nariz. — Eu acredito que esteja certo, Parker — ele se afastou da ave em questão. — Hmm, interessante. Pensei que os únicos pássaros em Londres fossem pombos — disse com uma gargalhada. — Senhor, temos sorte que os perus não sabem voar. Um pombo voando sobre nossas cabeças já é ruim o suficiente, não é?

Uma risada sufocada estourou da Srta. Bowman.

— A dona da casa sempre manteve um par de perus na residência — explicou Lady Sedgwick, seu olhar especulativo fortemente tingido com... *algo* enquanto estudava Colin.

— Eles dão um bom prato, eu suponho — disse Colin.

Os olhos cinzentos da condessa ficaram positivamente gelados. — Eles são animais de estimação, milorde.

— Nós os chamamos de Sr. e Sra. Vickers — a Srta. Bowman disse em um tom mais conciliador, seus olhos ainda brilhando divertidos.

— São um casal, então? — Colin gargalhou com sua própria piada. — São sim, muito bem-casados — disse, acenando a cabeça entusiasticamente, um sorriso nítido no rosto enquanto seus olhos se moviam das duas mulheres para Henry, e então congelou, seu sorriso se dissipando.

Henry deu a Colin um olhar seco que deveria ter feito os pelos de seu corpo se arrepiarem, ordenando silenciosamente que ele fechasse a boca e a mantivesse fechada.

Os olhos do outro homem se arregalaram e seus lábios se fecharam.

Henry calculou que tinha talvez três minutos para terminar seus negócios e sair da sala de estar de Lady Sedgwick antes que o efeito de seu olhar passasse, e Colin fizesse algo que forçaria Henry a estrangulá-lo na viagem de volta na carruagem. Ele extraiu um livro de compromissos da bolsa que estava a seus pés e colou um sorriso no rosto antes de se virar para a condessa.

— Eu trouxe o caderno de compromissos do conde, milady. Talvez a senhora possa oferecer alguns encontros e eu os anotarei para Sua Senhoria?



Capítulo Três

Annis esperou um momento depois que a porta se fechou antes de soltar o riso que ela estava suprimindo nos últimos quinze minutos. — Bem, *que* par interessante.

Uma expressão de descrença e surpresa brilhou nas belas feições de Freddie. — Isso é dizer o mínimo.

— Lorde Rotherhithe não parecia saber muito sobre a história da sua família ou mesmo de sua nova casa — observou Annis.

— Nem mesmo sobre aves domesticadas.

Annis riu. — Que tipo de pessoa não distingue uma galinha de um peru?

A expressão de Freddie tornou-se sombria. — Suponho que logo descobrirei.

— Talvez ele precise de óculos, mas será que é muito vaidoso para usá-los? — Annis sugeriu.

Freddie chegou o mais perto de grunhir que Annis já tinha ouvido.

— Está preocupada em lançá-lo na sociedade, Freddie?

— Eu não estou exatamente preocupada. Um homem tão bonito, rico e nobre sempre será um sucesso. Mas vai ser... — sua boca fez um bico triste, e ela deu um leve aceno de cabeça. — Não estou preocupada — ela insistiu.

Parecia que Freddie estava tentando se tranquilizar mais do que Annis.

Annis não podia culpar Freddie; era difícil imaginar “soltar” um homem tão bobo em um salão de baile de Londres.

— Ele não parece ser o tipo de pessoa que fez uma fortuna com sua inteligência.

Freddie riu; o raro som musical era tão bonito quanto sua dona. — Não, ele não parece.

— Na verdade, ele me lembrou um jovem desmiolado em sua primeira Temporada.

— Sim, embora ele tenha trinta e três anos de idade.

— Fiquei surpresa que ele soubesse tão pouco sobre sua linhagem.

— Isso não me preocupa tanto quanto alguns de seus outros comentários — ela olhou divertida para Annis. — Nem todos são curiosos sobre esses assuntos quanto nós duas, minha querida.

— Quer dizer, mais curiosa que *eu*. Fui terrivelmente interrogante?

— Estava sendo encantadora, como sempre.

Annis sabia que sua amiga só estava sendo gentil. Era verdade que ela podia ser desajeitada quando em companhia e muitas vezes saía em tangentes

que levavam a silêncios confusos ou olhares envergonhados.

— Então, somos as primeiras pessoas em Londres a conhecer o misterioso Conde de Rotherhithe. Por que não me disse que se encontraria com ele hoje, Freddie?

— Sua nota pedia que o encontro acontecesse em sigilo.

— E então *eu* apareci e me intrometi na reunião. Sinto muito, Freddie.

Freddie sorriu. — Fico feliz que tenha se juntado a nós — por trás da fachada de gelo da Condessa de Sedgwick havia um coração muito quente. — Eu acho que sua presença realmente fez a reunião prosseguir mais suavemente — disse olhando especulativamente para Annis. — Eu acho que os dois ficaram bastante cativados contigo.

Annis sentiu seu rosto esquentar. — Ora, pare com isso. Eles só estavam sendo educados. Mesmo que Sua Senhoria *estivesse* interessado em mim, Freddie, seria difícil retribuir o interesse dele. Eu o achei decorativo, mas não acho que ele seja muito inteligente.

Freddie se engasgou com um gole de chá. — Oh, *Annis* — disse ela, rindo e passando o guardanapo na boca.

— Eu não quis dizer isso de forma cruel — Annis assegurou. — Aquela combinação de cabelos escuros e olhos azuis alegres, é deslumbrante. Ele é incrivelmente bonito, não acha?

— Incrivelmente.

— Seu amigo é bastante atraente à sua maneira, er, *selvagem*.

— Selvagem? — Freddie repetiu, refletindo sobre a descrição. — Sim, suponho que ele pareça ser mais o tipo de ficar em casa empunhando uma espada larga do que dançando em um salão de baile.

— E, no entanto, mesmo grande como ele é, ele se move com graça e elegância.

— O que é mais do que posso dizer de seu empregador.

Annis exalou. — Sim, quantas vezes Lorde Rotherhithe mergulhou a bainha de sua camisa no chá?

As duas riram.

— Embora o Sr. Parker não seja tão bonito quanto seu empregador, eu o achei muito mais atraente — disse Annis. — Sua mandíbula parece ter sido moldada de uma pedra e seus olhos profundos são desconfortavelmente... penetrantes, mas ele tem belos cílios, embora não suavizem sua aparência nem um pouco.

— Aqueles cílios são um desperdício nos homens.

Annis riu. — Eu concordo — seus cílios eram grossos e longos, mas tão claros que eram basicamente invisíveis. Ela tomou um gole de chá, sua mente voltando ao corpo imponente e poderoso do Sr. Parker. A mão dela havia desaparecido na dele, mas ele a segurou com uma gentileza surpreendente.

— Talvez selvagem não fosse a palavra certa — Annis emendou. — Perigoso soa melhor, embora eu não possa dizer o *porquê*.

— Talvez o tenha achado perigoso por causa dos olhares assassinos que

ele continuava dando ao empregador.

Annis riu. — Ele *parecia* horrorizado, não parecia?

— Uhun — Freddie cantarolou, — e com raiva.

— Os modos do Sr. Parker eram muito melhores do que os do conde.

— Sim, o Sr. Parker parecia bastante distinto e inteligente. Se não fosse por seu corpo robusto e roupas baratas, ele daria um aristocrata muito mais polido do que seu acompanhante.

Annis *gostava* de seu corpo robusto. Ela gostava do cabelo castanho grosso e brilhante dele, da mandíbula quadrada e esculpida, dos lábios firmes e do nariz proeminente com pontes altas também.

E então havia seus olhos...

Embora a cor quente da avelã não fosse especialmente excepcional, havia uma expressão neles que a fez se sentir quase... desnuda.

Annis estremeceu.

— Está com frio, querida? — Freddie perguntou.

— Não, estou bem — respondeu Annis, arrancando sua mente do enigmático Sr. Parker.

Freddie pegou o lábio com os dentes, a expressão pensativa incomum em uma mulher que normalmente era tão tranquila e reservada. — Não me alegra pensar na recepção que o Sr. Parker receberá quando acompanhar o conde. Espero que Sua Senhoria entenda o que ele está fazendo.

Annis ergueu as sobrancelhas. — O Sr. Parker deseja participar de funções sociais *com* seu empregador?

— Eu não sei qual poderia ser *sua* preferência, mas o conde deixou muito claro em sua carta que seu amigo o acompanhará, chegando a dizer que, se o Sr. Parker não fosse bem-vindo, ele também não se consideraria bem-vindo. E ouviu a Sua Senhoria, eles são unidos pelo quilil.

Ambas riram da memória do pronunciamento ridículo do conde.

— Acho que sua lealdade ao amigo diz muito bem sobre quem ele é, — disse Annis.

— Talvez, mas não diz muito sobre a sua inteligência.

Em particular, Annis pensou que Freddie teria muito trabalho com o cliente de cabeça grossa.

Como se tivesse falado em voz alta, Freddie disse: — Eu sei que afirmei que não estava preocupada em lançar o conde, mas estou aliviada por ter passado metade da Temporada.

Annis não tinha palavras reconfortantes para oferecer.

— Então, — disse Freddy, — chega do conde e seu amigo enigmático. Pelo que parece, vou perder *sua* companhia em breve.

Annis não queria pensar em sua manhã desagradável, mas dificilmente poderia evitá-la.

— Sim — admitiu, — eu me pus a disposição de meus tios após minha visita ao homem de negócios da minha avó. Receio que minhas finanças estejam em frangalhos.

— Oh, Annis, as coisas estão realmente tão ruins que deve ir morar com os Bowmans?

Annis não foi capaz de suportar dizer a Freddie o quão tola ela tinha sido com Leech. Em vez disso, ela mentiu, dizendo que havia tomado decisões ruins com o pouco que seu pai havia deixado para ela.

— Minha situação não é tão ruim assim — Annis mentiu, novamente. — Mas eu não desejo ser um fardo para minha avó.

— Sim, entendo.

Freddie era mais uma mulher cuja vida havia sido destruída por um homem, não que ela já tivesse falado sobre seu casamento ou seu falecido marido.

— Tem certeza de que não quer ficar comigo, Annis? Poderia procurar outra posição? Algo que não vai colocá-la sob o controle de seus parentes. Parentes com quem - espero que me desculpe por dizer isso - não gostaria de dividir nem a casa do cachorro.

— Não será tão ruim — pelo menos nem metade do que seria para a pobre avó se ela fosse forçada a viver sob o mesmo teto que seu filho atormentado e sua esposa irritante.

Não que sua tia Agnes permitiria que isso acontecesse. Não, sua tia era o tipo de mulher que mandaria a sogra para viver em um asilo para cegos. Em algum lugar deplorável e horrível onde sua avó seria miserável. E seu tio, infelizmente, era muito fraco para parar sua esposa dominadora.

— Annis?

Ela levantou a cabeça e encontrou os lindos olhos de Freddie, que estavam atualmente tomados por preocupação.

— Na verdade, é bastante providencial, Freddie. Preciso de emprego e minhas primas precisam de companhia. Além disso, acompanhá-las a festas e até mesmo um ou dois bailes, pode me colocar no caminho de algum homem elegível.

As sobrancelhas elegantes de Freddie arquearam. — Consideraria se casar?

Sua surpresa foi justificada, pois Annis nunca havia mencionado casamento no passado. Ela estava prestes a contar a Freddie sobre o Sr. Leech quando ele fugiu com todo o seu dinheiro.

Bem, graças a Deus por pequenos milagres!

— Eu não sou avessa ao casamento — Annis mentiu. — Mas eu estou cética de que vou encontrar um homem que tem sonhado em encontrar uma esposa que possa ler e escrever várias línguas e atormentá-lo com perguntas sobre linguísticas durante o jantar.

— Oh, Annis. Gostaria que não dissesse essas coisas, mesmo brincando. Tem muito a oferecer, não apenas sua cabecinha inteligente, rosto bonito e natureza doce, mas é uma *boa* pessoa. Prometa-me que não vai permitir que sua tia miserável a force a algum casamento infeliz apenas para afastá-la? Quero que venha até mim antes de concordar com qualquer coisa. Por favor.

Sabe que eu me importo contigo como se fosse minha irmã.

O rosto de Annis ardeu de calor. — Pronto, viu o que fez? — Ela levantou as mãos frias para as bochechas quentes.

— Está encantadora com as bochechas roseadas. Agora — Freddie disse com um suspiro exasperado, — diga-me quando irá me abandonar.

— Eles enviarão uma carruagem para mim e minhas coisas em três dias.

— Bem, isso é mais rápido do que eu gostaria, mas pelo menos ainda estará aqui quando Miles voltar do campo.

— Recebeu uma carta dele?

— Uma carta? — Freddie riu gentilmente. — Bem, se chama suas duas frases rabiscadas de carta. Ele esteve em Avington Park, mas voltará amanhã.

— Os problemas em sua propriedade são tão ruins quanto ele pensava? — Miles herdou inesperadamente o condado depois que seu irmão mais velho morreu no final do ano passado.

— Receio que seja pior. Ouso dizer que ele está voltando para participar do que resta da Temporada.

— Certamente Miles não terá que se casar tão rápido?

— Ele precisa de uma esposa rica, e rápido — uma dor brilhou nos olhos de Freddie e Annis sofria por sua amiga. Embora Freddie não tivesse dito nada, ficou claro para aqueles que a conheciam que ela estava apaixonada por Miles, e o sentimento era mútuo.

Freddie ficou animada. — Amanhã à noite faremos uma celebração, nós três. E hoje tenho uma carta de Serena para compartilhar.

Annis bateu palmas. — É como o Natal, só fico triste que as outras não estejam aqui.

As outras são as quatro professoras com quem Annis, Freddie e Miles trabalharam na Academia Stefani para Jovens Damas.

Três das quatro professoras - Portia Stefani, Honoria Keyes e Serena Lombard - se casaram recentemente. A quarta era Lorelei Fontenot. Lorie ensinava literatura e composição em inglês, mas agora morava com seu irmão em seu vicariato na Cornualha.

— Vou guardar a carta de Serena até depois do jantar — disse Freddie. — Mas agora, poderia me ajudar a elaborar meu plano de ataque para o Conde de Rotherhithe. Prometi fazer uma lista para ele até o meio da semana.

— Eu ficaria feliz em ajudar — disse Annis, feliz em se manter ocupada e esquecer sua manhã por pelo menos mais algumas horas.

Mas, mais tarde naquela noite, quando Annis estava acordada em seu quarto olhando para o teto, ela não conseguia mais afastar os terríveis eventos daquela manhã.

Primeiro foi a visita ao Sr. Pears, onde ela viu a papelada da hipoteca da casa de sua avó.

— Mas nem a vovó nem eu assinamos esses documentos.

O Sr. Pears colocou a assinatura em questão ao lado de um documento que Annis acabara de assinar naquele dia.

Annis ofegou quando olhou para assinaturas idênticas.

— Eu teria entrado em contato com a senhorita quando o Sr. Leech me trouxe a papelada, Srta. Bowman, mas ele trouxe a procuração e sabia muito sobre a senhorita. Eu pensei que já que estava noiva...

— O quê?

Pears estremeceu e depois ficou com aquele olhar em seu rosto que dizia que ele estava se preparando para lidar com uma fêmea emocional.

— Ele *forjou* meu nome.

— Se isso for verdade, então a senhorita deve entrar em contato com as autoridades sobre Leech, Srta. Bowman.

— Oh, por favor, Sr. Pears, isso arruinaria Lady Cecily — se alguém tivesse que ser arruinada, seria Annis se Leech contasse a um magistrado o que ela havia feito. — Por favor, não diga nada.

— Não direi nada se a senhorita preferir que eu não diga. Mas, o que vai fazer? O melhor que posso arranjar é um período de carência de talvez dois ou três meses. Mas se sua avó não conseguir arrumar o dinheiro, ela precisará desocupar a casa de campo.

Três meses.

Annis queria chorar.

Em vez disso, ela disse: — Eu entendo, Sr. Pears.

Sim, ela entendeu que Richard Leech era escória em forma humana, um homem vil e pérfido dotado de um rosto bonito e modos encantadores.

E foi a tola que acreditou nele.

Ela choramingou com a dolorosa verdade. Era tudo culpa dela, não era nenhuma surpresa, também.

As últimas palavras de sua mãe para ela, antes de morrer, mais uma vez ressoaram em sua cabeça: — É uma idiota, Annis, herdou esse defeito - junto com seus olhos esquisitos e seu corpo esquelético - da mãe de seu pai.

Lucy Bowman olhou para Annis de forma afetuosa e meio devassa que ela parecia reservar para sua única filha. — Na verdade, não consigo ver nada que tenha herdado de mim.

Não, Annis não tinha nada em comum com a mulher sedutora, astuta, de cabelos castanhos e olhos verdes que era a sua mãe, uma mulher que era tão exuberantemente bonita que atraiu até mesmo a atenção de um rato de biblioteca como o seu pai, embora não tivesse segurado a atenção de Thomas Bowman por muito tempo, um fato que a tornara amarga e astuta.

— É melhor deixar os malditos livros de seu pai em paz e trabalhar em uma natureza flexível, minha garota, porque sua aparência não será suficiente para fisgar um homem.

Os olhos de Annis arderam com a memória, que só a enfurecia mais. Ela *era* uma idiota. Ela sabia que seus amigos - Freddie, Miles e as outras - a amavam, mas também sabia que eles a consideravam uma sonhadora que precisava de alguém para cuidar dela.

Bem, ela provou sua crença ao permitir que um homem como Richard

Leech - um nome que lhe convinha - se aproveitasse completamente dela.

Leech veio para ficar em uma pequena casa perto do chalé de sua avó, um homem do clero desfrutando de uma breve pausa no campo antes de se mudar para o norte para assumir seu vicariato em Yorkshire.

Seu charme e boa aparência angelical chamou a atenção de Annis e todo mundo. Não demorou muito para que ele entrasse em todas as suas vidas e convencesse Annis de que ele a amava.

Porque ela era uma idiota.

E então houve aquela noite horrível. Toda vez que ela pensava sobre isso - e sua risada zombeteira - ela se sentia fisicamente doente.

E agora ela pagaria por sua idiotice colocando-se à disposição do seu tio, tia e primos, e tudo na esperança de que ela pudesse conseguir um marido rico e impedir que sua pobre avó terminasse sua vida em um asilo horrível.

Em apenas três meses!

Sua mãe tinha razão: desleixada, desesperada e idiota, assim era Annis Bowman.



Capítulo Quatro

Um leque bateu forte no ombro de Annis e ela deu um pulo, ao se virar encontrou sua prima Miriam olhando-a fixamente.

— Susanna a está esperando na sala de descanso *há muito tempo*. O que a está atrasando? — Ela lançou um olhar estreito e desdenhoso para Freddie, com quem Annis estava conversando, e depois se virou sem esperar por uma resposta.

Freddie balançou a cabeça em negativa. — Que mulher abominável.

Annis sorriu. — É melhor eu ir, Freddie.

— Sim, vá. Mas certifique-se de *voltar*.

Annis acenou com a cabeça, mas sem nenhum comprometimento e depois se moveu o mais rápido e educadamente que pôde em direção a sala de descanso. Não adiantava prometer a Freddie coisas que não estavam na alçada dela. Era provável que ela passasse o resto da noite prestando serviços para suas primas e sua tia.

Miriam e Susanna estavam prontas para atacar, no instante em que ela entrou na sala de descanso.

— Seu comportamento é indesculpável, — Miriam, a mais velha e mais mal-humorada de suas primas, retrucou com a voz alterada, e várias outras ocupantes do recinto se viraram para olhar. — Susanna perdeu o segundo set por sua causa!

Annis sentiu vontade de apontar que não fora *ela* quem pisou na saia de Susanna, mas percebeu que era melhor não discutir.

— Mostre-me o rasgo, prima — pediu abrindo a bolsa e extraindo uma caixinha com alfinetes.

Susanna, que muitas vezes era gentil com Annis quando sua irmã não estava por perto, levantou a bainha. — Está bem...

— Não consegue fazer nada sem ajuda? — Miriam exigiu.

Susanna soltou a bainha como se tivesse sido picada nos dedos, o que forçou Annis a se ajoelhar por sobre o tecido e procurar meticulosamente centímetro por centímetro.

O vestido era um lindo tom de verde pálido que destacava perfeitamente a beleza dos cabelos escuros de sua prima.

— Eu não consigo encontrar o rasgo — disse.

— Procure de novo, — disse Susanna — está bem aí.

— Acha que ela é incompetente de propósito? — Miriam perguntou à irmã, batendo o pé. Susanna estalou a língua. — Lembre-se de seus modos,

irmã. Não deixe que seu comportamento impulsivo a reduza ao nível dela.

— Eu encontrei — disse Annis.

— Ande logo e conserte isso — ordenou Miriam.

O rasgo quase invisível não estava na bainha em si, mas na renda dois centímetros acima dela. Annis removeu um alfinete, teceu-o através do rasgo e usou um cartão rígido em vez de seu único par de luvas para dobrar a bainha. Satisfeita, ela se levantou.

Miriam espiou o reparo. — Um alfinete? Não teve inteligência o bastante para trazer uma agulha e linha?

— Venha, venha — disse Susanna, agarrando o braço da irmã. — Vamos perder todo o baile se ficarmos aqui esperando que ela tenha algum bom senso.

Elas se viraram e se dirigiram para a porta, e Annis soltou um suspiro aliviado.

— Oh, Annis?

Sua cabeça se levantou com o som da voz de Miriam.

— Mamãe deseja vê-la imediatamente. Ela está com a Sra. Neece e a Sra. Howell. Ela deu a Annis um sorrisinho rancoroso e saiu da sala.

Annis se virou e viu o seu reflexo no espelho, franzindo a testa para o que viu: uma solteirona magra usando um vestido de baile velho que era grande demais para o seu corpo.

Era um dos vestidos de Miriam de duas temporadas atrás. Embora o amarelo delicado fosse uma cor bonita, não fazia nada por sua pele pálida e cabelo sem cor. E era tão sobrecarregado de laços, fitas e rendas e ainda sobrava, um vestido sem graça mesmo após ter retirado todos os ornamentos. Ela planejava bordar flores ao longo da bainha, mas suas primas mal a deixavam ter tempo para comer e dormir.

Mesmo que já tivesse passado mais da metade da Temporada, o baile da Duquesa de Tinley era o primeiro evento da *ton* que os Bowman estavam participando.

Sua tia quase desmaiou quando recebeu o precioso convite para o evento exclusivo, que trazia os nomes de Miriam, Susanna e Annis.

— Annis? — Miriam perguntou com desgosto. — Por que o nome dela está no convite?

— Alguém deve ter informado mal a duquesa. — disse a tia.

Miriam estremeceu. — Oh, mamãe! E se Sua Graça acreditar que Annis é uma de nós? Com sua aparência estranha e modos mais estranhos ainda?

— Não se preocupe, minha querida, ninguém jamais confundiria sua prima com uma de *minhas* filhas.

Não apenas a declaração de sua tia estava correta, mas também era uma pela qual Annis estava grata. Embora a natureza tivesse favorecido a aparência de suas primas, ela nunca conheceu mulheres mais irritantes, traiçoeiras e ciumentas como Miriam, Susanna e sua mãe.

Se as pessoas julgassem suas primas apenas pela aparência, elas teriam

encontrado maridos em suas primeiras Temporadas. Mas mesmo os cavalheiros atraídos por suas belezas e dotes generosos hesitaram com a frieza de suas bocas desenfreadas e os brilhos inquisitivos em seus olhos verdes semelhantes a pedras preciosas.

O convite para o baile de Tinley, foi motivo de gloriosa celebração para suas primas, mas foi o sino da morte para a paz de espírito de Annis. Os últimos seis dias foram uma exigência implacável de compras para suas primas e para Annis, uma indulgência sem fim de buscar, carregar e costurar para elas.

— Esta monotonia não servirá de nada — declarou sua tia quando descobriu Annis na biblioteca de seu tio, onde ela estava lendo - entre todas as opções - uma cartilha em mandarim de um inglês que visitara a China.

Annis sabia que seu tio não tinha ido além de Shropshire, então o livro devia ter pertencido a uma das relações de sua tia, embora, é claro, nunca ninguém mencionasse, que havia ganhado dinheiro com *comércio*.

Ao ouvir a voz de sua tia, Annis rapidamente fechou o livro. — A senhora precisa de mim, tia?

— Sim, é hora de termos uma pequena conversa, minha querida.

Annis experimentou um raio de medo com suas palavras sinistras. — Sim, tia.

— Seu tio pode ter lhe dado a impressão equivocada de que ele pagará por sua Temporada.

Annis abriu a boca para objetar, mas sua tia levantou a mão para que ela ficasse em silêncio. — Nós vamos abrigá-la, alimentá-la e vesti-la — seus olhos estavam críticos enquanto varriam o vestido de manhã verde pálido de Annis, que estava fora de moda, mas era bonito. — Em troca dessa bondade, nos ajudará no que precisarmos. Entende?

— Sim, tia.

— Eu tenho algumas boas notícias para lhe dar.

Annis teve uma sensação de pânico. — Sim, tia?

— O Sr. Norburg manifestou-lhe interesse.

— Sr. Norburg?

— Não se faça de tola, garota! Ele é o cavalheiro que veio jantar duas noites atrás. Embora ele seja um homem de negócios, é dos bancos, não é inalcançável para uma garota na sua posição.

Uma garota na minha posição? Quer dizer uma garota que é parente de sangue do seu marido?

Claro, ela não disse isso.

— O Sr. Norburg, — Annis repetiu — é o cavalheiro de cabelos grisalhos?

A boca de sua tia franziu tão forte que lembrou Annis do pug de sua avó, uma observação que ela não compartilhou.

— Ele ainda não tem cinquenta anos, Annis, isso dificilmente é senilidade.

Annis não apontou que isso fazia dele vinte anos mais velho do que ela,

mas as próximas palavras de sua tia a fizeram se perguntar se ela poderia ter falado em voz alta.

— Não está em posição de discutir, senhorita. Ele é um cavalheiro muito rico e parece estar encantado contigo, por alguma razão inconcebível — ela roçou as mãos uma contra a outra, como se tivesse acabado de completar uma tarefa suja e desagradável. — Agora, vamos falar de coisas mais importantes. A costureira, fez uma terrível bagunça com o vestido de Miriam e precisa de um segundo par de mãos para ajudá-la — os olhos de sua tia descansaram no livro que estava no colo de Annis. — Pode devolver o livro para a prateleira e se juntar à Sra. Finch no sótão.

E então ela deixou a biblioteca sem esperar por uma resposta.

Annis *havia* realizado uma pequena rebelião; em vez de devolver o livro à prateleira, ela o escondeu sob a almofada do assento da janela. Mas além disso, ela obedeceu à tia e costurou, passou e fez tarefas, mesmo que a casa de seu tio tivesse dezenas de criados que poderiam ter feito o mesmo trabalho.

Felizmente, o assunto sobre o Sr. Norburg não surgiu novamente, o que não era incomum, pois Annis dificilmente seria o assunto mais importante nos dias que antecederam o baile.



Henry examinou o salão densamente lotado e desejou, mais uma vez, que ele tivesse ficado em casa. Mas aquele era o primeiro baile deles, embora tivessem participado de uma dúzia de outros eventos menores, e ele dificilmente poderia escapar, já que tudo tinha sido ideia dele.

Ao lado dele, Colin saltou em seus calcanhares, tão animado que Henry estava com medo de entrar em um *viva* triplo a qualquer momento.

Henry pigarreou, mas isso não conseguiu atrair sua atenção. — Milorde.

— Hum? — Colin examinou o salão com os olhos arregalados de uma criança confrontada com uma tentadora variedade de doces.

— Lorde Rotherhithe.

Colin lhe lançou um par de olhos azuis distraídos. — Eh? — E então ele olhou novamente; e o que ele viu no rosto de Henry o fez parar de saltar. — Ah, sim, Parker?

— Lembra-se do que conversamos na biblioteca?

— Uh. A biblioteca?

— Sim, sabe, a sala com todos aqueles livros.

Colin piscou, vasculhando visivelmente sua memória pelo que Henry estava falando.

— Milorde? — Henry cutucou.

Graças aos pontos absurdamente altos da camisa que Colin insistira em usar, ele não conseguia virar a cabeça. Em vez disso, ele teve que deslocar todo o tronco para olhar diretamente para Henry.

— Er, sim, a conversa, na biblioteca — ele mastigou a pergunta de Henry

como se fosse o Enigma da Esfinge. — O senhor quer dizer aquela coisa sobre o chá?

Henry disse a si mesmo para permanecer calmo, lembrando-se, pela milésima vez, de que ele era o culpado de *tudo* aquilo.

— Não, milorde, não a *coisa sobre o chá*. Quis dizer a discussão sobre comportamento.

O olhar atordoado e sem piscar de Colin disse a Henry que a palavra não lhe era familiar.

Henry se inclinou para mais perto e sibilou com um sorriso: — Não pareça tão animado por estar aqui. Um verdadeiro cavalheiro aristocrático tem a feição *entediada*.

Colin assentiu várias vezes. — Sim, claro. *Aquela* coisa — ele cerrou as sobrancelhas e franziu a testa, varrendo o salão com um olhar destinado a ser arrogante, mas, mais parecido com alguém fazendo força em um penico.

Henry suspirou.

— Oh, veja! Ali está Lady Freddie — Colin levantou o braço para acenar, mas Henry agarrou seu cotovelo para impedir seu progresso.

Colin parecia ferido. — O senhor não acredita em mim? Eu *disse* que podia enxergar bem sem meus óculos, e ali está ela.

Ah, sim, a discussão sobre os óculos. Pela primeira vez em seus acordos com Colin, o outro homem permaneceu firme: Colin *se recusou* a usar os óculos. O que Henry poderia fazer? Lutar com ele no chão e pregá-los em seu rosto?

A ideia não era sem mérito.

— Acredito no senhor, milorde. Mas nada de *acenar*. E duvido que ela gostasse de ser chamada de Lady Freddie.

— Veja, é ela, Parker. Veja. — Colin acenou com a mão que Henry não estava restringindo.

Henry desistiu. Afinal, esse tipo de coisa acontecia. O. Dia. Inteiro. Ele precisava escolher melhor suas batalhas, ou enlouqueceria.

Quando Lady Sedgwick se aproximou deles, ele viu que seu vestido de seda malva tinha um desenho requintado, mas novamente, o material era de qualidade inferior.

O que aconteceu com o dinheiro que ela ganhava com suas atividades de casamenteira? Sua taxa era bastante alta, mas tudo sobre ela era modesto. Ela não era dona da casa em que morava, então onde ela gastava seu dinheiro? Certamente não com roupas.

Ela fez uma reverência com uma graça impecável quando se aproximou deles; ela era uma mulher adorável, mas muito fria e reservada para o seu gosto.

— Boa noite, milorde. Sr. Parker.

Eles trocaram saudações e reverências antes que a condessa se voltasse para Colin, seus olhos se arregalando ligeiramente quando ela absorveu seu colete rosa salmão, que era bordado com pequenos cães pretos.

Henry tinha acompanhado Colin à Bond Street para comprar roupas apropriadas - roupas muito mais agradáveis do que Henry estava atualmente ostentando - então ele não sabia onde Colin havia comprado o colete, mas o resultado era... surpreendente, para dizer o mínimo.

— Que colete mais incomum, milorde — disse Lady Sedgwick.

Colin sorriu. — Não é? — ele se aproximou tanto da condessa que ela teve que recuar para evitar que suas sapatilhas fossem esmagadas. — Veja aqui, — disse ele, puxando a roupa apertada como se pudesse puxá-la para mais perto dela. — São cachorrinhos. Cachorrinhos pretos! Isso não é terrivelmente astuto?

A condessa abriu a boca para responder, mas Colin ficou preso na emoção do momento.

— Eu tive um cachorro que se *parecia* com esse. Um belo terrier. Sniffer, nós o chamávamos assim porque ele gostava de cheirar coisas. Ele era um caça-ratos e uma vez quase venceu um concurso de caça, mas quando ficava animado, tinha o infeliz hábito de fazer xix... — Seus olhos arregalaram para Henry.

Henry franziu a testa e deu um aceno imperceptível de sua cabeça para indicar que um cão mijador e assassino de ratos, não era um tópico apropriado para uma conversa de salão.

Colin, em uma demonstração de independência intencional, continuou. — Er, quero dizer, Sniffer se *urinava* todo e em tudo que estivesse perto dele. Uma vez ele urinou na bota do juiz e foi desclassificado, injustamente, pensei, já que ele tinha mais de quarenta ratos — ele balançou sobre os calcanhares, visivelmente satisfeito consigo mesmo por terminar sua história.

A condessa o olhou fixamente.

Henry pigarreou. — A senhora está linda esta noite, milady.

Lady Sedgwick desviou o olhar de Colin. — Obrigada, Sr. Parker.

— Sim, linda e deslumbrante — Colin interveio. — Fascinante! O mais alto nível. Como uma...

— Obrigado por sua recomendação de alfaiate, milady. — Henry interrompeu apressadamente.

A condessa olhou fixamente para o colete de Colin como se dissesse: *Pena que não aceitou minha recomendação.* E então ela olhou de cima a baixo a pessoa de Henry com seu olhar cinza penetrante. Mais uma vez, ele quase podia ouvir seus pensamentos: Lorde Rotherhithe deve gostar muito de seu amigo e secretário para ser visto com ele naquela elegância humilde.

De acordo com seu status servil, Henry - que usava apenas as melhores roupas há anos - estava atualmente vestido como o funcionário/secretário que deveria ser.

Lady Sedgwick pareceu se recompor e se lembrar por que ela estava parada ao lado de um palhaço e seu empregado. — Há muita curiosidade sobre o senhor, milorde.

De fato, Henry podia sentir dezenas de olhos sobre eles, ou sobre Colin.

Colin não parecia tê-la ouvido, sua atenção tomada por uma mulher voluptuosa de cabelos ruivos cujo corpete decotado certamente devia roçar seus mamilos.

— Oras bolas! — Colin murmurou em um tom denso de admiração. — Esses são os maiores...

— Sua Senhoria está ansioso para conhecer a todos. Não é verdade, milorde? — Henry perguntou com uma voz excessivamente alta.

Mas Colin estava se inclinando para vislumbrar o corpete da mulher e não tinha atenção para mais nada.

Henry poderia tê-lo derrubado com um dedo e estava seriamente tentado a fazê-lo.

Os lábios da condessa se contraíram. Ah, então mesmo ela não era impenetrável ao homem ridículo.

Ela voltou sua atenção para Henry. — E como estão as coisas na Praça Berkley, Sr. Parker?

— Ventoso, cavernoso, inconveniente, congelante, mofado.

Se sua avaliação crítica da residência de seu empregador a surpreendeu, ela não demonstrou. — Acredito que já faz algum tempo desde que a casa fora ocupada. — disse ela. — Eu entendo que o falecido conde - não o primo de Sua Senhoria, mas seu tio - nunca vinha à cidade e optou por não arrendar a casa.

Não, seu tio fora um grande cabeça de bagre em assuntos de negócios, e orgulhoso de sua ignorância também. Tio Robert teria entendido que alugar a casa seria uma admissão vergonhosa de sua pobreza. E assim ele não a tinha ocupado nem alugado, e a casa tinha caído em ruínas. Seu filho, Charles, fora igualmente orgulhoso, e ainda mais pobre.

— Sim — Henry concordou, — ficou vazia por quase quatro décadas. Não é verdade, milorde?

A cabeça de Colin se virou, o colarinho raspando o queixo com um arranhão *audível*.

Henry e Lady Sedgwick estremeceram.

— Eu digo, Lady Freddie, a senhora pode me apresentar a *qualquer* uma dessas damas? — Como se puxado por um guincho, os olhos de Colin deslizaram para a ninhada de mulheres que o olhavam, perdendo assim a expressão inestimável de Lady Sedgwick por sua pergunta, seu nome ou ambos.

Henry teve que admitir que o apelido era culpa dele. Ele deveria saber que dizer qualquer coisa na frente de Colin - mesmo em brincadeira - significava que o homem provavelmente deixaria escapar a qualquer momento, como uma criança.

Henry cruzou as mãos atrás das costas, para não o estrangular. Ele se inclinou em direção à condessa. — Como a senhora deve ter notado, Sua Senhoria está *muito* animado em participar em seu primeiro baile e temo que isso possa tê-lo feito esquecer seus modos.

A condessa o mirou com um olhar astuto e suspeito, e Henry se perguntou se ela cheirava algo podre na Dinamarca. Não que fosse incomum para os aristocratas serem idiotas delirantes, é claro, mas Henry podia ver que ela achava que sua administração por Colin era um pouco magistral demais para um mero amigo/empregado.

— Diga-me, Sr. Parker, de que parte da Inglaterra o senhor é? Com seu sotaque é difícil saber.

Ela suspeitava de alguma coisa?

— Eu sou de Kent, milady, mas estive fora por quase cinco anos, então acredito ter perdido muito do meu sotaque regional.

Seu sorriso era uma expressão felina leve que fazia com que Henry se sentisse mais como um pedaço de comida com o qual ela estava pensando em se gabar.

— E, no entanto, como é estranho que Sua Senhoria pareça não ter perdido nada do seu sotaque.

O sorriso de Henry ficou tenso.

— Não só isso — acrescentou ela, — mas *ele* soa como se fosse de Kent. No entanto, sei que vem de Yorkshire.

Sim, ela definitivamente suspeitava de algo.

Henry estava lutando por algo inteligente para dizer quando um relance de cabelos loiros pálido em sua visão periférica chamou sua atenção.

Era a Srta. Annis Bowman, e ela estava próxima de um monte de matronas, inclinando-se sobre uma delas, seus ombros estreitos visivelmente apertados de tensão.

— Acho que seria uma excelente pergunta para fazer à Srta. Bowman.

Lady Sedgwick levantou as sobrancelhas. — Perdão?

— Ela era professora de idiomas e parece ter bastante conhecimento nessa área. Ouso dizer que ela também saberia algo sobre sotaques regionais.

Seus olhos cinzentos o penetraram.

— Ah — disse ele, — falando nela, ali está ela.

— Sim, ela está aqui, junto com suas primas, Srta. Miriam e Srta. Susannah. Todas receberam um convite de última hora para este baile. Foi bondade do conde usar sua influência em nome delas.

— É mesmo? — Henry perguntou, escondendo seu sorriso com esforço.

— Sim. Deixei a duquesa de Tinley saber que Lorde Rotherhithe desejava que as senhoritas Bowman participassem e a duquesa foi muito acolhedora.

Henry desviou os olhos do seu olhar explorador. — Sim, o conde está bastante encantado com a Srta. Annis Bowman.

Ambos se voltaram para Sua Senhoria, que ainda estava olhando para uma moça robusta a alguns metros de distância; Colin precisaria limpar a baba de seus sapatos de dança altamente polidos se não tomasse cuidado.

Henry deu um soco sutil nas costelas dele. — A Srta. Annis Bowman está aqui, Rotherhithe.

— Como é? — Colin deu-lhe um olhar irritável, que rapidamente se

esvaiu quando percebeu a quem ele acabara de responder. — Perdão. O que disse, Parker?

— A Srta. Annis Bowman, está aqui.

Colin usava a expressão de um homem que acabara de ser questionado sobre um problema de cálculo insolúvel. — Annis Bowman?

— Nós a conhecemos na casa de Lady Sedgwick. A jovem com interesse na Índia — quando a expressão insípida de Colin persistiu, Henry tentou novamente. — O senhor ficou bastante encantado por ela, milorde.

— Fiquei? — A compreensão tomou conta de seu rosto como um nascer do sol no inverno fraco. — Ah, sim! A garota que ensina anglo-saxões ou algo assim - seus olhos azuis vasculharam o salão. — Quem é ela mesmo?

Henry sentiu um frio ártico emanando da direção de Lady Sedgwick.

— Ela veio com a tia e primas — a condessa inseriu uma pausa significativa antes de acrescentar: — Todas elas lhe devem uma dívida de gratidão, milorde.

— Devem? — A atenção de Colin já havia voltado para o grupo de jovens damas que pareciam estar cada vez mais perto dele.

— Talvez o senhor queira que eu faça as apresentações, Lorde Rotherhithe.

Henry poderia ter picado gelo com as palavras da condessa.

— Sensacional! — exclamou Colin, seus olhos nunca deixando as jovens. — Eu gostaria especialmente de conhecer aquela com os grandes...

— Sua Senhoria ficaria honrado em conhecer qualquer pessoa que a senhora se digne a apresentá-lo, milady — Henry interrompeu, seu crânio latejando com uma dor que irradiava até os dedos dos pés.

Senhor, seria uma noite muito longa.



Capítulo Cinco

Annis tinha acabado de entregar a orchata para sua tia - que a havia enviado de volta depois de recusar a limonada que já havia pedido - e estava à espreita perto da entrada do corredor, onde era menos provável que fosse chamada por qualquer membro de sua família e enviada a realizar tarefas para elas.

— A senhorita está se escondendo de alguém?

Annis deu um pulo e girou para encontrar o Sr. Parker do outro lado da alcova rasa.

O pulso dela acelerou ao vê-lo. — Oh. Nossa, boa noite, Sr. Parker.

Suas sobrancelhas - cortes pretos dramáticos que eram muito mais escuros do que seu cabelo castanho beijado pelo sol, se arquearam. — A senhorita se lembra do meu nome.

— Por que eu não lembraria?

— Poucas jovens damas se lembrariam de um pobre secretário quando foram apresentadas a um nobre rico e bem apessoado ao mesmo tempo.

Annis não achava que Lorde Rotherhithe fosse tão encantador quanto o Sr. Parker parecia acreditar, mas mesmo ela sabia que seria rude apontar tal coisa.

— Felizmente, tenho ampla capacidade mental para lembrar os nomes de dois novos conhecidos, Sr. Parker.

Seu sorriso parecia sugar todo o ar do salão. Ela o achava meramente atraente? Ele era de *tirar o fôlego* quando sorria daquela forma, os dentes um branco chamativo em seu rosto profundamente bronzeado, uma covinha minúscula à direita da boca.

— *Touché*, Srta. Bowman.

— O senhor fala francês?

— A senhorita ouviu todo francês que eu sei — ele sorriu novamente, e ela achou difícil se concentrar; ele era tão intensamente, sufocantemente... *masculino*.

Ele inclinou a cabeça para ela e, por um instante, aterrorizante, ela temeu ter dito aquilo em voz alta.

Mas ele apenas perguntou: — A senhorita estava se escondendo de alguém?

— Na verdade não — ela mentiu. — E quanto ao senhor?

— Oh, sim.

A resposta seca dele a assustou com uma risada. — De quem o senhor está se escondendo?

Ele apontou o queixo em direção a uma dama com um grupo de jovens ao seu redor. — A dama de vestido vermelho, não consigo me lembrar seu nome agora.

Annis olhou para a mulher em questão. — Oh. Aquela é Lady Keating — a linda e jovem viúva estava espremida em seu vestido como de costume, mas Annis manteve essa observação para si mesma. — O senhor a está evitando?

— A senhorita parece surpresa? — ele perguntou, seu sorriso confiante fazendo-a querer dar-lhe um tapa.

Ou beijá-lo.

Annis se assustou com aquele pensamento que havia saltado em sua mente como uma bola de críquete sem rumo antes de pular para fora novamente.

— Senhorita Bowman?

Annis olhou nos olhos penetrantes de Henry. — Er, sim?

— Eu disse que a senhorita parece surpresa por eu querer evitá-la.

— Eu estou.

— E por que isso?

— Ela é primorosa e eu entendo que ela também é muito, er...

— Ela é muito *er*? — Henry perguntou, sua voz provocando. — Como alguém pode ser *er*, eu me pergunto?

— O senhor sabe exatamente o que quero dizer — ela revidou amargamente, mortificada com o quão corado seu rosto devia estar.

Henry riu, o som baixo e perturbadoramente sensual. — Sim, eu sei o que a senhorita quer dizer: libidinosa.

A palavra chocante a fez se sentir desnordeada.

— Ela certamente não fez segredo sobre o que deseja de mim — confessou.

Ambos olharam para a mulher em questão.

A viúva rica e bela mantinha uma série de amantes, aos quais ela se referia brincando como seus *caçadores*. “*É sempre melhor manter um estábulo cheio de montarias quando se é um excelente montador*” Lady Keating gostava de dizer.

Os homens ao redor de Lady Keating riram de algo que ela disse, e ela se inclinou o suficiente para esfregar seu seio prodigioso contra um belo rapaz.

O jovem em questão ajeitou-se. Aqueles ao seu redor fizeram uma cara de inveja.

Os seios de Annis eram tudo *menos* prodigiosos. Ela mordeu o lábio enquanto estudava seu decote fora de moda. Ela considerou alterar a roupa para fazer parecer mais com um corpete *à la mode*, mas não teve tempo.

Quando olhou para cima, descobriu que o Henry estava olhando para ela com um leve sorriso curvando em seus lábios.

— O senhor não está interessado no que Lady Keating tem a oferecer? — ela perguntou, deslumbrando-se com a pergunta ousada.

Ele deu outra de suas risadas sensuais. — Não nesse momento — suas pálpebras abaixaram, seu olhar escuro se movendo sobre ela como um toque

físico. — Eu tenho outros... interesses.

Annis o fitou incapaz de desviar o olhar.

— A senhorita está me fitando, Srta. Bowman. Tem alguma coisa no meu rosto?

Ela desviou o olhar até encarar a pista de dança abarrotada. Ele era um homem enervante, mas ela não conseguia se afastar dele.

Quando ele se contentou em sorrir em silêncio, Annis perguntou: — O que o senhor está achando da Inglaterra depois de tanto tempo na Índia? Está achando o clima muito frio? Deve ser muito diferente de onde o senhor morava? O senhor tem família aqui? Irá visitá-los?

Seus olhos castanhos brilhavam com divertimento. — Hmm, vamos ver, a senhorita fez um monte de perguntas. Aqui estão suas respostas, em ordem: Interessante. Sim. Sim. Sim. E não.

Annis riu. — Eu mereci isso. Farei uma pergunta de cada vez de agora em diante.

— *De agora em diante* — ele repetiu, dando-lhe outro sorriso devastador.

— Gosto disso.

— Mesmo?

— Sim, isso implica que devemos aprofundar nosso conhecimento mútuo — seu olhar quente fez uma piscina de calor se formar em sua barriga.

— O senhor está flertando comigo, Sr. Parker?

— Se precisa perguntar, então eu não devo estar fazendo um bom trabalho, Srta. Bowman.

— O senhor está se saindo bem — assegurou-lhe. Ela lançou um olhar na direção a sua tia e primas para se certificar de que não precisavam dela.

— Sua família a mantém ocupada? — ele perguntou.

Então era observador, assim como esperto.

A última coisa que Annis queria falar com esse homem fascinante era sobre sua família. — O senhor pode me falar sobre a Índia?

— É claro, o que deseja saber?

— O que o senhor quiser me contar.

— Hmm — ele apoiou um ombro largo contra a parede e cruzou os braços. — A plantação do conde, Sheesham Bagana, fica ao norte da cidade de Dacca, escondida na beirada da selva.

— Sheesham Bagana — repetiu ela. — Que som maravilhoso tem essas palavras — ela olhou para os olhos que eram um caleidoscópio vertiginoso de verde, dourado e marrom. — Diga-me, o que quer dizer?

— Significa, na sombra da árvore de Sheesham.

— Sheesham Bagana — Annis apreciou o sabor e a textura daquelas palavras musicadas. Ela sabia que seu amor por palavras confundia a maioria das pessoas. Apenas seu pai entendera o apelo das línguas, tanto inglesa quanto estrangeiras.

— Eu nunca ouvi falar de uma árvore de Sheesham antes.

— Elas são um tipo de pau-rosa que os índios usam para móveis. Tem

belas flores cor-de-rosa e brancas.

— Parece adorável. E o senhor disse que elas crescem em volta da casa do conde?

— Sim, não a casa da cidade, mas a do campo. Está longe do barulho e agitação da cidade, onde o ar é denso, com perfume de Sheesham e dezenas de outras flores, um banquete para os sentidos. À noite, há um número incontável de insetos que fornecem uma sinfonia enganosamente bonita, um fundo agradável para noites de veludo cheias de estrelas.

Annis percebeu que sua boca estava aberta e a fechou apressadamente. — O senhor é um poeta, Sr. Parker. Isso foi lírico.

Sua boca abriu um sorriso zombeteiro, e seus olhos piscaram em direção à pista de dança. — A senhorita não gosta de dançar, Srta. Bowman?

— Eu amo dançar.

— Então, por que está aqui me escutando gentilmente enquanto eu falo sobre assuntos enfadonhos?

— O senhor não está me entediando. Eu lhe pedi para falar sobre a Índia. Quanto ao motivo de eu estar aqui com o senhor em vez de estar dançando, é porque ninguém me convidou — ela se sentia aturdida quando chegou à última palavra. O olhar dele era intenso, mas não mostrava o que estava pensando. Provavelmente, que ela era uma imbecil tagarela.

— A senhorita aceita dançar uma dança comigo, a próxima valsa, talvez? Acredito que eles dançam valsa em Londres.

— Mas... — ela mordeu o lábio — essa é a dança do jantar.

— Perdão?

— Talvez o senhor não saiba, pois é novo aqui, mas teria que jantar comigo depois.

— Não tenho objeção em jantar com a senhorita, Srta. Bowman — ele fez uma pausa e sua boca endureceu, o humor drenando de seus olhos hipnotizantes. — A menos que a senhorita prefira não comer com um mero empregado?

Ele era um homem bastante espinhoso. Certamente fora o destinatário de esnobes incalculáveis nas últimas semanas, enquanto acompanhava seu amigo; o ciúme descabido da beau monde contra a permissão de plebeus em seu meio.

— Eu ficaria encantada em jantar com o senhor, Sr. Parker.

As palavras dela pareceram suavizar seu rosto. — A senhorita está gostando da Temporada até agora, Srta. Bowman?

— Estou feliz por ter tido a chance de participar, mas não posso dizer que tenha sido totalmente agradável.

— É mesmo? A senhorita não gosta do turbilhão social?

— Talvez não tanto assim. Minhas primas mantêm um ritmo bastante agitado.

Ele ficou confuso. — De fato, Lady Sedgwick também estabeleceu um cronograma brutal para Sua Senhoria. Embora este seja o primeiro baile desse

tamanho que atendemos, estamos nos esgotando demais, como dizem, “acendendo o pavio de ambos os lados” — seus olhos se estreitaram e ele deu um sorriso malicioso. — Eu me pergunto de onde essa expressão se originou?

Annis riu. — O que o faz pensar que eu sei?

Ele apenas sorriu.

— O senhor é um desavergonhado, Sr. Parker, já lhe disseram isso?

— Eu posso ser — ele admitiu. — Quando estou em busca de algo que quero.

Annis franziu os lábios com o flerte dele. Sem dúvida, suas bochechas tinham um tom mortificante de vermelho. Outra vez.

— A senhorita tem amor pela linguagem por causa de seu pai? — ele perguntou.

— Sim. Mas como o senhor soube?

— Na casa de Lady Sedgwick, a senhorita mencionou que ele lhe ensinou várias línguas.

— Oh. Sim, foi meu pai quem me ensinou a amar as palavras de todos os idiomas. Eu sei que parece tolice, mas costumávamos questionar um ao outro sobre expressões idiomáticas.

— Não parece bobo — disse ele. — Mas *soa* como um jogo que a senhorita ganhará sempre que jogarmos.

Suas palavras eram inocentes, mas o olhar que as acompanhava era maliciosamente perverso.

— Então? — ele cutucou.

— Hum?

— Acender o pavio de ambos os lados?

— Acontece que eu *conheço* essa expressão. É francês, *brusler la chandelle par les deux bouts*. Inicialmente, era para ser sobre desperdício ou esbanjador, mas gradualmente passou a significar, se envolver em atividades exaustivas, ou...

Um rosto familiar apareceu por cima do ombro do Sr. Parker.

— Miles!

Henry deu um salto com sua explosão desagradável e se virou para ver para quem ela estava olhando.

— *Annis!* — Miles respondeu enquanto estendia as mãos na direção a dela.

Como de costume, todas as damas nas proximidades seguiam Miles com os olhos. E então lançaram olhares invejosos na direção de Annis para ver quem havia capturado sua atenção.

Ele a puxou para perto o suficiente para um beijo na bochecha. — Olá, querida. Está linda esta noite.

Annis corou com sua gentil mentira. — E o senhor está cada centímetro um conde, Miles — isso também era uma mentira. Seu amigo ainda usava a mesma roupa que usara quando era mestre de dança. Não que a roupa importasse para um homem tão perfeito quanto Miles.

Annis se virou para Henry, cujo rosto tinha assumido um aspecto emburrado. — Sr. Parker, gostaria de apresentá-lo ao meu querido amigo, o Conde de Avington. Miles, este é o Sr. Parker, um bom amigo do Conde de Rotherhithe.

Miles deu ao homem carrancudo um sorriso afável. — Ah, sim, o senhor acabou de chegar da Índia. Aposto que está mandando aos diabos a infeliz garoa inglesa dos últimos dias.

Henry amoleceu um pouco com o jeito amigável de Miles. — Os céus cinzentos são assustadores, mas pelo menos aqui não tem répteis ou insetos venenosos.

— É verdade, mas temos algumas outras criaturas que têm uma picada bastante desagradável — ele assentiu para o denso aglomerado de mães não muito longe, todas lançando olhares avaliadores em sua direção.

Henry sorriu com o comentário não tão sutil de Miles. — Nada fatal, espero?

— Eu não teria tanta certeza — Miles murmurou, desviando o olhar das matronas atentas. — Então, vai ficar na Inglaterra por muito tempo, Sr. Parker?

— Por tempo indeterminado.

— O conde também?

— Sim, Sua Senhoria vendeu seu negócio têxtil para seu parceiro e não tem planos de retornar.

— Ah, bem, isso foi provavelmente sábio. Entendo que a Lei da Carta de 1813 tornou as coisas difíceis para qualquer pessoa que não estivesse no comércio de chá ou ópio.

Henry pareceu surpreso. — Sim, sim, causou alguns problemas.

Annis sorriu com o brilho de respeito em seus olhos. Como a maioria das pessoas, o Sr. Parker provavelmente subestimou Miles, acreditando que um homem tão bonito devia ter a cabeça vazia e decorativa.

— Bem, os dois são intrépidos para mergulhar na Temporada quando ela está na metade — disse Miles, olhando ao redor dele com um olhar de leve aversão.

— Sua Senhoria está ansioso para abraçar sua nova vida — disse Henry.

— E aposto que há muita gente ansiosa em ajudá-lo — disse Miles, lançando um olhar significativo para o mesmo grupo de mães.

Henry riu.

Miles se virou para Annis. — Eu preciso ter uma palavra com Fred. Viu-a?

Apenas Miles usava aquele apelido para Freddie.

Antes que Annis pudesse responder, Henry disse: — Lady Sedgwick estava ocupada apresentando Lorde Rotherhithe quando a vi pela última vez.

Miles fez uma careta de horror. — Por Deus, eu não invejo o pobre homem. Ele deve estar se sentindo como uma raposa fugindo dos caçadores antes que a noite acabe. — Ele sorriu para Annis, seus olhos brilhando. —

Guarde a dança do jantar para mim, Annie?

— O Sr. Parker já me pediu essa dança. Talvez a primeira após o jantar?

Miles sorriu para Henry, que novamente ficou tenso e atento, como se esperasse que Miles se opusesse a ele dançar com ela. — Não demorou muito para *que* o senhor encontrasse uma das melhores joias da Inglaterra, não é, Parker?

Annis corou com suas provocações e, mais uma vez, Henry descongelou sob o bom humor infeccioso de Miles.

— Nós, pobres mortais, não podemos permitir que absorva *toda* a atenção feminina, milorde. Alguém tem que competir decentemente com alguém como o senhor.

Miles riu. — Eu me considero avisado, senhor. Agora, se me der licença. Preciso ver se Freddie tem um momento de sobra.

Eles o observaram tecer seu caminho através da multidão, cabeças femininas girando quase comicamente em seu rastro.

— Ele parece ser um sujeito bom — comentou Henry, um pouco relutante, Annis pensou.

— Oh, Miles é o *melhor*.

— Os dois se conhecem bem.

— Nós ensinamos juntos por vários anos.

— *Ele* trabalhava na escola das suas jovens moças?

— Sim, ele era nosso mestre de dança.

— Um *conde* trabalhando como mestre de dança? — ele repetiu.

— Bem, ele não era um conde na época, apenas o irmão mais novo de um. Seu irmão morreu inesperadamente no ano passado — ela mordeu o lábio, os olhos na cabeça dourada de Miles quando ele parou na frente de Freddie. — Além de perder um irmão que amava, ele herdou uma montanha de dívidas e dependentes.

Agora Freddie e Miles nunca poderiam ficar juntos, já que ele teria que se casar com uma herdeira se quisesse salvar sua família.

Seus olhos lacrimejaram com o pensamento e ela piscou rapidamente desviando o olhar e encontrou o Sr. Parker olhando-a.

— Ah, entendo — os olhos de Henry tornaram-se perspicazes. — Ele precisa se vender por dinheiro, é mesmo? Bem, um homem com a aparência dele não terá dificuldade em conseguir qualquer herdeira em Londres.

Annis se encolheu com seu tom cínico. Não importava que fosse verdade; era cruel afirmar isso de forma tão franca, especialmente porque Annis também esperava se *vender* por dinheiro. A diferença crucial era que não havia nenhuma horda clamorosa de pretendentes ricos querendo sua mão. Nem mesmo o velho Sr. Norburg parecia especialmente ansioso.

— *Aqui* está — Miriam apareceu ao lado dela como se tivesse surgido do chão do parquet, sua voz afiada o suficiente para ser ouvida até mesmo no salão de baile barulhento.

Henry virou-se, com a boca aberta, como se fosse saudá-la, mas Miriam

deliberadamente virou as costas para ele. — Susanna a está procurando.

— Sim, é claro — Annis sorriu para o Sr. Parker, mas ele estava olhando para sua prima, controlando-se. Sem dúvida, ele estava comparando a beldade alta e bem torneada com a figura baixa e meio moleque de Annis.

Annis sabia perfeitamente bem como chegou àquela comparação.

— Por favor, com licença, Sr. Parker.

Ele se afastou de Miriam - que o estava ignorando de uma maneira tão mordaz que fez Annis se contorcer - e pegou a mão de Annis, seus olhos de repente muito verdes. Mesmo com duas camadas de luvas entre eles, ela experimentou um frisson de excitação com seu toque.

— Estou ansioso por nossa dança — disse ele.

Seu pulso batia forte em seus ouvidos com o calor em seu olhar, e ela sentiu um sorriso vultoso tomar posse de seu rosto.

— Obrigada, eu...

— Susanna está *esperando*, Annis — sua prima puxou a mão de Annis da do Sr. Parker e a levou embora.

— E quem é *ele* eu gostaria de saber? — Miriam sibilou antes que eles estivessem fora de alcance.

Annis teve que trotar para acompanhar a caminhada rápida de sua prima. — Ele é amigo do Lorde Rotherhithe.

Miriam parou abruptamente e Annis esbarrou nela. — Sua tola desajeitada!

— Sinto muito, prima.

Miriam agarrou o braço de Annis com tanta força que ela tremeu. — Venha aqui, saia do caminho — Miriam a levou para uma porta perto da sala de descanso antes de soltá-la. — Como conhece o amigo do novo conde?

Annis esfregou o braço. — Eu conheci os dois na casa de Lady Sedgwick.

— Já *conheceu* Lorde Rotherhithe?! — Miriam gritou, assustando um par de jovens que passava.

— Sim, ele foi até a condessa em busca de apresentações.

— Quando foi isso?

— Não muito depois que ele chegou.

— Por que não nos contou? — Miriam exigiu, embora parecesse mais uma acusação.

— Eu não achei que fosse importante.

— *Não achou que fosse importante* — Miriam fechou os olhos e inclinou a cabeça para o teto, dirigindo-se ao lustre sobre suas cabeças como se procurasse uma comiseração divina. — Ela não achou que fosse importante!

Annis teve que morder o lábio para não rir do comportamento melodramático de sua prima.

Susanna correu até elas, com o rosto vermelho e sem fôlego. — Miriam! Deve vir comigo imediatamente. Lorde Rotherhithe está falando com mamãe *nesse momento*.

Miriam imediatamente se esqueceu de Annis e as irmãs fugiram em uma

velocidade nada feminina.

Annis suspirou e caiu contra a parede, grata pelo descanso, não importando o quão breve fosse.

Sem sua permissão, seus olhos deslizaram para onde ela estava conversando com o Sr. Parker.

Mas ele não estava mais lá.



Capítulo Seis

Henry observou Colin dançar com uma das primas Bowman, não aquela que o desprezou e repreendeu Annis como se ela fosse uma criada relutante.

As irmãs eram, sem dúvida, belas, mas ele as via com tanta clareza quanto uma vidraça. Elas estavam atrás de um título em vez de uma fortuna, já que sua mãe havia vindo da classe mercantil e era bem-sucedida.

Porque Henry estava entediado - e um pouco intrigado com a Srta. Annis Bowman - ele havia contratado um agente de investigação particular para investigar a família Bowman.

Ele aprendeu que a avó de Annis, Lady Cecily, era filha de um conde que se casara com um plebeu e teve dois filhos. Annis era filha do mais velho, que havia falecido há vários anos. O segundo filho, Thomas Bowman, havia se casado com Agnes Lewis, uma herdeira cujo status social fora destruído por sua maneira franca e proximidade com o comércio.

Graças ao seu passado, os Bowmans não teriam colocado os pés na casa do duque de Tinley aquela noite, se não fosse pela influência de Henry.

Quando Colin pediu a uma das irmãs Bowman para fazer parceria com ele em uma dança, Henry ficou tentado a convidar a outra prima para uma dança, apenas para provocar uma reação escandalizada.

Mas ele decidiu que não valia a pena. Elas eram alpinistas sociais descaradas que não faziam segredo de seus desdêns por um mero criado. Elas eram exatamente o tipo de mulheres que ele esperava eliminar com essa pequena pegadinha.

Henry não pôde deixar de rir ao ver Colin olhando boquiaberto para o decote da Srta. Bowman - o que era impressionante - como um cão hipnotizado. A qualquer momento, ele começaria a morder a perna da mulher.

Bem, pelo menos um deles estava se divertindo.

Henry se perguntou se ele deveria ter cedido às exigências incessantes de Colin para visitar um bordel. Talvez isso tivesse acalmado o comportamento amoroso do outro homem. Se Henry não fosse cuidadoso, Colin poderia acabar noivo sob falsos pretextos.

Cada vez mais, Henry temia que sua pequena mentira não fosse compreendida.

Assim como sua perseguição por Annis Bowman foi mal concebida.

Era tão óbvio quanto o enorme nariz de Henry que a mulher estava apaixonada pelo empobrecido e divino conde de Avington. Sua expressão enquanto observava Avington se afastar foi como um chute na virilha.

Diabos, ele não podia culpá-la por se apaixonar pelo homem. O conde era tão bonito que era ridículo. Além disso, ele parecia um homem amigável e divertido; o tipo de homem que Henry gostaria de ter como amigo.

Henry exalou. Ele estava se comportando como se tivesse dezesseis anos de idade novamente e apaixonado por uma mulher que estava apaixonada por outro homem. Ele nunca aprenderia?

Não que ele estivesse ferido, ou qualquer coisa próxima disso. Mas ele realmente *gostava* de Annis Bowman e gostava de conversar com ela, algo que ele não conseguia se lembrar de ter acontecido com uma mulher há algum tempo.

Ele teve muitas mulheres ao longo dos anos e, é claro, ele gostava da companhia delas, mas ele não conseguia se lembrar de rir ou brincar com nenhuma. Rir e brincar eram atividades que ele reservava para seus amigos do sexo masculino. As mulheres em sua vida eram para o sexo; querer conversar com uma, era novidade.

Não que seu interesse na Srta. Bowman fosse inteiramente platônico, é claro. Na verdade, ele a achava atraente, embora sempre tivesse preferido mulheres voluptuosas. Ele também gostava que suas amantes fossem sexualmente confiantes e experientes, e Annis Bowman havia ficado dez tons de vermelho com apenas um pequeno flerte inofensivo.

Ou talvez não tivesse sido inofensivo. Ele tinha sido muito agressivo com ela? Diabos, ele não tinha ideia de como flertar com uma virgem. Tudo o que ele sempre fazia era arranjar uma amante, colocá-la em uma casa com criados, roupas finas e outros luxos para mantê-la feliz e, em seguida, visitá-la quando ele precisasse de liberação sexual.

Obviamente, ele precisava se liberar agora se estivesse interessado em uma mulher que claramente, estava apaixonada por outro homem.

Henry revirou os olhos; essa incerteza inusitada era muito irritante. Foi por causa desse tipo de turbulência emocional que ele evitou envolvimento românticos nas últimas duas décadas. O caminho que o amor levava - em sua experiência - era para dor e confusão.

Henry colocou sua taça de champanhe quente na bandeja de um lacaios que passava e foi para a sala de jogos. Talvez um joguinho bobo pudesse ajudá-lo a esquecer a Srta. Annis Bowman.

A sala estava cheia, mas ele viu um lugar livre em uma mesa com quatro homens jogando *vingt-et-un*.

— Se importa se eu me sentar? — ele perguntou.

Eles olharam para cima, seus olhares frios deslizando sobre ele, avaliando. Por um momento, ele pensou que o mandariam embora, mas um deles deu um aceno abrupto.

O jogo estava rápido, com pouca conversa inicialmente. Quando perceberam que Henry sabia o que estava fazendo, eles se aqueceram.

— Veio com Rotherhithe da Índia? — perguntou o homem mais velho da mesa. Ele usava roupas que não estavam na moda há pelo menos meio século.

Então, eles sabiam que ele era um empregado, e ainda assim o convidaram para jogar. Interessante.

— Sim, esta informação está correta — disse Henry. — Eu trabalhei para uma empresa em Dacca.

— Rotherhithe está nadando em dinheiro, não está? — Um sujeito alto e pegajoso perguntou enquanto outro cavalheiro misturava as cartas para um novo jogo.

— Pode-se dizer que sim.

— E o senhor?

— Receio que não. Tem sido minha experiência que apenas coisas ruins fluem ladeira abaixo.

Os homens começaram a rir estridente com aquela resposta.

— O que é isso, então? Jogando com ajuda? — a voz grunhida veio de trás do ombro de Henry e teria sido suficiente para ele apertar-se mesmo sem as palavras.

— Voltou para mais, não é, Bowman? — o homem mais velho perguntou, seu tom desanimador.

Henry levou um choque com o nome e se virou para encontrar um jovem zombando dele através de olhos estreitos. Sim, Henry viu a semelhança entre aquele homem e suas irmãs, especialmente aquela que dera a Henry um golpe tão mordaz minutos antes.

— Por que não, Kingsley? Parece que deixam qualquer um jogar — ele jogou-se sobre uma cadeira a dois espaços de distância de Henry, a quem ele olhou com desprezo.

Os outros jogadores resmungaram baixinho, mas não fizeram comentários abertos.

Durante a meia hora seguinte, Bowman manteve um fluxo de comentários insultuosos sobre como os padrões da *ton* haviam caído, seus comentários se tornando menos sutis a cada mão que ele perdia.

Henry achou o rapaz divertido. Ele tinha sido atraído por homens muito mais inteligentes, e esse golpe não conseguia nem se aproximar. Especialmente porque ele era um péssimo jogador de cartas que tinha mais dinheiro do que juízo. Mas sua conversa incessante abalou os outros jogadores e, um após o outro, se afastaram, deixando apenas Henry e Bowman sentados à mesa.

O homem mais jovem descartou as cartas da última mão e as jogou para Henry.

— Talvez agora possamos apostar algo diferente que galinhas. Digo para mudarmos para piquet. Um xelim por ponto e dez libras por partida.

O último homem a sair da mesa se virou com aquelas palavras. — Eu não acho que Sua Graça aprovaria tal coisa, Bowman. Aqui não é uma casa de apostas, espero que saiba.

— Por que não corre e diz a ela como um bom menino, Rivers?

O rosto de Rivers ficou vermelho e ele se afastou sem responder.

Então, Henry não era a única pessoa com quem o garoto falava.

Henry empilhou as cartas ordenadamente e as colocou de lado antes de se levantar. Ele assentiu para os três homens que acabaram de sair e reformou seu grupo em uma mesa próxima. — Foi um prazer, cavalheiros — disse ele, e depois se dirigiu para a porta.

— Para onde está indo? Tem algumas botas para polir?

Henry parou e se virou; o resto da sala ficou em silêncio.

Ele olhou para os olhos ardentes do menino ainda caídos na mesa. — Se é um jogo de cartas que quer, me diga onde e quando. Mas não insultarei minha anfitriã transformando a casa dela em um covil de jogos de azar.

Bowman se levantou. — Eu vou lhe dizer...

— Ah, Parker, meu velho — uma voz entediada gritou por trás de Henry. — Espero que não tenha jogado fora todo o seu dinheiro. Eu queria pegar algum emprestado.

Henry virou-se e encontrou o conde de Avington sorrindo para ele.

Algumas risadas cumprimentaram as palavras do conde, e Avington assentiu para os outros homens. — Rivers, Kingsley, bom vê-los aqui — seus olhos se fixaram em Bowman, e seu sorriso ficou condescendente. — Bowman, sua mãe tem virado a casa de cabeça para baixo procurando-o. É melhor ir e ver o que ela quer antes que ela envie sua antiga babá para buscá-lo.

Avington voltou-se para Henry, aparentemente alheio ao olhar cheio de ódio de Bowman e às risadas que suas palavras haviam desencadeado. — Venha tomar uma bebida comigo, velho amigo.

Henry o seguiu para fora da sala. — Que coincidência, milorde, o senhor apareceu na hora certa.

O conde deu seu sorriso ofuscante. — Apareci, não foi?

— Suponho que devo agradecer por me salvar de fazer uma bobagem.

— Não acredito que seja capaz de um comportamento estúpido, Parker. A não ser que se atrase para o jantar com Annis. Eu a vi pela última vez com aquela tia dragão dela. Arrastarei Freddie para a valsa, então lhes guardaremos dois assentos na nossa mesa de jantar — ele saiu sem esperar por uma resposta.

Henry não sabia o que o outro homem estava fazendo entrando na briga.

Por que diabos Avington deveria se importar se Henry acabaria enfrentando o jovem Bowman em Hampstead Heath pela manhã?



A última vez que Annis dançou uma valsa foi com Miles e eles estavam demonstrando em uma sala cheia de jovens risonhos.

Esta ocasião foi muito, muito diferente.

Primeiro, o salão estava lotado não com jovens damas desleixadas, mas com as melhores damas da *ton*.

Segundo, o corpo do Sr. Parker estava fazendo sua pele formigar, o que nunca aconteceu com Miles.

Suas mãos enormes eram leves sobre ela e seu rosto estava perto o suficiente para que ela pudesse ver que seus olhos eram uma constelação complexa de verdes e marrons com um anel externo da cor de manteiga derretida.

Seus lábios se curvaram nos cantos e Annis sabia que ela estava olhando fixamente, um péssimo hábito dela, de acordo com suas primas e tia. Ela baixou o olhar para o pé, franzindo a testa para as sapatilhas arranhadas que espreguiçavam por baixo de sua saia.

Eles deslizaram pela pista de dança em silêncio, seus braços fortes, mas gentis, enquanto a guiavam.

— A senhorita está se divertindo, Srta. Bowman?

Próximo daquela forma de seu peitoral maciço, sua voz era um estrondo profundo. E seu perfume era delicioso.

— Que aroma é esse que o senhor está usando?

— É assim que a senhorita diz que gosta do meu perfume, Srta. Bowman?

Ela olhou para os olhos que se iluminaram com diversão.

— O senhor cheira bem — admitiu. — Mas eu não consigo identificar.

— É óleo extraído de bergamota cultivadas nos confins da Europa. Um cavalheiro que conheci na Índia, descobriu que complementava o chá preto.

— Chá? Que extraordinário. Eu gostaria de provar.

Ele sorriu para ela. — Eu acredito que isso poderia ser arranjado.

— Oh, minha nossa, agora o senhor vai pensar que eu estava implorando por uma xícara de chá.

Ele habilmente os guiou em torno de um homem muito jovem e sua parceira de dança alegre. — Eu estava pensando em outras maneiras pelas quais a senhorita poderia prová-lo.

Pelo menos foi o que Annis pensou que ele tinha dito. — Perdão?

— Encontrei um parente seu na sala de jogos — disse Parker, ignorando sua pergunta.

Annis franziu a testa, momentaneamente perplexa com a mudança de tópicos. — Oh. O senhor quer dizer meu primo Percy?

— Então esse é o nome dele.

— Ele foi rude com o senhor?

— Agora, por que a senhorita perguntaria isso, eu me pergunto? — Uma de suas sobranceiras se ergueu de uma maneira que chamou sua atenção. Ele tinha um rosto tão poderoso, ângulos afiados e firmes, mas seus olhos podiam ficar líquidos quando ele estava satisfeito ou feliz. Sua mandíbula era especialmente intrigante, como algo esculpido em pedra. Ela gostaria de tocar sua mandíbula, e seu nariz, também, que era grande e arqueado e muito real. Seus cílios - castanhos escuros com pontas loiras do mesmo tom que os destaques em seu cabelo ensolarado - eram tão longos, grossos e encaracolados quanto aqueles em seu pênei de infância, Pepper.

Pepper.

Annis franziu a testa; ela não pensava em Pepper há anos. O que será que aconteceu com...

— Por que a senhorita parece tão triste, Srta. Bowman?

— Eu estava pensando no meu pônei. Perdoe-me, mas o senhor me perguntou algo, não perguntou?

Ele inclinou a cabeça. — A senhorita tem um *pônei*?

— Não mais. O que foi que o senhor me perguntou, Sr. Parker?

Ele hesitou um pouco antes de responder. — Eu perguntei por que a senhorita presumiu que seu primo foi rude comigo?

— Porque Percy é rude com todo mundo.

A mão dele apertou a cintura dela. — Ele é rude com a senhorita?

— Estou tão abaixo da sua atenção que duvido que ele esteja ciente da minha existência.

— O que no mundo lhe deu uma opinião tão elevada de si mesmo?

— Sua mãe e irmãs, elas o adoram excessivamente. O que ele disse para o senhor?

— Isso não importa, Srta. Bowman.

— Eu gostaria que me chamasse de Annis.

— Mesmo? — Ambas as sobranceiras escuras se ergueram desta vez. — Mas isso não seria um pouco atrevido?

— Talvez, mas seria muito mais simples.

— Mais simples?

— Há três senhoritas Bowmans atualmente habitando este recinto. Além disso, ousou dizer que as veremos muito, se o interesse de Sua Senhoria em Susanna continuar — ela olhou diretamente para onde o conde estava dançando com sua prima. — Esse é o segundo set deles esta noite.

Parker seguiu seu olhar, seus olhos se estreitando de uma forma que o fazia parecer feroz. Na verdade, ele parecia muito com um retrato de Alexandre, O Grande, que ela encontrou em um livro de história grego.

— *Ο κατακτητής του κόσμου* — ela murmurou, estudando o perfil marcante do Sr. Parker.

— Perdão?

— Significa *O Conquistador do Mundo*. É assim que as pessoas chamavam Alexandre, O Grande.

— É mesmo? O que tem ele?

— Eu estava pensando nele, não que eu o conheça, é claro — Annis mordeu o lábio; quanto mais idiota ela poderia parecer?

Sua boca dura se curvou em um sorriso lento. — Eu espero que não, ele está morto já faz um tempo.

— Dois mil cento e quarenta anos.

— A senhorita andou lendo sobre a Grécia antiga hoje? — Havia um brilho divertido em seus olhos.

— Não, hoje eu estava lendo sobre o ano de 1666.

— A senhorita tem gostos ecléticos — disse ele. — Ano interessante, a Grande Peste, não foi?

— E também o Grande Incêndio de Londres.

— Então, um ano para *grandes*, em outras palavras.

— O senhor não acha que deve ter sido uma época emocionante para viver?

Ele riu e o som rico e profundo chamou a atenção de outros dançarinos e observadores. — *Excitante*, talvez, mas não muito confortável.

— Embora a chamemos de Grande Peste, a Peste Negra foi na verdade muito mais catastrófica para a população da Europa.

— Eu achava que era a mesma coisa.

— Não, três séculos as separaram.

— É mesmo? A senhorita é um verdadeiro tesouro de informações interessantes...Annis.

Annis corou com a intimidade de ouvir o nome dela em sua boca. — Estou o aborrecendo? Costumo dar informações estranhas e aleatórias. Temo que o senhor pense que eu seja bastante tola.

— Eu não acho a senhorita tola. Nem entediante. De forma alguma — ele acrescentou, dando-lhe um olhar que enviava sensações de distração para suas partes femininas. — Esta discussão começou com um imperador grego morto há muito tempo, por que isso?

— Na verdade, ele era um rei.

Em vez de ficar irritado por ser corrigido por uma mulher, como a maioria dos homens, ele sorriu. — Muito bem. Por que a senhorita mencionou um rei grego morto há muito tempo?

— Eu acho o senhor parecido com ele.

Ele pareceu surpreso. — De fato? — Seus olhos de falcão a penetraram.

— Sim, o senhor pareceu feroz com Susanna dançando com Lorde Rotherhithe.

— Feroz é?

— O senhor parece feroz agora.

— Feroz como o rei Alexandre, humm — ele estava sorrindo novamente, e era uma expressão provocadora e adorável em seu rosto naturalmente severo.

— Perdoe-me. Minha mãe sempre disse que eu era uma tola da maneira que salto de assunto para assunto.

— Tola? Eu não acho que a senhorita seja tola. Além disso, se salta de assunto em assunto é porque é inteligente, e não tola, concorda?

Ela deu uma risada encantada. — Excelente ponto, Sr. Parker.

— A senhorita deve me chamar de Henry se eu for chamá-la de Annis.

— Mas eu pensei que esse era o nome cristão de Sua Senhoria. Freddie não o apresentou como Colin?

Ele pareceu momentaneamente perplexo. — Ah, sim, *isso* — Colin é o meu nome do meio, que eu uso porque o primeiro nome de Sua Senhoria

também é Henry. Pode ser bastante confuso, então concordei em usar meu nome do meio.

Ela estudou o rosto dele, acostumando-se com a mudança de nome. Ele não se parecia muito com um Colin. — Não parece justo.

— O que não parece justo? — ele perguntou enquanto evitava habilmente uma colisão com um homem que estava girando sua parceira tão rápido que ela deveria estar tonta.

— Que o senhor deveria renunciar a seu nome apenas porque é o mesmo que o da, Sua Senhoria. Nomes são importantes.

— Ah.

Annis não achava que ele parecia convencido, mas isso não seria incomum. Em sua experiência, as pessoas eram muito descuidadas com a linguagem e as palavras.

— Henry.

— Sim, Annis?

— Seu nome é germânico e significa *aquele que governa sua casa*. Estava pensando que combina melhor com o senhor do que Colin. Eu não acho que o senhor se pareça com um Colin.

Seu corpo estava tremendo.

Annis deu-lhe um olhar severo. — Está rindo de mim, Henry?

— Não, de jeito nenhum. Estou feliz porque a senhorita acha que eu pareço um homem que governa sua casa. Como?

— Bem... o senhor tem uma mandíbula e um queixo muito determinados.

— Ah, entendo. Por que eu não pareço um Colin, o que o nome significa?

Ela mordeu o lábio inferior. — Devo admitir que não sei o que Colin quer dizer.

Ele estalou a língua. — Estou muito desapontado em ouvir isso.

— O senhor está fazendo troça de mim agora.

Ele sorriu. — Só um pouquinho.

— O senhor tem irmãos?

— Está saltando de novo, Annis.

Devagar, ela disse a si mesma, e então olhou para cima para vê-lo observando-a, com um sorriso estranho.

— Apenas eu.

— Perdão? — Annis perguntou. — Apenas o senhor o quê?

— Eu não tenho irmãos.

— Oh, sim.

— E quanto a senhorita?

— Eu sou filha única também — e isso provavelmente foi uma coisa boa, dada a quantidade de problemas que apenas uma dela conseguiu causar.

— Lady Sedgwick disse que a senhorita morava com sua avó antes de se mudar para Londres?

— Sim, isso é verdade — ela engoliu em seco e desviou o olhar.

Pensar em sua avó trouxe toda a culpa que ela sentia à tona, e ela odiava

esse sentimento. Deveria agradá-la pensar na pessoa que mais amava no mundo. Mas o Sr. Leech a havia roubado isso.

— O que a trouxe à cidade este ano? — ele perguntou.

— Hmm? O que o senhor perguntou?

— A senhorita morava com sua avó, mas se mudou para Londres. Eu perguntei o porquê?

— Oh, nenhuma razão em particular — ela mentiu.

Ele graciosamente a guiou por um gargalo de dançarinos sem talentos.

— O senhor é um excelente dançarino. Acredito que tenha dançado na Índia?

— Raramente. Lorde Rotherhithe contratou um mestre para nós e praticamos no salão de baile na Casa Rotherhithe na semana passada.

— O senhor está dançando há apenas uma semana? Então é um dançarino *esplêndido*.

— Eu tenho uma parceira *esplêndida*.

Annis tropeçou um pouco.

— Firme — ele murmurou, seu rosto sério, mas seus olhos sorrindo.

— Quais são seus planos agora que voltou para a Inglaterra... Henry?

Seu poderoso ombro encolheu ligeiramente sob a mão dela. — Estou apenas temporariamente servindo como secretário de Sua Senhoria. Tenho uma carta de recomendação de um cavalheiro na sede da Companhia.

— O senhor vai ficar em Londres?

— Possivelmente.

— O senhor disse que tinha família aqui, mas não vai visitá-los?

Algo indecifrável cintilou em seu rosto. — Eles são parentes distantes.

— Ah — eles dançaram por um momento em silêncio, Annis era incapaz de desviar o olhar de seus pés. Eles estavam se movendo em uma harmonia tão perfeita; era bastante hipnotizante.

— E a senhorita, Annis? Vai visitar sua avó em breve?

— Não, provavelmente não até... — Annis mordeu o lábio, segurando as palavras *que eu fique noiva ou me case*.

— Até?

— O que o senhor fará na Companhia? — ela perguntou, ignorando a pergunta dele.

— Mover pilhas de papel de um lado para o outro.

Annis analisou a resposta dele.

— Pronto, eu sabia que isso faria com que a senhorita olhasse para mim, em vez de para meus pés.

Seu rosto aqueceu e ela sabia que sua pele pálida estava manchada e vermelha.

— No que estava pensando, Annis?

— Eu estava desejando que essa dança nunca terminasse.

Homessa! Por que eu disse isso?

Seus olhos se arregalaram e sua mão se apertou.

— Eu só quis dizer que eu amo a valsa e danço tão raramente — ela esclareceu.

Ele assentiu, com um leve sorriso nos lábios.

E então a música aumentou, e a valsa mais adorável que Annis já dançou acabou.



O rosto de Henry doía; ele não sorria tanto há anos. Sua pequena e estranha parceira de dança era totalmente encantadora, sua maneira de conversar adorável e revigorante. Um homem nunca saberia o que Annis Bowman poderia dizer a seguir.

Ele ainda estava sorrindo enquanto levava Annis para a sala onde as mesas estavam preparadas para o jantar, um enorme banquete ao longo de uma parede com comida suficiente para alimentar uma aldeia por um mês.

Henry levou Annis em direção à mesa onde Avington e Lady Sedgwick estavam sentados.

O conde se levantou quando se aproximaram. — Senhoritas, relaxem; Parker e eu seremos seus criados.

— A duquesa não está economizando, está? — Avington perguntou baixinho enquanto ele e Henry tomavam seus lugares em frente ao buffet lotado, onde lacaios carregavam pratos na direção dos convidados.

— Nem todos os bailes são como este? — Henry perguntou, gesticulando para o opulento excesso de comida rica, milhares de velas, enormes vasos de plantas e exibições florais quase sufocantes.

— Eu não me lembro de nada tão luxuoso — admitiu Avington. Ele assentiu para o lacaios que se aproximou deles e disse a Henry. — O que acha, Parker? Uma amostra de todos os pratos?

— Parece perfeito — Henry concordou, sorrindo para o lacaios.

Avington voltou-se para Henry enquanto um lacaios enxia seus pratos. — O último baile da *ton* que participei foi há anos, antes de me alistar no exército.

Henry não pôde deixar de notar que o casaco de festa do conde - embora requintadamente cortado e de material fino - brilhava com o frequente passar. Havia uma história ali, mas Henry podia dizer pelo tom reservado do homem que não tinha pressa de compartilhá-la.

Colin se levantou entre eles. — Eu digo, milo...er, Parker, isso está muito divertido, não é? — Suas bochechas pálidas estavam coradas e seus olhos brilhavam.

— Estou feliz que esteja se divertindo, milorde.

— Quem não ficaria depois de ficar preso em Dacca com todos aqueles paus secos nas festas da Companhia? — Colin acenou vigorosamente para o lacaios mais próximo, que já estava ocupado com outra pessoa. — Ei, rapaz! — Ele estalou os dedos quando o lacaios continuou servindo seus convidados.

— Eu quero dois pratos e não seja modesto.

Henry respirou fundo.

— Não gostava da Índia, Rotherhithe? — Avington perguntou. — Não imaginei, já que ficou lá por vinte anos.

Henry quase podia ouvir as peças do quebra-cabeça se encaixando na cabeça de Colin enquanto se lembrava de quem ele deveria ser.

— Er, sim, isso. Mas não muito em Dacca. Eu preferia estar em Sheesham Bagana, minha grande propriedade no campo — Colin deu a Henry um de seus sorrisos ansiosos de spaniel e depois se inclinou para mais perto. — Já conheceu as primas da Srta. Bowman? — ele perguntou em um sussurro alto o suficiente para ser ouvido nas docas das Índias Orientais. — A mais nova, não consigo me lembrar seu nome agora, de qualquer forma, viu a prateleira de mercadorias que ela...

Henry apontou para o lacaio, que segurava dois pratos em sua direção.

— Por favor, pegue seus pratos.

— Oh, muito bom — Colin olhou para os pratos bem carregados e sorriu. — É melhor eu ir andando — disse ele a um Avington paralisado. — Espero chegar ao coche pelo menos mais uma vez antes de voltarmos para aquele mausoléu — e então ele foi embora.

— Ele parece estar se divertindo — comentou Avington suavemente.

— Sua Senhoria tem uma natureza gregária — disse Henry, seu eufemismo ganhando uma risada estrondosa do outro homem.

— Bem, é bom ver alguém gostando de tudo isso — disse Avington.

— O senhor não está, milorde?

— Não, mas é melhor eu aprender a gostar. Rapidamente.

Antes que Henry pudesse aprofundar, o lacaio voltou com seus pratos de comida.

O coração de Henry afundou quando viu que Colin havia encontrado o caminho para a mesa deles e trouxe uma das Bowman com ele - a mais jovem, ele achava. Ainda assim, ele supôs que era bom manter seu empregado por perto, já que ele estava provando ser não apenas um idiota mal-educado, mas algo como uma ameaça social.

Henry colocou um prato na frente de Annis e sentou-se ao lado dela, com Avington do outro lado. O olho da Srta. Susanna Bowman disparou entre Annis e Henry, um sorriso desagradável se formando em sua linda boca.

Lady Sedgwick, uma mulher com vastas reservas de paciência, conduziu a conversa da mesa ao longo de linhas que não deram a Colin a chance de dizer nada muito chocante ou insano. Entre a condessa e Avington, a conversa fluiu, o que deixou Henry livre para observar Annis.

Ela comeu seus bolinhos de lagosta primeiro e colheu o resto de sua comida. Ela era uma coisinha tão delicada. Ele não achava que ela parecia muito forte ou saudável.

Henry cutucou o prato na direção dela.

Annis se afastou de Avington, que acabara de dizer algo para fazer os

outros rirem.

— Pegue os meus bolinhos — disse ele.

Seus olhos ridiculamente bonitos baixaram para o prato dele antes de saltar de volta. — O senhor não os quer?

Ele balançou a cabeça.

Ela os removeu um por um com o garfo. — Obrigada.

Henry percebeu que estava olhando para a boca dela e imaginando-a fazendo outras coisas além de comer bolinhos de lagosta.

Senhor, mas ele era um cão! A mulher era claramente uma inocente.

Ele puxou o olhar da boca dela e fixou-o em seus olhos - não era uma dificuldade. — Diga-me, Annis, a senhorita tem horas livres?

Ela limpou os lábios com o guardanapo cor de damasco e depois lançou um rápido olhar para a prima - como se quisesse ver se estava ouvindo. — Raramente. Mas, e o senhor? Seus deveres para com o conde o mantêm ocupado?

Henry demorou um momento para se lembrar de que era um secretário, não um nobre rico e independente. Às vezes, ele era tão cabeça de vento quanto Colin. — Eu tenho a tarde ocasional para mim. Talvez possamos passear no parque algum dia?

Ela parecia tão surpresa com as palavras quanto Henry se sentiu proferindo-as. — O senhor quer dizer em sua carruagem? Ou no cabriolé?

— Qual a senhorita prefere?

— Oh, eu...

— Annis.

Ambas as cabeças se ergueram com a voz nasal e desagradável.

Os belos olhos da Srta. Bowman brilhavam com despeito enquanto ela olhava de Annis para Henry. — Deixei o meu leque na sala de descanso. Apresse-se e traga para mim.

A mesa inteira ficou em silêncio.

Uma onda de raiva inundou Henry; que megera maldita.

Ele estava prestes a se virar para Annis e dizer para ela - bem, ele não sabia exatamente o que, mas ela se levantou antes que ele pudesse falar.

— Claro, prima Susanna.

Lady Sedgwick estava com ela. — Vou acompanhá-la, Annis. Receio ter pisado no meu babado e preciso de alguns de seus alfinetes.

Essa era uma mentira se Henry já tivesse ouvido uma; a condessa era a mulher mais graciosa que ele já conheceu. Claramente, Lady Sedgwick tinha um coração de ouro por trás de sua aparência gelada.

Os homens retomaram seus assentos depois que as duas mulheres saíram da mesa.

Colin, alheio às tensões que o cercavam, voltou-se para Susanna Bowman.

Avington inclinou-se para Henry e disse em voz baixa: — Não pode permitir que isso o incomode, Parker.

Estranhamente, Henry não ficou surpreso que o outro homem soubesse o

que estava sentindo. O conde parecia um boneco bonito e sem cérebro, como Colin, na verdade - mas Avington se importava com aqueles ao seu redor.

— É uma maneira miserável de viver, ser um dependente pobre — Henry finalmente disse, algo que ele sabia por experiência própria. — Não há nada que alguém possa fazer?

O que Henry realmente quis dizer foi: por que não se casa com ela, já que ela obviamente está apaixonada?

Os olhos alegres de Avington estavam escuros enquanto seguiam as duas mulheres. — Um homem com dinheiro poderia fazer muita coisa — ele deu a Henry um sorriso autodepreciativo. — Mas é isso que nos falta, não é, Parker, dinheiro?

Ele não esperou que Henry respondesse, o que era bom, já que Henry estava se sentindo um pouco como um rato sorrateiro, já que ele tinha muito dinheiro.

— Eu faria qualquer coisa para salvá-la — disse o conde, sua voz pulsando de emoção. — Para salvar as duas — ele emendou com um rápido olhar para Henry. — Mas não posso.

O lampejo de dor nos olhos do outro homem confirmou as suspeitas de Henry: Avington amava Annis tanto quanto ela parecia amá-lo.

Amargura e piedade giraram em sua barriga enquanto ele estudava o par empobrecido. Ele só conheceu o homem algumas horas atrás, mas sabia instintivamente que ele era honrado e gentil. Ele seria para Annis um excelente marido, mas primeiro ele teria que desistir de seu objetivo de uma esposa rica.

— Nem todo mundo vai se sacrificar por dinheiro — disse Henry.

Era o máximo que ele estava disposto a dizer. Se o outro homem não entendesse o tesouro que ele estava desistindo para poder se casar com uma mulher rica, então Henry não tinha tanta certeza de que Avington merecia Annis Bowman.

Avington voltou seus olhos surpreendentemente azuis para Henry, uma expressão angustiada neles. — Não, nem todo mundo se sacrificará por dinheiro, Parker. Mas eu vou.



Capítulo Sete

Os dias e as noites de Henry passaram em um borrão de frivolidade que o desgastava a cada hora que passava.

Não só cada função era mais tediosa do que a última, mas Henry suspeitava que Annis Bowman - a única pessoa que poderia ter tornado a *ton* superficial, suportável - estava propositadamente sendo mantida longe dele.

Por um lado, provavelmente era melhor que Annis não estivesse por perto. Afinal, ela estava apaixonada por outro homem. Mas, por outro lado, ela o divertia e ele gostava dela. Henry raramente encontrava pessoas de quem gostava, e ele simplesmente não conseguia esquecê-la, mesmo que tudo o que ela fosse ser, seria apenas uma conhecida.

Há anos - desde que Henry ganhou muito mais dinheiro do que poderia gastar em cinco vidas - acostumou-se a conseguir tudo o que queria. Por isso, não gostava que lhe negassem nada. Especificamente, não gostava que lhe negassem a companhia de Annis.

Nas duas semanas desde o baile de Tinley, ele viu Annis apenas duas vezes, e ambas as vezes brevemente, antes que um de seus familiares desagradáveis encontrasse algum uso para ela e a levasse embora.

E isso era outra coisa.

De todas as mulheres que Colin poderia ter se apegado, ele escolheu uma das bruxas Bowman. Ou melhor, *elas* o escolheram, fisionomia Colin tão facilmente quanto fariam com uma carpa faminta.

Susanna Bowman - com a ajuda de sua mãe e irmã - estava agarrando Colin da forma mais grosseira possível, enquanto também cortava a competição.

E *era* uma competição; os gladiadores romanos não deviam nada para o espírito de luta até a morte que permeava os eventos da *ton*. Colin era aquela besta rara: um aristocrata rico, elegível e bonito. Ele ser um imbecil só o tornava mais atraente para mulheres como Susanna Bowman, porque elas podiam dobrá-lo e moldá-lo à sua vontade.

Para ser honesto, ele não teria sido capaz de passar muito tempo com Annis se ela *tivesse* participado dos vários eventos, porque Colin mantinha Henry ocupado, certificando-se de que o idiota não ficasse noivo inadvertidamente.

Mas Henry estava farto.

Se Annis não estivesse neste maldito baile esta noite, ele iria providenciar para que Lady Sedgwick aplicasse uma pressão desagradável sobre a Sra.

Agnes Bowman. Se ele não visse Annis em breve, sua tia não receberia nem um convite para o baile anual dos varredores de rua, se tal coisa existisse.

De fato, se Annis não estivesse no baile de Penistone esta noite, Henry não esperaria para enviar uma mensagem via Colin; ele falaria com a condessa naquele momento.

Idealmente, era Colin quem deveria fazer tais pedidos a Lady Sedgwick, mas o homem era tão idiota que não conseguia apertar a própria mão sem fazer confusão, então Henry *retransmitiria* os pedidos de seu empregador.

O baile de Penistone era um dos maiores da Temporada, e Henry e Colin receberam um cobiçado convite para jantar. No entanto - graças a um infeliz incidente com um garfo de ostra e o turbante de uma duquesa viúva em seu último jantar - eles enviaram suas desculpas dizendo que comeriam em casa aquela noite.

Honestamente, monitorar o comportamento de Colin em uma mesa de jantar era mais do que Henry poderia suportar naquele momento.

De fato, Henry sentiu como se tivesse observado Colin a vida toda. Ele estava com sérias dúvidas de que poderia durar a temporada. E realmente, havia algum ponto? Ele já havia provado a si mesmo o que sempre suspeitou: essas pessoas o desprezavam, assim como ele sabia que o fariam.

Embora ele tivesse dançado ocasionalmente - geralmente porque os homens eram muito procurados - ele não se envolvia em uma conversa que valesse a pena lembrar desde aquela valsa com Annis.

Algumas semanas em Londres fizeram muito para reafirmar sua crença de que o beau monde só respeitava o dinheiro e a posição. Nada mais existia para essas pessoas e ele começou a acreditar que seria melhor apenas ir para o continente e encontrar um lugar para morar.

Ele certamente não tinha intenção de visitar a propriedade da família em Yorkshire. Por que teria? Ele não tinha nada além de terríveis lembranças de Stoke.

E então havia o fato de que Julia morava lá.

Henry recebeu um fluxo constante de cartas da *querida* Julia implorando - ou melhor, exigindo - antes mesmo de deixar a Índia. A viúva de seu primo havia decidido que Henry era o mesmo tolo ferido e servil que ele tinha sido vinte anos atrás, mas agora ele também era a vaca leiteira pessoal de Julia.

Todas as cartas da condessa incluíam duas coisas: Henry precisava voltar para Yorkshire *imediatamente*, pois assuntos importantes não podiam ser resolvidos sem sua presença; e Henry precisava instruir o mordomo no Castelo de Stoke a liberar amplos fundos para Julia *imediatamente*.

Henry não se preocupou em escrever e dizer a ela que não tinha intenção de pisar em Stoke - ou Yorkshire - enquanto vivesse. Nem distribuiria dinheiro.

Ele escreveu ao administrador sobre Julia, suas instruções eram claras: o único dinheiro que Milner deveria dispersar para Lady Rotherhithe era a quantia trimestral de sua união. Ela poderia ocupar a Dower House se

quisesse. A Dower House era um chalé pequeno e com correntes de ar, e Henry sabia que Julia nunca iria querer viver em um lugar como aquele. Ela era bem-vinda para continuar morando em Stoke, mas ele também duvidava que ela quisesse morar lá. O que ela queria - o que ela *sempre* quis desde que era uma garota - era morar em Londres.

Até onde Henry sabia, ela nunca visitou a cidade. Não surpreendeu Henry que seu primo Charles nunca dera a Julia o que ela sonhava. Seu tio já havia vendido ou hipotecado tudo de valor antes que seu primo assumisse o condado. Charles teria que escolher entre levar sua esposa para Londres *ou* caçar. Que Charles tinha morrido enquanto caçava, disse a Henry qual tinha sido sua escolha.

Ele fez uma careta com o reflexo enquanto ajustava a gravata uma última vez. Por que diabos ele estava pensando em Charles e Julia? Não havia nada que o deixasse de mau humor mais rapidamente.

Henry tirou uma partícula de poeira de seus sapatos de dança e olhou-se no espelho, estava frugalmente vestido.

Isso era outra coisa que ele estava cansado: vestir-se com roupa de funcionário. Ele trabalhou duro para poder usar o melhor, e estava cansado de usar trapos baratos.

E de quem é a culpa?

Henry revirou os olhos para seu amigo imaginário, recusando-se a cair na isca.

Ele deixou seus aposentos e foi para a sala de jantar, onde encontrou Colin se examinando no espelho sobre a lareira.

Quando Colin se virou para ele, Henry o olhou nos olhos. — Bom Deus! *O que é isso?*

Colin tentou se ver sem estragar a confecção ao redor do pescoço, que parecia ter sido feita de vinte metros de linho. — Quer dizer meu colete?

Henry não teria chamado aquilo de colete; ele não tinha certeza do *que* teria chamado além de, uma abominação. Estava estampado em marrom-arroxeadado, com diamantes e coquelicot (papoula), e fez com que ele parecesse um arlequim.

— Onde *diabos* conseguiu isso? — ele exigiu.

— Em Nugee, velho amigo! Gostou?

— Não.

— Ah — uma expressão machucada e magoada substituiu o sorriso perene de Colin, fazendo Henry sentir como se tivesse acabado de golpear um cachorro com um jornal.

Ele cedeu. — Certamente é... incomum — era o melhor que ele podia fazer. A verdade era que Colin parecia exatamente como o tolo que ele era com as pontas do colarinho absurdamente altas e uma gravata larga espalhafatosa acima do colete horrível.

Deixe-o se divertir. Tudo terminará em algumas semanas.

Pela primeira vez, Henry ouviu a voz sem discutir.

— Uma bebida? — Henry perguntou a Colin, que estava de volta olhando seu reflexo no espelho, com a testa profundamente franzida.

Ele não conseguia virar a cabeça, então moveu todo o tronco em direção a Henry. — Hum?

Henry pegou um decantador.

O rosto de Colin se iluminou, seus problemas deslizando como água das costas de um pato. — Ah sim, muito bom. O que quer que se o senhor esteja bebendo.

— Então — Henry disse enquanto servia, — como foi sua visita a casa? — Henry insistiu que Colin fizesse uma visita à família hoje. Eles moravam há apenas uma hora de distância de Londres, mas o homem não tinha ido vê-los, embora ele tivesse estado fora quase cinco anos.

Colin se aproximou dele e aceitou o copo, fazendo com que Henry notasse os enormes punhos das mangas apertadas pela pele de seu casaco.

Ele mordeu a língua. Afinal, o que ele poderia fazer? Mandá-lo para o quarto para que se trocasse? Provavelmente ele viria em algo ainda pior, embora o que poderia ser pior ele não conseguia pensar. O maldito alfaiate que fez isso com ele merecia ser chicoteado. Henry tinha em mente ir até a loja do homem no dia seguinte e tirar satisfação.

— Está tudo bem no vicariato — disse Colin, empregando um tom pomposo que deixou os dentes de Henry nervosos. — Minha irmã mais nova se casou com o charlatão local e antes que perceba haverá um pirralho a caminho. Minha irmã mais velha ainda toma conta da casa para meu pai, que tem em mente aposentar ano que vem.

— E o que um vigário faz quando não é mais um vigário?

— Ele, sem dúvida, passará seu tempo cercado por pilhas de livros velhos.

— Seu pai é um homem de letras?! — Henry perguntou, incapaz de mascarar sua surpresa. O pobre coitado deve olhar para Colin e se perguntar o que deu errado.

— Não sei por que não puxei a ele — disse Colin, ecoando inconscientemente os pensamentos de Henry. — Eu culparia os modos estranhos de mamãe se eu não me parecesse tanto com o velho pai.

Henry só podia olhar maravilhado e nenhum pouco surpreso: o homem não tinha absolutamente nenhum filtro entre o cérebro e a boca.

— Então, quando voltou?

— Pouco depois das três.

— Foi e voltou até às *três* da tarde?

Colin deu de ombros, virando um pé de um lado para o outro na frente dele, admirando seu sapato.

— Por que voltou tão rápido? — Henry estreitou os olhos. — Não voltou para o Whites, voltou? — Henry ficou furioso quando soube que Colin estava à beira de colocá-lo para ser membro do clube de cavalheiros Tory.

— Er, não, voltei a tempo de ir àquela Lady encalhada... — ele parou, uma carranca estragando seus belos traços. — Bem, maldição, eu não consigo

me lembrar o nome dela a não ser que ela usava o turbante chartreuse mais horrível que já vi.

Henry não achava que Colin tinha muita autoridade quando se tratava de moda. Ele abriu a boca para repreender o outro homem sobre ir a *qualquer* reunião sem Henry presente, mas decidiu não se incomodar.

— Eu me lembro que ela morava em uma casa cinza ou branca — acrescentou Colin, descrevendo metade das casas em Londres. — Ou talvez fosse tijolo vermelho? — Ele deu de ombros e arrastou o punho por cima do copo de uísque.

Henry abriu a boca para alertá-lo para tomar cuidado, mas era tarde demais.

Colin olhou para baixo. — Oh, que maçada! — Suas sobrancelhas mergulharam, e ele ergueu o punho âmbar encharcado até a boca e começou a chupar o tecido.

— Venha — Henry disse severamente. — Vamos jantar. Vou pedir a Flitwick que traga um babador.



Assim que terminaram de jantar e Colin mudou sua camisa, eles se atrasaram uma hora para o baile.

O Barão Penistone e sua senhora esperaram em frente o salão duas vezes maior do que o da House Rotherhithe, e o barão cumprimentou Colin como se os dois homens fossem velhos amigos.

— Arrojado, velho, arrojado! — Penistone disse, ele mesmo ostentando um colete revoltante de verde limão e lavanda.

Lady Penistone, usava um olhar sofrido que falava de décadas de paciência, e coletes horríveis.

Henry seguiu Colin na onda de som, calor e luz, e eles pegaram taças de champanhe de um lacaios vestido com uma farda amarela atroz, e depois fizeram uma pausa para recuperar o fôlego.

O enorme salão estava lotado com todos os da nata da sociedade londrina. Aqueles que tentavam dançar estavam tão abarrotados com espectadores que nem se incomodavam. O calor era sufocante e um miasma de perfume, suor e desespero pairava sobre o salão cavernoso. Desespero porque, havia apenas dezenove dias restantes antes que a maioria do beau monde abandonasse a cidade em massa para suas casas de campo. Se uma pessoa não fosse prometida até o final da Temporada, provavelmente levaria mais nove ou dez meses até que ela tivesse outra chance.

Como Henry era mais alto do que a maioria dos outros convidados, ele podia ver as cabeças reunidas em direção às portas francesas que compunham uma parede do salão de baile. Eles estavam abertos para a noite, mas era uma noite extremamente cheia e o ar se recusava a circular.

— Oh, veja! Ali está a Srta. Bowman e a Srta. Susanna Bowman.

Henry olhou para onde Colin estava apontando grosseiramente, na esperança de encontrar uma terceira Srta. Bowman, mas a cabeça loira distinta de Annis não estava em lugar algum.

Colin acenou para as irmãs, pulando para cima e para baixo sobre seus sapatos e sorrindo fatalmente, todos os hábitos que nem Lady Sedgwick tinha sido capaz de quebrar.

Henry não conseguia entender como Colin podia suportar as duas irmãs e sua mãe dominadora, a quem Henry coletivamente se referia como as Três Bruxas na privacidade de sua cabeça.

— Ora, a Srta. Susanna não está *linda*? — Colin disse. Quando Henry não respondeu, Colin continuou. — Ela está tão... tão... maldição, Parker, eu simplesmente não consigo pensar na palavra adequada para descrevê-la.

Henry conseguia pensar em algumas, mas duvidava que fossem as mesmas, iludindo seu empregado cabeça de vento. A coisa mais civilizada que Henry poderia dizer sobre a mulher era que ela era adorável - desde que não se olhasse muito de perto seus belos olhos, que eram mais nítidos do que os de um agiota, ou ouvisse as palavras ácidas que escorriam de seus lábios bem torneados.

Henry acabara de abrir a boca para emitir algumas palavras de advertência sobre não desaparecer em *nenhum* lugar com *nenhuma* jovem quando apareceu uma matrona empurrando uma jovem de compleição pálida em direção a Colin.

— Boa noite, milorde. Eu estava...

— Ah, sim — disse Colin vagamente, empurrando o copo vazio nas mãos da mulher sem olhar para baixo. — Eu adoraria outro, muito agradecido — ele murmurou, disparando suas mangas extravagantes e depois se debatendo como um pega-rabuda em direção ao objeto de sua atenção.

A mulher atordoada segurou o copo vazio com os dedos flácidos enquanto olhava para Colin, com a mandíbula pendurada.

Henry tirou o copo de sua mão irresistível e ela girou lentamente em direção a ele, só então notando sua presença.

Ele sorriu para o rosto chocado dela. — Receio que terá que desculpar Sua Senhoria por não a ouvir, senhora, pois ele é bastante surdo daquele lado.

Suas sobranceiras prateadas se ergueram. — Ele é?

— Sim, receio que sim.

— Não! E um homem tão *jovem* — ela e sua companheira olharam para onde Colin estava conversando com a Srta. Susanna Bowman.

Colin estava usando as mãos para descrever algo para ela. Um de seus braços acenando disparou diretamente no caminho de um lacaios segurando uma bandeja carregada de taças de champanhe.

O lacaios recuou apressadamente para evitar ser atingido, uma ação que o fez esbarrar em uma mulher de aparência feroz usando uma enorme pena de pavão na cabeça.

Henry e as mulheres ao lado dele ofegavam ao passo que o pavão se

movia do lado de um jovem de rosto vermelho que dançava a quadrilha como se fosse uma Highland Fling.

O dançarino cambaleou para trás para evitar esmagar sua parceira. No processo, ele acabou acertando o homem do outro lado, *derrubando-o* em uma multidão de espectadores com força suficiente para esparramá-los pelo chão de madeira.

Alguém dentro da multidão que se contorcia deve ter empurrado o mesmo laçao infeliz com as taças, que de alguma forma recuperou o equilíbrio sem derramar uma gota, e o som de gritos femininos e cristal quebrado podia ser ouvido mesmo durante a máxima da orquestra.

— Meu Deus — a mulher ao lado de Henry murmurou, a mão levantada até a boca, os olhos arregalados voltados para o pandemônio.

Colin, majestosamente inconsciente da série caótica de dominós que ele sem saber iniciou, levou Susanna Bowman em direção às portas francesas.

Maldição!

O que Henry havia dito - pelo menos cem vezes - sobre *não* deixar o salão de baile com uma mulher?

Henry entregou as taças vazias de champanhe dele e de Colin para a mulher ainda de pé ao lado dele, ignorando seu suspiro indignado enquanto ele se dirigia para seu empregado desaparecido.

Minutos preciosos passaram enquanto ele fazia seu caminho através da multidão, seus cotovelos e joelhos lhe rendendo inimigos vitalícios.

Atormentado e suando, ele chegou ao outro lado do salão e descobriu que Colin havia parado dentro das portas francesas e estava exibindo seu novo colete para um grupo de jovens admiradoras.

A Srta. Bowman ficou de pé ao lado de Colin, os braços cruzados e batendo o pé, seus olhos se estreitaram com desagrado.

Henry parou perto o suficiente para ficar de olho neles, mas não muito perto para ser notado.

Felizmente, mais duas jovens se juntaram ao grupo, e ficou claro - tanto para Henry quanto para a Srta. Susanna Bowman - que afastar Colin de sua horda admiradora e atraí-lo para os jardins agora era improvável.

Henry suspirou aliviado, mas o sentimento era fugaz. Ele pode ter impedido Colin de fazer algo tolo aquela noite, mas e amanhã à noite? E todas as outras noites?

Ele afastou o assunto irritante de sua mente e voltou seus pensamentos inteiramente para outro assunto: Annis Bowman.

— Onde diabos está se escondendo, Annis? — ele murmurou baixinho enquanto varria o salão com os olhos.

Ele não fez uma, mas três varreduras pelo salão de baile, mas não viu sua presa.

Era, Henry decidiu com um sorriso sombrio, hora de parar de esperar que Annis viesse até ele.

Amanhã ele iria até *ela*.



Capítulo Oito

Na manhã seguinte ao baile de Penistone, Annis se viu livre pela primeira vez em semanas.

Suas primas e tia se levantaram tarde aquele dia e em seguida foram para uma festa de jardim de Lady Sissington.

Embora o nome de Annis tivesse sido incluído no convite, sua tia disse que ficariam esmagadas na carruagem se Annis fosse junto.

Tia Agnes andava dando desculpas semelhantes para excluir Annis dos eventos desde o baile de Tinley. Sua tia e primas estavam sendo implacáveis nas repreensões nos dias que se seguiram ao baile.

— Como *pôde* dançar com aquele homem? Atirando-se a um mero empregado dessa maneira sem vergonha? — exigiram. — Ouvi dizer que a Companhia o demitiu na Índia. Ouvi dizer que sua mãe era copeira e o pai um vendilhão. Não tem dignidade? Se não por si mesma, ao menos considere *nostros* sentimentos sobre o assunto — acusaram.

Elas a cansavam tanto que Annis ficou grata por não ter sido incluída no evento do dia, mesmo que isso significasse que ela se tornasse uma escrava nas mãos da costureira e tivesse trabalhado sem parar nas bainhas dos vestidos a manhã inteira.

Mas a tarde ela estava livre!

Annis aproveitou a oportunidade para dar uma escapadela antes que a costureira a encontrasse novamente. O destino do dia era a biblioteca de Hookham, a única extravagância que ela não conseguia abrir mão.

Ela estava pronta para devolver as *Memórias de Madame de Hausset*, que havia sido criada pessoal de Madame de Pompadour. Annis achou seus comentários sobre as ridicularidades da corte francesa muito mais cansativas do que excitantes.

Embora a biblioteca de seu tio fosse rica com certos tipos de livros, por exemplo, melhorias de tratados; biografias e romances não eram abundantes. Após a noite no baile de Tinley – mais especificamente – após os momentos animados que passou com *Henry*, ela precisava de uma leitura leve para parar de pensar nele.

Annis disse a si mesma que deveria estar grata por não ter podido dançar ou falar com ele novamente. Afinal, por que se atormentar passando mais tempo com ele quando um pobre empregado simplesmente não poderia fazer parte do seu futuro?

Não que seu breve conhecimento de *alguma forma* sugerisse que Henry

visse Annis como uma perspectiva de casamento.

Mas seu cérebro era um órgão com vida própria e ela ainda não conseguia parar de pensar nele. Ela até mesmo começou a *sonhar com* ele; sonhos que a faziam corar e se contorcer apenas por se lembrar deles.

O primeiro e único namorado de Annis foi o Sr. Leech. Embora ele a tivesse tratado de forma vil - criminosa na verdade - ele havia feito uma coisa que ela não se arrependia: amor com ela, não uma, mas várias vezes.

Annis adorava essa frase: fazer amor.

Era lamentável que a frase fosse muito mais impressionante do que a ação em si.

Mas se a experiência não tivesse sido tudo o que ela esperava - de fato, seus poucos *interlúdios* foram desconfortáveis, rápidos e estranhos - Annis se consolou com o fato de que ao menos não iria para o túmulo sem nunca conhecer o amor físico.

Por mais breves e insatisfatórios que fossem os episódios, eles *havam* acordado algo dentro dela, algum tipo de consciência do prazer que seu corpo era capaz, mesmo que ela não tivesse experimentado com o Sr. Leech.

Claro, havia um custo considerável para essa descoberta; agora ela precisaria confessar seu estado impuro ao Sr. Norburg na noite de núpcias.

Faria isso de antemão se não fosse tão completamente desprovida de escrúpulos.

Annis não poderia argumentar com essa acusação. Mas não havia motivo para se preocupar com o casamento dela antes do Sr. Norburg fazer o pedido. Então sua mente, como um cavalo obstinado, se esquivou do pensamento desagradável e voltou para Henry.

Em seus sonhos perversos, era Henry, em vez do Sr. Leech, fazendo aquelas coisas com ela. Ela imaginou que *fazer amor* com Henry seria uma experiência muito diferente comparada com a que teve com o Sr. Leech.

É melhor aproveitar suas fantasias, minha querida, porque isso é tudo que poderá desfrutar dele.

Sim, isso era verdade. Dolorosamente verdade.

Annis tinha acabado de entrar na Duke Street quando uma carruagem apareceu ao seu lado. Quando olhou para cima viu Henry sorrindo para ela, como se o tivesse conjurado com seus pensamentos perversos.

— Sr. Parker! — disse ela estupidamente.

Ele tirou o chapéu. — Pensei que tivéssemos concordado que me chamaria de Henry.

— O senhor está passeando? — Mais uma pergunta estúpida, já que ele a estava olhando de cima de um phaeton que parecia duas vezes mais alto do que o normal.

Em vez de apontar a obviedade de sua pergunta, ele sorriu. — Espero que possa me perdoar por não descer, mas esse par de brincalhões aqui estariam a meio caminho de Newcastle se tivessem a chance.

— O senhor está indo para o parque? Se sim, está na direção errada.

Ele olhou de um lado para o outro na rua. — Eu estou? Talvez a senhorita possa vir comigo para me mostrar o caminho certo.

— Ir com o senhor?

— Eu a convidei para um passeio no parque no baile de Tinley, mas a senhorita desapareceu sem dar uma resposta.

Ele estava gentilmente ignorando o motivo de seu desaparecimento abrupto naquela noite: a exigência de sua miserável prima, que Annis buscasse sua bolsa. Imediatamente após *aquela* tarefa inútil, sua tia precisou de algo, e então Miriam, até que finalmente a noite acabou sem que ele a visse novamente.

— Sinto muito por ter deixado o jantar tão abruptamente aquela noite.

— Eu também sinto muito. Eu esperava refazer a oferta quando Sua Senhoria e eu visitamos a casa de sua tia - duas vezes -, mas a senhorita sumiu da face da terra desde então.

Annis se animou com a expressão idiomática, depois viu seus lábios se contorcerem em um sorriso.

— O senhor fez isso de propósito, não foi, Sr. Parker?

Ele sorriu. — Sim, culpado. E me chame de Henry. Se a senhorita vier comigo, pode me dizer a origem dessa expressão fascinante.

— Eu pensei que Sua Senhoria havia sido convidado para a festa do jardim hoje? — Annis perguntou.

— Sim, nós fomos.

Sua voz foi tomada por pânico. — E já acabou? — A tia dela ficaria furiosa se não a encontrasse em casa.

— Sua Senhoria ainda está na festa, apenas eu que sai mais cedo. Não precisa se preocupar, sua tia e suas primas devem ficar mais algumas horas — ele estendeu uma mão, coberta por um couro preto. — Venha, permita-me ajudá-la a subir.

Annis olhou para seus olhos mutáveis, que estavam mais escuros hoje - uma mistura fascinante de âmbar, ouro e marrom - e estavam perdendo o bom humor quanto mais ela o fazia esperar.

Mas ainda assim ela hesitou, a rigidez de sua tia para que ela não fizesse nada para alienar os afetos do Sr. Norburg, passou correndo na sua cabeça.

Mas o Sr. Norburg nunca ficaria sabendo sobre um passeio no parque, certo?

A mão de Henry acenou e sua expressão endureceu ainda mais. Annis temia que ele estivesse vendo a sua hesitação como evidência de que ela teria vergonha de ser vista com ele, como suas primas lhe disseram que deveria ser.

Ela afastou seus receios e levantou a mão.

— Boa menina — disse ele. — Coloque o pé nesse degrau e eu a ajudo a subir.

Quando ela fez o que ele pediu, ele a puxou como se ela fosse uma boneca.

— Aqui, sente-se ao meu lado, há bastante espaço.

Annis nunca tinha estado em um phaeton antes; era como ver o mundo de cima de uma nuvem. O assento estreito era almofadado e macio, coberto por couro preto com diamantes, o encosto e o trilho lateral insubstancial a fazia se sentir como se fosse cair.

Ele se moveu ligeiramente, sua coxa musculosa esfregando contra a sua muito menor enquanto tentava abrir mais espaço para ela.

— Está confortável? — Henry perguntou.

Seu rosto estava muito perto, e ela podia ver o anel de ouro ao redor de sua íris mutáveis. Ele era muito grande e masculino, muito mais do que o Sr. Leech, que era bonito, mas magro e com suas construções finas, e algo em sua mandíbula esculpida e lábios cheios e firmes fez todo o seu corpo vibrar de excitação. Uma reação que ela nunca experimentou com o Sr. Leech. Ou o Sr. Norburg.

Ela piscou para ele, enquanto sensações poderosas giravam em sua barriga. Seu cheiro era tão bom, e a bergamota provocou suas narinas. Seu corpo firme e caloroso se pressionou contra ela e...

— Annis? — Seus olhos se enrugaram com uma mistura de preocupação e divertimento. — A senhorita está confortável?

— É um longo caminho até o chão.

Seus lindos lábios arquearam em um sorriso raquítico. — É sim, mas não vamos cair.

Ela assentiu, de repente percebendo que confiava nele, não que ela fosse uma perita em homens, se o erro que cometera com o Sr. Leech fosse algo para comparar.

Ele fez um som e os cavalos avançaram.

Annis agarrou o corrimão baixo do lado direito e se aproximou de Henry, segurando a bolsa no colo. Pela primeira vez, ela ficou grata por ter dado um nó na fita do seu chapéu, assim ele não iria a lugar nenhum.

— Para onde estava indo agora? — ele perguntou.

Ela podia sentir a vibração da sua voz, seu corpo estava pressionado contra o dele. Ele era *enorme* e quente.

— Annis?

— Er, eu estava a caminho de Hookham.

— E qual livro a senhorita irá pegar?

— Um romance — ela olhou para ele. — O senhor gosta de ler?

Henry estava de olho na rua, que era muito mais movimentada do que a rua lateral. Era a hora do estilo em Hyde Park. Como sua tia uivaria quando soubesse deste pequeno passeio. E ela *acabaria* ouvindo falar dele, eventualmente.

— Eu gosto de ler — disse ele. — Leio bastante artigos científicos e de produção, por necessidade, mas também romances quando aparecem no meu caminho.

— Produção era algo com o qual o senhor trabalhava na Companhia?

— Er, não exatamente, mas eu leio sobre uma grande variedade de

assuntos — um nervo saltou em sua mandíbula enquanto ele navegava por uma carroça carregada de barris que havia parado no meio da rua, o cavalo bloqueando a maior parte dela.

As bestas magníficas e castanhas de Henry, ou melhor, de Sua Senhoria, eram tão parecidas que poderiam ser gêmeas. Elas relutavam contra as rédeas e Annis viu os músculos de Henry inflamarem e flexionarem sob a manga de seu casaco enquanto ele as segurava. Ele não puxou ou forçou as bocas macias das éguas, mas a pressão sutil foi suficiente para acalmar os animais de alto espírito e aliviá-las através do gargalo.

Algo em sua calma controlada fez Annis apertar as coxas.

Tente não babar nele, minha querida.

Ela desviou o olhar de suas mãos poderosas e vestidas de couro e olhou para os cavalos.

O tráfego se movia em um fluxo constante e lento enquanto entravam no parque.

Annis ajustou a aba do chapéu e tentou abaixá-lo um pouco mais.

— Há algo errado? — ele perguntou, quando ela se afastou de uma carruagem que se aproximava e que carregava Priscilla Foster, uma amiga próxima de Miriam.

Ela ergueu os olhos e encontrou aquele mesmo aperto em torno de sua boca; ele era incrivelmente sensível a esnobe e desleixado, o que a fez pensar que ele possivelmente deveria ser o destinatário de muitos desses pensamentos. — Eu não deveria estar passeando no parque.

Em vez de tranquilizá-la, suas sobranceiras escuras franziram sobre seu nariz majestoso. — Nem participar de festas no jardim, bailes ou teatro?

Ele notou minha ausência.

Por um momento, ela achou ter dito aquilo em voz alta, e corou sob seu exame penetrante.

Seu coração se alegrou; ele notou sua ausência! O que poderia ser mais gratificante?

— Por que não tem permissão para participar de festas ou passeios no parque, Annis?

— Minha tia, não irracionalmente, acredita que eu deveria ajudar com vários assuntos domésticos em troca de minha manutenção e sua bondade.

O olhar penetrante de Henry passou sobre seus trajes de caminhada; um vestido que ela tinha há tanto tempo que passou de verde escuro para verde claro.

Annis lamentou-se fortemente quando se autoexaminou. Ela sabia que não era bonita e seu vestido velho a fazia parecer ainda mais magra. Essas coisas não a incomodaram quando o Sr. Leech a estava cortejando, mas a incomodou agora, mesmo que Henry não usasse roupas finas.

Mas o que lhe faltava em roupas finas, ele compensava em pura presença. Apesar de ser uma mulher comum, uma descrição que ouviu mais de uma vez e sabia ser verdadeira, e mesmo se usasse roupas bonitas, ela nunca seria uma

companheira adequada para um homem tão magnífico.

— Por que está franzindo a testa? — Henry perguntou.

Annis tirou a expressão do rosto, ela poderia se debruçar sobre sua posição miserável e roupas velhas mais tarde. Neste momento, ela estava sentada ao lado de Henry e o dia estava lindo.

— Esta é uma carruagem muito bonita — disse ela.

Ele olhou com tanta força que, por um momento, ela acreditou que ele prosseguiria com o assunto. Mas, finalmente, ele olhou para a frente e tirou a expressão desprezível do rosto. — É a carruagem de Lorde Rotherhithe.

Cocheiros e passageiros que se aproximavam olharam para ele explicitamente curiosos, alguns o reconheciam, outros o tratavam com desdém.

Annis buscou dizer algo para distraí-lo dos olhares esnobes. — O senhor não se parece muito com Sua Senhoria.

Isso o chamou a atenção. — A senhorita quer dizer em aparência?

— Oh, bem, sim, na aparência, é claro. Mas eu quis dizer, er, em disposição e em mente.

Um sorriso suavizou sua expressão firme. — Não, Sua Senhoria não tem uma mente séria.

— E, no entanto, ele acumulou uma fortuna substancial.

— Seu pai morou na Índia muitos anos e adquiriu parcelas favoráveis de terra, e estabeleceu seus interesses em indústrias têxteis no momento certo — Henry deu um sorriso rápido para ela. — Então, embora Sua Senhoria tenha trabalhado duro, ele tinha muito com que lucrar.

— E o senhor, Sr. Parker, o que o atraiu para a Índia?

Ele ergueu uma sobrancelha para ela. — Senhor Parker?

— Henry.

— Eu nasci na Índia, em Dacca, na verdade. Mas voltei para a Inglaterra quando meus pais morreram em um surto de febre tifoide. Voltei para a Índia há cinco anos para assumir uma posição na Companhia em Dacca.

— Sua história é como a de Lorde Rotherhithe.

— Sim, um pouco — seus lábios se contraíram. — Embora minha história seja marcadamente sem riqueza ou título.

— O senhor ficou triste por deixar a Índia?

— Há coisas que sentirei falta na Índia — disse olhando para ela com a expressão pensativa. — É um país enorme e bonito, com uma história rica. Mas a tensão entre a população inglesa e nativa está sempre fervendo e cada expansão dos britânicos é uma perda para as pessoas que governaram por milhares de anos — seus lábios franziram e parecia que ele diria mais alguma coisa, mas balançou a cabeça. — Não vamos falar de política — disse sorrindo para ela. — Na primeira vez que nos encontramos, a senhorita perguntou se Sua Senhoria falava urdu ou hindi. Acontece que eu falo.

— Oh, isso é maravilhoso! Eu entendo que ambos são muito semelhantes quando falados?

— Sim, as línguas faladas são muito parecidas, mas quando se trata da escrita ou leitura, elas utilizam alfabetos diferentes.

— O senhor vai me ensinar algumas palavras, talvez até algumas frases?

— Se a senhorita quiser, embora eu receie que não encontrará muitas pessoas na *ton* com quem praticar.

— Mas eu posso praticar com o senhor.

— Se as últimas duas semanas forem algum indício, isso não acontecerá com frequência — ele inclinou a cabeça. — Ou acredita que isso vai mudar nos próximos dias, Annis?

Algo no jeito que ele disse seu nome fez seu coração bater mais rápido. — Infelizmente, não sou dona da minha vida.

Ele lançou um olhar penetrante para ela.

— Por que o senhor está me olhando assim?

Ele hesitou e disse: — Não é nada. Quais palavras e frases a senhorita gostaria de aprender?

O tempo passava com uma rapidez cruel quando Annis fazia o que mais amava no mundo, ela o perguntou sobre a língua sedutora e estrangeira e sentiu como se tivesse viajado para um país diferente no momento em que ele parou a carruagem algum tempo depois.

Olhando em volta, como se acordasse de um sonho, percebeu que estavam perto de Hookham. — Meu Deus! Eu não percebi que tínhamos saído do parque.

— Eu tomaria isso como um elogio à minha companhia fascinante, mas suspeito que seja a língua em vez do orador que a deixou tão fascinada.

Annis corou com aquilo, que não poderia ser mais verdade. — Espero que minhas perguntas não tenham sido incômodas.

— A senhorita seria uma excelente interrogadora.

— Perdão, — desculpou-se corada. — Eu sei que sou muito curiosa.

— Eu gostei do interrogatório — acalmou Henry divertido.

Annis não conseguia desviar o olhar, e o silêncio, que não era desconfortável, mas pulsante e estranhamente *carregado*, aumentou.

Foi Henry quem quebrou. — Ah, quase esqueci — ele enfiou a mão no casaco e pegou um pequeno pacote de tecido. — Isto é para a senhorita.

Annis podia sentir o cheiro do conteúdo antes mesmo de pegá-lo. — Chá de bergamota.

— Chá preto com uma pequena gota de óleo de bergamota. A senhorita disse que queria experimentar.

Annis encheu os pulmões com o cheiro inebriante. — Que gentileza da sua parte.

— Não é nada — disse ele com desdém, parecendo quase envergonhado por seu agradecimento. — Eu adoraria entrar e ver livros com a senhorita, mas eu não trouxe um cavaliço comigo. Se a senhorita me disser quanto tempo vai demorar, posso preparar os cavalos e depois voltar para buscá-la.

— Obrigada por sua gentil oferta, mas se o senhor me levar para casa, só

me traria dificuldades. Minha tia saberia que tenho andado desacompanhada, com um homem.

— Um homem *inadequado*, por sinal — ele sorriu quando disse a palavra, mas ela podia ver que ele não estava divertido.

— Obrigada, Henry, o senhor me deu um dia que eu me lembrarei por muito tempo.

— Eu gostaria de lhe dar outro dia inesquecível. A senhorita está livre para me encontrar amanhã?

Sabe o que deve dizer, Annis.

Annis ignorou a voz. — Onde?

— Onde a senhorita quiser.

Amanhã, amanhã, amanhã... o que tenho que fazer amanhã?

Amanhã era o dia em que Susannah faria sua última prova para um novo vestido de baile. Annis precisaria estar disponível para ajudar com as alterações, então não haveria chance de fugir.

— Não posso amanhã — disse ela, infeliz.

— Que tal no dia seguinte?

Ela hesitou por apenas um momento antes de decidir que arranjaria tempo para ele depois de amanhã, não importa o quão imprudente fosse aceitar sua atenção. — Sim, no dia seguinte eu posso me encontrar com o senhor.

— Muito bem, onde?

Annis não pôde deixar de se sentir lisonjeada por um homem tão inteligente e atraente parecer levado a procurar sua companhia.

— Eu vou voltar aqui. Receio não poder dizer com exatidão, mas entre as três e três e meia.

— Estarei aqui às três.

— Mas pode ser que eu me atrase, eu odiaria se o senhor tivesse que...

Seus lindos lábios se curvaram. — Eu posso encontrar algo para ler enquanto espero.

Ela desceu com sua ajuda antes de olhar para cima. — *Bahut dhanyavaad*, Henry.

— *Hamaare punah milane tak*, Annis.

Annis inclinou a cabeça. — O senhor não me ensinou esse. O que quer dizer?

— A senhorita pode me perguntar isso depois de amanhã — ele sorriu. — Eu tenho que ter alguma coisa para atraí-la de volta.

Ele soltou seus cavalos, deixando-a de pé e o observando, desejando que ela ainda estivesse ao lado dele.



— Não é verdade, minha querida? Annis?

A cabeça de Annis se levantou. A maneira como seu tio e o Sr. Norburg estavam a olhando dizia que ela estava sonhando acordada com Henry em vez

de estar participando da conversa.

— Perdoe-me, tio.

— A senhorita parece distraída esta noite — observou o Sr. Norburg antes que o tio pudesse responder.

Annis encontrou seu olhar frio e forçou um sorriso. — Perdoe-me. Acabei de me lembrar de algo que minha tia queria que eu fizesse e que esqueci — ela mentiu, seu olhar se afastando daquele olhar desconfortável.

O tio riu. — Tenho certeza de que seja o que for, pode esperar, minha querida. O Sr. Norburg acabou de perguntar se a senhorita gostaria de acompanhar o grupo dele no teatro amanhã à noite?

— Oh — disse ela, soando como uma idiota ofegante. — Tenho certeza de que adoráramos, se a tia não tiver um compromisso prévio.

— A Sra. Bowman não nos acompanhará, Srta. Bowman — disse Norburg, mais uma vez afastando do homem mais velho. — Serão apenas alguns amigos meus, pessoas que eu gostaria que a senhorita conhecesse.

Ela engoliu em seco, sentindo-se como um roedor fitando uma cobra naja que Henry havia mencionado aquela tarde. Havia algo hipnotizante nos olhos do belo, porém, austero Sr. Norburg. — Eu ficaria honrada — respondeu quando percebeu que a pausa havia durado tempo demais.

Ele deu um sorriso fino e se virou para o rosbife malpassado em seu prato.

Os ombros de Annis caíram de alívio quando os dois homens retomaram a conversa de negócios em que se envolveram durante a maior parte do jantar.

Até mesmo uma idiota como Annis entendia o que era essa refeição: a Sra. Bowman queria Annis casada e fora do caminho, literalmente e figurativamente. E se ela se casasse com um banqueiro, entraria para a classe inferior entre a burguesia e o *Beau Monde*.

O Sr. Harold Norburg, com suas características esbeltas e elegantes e modos perfeitos, era inegavelmente um cavalheiro. Mas ele não era o tipo de homem que sua tia desejava colocar em sua mesa de jantar. Se Annis se casasse com o Sr. Norburg, eles se socializariam com pouca frequência.

Annis teria um novo círculo de conhecidos, provavelmente as pessoas que ele estava planejando apresentá-la no teatro.

Ela estudou discretamente o homem que sua tia e tio, em menor grau, estavam fortemente pedindo que ela desposasse.

Embora, o Sr. Norburg fosse vinte anos mais velho que ela, ele ainda era um homem muito bonito, se alguém não se aproximasse muito de seus olhos, que eram um belo azul pálido, mas muito, muito frio.

Annis não achava que era sua imaginação que eles pareciam relaxar ainda mais quando olhavam para ela. Preocupava-a que ele não tivesse se casado antes. Por que agora? Por que ela?

Oh, ela não era ingênua, um casamento entre os dois elevaria consideravelmente a posição social do Sr. Norburg. Enquanto eles, como um casal, dificilmente poderiam esperar convites para eventos da *ton*, sua conexão com a família de um conde aumentaria seu status. Alguns poderiam dizer que

uma troca de seu dinheiro por suas conexões era uma barganha muito boa para ele, mesmo que ela estivesse bem além de sua juventude.

Um laçao veio remover seu prato, e ela acenou com a cabeça antes de olhar para os homens. O Sr. Norburg a observava enquanto o tio falava com o mordomo. Por um momento - uma fração de segundos, realmente - havia uma expressão em seu olhar opaco.

Annis não conseguiu identificá-lo, mas causou um arrepio em sua espinha.



Não surpreendeu Annis quando seu tio a chamou para a biblioteca para discutir sobre o Sr. Norburg na manhã seguinte.

Os dois homens passaram uma hora trancados após tomarem vinho antes de se juntarem a Annis na sala de estar. Embora o Sr. Norburg não tivesse dito nada em particular para ela - na verdade, ele mal tinha falado com ela - ele tinha o olhar autossatisfeito de um homem que havia finalizado uma tarefa em uma lista e estava pronto para passar para assuntos mais importantes.

Quando ela se desculpou às onze horas, os dois homens se retiraram para o escritório do tio para discutir negócios. Ou talvez ela. Ou talvez ela *fosse* um negócio.

— Sente-se, Annis — o tio apontou para uma cadeira em frente à sua mesa.

Seu tio Thomas, lembrava Annis de seu pai de muitas maneiras, mas sem a faísca de seu pai. Assim como Benjamin Bowman, seu tio era alto, com um punhado de cabelo branco que já fora loiro pálido um dia. Annis supôs que ele teria sido bonito quando mais jovem, mas seus ombros eram caídos, um processo natural o suficiente que, sem dúvida, foi acelerado por anos trabalhando sob o jugo de uma esposa abrasiva e frágil.

O tio Thomas passava a maior parte do tempo no clube ou com a amante. Annis não deveria saber sobre a sua amante de longa data, mas os criados estavam tão acostumados com sua presença que mal notavam quando ela estava na cozinha ou na lavanderia ou nos estábulos para alguma tarefa ou outra.

Então ela ouvia todos os tipos de fofocas fascinantes.

Depois do que Annis fez com o Sr. Leech, ou melhor, o que ele fez com ela, pois ela era inexperiente então ficava apenas sentada lá, ela achava difícil imaginar seu tio calmo fazendo *aquilo* com sua tia Agnes. Mas ele deve ter feito *aquilo* pelo menos três vezes porque havia Percy, Sus...

— Annis?

Seu rosto aqueceu quando ela ergueu os olhos de suas reflexões escandalosas. — Sim, tio?

— Como deve ter adivinhado, o Sr. Norburg pediu minha permissão para cortejá-la — seu tio sorriu para ela; era o sorriso vagamente envergonhado de um homem que sabia que havia abdicado de seu dever em relação à sobrinha

para com sua esposa, mas não conseguia se mexer para remediar a situação.

Annis olhou para as mãos, que colocavam a palma da mão no colo, como as barrigas de dois peixes mortos.

— Annis?

Ela encontrou o olhar apologetico dele. — Por favor, diga ao Sr. Norburg que eu aprecio seu cortejo — era uma mentira horrível, mas que outra escolha ela tinha?

O rosto de Henry surgiu em sua mente e ela imediatamente o afastou. Henry era um empregado, dificilmente o tipo de homem que teria doze mil libras sobrando. Mesmo que ele gostasse dela o suficiente para oferecê-la casamento, como ela poderia escolher sua própria felicidade em vez da segurança e do futuro de sua avó? Além disso, um passeio no parque não era igual a um cortejo.

Não, sua decisão foi dolorosa, mas era clara: o Sr. Norburg era o homem com quem ela teria que se casar.

Ela olhou para cima e encontrou os olhos preocupados do tio Thomas sobre ela.

— O verás esta noite, é claro, mas ele pediu que reservasse depois de amanhã para ele. Ele gostaria de levá-la para um passeio no Hyde Park.

Graças a Deus ele não queria amanhã!

— Claro, tio.

— Muito bem então — disse ele, claramente pronto para acabar logo com aquilo. — Eu não vou estar no jantar hoje à noite, então desejo uma noite excelente no teatro.

Annis sentiu-se doente por dentro, mas conseguiu um leve sorriso. — Obrigada, tio.



Capítulo Nove

— **P**erdoe-me, mas acha que Henry é *quem*? — Annis perguntou espantada para a amiga.

— Shhh — respondeu Freddie, olhando em volta para os outros compradores.

Elas estavam procurando tecido para um vestido novo para Freddie e a loja estava lotada.

Annis se aproximou da amiga. — Por que cargas d'água acha que o Sr. Parker é o conde de Rotherhithe?

Freddie gesticulou para um montante de tecido. — Deixe-me comprar isso e depois podemos conversar na loja de chá na rua, isso é, se tiver tempo.

Annis não tinha, mas *arranjaria* tempo. Ela ficou animada quando Freddie a visitou cedo naquela manhã e a convidou para acompanhá-la nas suas tarefas. Por sorte, ela estaria livre desde que sua tia e primas ainda estivessem deitadas e não levantariam até que fosse a hora de se preparar para o evento do fim da tarde.

Annis esperava estar de volta à casa antes que elas saíssem de suas camas, mas uma parada para o chá complicaria um pouco as coisas. Ainda assim, essa era uma notícia pela qual valia a pena meter-se em problemas.

Ela se afastou para um canto da loja enquanto sua amiga lidava com a transação, sua mente girando.

Henry, o Conde de Rotherhithe?

Depois de sua surpresa inicial, fazia muito sentido. O conde - ou o homem que todos acreditavam ser conde - era doce, mas não tinha mais cérebro do que um o montante de tecido empilhados sobre as mesas.

E então havia suas histórias muito semelhantes. E o fato de que *seu* Parker se chamava Henry também, não que Annis tivesse contado a Freddie sobre qualquer uma dessas coisas.

Por que ele se disfarçaria de empregado? Ela via como as pessoas o tratavam. Ele queria ser maltratado?

Annis franziu a testa e arrancou um fio solto em sua luva, fazendo uma careta quando desfez uma fileira de pontos. — Oras, — ela murmurou. Estes eram seu melhor par de luvas; agora ela teria que consertá-las. Outra vez.

— Pronta? — Freddie perguntou na sua frente, segurando um grande pacote marrom.

Uma vez que estavam na rua, Annis não podia mais segurar sua curiosidade.

— Como descobriu?

— Por acaso. Coronel Oliver e sua esposa, os conhece?

— Aquele doce casal de idosos que...

— Quase nunca se lembram quem são ou onde estão? — Freddie terminou. — Sim, eles. Sabia que eles moraram na Índia por muitos anos?

— Sim, ouvi minhas primas reclamarem por estarem entediadas com as histórias do Coronel.

Freddie fez uma carranca desagradável. — Elas *se queixariam* de um casal doce. Foram os Olivers que expuseram a mentira do nosso querido Lorde Rotherhithe na festa dos Simpsons e...

— A festa dos Simpsons? Mas isso foi há *semanas*.

— Sim, foi — Freddie franziu a testa. — Por quê?

— Bem, eu só... por que está me dizendo só agora?

— Existe algum motivo para eu ter-lhe contado antes? — Antes que Annis pudesse responder, ela acrescentou: — Além disso, não consigo lhe falar em particular há semanas, graças à sua terrível tia.

Annis sentiu uma pontada de culpa com a reclamação da amiga. Ela não podia admitir que havia arranjado tempo para Henry enquanto ignorava suas amigas, não é?

— Agora, devo continuar minha história fascinante? — Freddie brincou.

— Sim, por favor!

— Então, na festa dos Simpsons, a Sra. Oliver cumprimentou o Sr. Parker como Rotherhithe. Claro, a Sra. Simpson a corrigiu, mas a Sra. Oliver foi inflexível. Ninguém acreditou nela e as pessoas mais tarde fizeram piada da situação. Fiz questão de me sentar ao lado dos Olivers naquela noite e mencionei o assunto novamente.

Elas entraram na loja de chá e Annis teve que esperar ansiosamente até depois de fazerem seus pedidos antes que Freddie continuasse.

— Prossiga — Annis insistiu, inclinando-se sobre a mesa. — O que a Sra. Oliver disse?

— Ela cresceu na mesma área em Yorkshire que os condes de Rotherhithe e disse que o homem com o nome de Colin Parker era a imagem cuspida e escarrada não dos dois últimos condes, mas do anterior, seu avô.

— Mas isso foi há muito tempo. E confia na memória dela?

— Talvez não, mas quando combinei o que *ela* disse com o que o marido contribuiu, acredito que sim.

— O que ele disse?

— Ele disse que havia um retrato do avô do conde pendurado no White's e que se parece tanto com Colin Parker que poderiam ser irmãos gêmeos.

— Eu não entendo. Por que teria um retrato dele no White's?

— Aparentemente, há várias pinturas de membros, alguns bastante antigos, agraciando as paredes daquele enclave totalmente masculino — Freddie agradeceu ao garçom quando ele trouxe um bule de chá e prato de bolinhos.

— Sim? — Annis insistiu.

— Miles diz que o Sr. Parker realmente poderia ser o irmão gêmeo do cavalheiro na pintura...

— Espere, *Miles* sabe sobre isso?

— Eu dificilmente poderia entrar no White's e pedir para dar uma olhadinha, não acha?

Annis riu com aquele pensamento. — Então, apelou pela ajuda do Miles?

— Sim, e ele disse que eles são chocantemente semelhantes, embora seu avô não fosse tão grande. Mas eles compartilham os mesmos olhos profundos, mandíbula poderosa e aquele sorriso malicioso.

O sorriso que Annis tanto adorava.

— Mas... *por que*, Freddie? Por que ele faria algo assim?

— Suspeito que ele esteja fazendo isso para escapar das matronas casamenteiras, e ainda assim conseguir dar uma olhada no que o beau monde tem a oferecer — Freddie fez uma careta. — Não posso culpá-lo se esse for o seu verdadeiro motivo. É positivamente horrível a maneira como as jovens e suas mães estão gladiando pelo homem que acreditam ser Rotherhithe.

Annis assentiu pensativa. — Dessa forma, ele poderia participar da Temporada sem ser *consumido* por ela — ela hesitou e perguntou: — O que Miles acha?

— Ele acha que Rotherhithe tem um machado para triturar tudo o que é inglês, especialmente os membros do beau monde, e gostaria de nos fazer de tolos — Freddie riu sombriamente. — Não que precisemos de ajuda.

— Se isso for verdade, então é um jogo manipulador e desagradável que ele está fazendo.

— De fato. Acredito que ele trouxe à tona o pior da *ton*. Não estive em muitos eventos ultimamente, mas a competição pelo belo e rico Lorde Rotherhithe tornou-se quase uma luta sangrenta.

— Oh, eu sou testemunha das competições brutais entre Miriam e Susanna — Annis assegurou-lhe. — Bem, e o que vai fazer a respeito?

— O que posso fazer? Nessa altura, ou serei ridicularizada por esconder a verdade e fazer as pessoas de tolas, ou serei motivo de chacota por minha própria ignorância. — Ela se encolheu. — Eu poderia muito bem deixá-lo seguir com sua mentira e continuar sendo paga por isso.

— Isso vai causar-lhe problemas, Freddie?

— Depende de como as pessoas decidem ver sua pequena farsa. Sabe como a *ton* pode ser inconstante. Este pode ser o meu fim ou pode me colocar em posição de escolher meus clientes na próxima Temporada — Freddie deslizou a xícara de Annis em sua direção. — Mas chega de Lorde Rotherhithe. O que tem feito nas últimas semanas desde que a vi pela última vez?

Annis *não* queria contar a Freddie sobre seu noivado iminente com o Sr. Norburg. Ela já sabia que sua amiga acreditaria que seus tios a estavam forçando a se casar com ele.

Era deixar Freddie acreditar *nisso* ou confessar a verdade: que era a sua própria idiotice que a estava forçando a se casar.

E dada a sua situação atual com o Sr. Norburg, ela não se sentia bem contando à amiga sobre Henry também, não que ela tivesse muito a dizer além do passeio de carruagem inocente. Ela suspeitava que Freddie ficaria muito desapontada ao ouvir que ela estava incentivando uma oferta de noivado de um homem enquanto tinha encontros clandestinos com outro.

— O que está a mantendo tão ocupada que não tem tempo para visitas, Annis?

— Oh, apenas o de sempre.

— Quer dizer que continua sendo escravizada por suas primas? — O belo rosto de Freddie endureceu. — Eu realmente gostaria que deixasse de lado seu orgulho e viesse morar comigo. Pode contribuir com as despesas domésticas quando conseguir um emprego.

Annis foi inundada por uma vergonha. Aqui ela estava mentindo para a amiga, e Freddie estava oferecendo abrigo e apoio.

E ainda assim Annis não conseguiu dizer a verdade.



Annis chegou à casa de seu tio assim que sua tia e primas estavam terminando o café da manhã tardio. Felizmente, nenhum dos criados deve ter dito que ela havia saído, então eles simplesmente presumiram que ela também havia acordado tarde.

A última coisa que Annis queria fazer era sentar-se para tomar café da manhã com elas, mas ela ainda não havia pedido permissão para ter algumas horas para si, e o tempo estava se esgotando.

— Está terrivelmente atrasada — sua tia repreendeu quando Annis entrou na sala. — Não espere que Coombs lhe traga mais nada, ele já tirou a maior parte da comida.

— Claro que não, tia. Vou apenas tomar uma xícara de café — disse, servindo-se de uma xícara e depois sentando-se para esperar por uma pausa na conversa, que se tratava do próximo baile de Lady Jersey.

Enquanto suas primas discutiam sobre vestido de baile, sua tia se virou para Annis. — Espero que se lembre-se de que fomos convidadas para a casa de Lady Monmouth hoje.

— Sim, tia.

— Seu nome não estava no convite, receio — disse a tia, como se ela fosse permitir que Annis fosse, mesmo que *tivesse* sido incluída.

E então a tia a surpreendeu: — Pode ter o resto do dia para si mesma como um presente especial, Annis.

— Muito obrigada, tia.

— Por nada.

No instante em que a tia Agnes voltou o olhar indulgente para as duas

filhas, Annis saiu da sala tão rápido quanto um rato, não desejando demorar e chamar atenção indesejada.

Em vez de arriscar ser arrastada para alguma tarefa ou outra, Annis partiu imediatamente para Hookham, mesmo que isso significasse que ela chegaria horas mais cedo. Afinal, ela poderia ler enquanto esperava.

Mas quando Annis entrou na biblioteca quinze minutos depois, foi para encontrar Henry já lá, sentado em uma cadeira de frente para a porta com um livro nas mãos. Seus olhos encontraram os dela e o sorriso mais lindo que ela já tinha visto iluminou o seu rosto.

Não apenas um sorriso, mas o sorriso lento e preguiçoso que o transformou de um estranho severo e um pouco ameaçador em um co-conspirador travesso.

Annis observou com antecipação enquanto Henry desdobrava seu corpo alto da cadeira e vinha em sua direção, sua passada de pernas longas elegante e masculina.

Como ela poderia ter acreditado que ele era um empregado? Ele se movia com tanta confiança e comando que era um aristocrata do topo de seus cabelos escuros e encaracolados até as pontas de suas bem gastas, mas altamente polidas botas Hessianas.

Ele abriu a porta, esperando até que estivessem do lado de fora para falar. — Estou feliz que a senhorita tenha vindo mais cedo.

Annis estava sem palavras para fazer qualquer coisa além de sorrir, provavelmente idiotamente.

Um entalhe se formou entre suas sobrancelhas. — Há algo errado?

— Não, por que haveria de ter? — ela deixou escapar.

— Motivo nenhum, a senhorita parece um pouco perturbada.

— Não, está tudo bem. Estou feliz por ter conseguido escapar — disse, o que não era mentira.

— Estou feliz também.

O sorriso dele fez coisas perturbadoras no seu coração e nos seus pulmões.

— O que a senhorita acha sobre um passeio de carruagem?

— O senhor trouxe o phaeton? — perguntou procurando.

— Sim, o cavalariaço foi... ah, aí vem ele — Henry levantou a mão e o criado desacelerou a carruagem, parando ao lado deles. — Permita-me ajudá-la a entrar — disse Henry, abaixando o pequeno degrau e oferecendo seu braço.

Assim que ela se acomodou, ele caminhou até a cabeça dos cavalos e os segurou enquanto o cavalariaço descia. Annis não pôde deixar de notar a expressão arrogante do cavalariaço quando trocou de lugar com Henry.

Minha nossa! Até seus criados deviam acreditar que ele era Colin Parker.

— Quanto tempo a senhorita tem disponível? — Henry perguntou enquanto subia ao lado dela.

— Eu tenho o resto do dia.

— Excelente. Então por que não fazemos um passeio para fora da cidade?

Um cavaleiro que conheci recentemente me disse que eu deveria aproveitar sua propriedade em Kensington, o que soa como se tivesse alguns belos jardins e até mesmo um pouco do campo que o rodeia.

Annis tentou não mostrar alívio por não passarem perto de Rotten Row.
— Soa adorável.

Henry virou a carruagem para fora da Bond Street e para uma rua lateral, e depois se dirigiu na direção oposta do Hyde Park.

— Está quieta hoje, Annis. Estou colocando-a em apuros por convidá-la para esses passeios? — ele perguntou alguns minutos depois, dando-lhe um rápido olhar.

— Ah, não é nada disso. É que eu pensei que seria muito distrativo fazer perguntas enquanto o senhor está navegando por essas ruas movimentadas.

— Isso não é movimentado — disse ele. — Calcutá e Mumbai, *isso* sim é movimentado.

— O senhor quer dizer que eles são mais agitados do que Londres?

— Pelo menos duas vezes mais agitado.

— Isso é difícil para eu imaginar. Acho que Londres é o lugar mais movimentado que eu gostaria de visitar.

— A senhorita não gostaria de morar aqui? — ele perguntou.

— Não, de modo algum.

— Ah, então a senhorita é uma moça do campo?

— Bem, quase não uma moça mais.

Isso atraiu um olhar curioso dele. — A senhorita não parece ter mais do que dezoito anos de idade.

— Eu sei — disse ela sombriamente.

Ele riu. — Isso a incomoda?

— As pessoas me tratam como uma criança porque eu me pareço uma.

Suas pálpebras estavam abaixadas na metade quando ele se virou para ela. Annis pode ter pouca experiência na vida, mas até ela sabia como era o desejo no rosto de um homem. Não que algum homem já tivesse feito tal expressão para *ela* antes, mas ela tinha visto a maneira como os maridos de suas amigas olhavam para suas esposas.

Foi um esforço respirar sob um olhar tão inebriante e quente.

— A senhorita não parece uma criança para mim — disse ele, e depois se virou para observar a estrada.

— Oh. Bem. Isso é bom — ela respondeu com uma voz boba e sem fôlego, sentindo-se desconfortável e quente sob sua *spencer* leve.

— Então, quantos anos tem, Annis?

— Acabei de fazer vinte e seis anos. Quantos anos o *senhor* tem?

— Trinta e sete.

— Essa é quase a mesma idade que Lorde Rotherhithe, não é?

Ele lançou um olhar estreito para ela. — Como a senhorita sabe a idade de Sua Senhoria?

— Minhas primas estavam falando sobre isso.

— Ah.

Annis pesou suas próximas palavras com cuidado. Era perigoso cutucar o urso, mas ela não resistiu. — O senhor certamente tem muito em comum com Sua Senhoria, não é?

— Suponho que haja semelhanças superficiais — respondeu com desdém.

Annis mordeu o lábio para esconder o sorriso. Com que frequência surgiram exemplos como esse antes e ela não percebeu?

— A senhorita vai me contar sobre a época em que era professora? — ele perguntou, claramente ansioso para mudar de assunto.

— Não é muito interessante.

— Talvez não para a senhorita, mas estou muito interessado.

— Muito bem. Eu ensinava na Academia Stefani para Jovens Damas.

— Stefani, como em Ivo?

— Eles deram o nome dele à escola, mas ele saiu pouco depois da abertura e sua esposa, Portia Stefani, administrou a academia até ela ser fechada.

— Avington disse que ela se casou com Eustace Harrington, o conde de Broughton?

— O senhor viu Miles ultimamente?

— Não por algumas semanas. Por quê?

— Por nada — aqueceu Annis pensar em Henry e Miles conversando e se tornando amigos. Ela desejou ter pensado em perguntar a Freddie se Miles iria confrontar Henry sobre sua identidade. Os homens ainda seriam amigos depois que a verdade viesse à tona?

— O senhor gosta de Miles, não gosta? — ela perguntou.

— Ele parece ser um bom rapaz.

— Ele é *o melhor* — Annis corrigiu. — Por mais bonito que ele seja, ele é ainda mais bonito por dentro — ela o sentiu olhando para ela, mas continuou olhando para frente, deixando suas bochechas queimando.

Depois de um momento, ele perguntou: — Os dois ficaram próximos quando trabalharam juntos?

— Ah, sim, todos nós ficamos muito próximos. Pobre Portia... — Annis mordeu o lábio.

— Pobre Portia? — ele cutucou.

— Bem, suponho que não importa se eu compartilho o que aconteceu agora que ela está muito feliz e novamente casada. Ivo a deixou com dívidas e ela teve que fechar a escola e encontrar trabalho em outro lugar.

— Tiveram que encontrar novos empregos?

— Bem, a maioria de nós. Honoria Keyes, que ensinava pintura - o senhor não a conheceu - não teve que encontrar um emprego, pois seu pai lhe deixou uma renda e a casa em que Lady Sedgwick agora mora. Serena Lombard, que ensinava história da arte e botânica, morava com Freddie e Honey, mas se casou com um de seus clientes há pouco tempo.

— Então esses são todos os professores com quem a senhorita trabalhou?

— E Lorelei Fontenot, que era a professora de literatura.

— Ela também se casou?

Annis riu. — Lorie nunca se casará, ela não acredita no casamento.

Henry se virou para ela. — Ela não *acredita* no casamento?

— O que quero dizer, é que ela não acredita que seja uma boa decisão para as mulheres.

— Por que não?

— Porque as mulheres se tornam propriedade dos homens quando se casam.

Em vez de zombar, como ela pensou que ele faria, ele ficou em silêncio.

— No que está pensando? — ela perguntou.

— Estou pensando no que sua amiga acredita.

— Suponho que o senhor acredite que seja bobagem.

— Não, acho que ela tem um bom argumento. Infelizmente, se as mulheres não são propriedade de seus maridos, geralmente estão à mercê de seus parentes do sexo masculino.

Annis não poderia argumentar com isso.

— Onde ela trabalha agora? — ele perguntou.

— Ela não teve a sorte de encontrar outra posição de ensino. Desde que a escola fechou, ela mora com o irmão e sua família na Cornualha — Annis suspirou. — Então, sim, ela depende de um homem, afinal. E Lorie *odiava* isso.

— A senhorita não — disse Henry. — A senhorita pode sair da casa do seu tio sempre que quiser, não pode?

— Sim, eu poderia — não era estritamente uma mentira, mas certamente não era a verdade.

— A senhorita soa e parece tão triste com esse pensamento, Annis. A vida com sua avó era realmente tão horrível?

— Oh, de forma alguma, e não foi minha intenção parecer triste — acrescentou ela. — É só que me deixa triste pensar nela porque sinto muito a sua falta.

— Estou surpreso que a senhorita não more com Lady Sedgwick se ela tem dois quartos vazios em sua casa.

— Eu não posso me dar ao luxo de compartilhar a manutenção da casa.

Se Annis soubesse há dois anos que conheceria Leech e jogaria fora o seu futuro e da avó, teria engolido seu orgulho e ido morar com Freddie, mesmo que isso significasse que ela estaria vivendo às custas da amiga.

Annis sentiu uma sensação de queimação atrás dos olhos. Ela precisava mudar de assunto antes de começar soluçar e confessar a bagunça que havia feito de sua vida. Annis poderia apenas imaginar sua reação. Ele provavelmente se escondia para evitar caçadoras de fortuna, apenas para descobrir uma ao lado dele.

Ela estremeceu com o pensamento.

— A senhorita está com frio?

— Não, estava apenas pensando nos esqueletos no meu armário.

— Ah, um ditado interessante. Costumávamos dizer que significava que tinha um segredo importante.

— É mesmo? — Annis não tinha vontade de falar sobre seus segredos, importantes ou não. — Eu nunca ouvi essa interpretação. Conte-me sobre este lugar que estamos visitando hoje. Onde o senhor conheceu o proprietário?

— Em um dos intermináveis bailes e festas que participei nas últimas semanas.

Annis sorriu. — Parece não gostar da Temporada, Henry.

— Eu *desprezo* a temporada.

A repugnância amarrada em sua voz a assustou. — Por que o senhor participa? Certamente Sua Senhoria não o força?

— Não, ele não me força. Mas sinto que devo acompanhá-lo.

— O senhor se preocupa com ele, não é?

— O que quer dizer com isso?

— Posso dizer que o senhor o protege — caso ele faça alguma estupidez; algo que termine em um noivado com uma mulher desavisada com um falso nobre e um encontro ao amanhecer para o senhor.

Claro, Annis não disse isso.

— A senhorita pode? — ele perguntou, genuinamente curioso.

— Sim, não posso culpá-lo. Ele é como uma criança, não é?

Henry deu uma gargalhada. — Sim, muito.

— O que o senhor menos gosta da Temporada?

— Por que quer saber?

— Nenhuma razão em particular — mais uma mentira; ela queria saber tudo sobre ele. Assustava-a, o quão curiosa ela era sobre ele, mesmo antes de saber sua identidade.

Ele grunhiu e voltou para a estrada, suas mandíbulas flexionando como se estivesse mastigando suas palavras. — Eu não gosto da superficialidade e da pretensão.

Bem, isso resumia o beau monde.

Antes que ela pudesse pensar em uma resposta, ele continuou. — Veja Sua Senhoria, por exemplo.

— Lorde Rotherhithe?

— Sim. As mulheres são loucas por ele, mesmo antes de trocarem uma única palavra com ele — ele exalou suavemente. — Tudo o que importa para a maioria delas é que ele tem dinheiro e conexões, ele pode ser um idiota estridente ou um homem que chuta filhotes. Ou pior.

— Existe algo *pior* do que um homem que chuta filhotes? — ela provocou.

Seus lábios flexionaram brevemente em um sorriso, mas isso não o desviou de seu ponto de vista. — Nada disso importa para as mulheres que querem se desposar dele.

— O que o senhor diz é verdade — ela admitiu, — mas não é verdade

para o resto da sociedade também? Não apenas o beau monde? Se Sua Senhoria fosse um comerciante rico e não um nobre, outros comerciantes não estariam se esforçando para se aproximar dele, para apresentá-lo às filhas e se tornar seu amigo? O mesmo, não seria verdade se ele fosse, digamos, um empregado respeitado com uma posição segura e bem paga? Criadas solteiras não correriam atrás dele? O sucesso não atrai sempre a atenção de homens e mulheres?

— Sim, a senhorita tem um excelente argumento — ele se virou para ela, os olhos duros, frios e mais verdes do que o normal. — Eu deveria ter sido mais preciso no que disse, é que desprezo pessoas que usam outras pessoas por seu dinheiro ou posição, não importa o estado social. E guardo meu maior desprezo para aqueles que *se casam* por dinheiro.

Annis só podia acenar com a cabeça e encarar os cocheiros que se aproximavam. Ela não tinha nada a dizer sobre isso, já que era exatamente o que ela estava planejando fazer.



Eles passaram horas explorando os jardins e a grande natureza selvagem nos fundos da propriedade.

Henry não conseguia se lembrar de ter passado uma tarde tão agradável com uma mulher antes, algo que o envergonhava admitir tanto quanto o surpreendia. Ele realmente se tornou um homem tão emocionalmente difícil ao longo dos anos? Ele não achava que sempre fora tão... inacessível. Afinal, ele se lembrou de ser amigo de algumas jovens criadas quando ele estava crescendo em Yorkshire.

Julia realmente o prejudicou tanto que ele não permitiu que nenhuma outra mulher importasse para ele ou se tornasse importante em sua vida?

Henry afastou o pensamento perturbador enquanto observava Annis ter prazer na propriedade, que na verdade pertencia a ele. Ele a comprou apenas uma semana antes, como um investimento. Ele não tinha de fato *olhado* para o quão encantador era até hoje, quando ele a enxergou através de seus olhos.

Foi um prazer vê-la aproveitar tanto esse pequeno pedaço do campo. Na verdade, ele *se* alimentou da visão dela, valorizando cada momento de uma maneira que o deixou mais do que um pouco desconfortável.

Eles terminaram o passeio pela propriedade no pedaço de floresta que separava a propriedade de seu vizinho. Annis inclinou a cabeça para trás e virou em um círculo, estendendo os braços e sorrindo enquanto olhava para os enormes olmos que os cercavam. — Eu me sinto como se estivesse em uma floresta mágica. É tão *silencioso* que nunca saberia que apenas a uma curta distância há milhares de pessoas.

Divertia Henry o quanto ela se assemelhava a uma criatura mágica, Titânia, a rainha das fadas, em seu meio natural.

E como se encaixa nessa história, Henry? Não é o místico Oberon, não é

um rei para sua rainha. É o 'mecânico rude' dela, Henry? Seu amante mortal, Nick Bottom?

Henry fez uma careta para a provocação mental, irritado consigo mesmo por seus devaneios de fantasia.

Sabe que está apaixonado quando fala bobagens shakespearianas, velhote.

Há! Apaixonado.

Mas a verdade era que Henry não conseguia desviar o olhar dela.

Seu antigo traje de caminhada - o mesmo que ela usara da última vez - parecia quase mágica quando a luz das árvores se filtrava sobre ela, envolvendo-a com a luz do sol.

Ela baixou os braços e se virou para ele, um olhar de arrependimento em seu rosto expressivo. — Sinto muito, Henry, mas provavelmente preciso voltar agora.

Ele assentiu, embora ainda não *quisesse* levá-la de volta. Ele não tinha certeza se queria levá-la de volta, nunca.

O pensamento incaracterístico enviou um raio de terror direto ao seu âmago. Ele *odiava* tanto querer estar perto de outra pessoa. Apenas um tolo colocava sua felicidade nas mãos de outra pessoa, onde poderia rasgar e destruir tão facilmente.

Henry cerrou os dentes contra o desejo, mas não conseguia parar de desejá-la. Ele achava Annis absolutamente e completamente encantadora. Sim, essa era a palavra para isso: ela o havia encantado.

Eles caminharam até onde ele havia soltado os cavalos para deixá-los pastar. — Sinto muito por não termos conseguido ver o jardim — disse ela.

— Devemos voltar.

— O proprietário não se importaria?

Henry sorriu. — Não, ele me disse para me sentir em casa.

— A quem pertence? — ela perguntou enquanto ele arreava o par de cavalos brincalhões.

— Ele é uma pessoa comum, duvido que a senhorita o conheça.

— Eu não escolho as pessoas que eu gosto com base em sua linhagem ou conta bancária, Henry.

— Obviamente, ou a senhorita não estaria aqui hoje.

Seu rosto corou, e ela baixou os olhos em uma forma tímida, quase submissa, que enviou um pulso de calor para a virilha dele.

Henry pegou a mão dela. — Para cima — disse ele, virando o corpo para que ela não pudesse ver a evidência cada vez mais óbvia de sua excitação. — Eu lhe entregarei as rédeas, Annis, a senhorita pode segurá-las enquanto eu subo?

— Oh, claro. Eu costumava conduzir nosso cabriolé para a cidade.

Henry sorriu para a comparação dela de um velho cabriolé e seu alto phaeton.

Enquanto ela pegava as rédeas em suas mãos pequenas, ele não pôde

deixar de notar que suas luvas estavam tão finas e desgastadas quanto o resto de suas roupas. Havia um pequeno buraco na palma da mão direita que ela deve ter consertado. Foi habilmente costurado, mas visível, do mesmo jeito.

Algo em sua cuidadosa reparação o deixou tão zangado que sua visão ficou turva. Como sua tia megera e tio negligente se atreviam a vestir-se como reis e rainhas e mantê-la em trapos?

Sua própria fúria o abalou até sua fundação. Por que diabos ele se importava tanto?

Henry lutou para obter o controle das emoções que se agitavam em seu estômago, arrancando o olhar de sua luva velha e encontrando seus gloriosos olhos azuis.

— Há algo errado, Henry?

Ele forçou um sorriso. — Não, não tem nada errado.

Seu próprio sorriso era incerto, dizendo-lhe o quão mal ele estava escondendo seu tumulto interior.

Ambos estavam quietos enquanto voltavam para a cidade.

Henry não sabia o que a mantinha ocupada, mas não conseguia parar de pensar em Annis Bowman e em seus sentimentos sem precedentes por ela.

Sentimentos.

Cristo. Até a palavra o fazia querer esmagar coisas.

A voz suave de Annis o tirou de sua hesitação mental inútil. — Pode me deixar aqui, Henry.

Eles estavam a poucas ruas da casa do tio. Era uma área respeitável o suficiente e o tráfego de pedestres eram principalmente de criados ou funcionários apressados para completar as ordens de seus empregadores antes do dia de trabalho acabar.

Ainda assim, ele não gostou.

— Tem certeza? — ele perguntou.

— Tenho certeza. Se meus tios soubessem o que eu tenho feito...

— Eu entendo — disse ele. Embora suspeitasse que os Bowmans não estivessem tão ansiosos para repreender a sobrinha se soubessem que era um conde rico e elegível com quem ela passava os dias.

Ela inclinou a cabeça para ele, os olhos implorando. — Não é o senhor pessoalmente, Henry, é minha tia, ela...

— Não gosta que a senhorita tenha nenhum prazer em sua vida?

— Oh, ela não é tão ruim assim — Annis repreendeu, mas não convencida.

E assim, Henry a deixou em uma esquina, sentindo-se como o maior canalha do mundo enquanto olhava para baixo para sua forma tão pequena.

— Suponho que não a verei por mais duas semanas? — Ele disse as palavras levemente, mas não gostava de pensar nos dias que se seguiam se não a contivessem.

— Na verdade — disse ela, sorrindo para ele de uma forma que tornava muito difícil não colocá-la de volta na carruagem e beijá-la até deixá-la sem

fôlego, — acredito que posso sair depois de amanhã.

— Ora, *Srta. Bowman* — ele provocou. — A senhorita quer dizer que pode se soltar da coleira três vezes em quase o mesmo tanto de dias?

— Os eventos, por sua vez, conspiraram a nosso favor, *Sr. Parker*. Minha tia e meus primos vão com alguns amigos para Richmond e ficarão fora o dia todo.

Henry, também, aceitou um convite para ir junto nesse passeio. Bem, agora parecia que o pobre Lorde Rotherhithe estava prestes a desenvolver um repentino resfriado e ter que cancelar. E seu leal amigo e funcionário teria que ficar em casa para fazer-lhe companhia...

Um sorriso como resposta curvou seus lábios. — Que horas?

— Eu poderia encontrá-lo no mesmo lugar, mais cedo, se o senhor desejar?

— Vou tomar o máximo do seu tempo que me der, Annis.

— Dez horas?

— Excelente. Trarei um piquenique e poderemos explorar o resto daquela propriedade encantadora à vontade.

— Ah sim, isso seria adorável — seus olhos, que eram sempre de tirar o fôlego, brilhavam com antecipação. — Vejo a senhorita amanhã.

Ele esperou onde estava e a observou se afastar. Antes de virar a esquina, ela se virou e deu-lhe um leve aceno tímido, e então desapareceu.

A sensação de agitação em seu estômago era mais do que desagradável, era dolorosa.

Henry não tinha certeza de quantas vezes mais ele poderia vê-la se afastar dele.



Capítulo Dez

No momento em que Annis conseguiu sobreviver à noite no teatro com os amigos do Sr. Norburg, e suas esposas, e a outro passeio ao parque no dia seguinte, a única coisa que a impedia de cair em desespero era a ideia de ver Henry hoje.

Não era que o banqueiro ou seus amigos tivessem sido horríveis, mas apenas que eles tinham sido tão... frívolos. Os únicos tópicos de conversas eram dinheiro, bancos, criados - como eram preguiçosos - casas de campo e como as esposas queriam desesperadamente, roupas e as melhores lojas, sendo a melhor, *qualquer* loja que fosse cara e frequentada pela nobreza.

Na verdade, não era pior do que uma noite em uma festa da *ton*, ambas eram o tipo de existência vazia e materialista que ela sempre evitou no passado.

Annis temia a ideia de um futuro cheio de noites banais, mas o Sr. Norburg era o único homem interessado em se casar com ela, e os mendigos não podiam escolher.

Ela sorriu para si mesma com a expressão idiomática enquanto se aproximava do que agora pensava ser o lugar de encontro *deles*.

Como se estivesse na hora, ela ouviu as rodas da carruagem desacelerando atrás dela e se virou.

Em vez do phaeton que ele havia manejado antes, hoje Henry estava em um cabriolé arrojado.

Agora que ela sabia quem ele realmente era, fazia sentido que ele estivesse tão confortável com os equipamentos e cavalos caros. Depois de alguns passeios com o Sr. Norburg, ela percebeu o quão habilidoso Henry era com as rédeas.

Annis sorriu para Henry quando o cabriolé parou.

— Boa tarde, Annis. Está esperando há muito tempo?

— De jeito nenhum, eu só cheguei alguns segundos antes do senhor.

— O que a senhorita acha deste dia que arranjei para o seu prazer?

— O senhor tem um excelente gosto, é glorioso.

Henry chutou o único degrau e estendeu a mão.

— Sem a carruagem amarela hoje? — ela perguntou.

— Não, pensei em impressioná-la com meu lado sério e sóbrio.

Annis riu. — Sim, porque este veículo é *muito* sério e sóbrio.

Seus olhos brilhavam com genuíno prazer enquanto ele sorria para ela. — Esse é um chapéu muito bonito que a senhorita está usando — elogiou ele,

enquanto ela assentava as saias. O banco nesta carruagem era, infelizmente, muito mais largo, dando a Annis nenhuma razão para esmagar seu corpo contra o dele.

— Obrigada, eu mesma enfeitei noite passada.

— Para usar hoje?

— Sim — ela admitiu. Por que mentir? Esta foi a coisa mais empolgante que aconteceu com ela desde... bem, *sempre*.

— Fica bem na senhorita — disse ele, seus olhos mutáveis mais escuros hoje, mais castanhos do que verdes.

Annis olhou para a frente e pegou seu lábio inferior com os dentes, tão animada por passar um dia inteiro com ele que ela tinha medo *do que* poderia sair de sua boca.

— Eu trouxe um piquenique preparado no Clarendon.

— Oh, que extravagante! O que vamos comemorar?

— Que tal o seu novo chapéu?

Ela riu. — Eu não acho que isso mereça um piquenique.

— Por que não comemoramos um dia inteiro de lazer juntos?

— Excelente ideia — ela concordou. — Não pretendo fazer nada além de relaxar e saborear as iguarias que o senhor trouxe.

— E suponho que *sou eu* quem vai fazer o trabalho e servi-la?

— Naturalmente, eu sou uma senhorita que está relaxando, afinal!

— Sua família a faz trabalhar muito? — ele perguntou, o aperto em torno de sua boca dizendo como ele se sentia sobre isso.

— Ora, por favor, não vamos falar das minhas primas hoje — ela implorou, embora dizer isso não fosse gentil com sua família. Ela também queria esquecer que passaria mais uma tarde com o Sr. Norburg no dia seguinte, um pensamento que era ainda mais desagradável. Mas Annis sabia que haveria mais e mais ocasiões com o banqueiro frio e ligeiramente enervante, agora que ele estava formalmente a cortejando.

— Eu concordo com isso — disse Henry. — Do que a senhorita gostaria de falar, madame? — Sem dificuldade alguma ele diminuiu a velocidade do cabriolé no fluxo do tráfego.

— Conte-me a seu respeito, Henry. — Ele lhe mentiria? Ou colocar um pouco da verdade entre as mentiras?

— O que a senhorita deseja saber?

— Conte-me sobre sua infância.

Sua mandíbula se moveu de um lado para o outro, os músculos flexionando sob a pele.

— Não se o senhor não quiser — ela rapidamente emendou, perguntando-se o que lhe dera uma carranca tão amarga.

— Fui criado na casa de um lorde, nos aposentos dos criados.

De quem era esse passado? Do verdadeiro Colin? Ou a dele? Agora que Annis refletiu sobre isso, ela ouviu muito pouco sobre o passado do Conde de Rotherhithe. Nem Susanna parecia saber muito.

— A senhorita provavelmente já ouviu rumores sobre mim, não ouviu? — Seus olhos estavam afiados, como se ele pudesse ver dentro de sua mente e saberia se ela mentisse.

Annis esperava desesperadamente que não fosse o caso.

— Ouvi dizer que sua mãe era uma criada e seu pai um marinheiro.

Ele deu uma risada. — Um marinheiro? Essa é novidade para mim. — Sua boca se torceu em um sorriso sarcástico e ele virou em uma curva e acelerou o ritmo que a fez agarrar o suporte.

Não havia humor em sua breve risada, e ela desejou não ter abordado o assunto. Mas agora que ela abriu a *Caixa de Pandora*, ela não conseguia pensar em uma maneira de fechá-la novamente. Annis sorriu; essa era uma das expressões idiomáticas favoritas de seu pai.

— Por que a senhorita está sorrindo? — ele perguntou.

— Eu estava pensando no meu pai.

— O que tem o seu pai? — Ele perguntou, provavelmente grato por uma oportunidade de afastar a conversa de si.

— Ele era um professor de Oxford, o que sua família considerou um passo chocante. Se isso não fosse ruim o suficiente, ele se casou com uma atriz e se jogou para além do fundo do poço — ela o olhou rapidamente, mas ele estava olhando para frente. — Antes de se casar com minha mãe, havia convites para passar as férias com seu primo, o conde de Denbeigh, e o resto da família da minha avó. Depois do casamento dele... bem, vamos apenas dizer que não conheci ninguém daquele lado da família.

— É a mesma avó com quem a senhorita morava?

— Sim, ela jogou sua sorte com o filho, o que *a colocou* para além do fundo do poço também.

— Essa até eu sei — disse ele com orgulho, qualquer amargura que estivesse sentindo não era mais evidente. — Essa vem dos pedaços de madeira que os invasores normandos usavam para fazer cercas e se proteger dos irlandeses.

— Parece que o senhor andou se preparando para um teste — ela provocou.

— Estou decidido a me tornar o animal de estimação da professora.

Annis riu.

— Mas, voltando à história de seu pai e sua avó — continuou. — Eles foram expulsos do paraíso.

— Algumas pessoas concordariam com essa avaliação — disse Annis. — Mas então não é realmente o paraíso, não é?

— O quê? A senhorita quer dizer que não aspira a fazer parte da *ton*? — Seu tom estava zombando.

— Conheci muitos nobres infelizes. Eu não acredito que nos mover nos círculos da *ton* trará felicidade por si só.

— Suas primas não concordam. As duas parecem estar determinadas a conseguir Rotherhithe.

Annis não objetou, como ela poderia? Mas parecia muito desleal dizer isso, mesmo que elas tivessem feito pouco para merecer sua lealdade.

Ela não conseguiu resistir a outra espiada dentro da Caixa de Pandora. — O senhor disse que nasceu na Índia, mas cresceu na casa de um lorde na Inglaterra?

— Sim, depois que meus pais morreram em Calcutá, fui enviado para minha família. Minha tia era a governanta na casa de um lorde e ela me acolheu.

— Quantos anos tinha quando ficou órfão?

— Cinco.

— E o senhor veio do outro lado do mundo sozinho?

Ele assentiu, sua expressão fechada e distante. — Seus pais ainda estão vivos?

— Não, meu pai morreu há dez anos e minha mãe há sete.

— A senhorita era próxima deles?

— Eu era próxima do meu pai, mas não da minha mãe. Ela era... diferente.

— Diferente como?

— Bonita, elegante, cobiçada. Ela sabia como se vestir e se comportar de uma maneira que atraía as pessoas para ela. Ela... — Annis parou e balançou a cabeça.

— Ela o quê? — Ele a incentivou.

— Ela não gostava de livros, leitura ou idiomas. Ela era tão diferente do meu pai que muitas vezes me pergunto como eles... — Annis percebeu onde sua conversa a levou e parou.

— A fizeram?

Annis viu, pelo canto do olho, que ele estava sorrindo. — Ele era tão reservado, e ela era tão... solta. Eu raramente a vi depois da morte do meu pai e ela se casou novamente um ano depois e construiu uma nova vida.

— A senhorita tem meio irmãos ou irmã?

— Não, o homem com quem ela se casou já tinha uma família adulta e não queria outra. Nem minha mãe. Para ser honesta, eu não acho que ela queria sua *primeira* família — ela mordeu o lábio. — Eu não devia ter dito isso.

— Por que não?

— Porque é indelicado.

— É a verdade?

— Sim, mas...

— Eu prefiro que sempre me diga a verdade, Annis.

Vindo dele, foi um pedido irônico.

— Sempre? — ela perguntou, dando-lhe um olhar arqueado.

— Sim.

— Mas às vezes a verdade pode ser tão... desconfortável — Disse ela, olhando nos olhos dele e esperando por algo. Sua confiança?

Sua boca se torceu em um sorriso estranho. E... ele estava corando?

— Sim — concordou ele. — Pode ser desconfortável.

Bem, ele saberia, não saberia?



Maldito canalha. Que hipócrita é pedindo-lhe que sempre diga a verdade quando está vivendo uma mentira.

Henry ignorou a acusação.

Em vez disso, ele tirou a pesada cesta de piquenique da traseira do cabriolé e a levou para o local que Annis havia escolhido.

Ela parou à sombra de uma árvore imensa. — Aqui parece perfeito, bem aqui, eu acho.

— Como a senhorita quiser.

Ela riu: — Estou sendo mandona, não estou?

— Terrivelmente — ele se abaixou e soltou a alça de couro que segurava o cobertor na cesta de vime. — Onde, exatamente, a senhorita gostaria que eu pusesse isso? — Ele se levantou e desdobrou o cobertor com um estalo.

Ela assumiu uma pose exagerada de consideração e apontou para um lugar com toda a dignidade de uma rainha. — Bem aqui.

Sorrindo, ele estendeu o cobertor.

— Não, espere. *Ali* — ela apontou para um ponto que estava a apenas alguns centímetros de distância do primeiro, e então deu uma risada feliz e adorável. — Estou apenas brincando. Qualquer lugar aqui está bom.

— Tirana — ele murmurou, fazendo-a rir novamente. — Como sou seu criado, também organizarei nosso banquete. — Ele caiu de joelhos na beira do cobertor e abriu a cesta.

— Eu ajudo. — Ela se abaixou ao lado dele, trazendo consigo um aroma limpo de sabão com ela, e um leve toque de outra fragrância, uma que ele facilmente reconheceu: bergamota. O cheiro de seu botânico favorito misturado com seu perfume feminino fez seu sangue subir. Ele já estava meio duro sentado ao lado dela no cabriolé. A sensação de seu corpo esguio contra o dele lhe deu uma ereção, tão rapidamente, que era embaraçoso.

Sem dúvida, essa era a maneira de seu corpo dizer a ele que fazia muito tempo desde que tomou uma mulher. Não que ele não tivesse tido muitas oportunidades nas últimas semanas. As belas damas da *ton* não queriam dançar com o amigo pobre de um conde, mas mais do que algumas viúvas luxuriosas haviam admirado seu corpo enorme e feição afiada, com um brilho faminto nos olhos. Ele sabia o que elas queriam: uma troca rápida, um toque de perigo; uma foda adequada de um homem que trabalhava para viver.

E Henry poderia ter dado o que elas queriam também, mas ele simplesmente não sentiu o desejo.

Pelo menos não para outras mulheres.

Mas ele sofria tanto por Annis que isso o estava enlouquecendo.

Estar sozinho com ela fez com que tivesse pensamentos eróticos, sem

mencionar o resto de seu corpo. Mas ela não era como suas mulheres habituais - viúvas experientes e esposas da Companhia - que se envolviam em encontros sexuais sem se importar.

Annis era inocente - uma virgem - nada como as amantes a quem ele estava acostumado a levar para a cama.

Infelizmente, esse fato não importava para seu corpo, o que instou Henry a agarrá-la e beijá-la na próxima semana, e fazer outras coisas muito menos inocentes.

Mas ele não era um animal; ele podia controlar seus impulsos, mesmo que tal controle significasse que ele usasse as suas mãos várias vezes por noite para manter a cabeça limpa durante essas tardes.

— Henry!

— Hum? — Ele se virou e a encontrou olhando para ele, a poucos centímetros de distância.

Seus olhos eram como as profundezas azuis do oceano, sua pele como porcelana. Tão perto dela, ele podia ver os arbustos pálidos de cílios que bordava seus olhos.

— Sim? — perguntou.

Ela lambeu os lábios, o gesto nervoso, mas sensual, afastando-o do já tênue autocontrole dele. — O senhor ficou tão quieto — disse. — Algum problema?

— Sinto cheiro de bergamota. — Sua voz estava rouca de luxúria e Henry esperava em Deus que ela não notasse.

— S-sim, espero que o senhor não se importe, mas coloquei um pouco do chá em pequenos sacos de pano no meu armário, como sachês.

— Por que eu me importaria?

— Bem, era para chá, não para ser usado em gavetas com minhas... er... com minhas roupas.

Ele queria provocá-la e fazê-la dizer a palavra que ela havia evitado desajeitadamente - roupas íntimas -, mas ela já estava corando com tanta intensidade, que ele conteve seu impulso malicioso.

Em vez disso, ele disse: — Foi um presente, Annis, para ser usado da maneira que quiser.

— Eu fiz um bule de chá com algumas colheres preciosas de bergamota.

— E a senhorita, gostou?

Suas pálpebras tremulavam em uma expressão de felicidade que era puro tormento para seu membro apertado e latejante. — Estava uma delícia.

Não faça isso, Henry!

Mas ele não conseguiu se conter. Ele deslizou a mão por baixo da mandíbula dela até que as pontas dos dedos estivessem descansando no cabelo sedoso e liso na nuca dela. — *Parece deliciosa, Annis. Por acaso é?*

Seus lábios se separaram e sua respiração já irregular ficou ainda mais irregular.

— O-O quê?

— Eu vou beijá-la — Henry fez uma pausa, dando a ela a chance de recuar ou bofeteá-lo ou chamá-lo de desgraçado.

Mas ela se inclinou para o toque dele e levantou os lábios para os dele.



Uma respiração leve e quente roçou seus lábios antes que ele a tocasse.

Oh!

Seu cérebro proferiu aquela sílaba e depois parou de se agitar tão abruptamente quanto uma roda com um raio atravessando-a.

Seus lábios eram suaves, *tão* incrivelmente suaves e quentes - e eles pressionaram os dela com uma ternura que fez seu corpo se transformar em água.

A mão grande dele deslizou pela parte de trás do pescoço dela. — Firme — ele murmurou.

Annis perdeu o equilíbrio sob seu aperto suave enquanto sua boca se movia sobre a dela com toques fantasmas provocadores, até que ela se sentiu tonta e teve que se segurar em seus ombros maciços para não cair para trás.

— Abra para mim — ele sussurrou.

Abrir?

Annis forçou os olhos dela a se abrirem e encontrou os dele, quentes, escuros e líquidos.

Seus lábios se curvaram naquele sorriso lento e preguiçoso que obliterou seu juízo. — Sua *boca*, querida.

Ela se assustou com o carinho, seus lábios se separando.

— Hmmm — ele traçou o lábio inferior dela com a língua. E então novamente, e novamente, cada vez mergulhando um pouco mais fundo em sua boca.

O Sr. Leech a beijou, é claro, mas seus beijos tinham sido de boca fechada. Mesmo aquelas quatro vezes em que eles fizeram muito mais do que beijar, ele se comportou de forma estável e apressada, pelo menos em comparação a *isso*.

Isso era... bem, isso era diferente de qualquer coisa que ela tivesse imaginado na calada da noite, quando ela deslizava os dedos entre as coxas para afastar a dor incômoda.

Sua mente parecia fraturar, até que havia três, talvez mais, Annis distintas. Uma se deleitava com a pura sensualidade que fluía por seu corpo, uma repreendia e alertava, e a outra observava em choque de boca aberta.

E então havia a quarta Annis, uma gananciosa, exigindo uma que gradualmente subjugava as outras, ficando maior, mais corajosa, mais insistente.

Um som gutural deslizou de entre seus lábios; ela queria - *precisava* - estar mais perto.

Annis passou as mãos dos ombros dele até o pescoço, pressionando-se

contra ele, enfiando os dedos nos cabelos grossos, desejando desesperadamente que ela tivesse tirado as luvas.

Ele gemeu e o mundo se inclinou quando ele envolveu um braço musculoso em volta da cintura dela e a ergueu tão facilmente como se ela fosse uma criança antes de cuidadosamente colocá-la no cobertor e depois se esticar ao lado dela.

Annis estendeu a mão para ele, sem se importar com o quão ousado seu comportamento poderia parecer.

Henry também a alcançou, seus braços poderosos a cercando e puxando-a confortavelmente contra o comprimento de seu corpo longo e duro.

Eles poderiam estar se beijando por um minuto, dez ou uma hora; ela perdeu a noção do tempo. No início, ela se contentou em saborear seus toques dominantes e confiantes. Mas lentamente, antes que ela soubesse o que ele estava fazendo, ele a atraiu mais até que ela notou - com um choque - que ela estava explorando a boca dele com a língua, seus golpes menos habilidosos do que os dele, mas agradando-o, se seus gemidos fossem resposta.

— É tão boa — Henry murmurou contra a mandíbula dela, que ele estava mordiscando e lambendo.

Ela piscou para ele através de olhos sedentos de luxúria. Quando pararam de se beijar? Quando ela rolou de costas?

Seus lábios se moveram para baixo, traçando o decote modesto de seu vestido.

Isso é errado, Annis.

Ela derrotou a voz repreensiva com um único pensamento: *Eu não me importo.*

A língua lisa e quente de Henry disparou sob o algodão gasto de seu corpete, acariciando o topo de um seio. O corpo dela se arqueou sob o dele, os dedos cravando nos seus ombros de granito.

Annis nunca havia se embriagado antes, mas devia ser *assim*. Quem teria acreditado que beijar poderia trazer tal prazer no corpo inteiro? Cada carícia de seus lábios e língua enviava dedos melosos de prazer a cada parte dela, especialmente a parte que latejava, doía e *exigia*...

Ela se assustou quando a mão dele pousou suavemente sobre sua pélvis, a extensão combinada de seus dedos e palma da mão a abrangendo facilmente de um lado do quadril ao outro.

— É tão pequena... tão delicada — disse ele, sua voz admirada, seu toque leve.

E então ele a acariciou, suavemente, no início, mas com uma ousadia crescente.

A resposta de Annis foi quase primitiva, seu corpo ondulando e balançando contra cada ataque rítmico.

— Deus, Annis — um arrepio atravessou seu enorme corpo, e ele empurrou os dedos entre as coxas apertadas dela, apertando seu sexo firmemente sobre o tecido fino de seu vestido. — Eu quero tocá-la aqui, para

lhe dar prazer. Diga-me para parar.

Annis abriu os olhos e o encontrou olhando esfomeado, o desejo pulsando em suas pupilas inchadas e insondáveis, seus lábios escorregadios e avermelhados. Ela passou a mão em volta do pescoço dele e o puxou para baixo, tomando sua boca com uma selvageria que a atordoou. Embora ela fosse desajeitada e seus dentes estivessem batendo, seu peito retumbou com sons baixos e encorajadores, e ele se abriu mais, convidando-a a explorar.

Através da névoa da felicidade sensorial, ela percebeu que ele estava acariciando levemente a linha de seus lábios inferiores, a ponta de seu dedo provocando o broto sensível - mas nunca o suficiente - até que ela estava se esfregando contra a mão dele, perseguindo avidamente seu próprio prazer.

De repente, sua boca e mão desapareceram.

Annis choramingou. — Henry.

— Shhh, querida — ele murmurou. — Separe suas coxas para mim.

Um calor ardente e incinerador lambeu sua pele ao seu comando perverso, um comando que seu corpo obedecia com fervor, mesmo quando sua mente pulsava de vergonha por seu comportamento.

Seu corpo venceu a luta com uma facilidade embaraçosa e Annis se abriu para ele, seus quadris pressionando com uma devassidão que fazia seu peito estrondar com um ronronar de aprovação.

O ar frio acariciou suas panturrilhas enquanto ele levantava sua saia e anáguas, seus dedos pastando levemente sobre suas meias grossas, acima do joelho, permanecendo onde o algodão barato encontrava carne desnuda, deslizando sua parte interna da coxa com os dedos levemente calejados.

— Annis — ele sussurrou. Seu nome soou quase como uma oração enquanto ele mergulhava nos cachos úmidos no ápice de suas coxas. Ele acariciou seus lábios inchados com o polegar, não exercendo pressão suficiente para separar suas dobras, não tocando aquela parte dela que latejava de necessidade.

Desesperada de desejo e despida de todo o orgulho, ela se abriu mais para ele, até que seus quadris doeram.

— Tão apressada. — Sua voz era áspera e presunçosa e seu polegar a atormentava, suas carícias muito substanciais *a forçando* a se comportar como uma meretriz, até que ela estava pinoteando e estocando contra sua mão.

Ele deu uma risada baixa e perversa e reivindicou a boca dela novamente, seus beijos, mais forte e profundos, enquanto ele pressionava um dedo grosso entre as dobras inchadas.

Annis gemeu em sua boca quando ele circulou a protuberância inchada e sensível com o polegar enquanto outro dedo acariciava seu sexo escorregadio, permanecendo sobre a entrada do corpo dela.

Ele quebrou o beijo, a respiração irregular. — Está tão molhada para mim, Annis.

As palavras dele enviaram um raio de desejo direto para o âmago dela, e ela abandonou os vestígios de autocontrole e empurrou contra ele, segurando

seus ombros para obter melhor influência enquanto cavalgava sua mão.

Seu dedo obtuso cutucou corajosamente a abertura dela, entrando nela com uma estocada.

Uma lamúria mortificante escapou de sua boca, e ela mordeu o lábio com força suficiente para inundar sua boca com o sabor metálico de sangue, seus quadris se sacudindo impotentemente ao ritmo das estocadas de Henry.

— Sim, uma garota tão boa, Annis — ele elogiou.

Quando ela se ajustou à espessura dentro dela, ele murmurou contra sua pele. — Aguenta mais um? — Um segundo dedo provocou e acariciou sua pele escorregadia, não a invadindo até que ela assentiu.

Ambos gemeram quando ele o acomodou ao lado do primeiro. — É tão apertada.

Annis oscilou entre o desconforto e o desejo; o prazer era muito forte - esmagador - ela precisava...

— Isso mesmo, pegue o que quiser, use-me, Annis.

Suas palavras foram um catalisador e um grito chocante rasgou sua garganta quando todos os músculos de seu corpo se apertaram e o nó apertado que estava se formando e crescendo em seu sexo explodiu.

Annis perdeu a noção de si mesma enquanto, onda após onda, de um êxtase a golpeava.

Ela estava vagamente ciente de sua respiração cansada, carícias suaves e palavras silenciosamente murmuradas enquanto ela flutuava lentamente de volta à terra.

— Mais uma vez. — Ele sussurrou, enquanto as ondas de prazer recuavam. Seu polegar perverso retomou sua dança habilidosa, levando-a ao esquecimento muito mais rápido desta vez.

— Isso, assim — ele insistiu enquanto ela apertava e tremia. — Goze para mim mais uma vez, Annis.

Gozar? Gozar de quê?

Mas o pensamento foi arrancado em uma rajada de vento enquanto a segunda onda de prazer a consumia.

— Shhh, querida — a voz de Henry estava baixa e trêmula contra sua têmpora enquanto ela gemia e se desfazia em seus braços. — Está tudo bem, querida.

Suas palavras suaves a trouxeram de volta ao juízo, e o calor que a envolvia diminuiu.

A realidade fria e humilhante tomou seu lugar.

Estava se esfregando na mão dele como um animal.

Annis se encolheu com a imagem embaraçosa que se alojava nos olhos de sua mente, uma imagem dela se contorcendo como uma rameira.

— Annis?

Ela pressionou o rosto no ombro dele, como uma criança acreditando que o que ela não podia ver realmente não existia.

Mas mãos poderosas pegaram seus ombros. — Querida, olhe para mim.

Ela fechou os olhos com força. Talvez se ela se recusasse a responder, ele simplesmente desapareceria.

Annis sentiu, em vez de ouvir, a risada baixa e gentil que vibrava seu corpo. — Eu não vou desaparecer só porque se recusa a olhar para mim. — Ele a afastou alguns centímetros enquanto falava, a perda de seu calor e proximidade quase fisicamente dolorosa.

— Abra os olhos, Annis.

Ela exalou um longo e trêmulo suspiro, e então obedeceu.



Capítulo Onze

Bom Deus, seus olhos eram as coisas mais lindas que Henry já tinha visto, mais bonitos do que o céu azul de Bengali ou uma safira inestimável. Cerúleo, límpido e insondável.

E agora, mortificado e ferido.

Cristo, ele era um desgraçado por ter se aproveitado dela!

Henry sabia que deveria se sentir envergonhado, mas não podia. Vê-la desmoranar não uma, mas duas vezes, foi muito delicioso. Além disso, na escala de comportamentos repreensíveis, ele não foi tão ruim, pois ele apenas usou os dedos nela, quando na verdade o que queria, envolvia sua boca e seu pênis.

Annis deve ter visto o desejo em seus olhos, porque soltou um chiado cativante e se afastou dele.

— Por favor, não se sinta envergonhada — disse Henry, mascarando sua luxúria com um sorriso esperançosamente reconfortante.

Ela olhou para ele como se ele fosse louco. — Como posso não me envergonhar depois da maneira como me comportei?! — Annis disse escovando freneticamente as saias que ele havia levantado, como se para apagar todas as evidências do excitante evento dos últimos minutos.

— Não estava sozinha em seu comportamento — ele a lembrou.

— Mas era eu quem estava me contorcendo e gemendo.... *oh!* Eu me comportei como... como uma *besta* — ela cobriu o rosto com as duas mãos e gemeu com abominação. — Não sei o que deu em mim.

Henry teve que segurar o sorriso. Ele suspeitava que sua apreciação linguística de duplo sentido não se estenderia a essa situação específica. — Dê-me a sua mão.

Ela espiou por cima dos dedos; sua testa enrugada. — Para quê? Apenas me deixe. O que mais poderia...

Henry pegou sua mão e a colocou na abertura de suas calças, sibilando ao toque dela. — Sabe o que é isso? — perguntou com os dentes cerrados.

Ela franziu o cenho. — Eu posso ser inexperiente, Henry, mas não sou idiota. É o seu órgão reprodutor — ela fez uma pausa, sua expressão pensativa. — E está pronto para reproduzir.

Ele deu uma risada ofegante. — Sim, está. Então, se acha que foi a única a se comportar como uma *besta*, está completamente enganada.

Ela olhou para baixo, para onde sua mão descansava sobre ele. — Eu não sabia que eles poderiam ser tão prodigiosos.

E então ela o apertou.

Henry ganiu e afastou sua mão.

— Dói se eu apertar? — ela perguntou, ainda olhando para suas calças obscenamente distendidas.

— Não, não dói se apertar — ele não podia acreditar que estava tendo essa conversa. — Meu ponto era mostrar-lhe, mas não para apertar, e sim para explicar que eu também estava muito excitado, porque eu a quero. Muito. O que eu mais gostaria de fazer era levantar as suas saias e tomá-la bem aqui sobre esse cobertor...

Ela arfou e enrubescceu.

— Esse tipo de comportamento pode ter... repercussões — ele terminou, colocando as mãos sobre os ombros dela, aliviado quando ela não se afastou dele. — Mas o que fizemos juntos não é errado nem mau, Annis. É normal e saudável. E isso não faz de nós pessoas ruins — ele estava desesperado para que ela não se odiasse por sua natureza maravilhosamente sensual. — Eu sei que não acredita, mas o tipo de comportamento er... afetuoso — seu rosto aqueceu pelo eufemismo ridículo — em que acabamos de nos envolver não significa que não é mais virgem.

— Eu *sei* disso — ela sibilou, sua garganta e peito ainda manchados com os efeitos colaterais de seu orgasmo. E ela *atingiu* o clímax, pelo menos duas vezes.

Foi o evento mais erótico de sua vida, e ele ainda estava totalmente vestido. Nunca precisou impor um controle tão rígido sobre seu corpo e ainda estava tremendo com necessidade.

Ela poderia ser pequena e magra, mas era forte e havia montado sua mão como a ninfa fervorosa da mitologia, usando-o para seu próprio prazer.

Era uma imagem que ele nunca esqueceria.

Mas agora, ela precisava de um momento para se recompor, então Henry se ocupou com o piquenique esquecido.

— Está brava comigo? — Ele perguntou alguns minutos depois quando ela começou a ajudá-lo.

Ela balançou a cabeça em negativa, mas não olhou para ele.

— Annis? — Henry esperou até que ela olhasse para cima. — Quer que eu a leve para casa? — Ele não queria, mas devia isso a ela, pelo menos.

— Não — Annis respondeu sem hesitar. — Não, eu não quero ir. Eu não estou brava, estou apenas...

— Constrangida?

— Terrivelmente.

— Por favor, se puder fazer algo por mim, *não se sinta assim*. O que fizemos me deu um grande prazer, muito mesmo. — Mais dez ou quinze segundos e ele teria jorrado em suas calças.

O rosto de Annis, que acabara de voltar à sua cor normal, ficou carmesim novamente.

Ela deu um aceno abrupto.

— Eu não sei quanto a você — disse ele, forçando-se a parecer jovial, o que não era fácil com seu pênis ainda duro como um poste, — mas estou faminto.



Annis não acreditava que algum dia, poderia voltar olhar Henry nos olhos.

Mas quando ele começou a preparar suas refeições e, em seguida, serviu-lhe um prato de uma maneira tão pragmática, ela logo se perguntou se havia imaginado o que aconteceu nos vinte minutos atrás.

— Hmm, isso está delicioso. — Disse Henry, desviando a atenção dela de seu próprio prato, que ela não parava de olhar, mas sem realmente ver.

Ele sorriu para ela com um pedaço de presunto suculento nos dentes do garfo. Em vez de colocá-lo na boca, ele a ofereceu. — Experimente.

Seus lábios já haviam se separado em choque com a oferta estranhamente íntima, então era fácil se inclinar e pegar o pedaço saboroso do garfo.

Suas narinas se dilataram e suas pálpebras caíram, Henry olhava sua boca enquanto ela mastigava, e novamente um desejo emanou de seu corpo, fazendo-a se sentir como se ela fosse a mulher mais atraente do mundo, em vez de uma ninfomaníaca magricela e comprida que acabara de fazer algo escandaloso com a mão dele.

— Está bom? — ele perguntou.

Ela engoliu em seco novamente e assentiu.

— Eu trouxe bastante, então coma. Porque depois do almoço vamos fazer o que queria e explorar o jardim e cada centímetro do terreno.

Annis se forçou a comer enquanto Henry mantinha o fluxo de conversa leve e divertida sobre a Temporada, compartilhando anedotas sobre o falso conde e fazendo-a sorrir.

Quando terminaram de comer, quarenta e cinco minutos depois - e começaram a guardar os pratos e arrumar o restante da comida - ela finalmente conseguiu contribuir com algo. — Eu posso limpar, é o mínimo que posso fazer.

— Eu deveria ser seu criado hoje, e você uma dama relaxando.

— Eu quero.

— Tem certeza?

— Sim.

— Hum — ele deu um bocejo enorme, e então suas bochechas bronzeadas enrubesceram. — Sinto muito, isso foi extremamente rude, e absolutamente não é reflexo sobre a sua companhia. Receio que seja difícil ter uma noite de sono decente hoje em dia.

— E por que isso?

— A Casa Rotherhithe é tão fria quanto um túmulo e todos os móveis e roupas de cama são antigos, duros como pedras e mofado.

— Sua Senhoria não tem planos de tornar a casa mais habitável? — Ela perguntou, sem olhar para ele enquanto embrulhava as fatias grossas de presunto que sobraram.

— Eu acredito que é sua intenção vendê-la depois deste ano.

— Isso é uma infelicidade.

— Por que acha isso?

— Bem, pertence à família dele há centenas de anos. Provavelmente há grande parte de sua história nela. Parece triste que isso passe de suas mãos — era difícil lembrar que era *ele* quem estava vendendo a propriedade de sua família.

Henry apenas grunhiu, não parecendo convencido. Annis não pôde deixar de notar que suas pálpebras estavam caídas, e não com paixão desta vez.

— Por que não dorme um pouco?

Seus olhos se abriram. — Eu não estou cansado — sua afirmação foi arruinada após sufocar outro bocejo.

— Eu posso ver isso — disse ela secamente.

— Deve estar pensando que eu sou horivelmente rude?

— Não, estou pensando que está apenas cansado.

Ele levantou uma sobrancelha. — O que vai fazer?

Annis gesticulou para a bolsa que levou. — Eu tenho um livro e um bloco de desenho para me manter ocupada.

— Bem, se tiver certeza.

— Tenho certeza, durma —ela poderia usar o tempo para juntar os pedaços do seu juízo.

Um de seus sorrisos lentos e preguiçosos se espalhou por seu rosto. — Se é uma ordem.

— É sim.

Ele alcançou os botões do casaco e fez uma pausa. — Se importa se eu ficar só de camisa?

Annis se engasgou com uma risada. Considerando que ela havia esfregado seu sexo contra a mão dele...

— Fique à vontade —disse ela, vasculhando a bolsa, mas o observando pelo canto do olho enquanto ele desabotoava o casaco, dobrando-o em um quadrado e depois colocando-o no chão para usar como travesseiro. Em instantes, ele se posicionou de costas, seus braços poderosos cruzados sobre o peito, seu corpo enorme estendido diante dela como um sopro masculino.

O desejo de subir em cima dele e fazer um banquete era tão forte que a deixava desnorteada.

Controle-se!

Era um excelente conselho. Ela pegou um bloco de desenho e fingiu procurar uma página limpa enquanto o observava. Ela poderia muito bem ter ficado babando boquiaberta, já que ele estava respirando de forma uniforme e profunda em menos de um minuto.

Com o caderno de desenho na mão, ela se posicionou em um ângulo tal

que podia vê-lo por inteiro, com a intenção de aproveitar a rara oportunidade de capturá-lo para a posteridade em seu caderno de desenho. A única maneira que ela poderia tê-lo.

Mas em vez de esboçar, ela ficou pensativa, sua mente vasculhando os eventos do dia, seu cérebro naturalmente permanecendo na parte em que o usara para seu prazer sexual.

Se ela fosse uma mulher decente e honesta, ela queimaria de vergonha com a memória.

Mas, depois daqueles primeiros momentos mortificantes, ela se sentiu surpreendentemente livre da vergonha.

Por que sua falta de moralidade a surpreenderia? Afinal, ela havia se deitado várias vezes com um homem que havia roubado tanto ela quanto sua amada avó.

Mas não estava quase noiva de outro homem quando rolou na grama com o Sr. Leech.

Isso era verdade.

Ainda assim, ela não sentiu vergonha.

Hoje com Henry foi uma experiência que ela provavelmente nunca mais teria. Talvez ela estivesse fazendo uma terrível injustiça ao Sr. Norburg, mas ela não viu nem um vislumbre de interesse - para não mencionar paixão - quando ele olhava para ela. Annis era uma aquisição de negócios para ele, e não era nem mesmo uma excitante. Ela via mais paixão em seu rosto quando ele falava sobre seu banco.

Henry, no entanto, olhava para ela como se quisesse *consumi-la*.

Annis não era totalmente ingênua; ela sabia que não era amor que ele sentia por ela. Se fosse, ele contaria a verdade sobre sua identidade e acabaria com essa fachada tola.

Não, tudo o que Henry sentia por ela era atração física, embora porque ele se sentia assim, ela não conseguia entender. Ela nunca foi o tipo de mulher que despertou o interesse masculino, nem mesmo quando era jovem e ingênua.

Agora Henry, por outro lado... Era fácil entender sua atração física quase sufocante por ele: ele era um homem lindo e fascinante. Se ela não tomasse cuidado, acabaria apaixonada.

Por Deus, Annis! Não está se apaixonando por Henry, já se apaixonou.

O caderno de desenho deslizou de suas mãos quando a acusação ecoou em sua mente.

Mas eu não quero amá-lo, ela lamentou silenciosamente.

Mas o ama.

Uma negação acalorada saltou para seus lábios, mas ela não conseguiu pronunciar as palavras.

Porque era verdade: ela estava apaixonada por Henry.

Ele parecia um guerreiro adormecido, suas maçãs do rosto esculpidas e sua mandíbula poderosa eram ainda mais masculinas em repouso. Seus lábios

pareciam tão mais formosos, o inferior especialmente sensual, quase carnudo em sua plenitude. Ele era muito robusto para ser chamado de classicamente bonito. Mas para Annis, ele simbolizava a beleza masculina.

O que vai fazer? Dizer-lhe que o ama e ele poderia, por favor, dar-lhe doze mil libras imediatamente? Ele vai pensar que está atrás dele pelo dinheiro, porque está atrás de dinheiro.

— Eu *sei* disso — ela sibilou baixinho. — O que devo fazer?
Como de costume, a voz não tinha respostas.



O dia tinha sido encantador.

O único desejo de Henry era que ele não tivesse dormido tanto. Quando acordou de sua soneca, ficou atordoado ao descobrir que havia dormido por quase duas horas.

— Deveria ter me acordado — reclamou, espantado e envergonhado igualmente. — Sinto muito, que anfitrião desastroso eu sou.

Ela estava encostada no tronco da árvore, segurando um livro. — Eu relaxei e me diverti. Eu nunca posso ler o tempo que eu quero. Além disso, parecia precisar do descanso.

Sua história sobre a cama desconfortável e a casa gelada eram apenas parcialmente verdadeiras. Ele dormia mal desde que conheceu Annis. Ele suspeitava que parte de sua incapacidade de dormir era por causa da culpa.

Quer dizer, por que tem mentido para ela descaradamente?

Sua desonestidade o incomodava, e ele passou horas pensando em contar a verdade.

Bem, agora ele não tinha escolha; ele tinha que contar a verdade para ela. Um homem honesto não fazia o que ele fez com ela hoje e *não* ofereceria casamento.

Estranhamente, ele não podia dizer que aquela noção era desagradável.

Na verdade, o que ele gostaria de fazer era levá-la diretamente para a casa de seu tio e declarar suas intenções, bem como a verdade sobre si mesmo, e organizar seu casamento sem demora.

Mas ele não podia começar a espalhar a verdade por toda a cidade sem primeiro contar a Colin e Lady Sedgwick. Ele devia isso aos dois, pelo menos.

Ele contaria tudo para ela amanhã - apenas mais um dia - e então pediria sua mão em casamento.

Henry experimentou um alívio profundo, seguido imediatamente por uma pontada aguda de preocupação.

Vai odiá-lo quando souber que fez troça e mentiu para ela por semanas. Todos vão odiá-lo.

Henry sabia que era uma possibilidade. Mas então não foi ele quem confidenciou a Colin que *ele* queria o ódio da *ton*?

Ele afastou aquela memória desagradável. Ele poderia se preocupar com

tudo isso mais tarde; agora eles tinham pouco tempo para ficarem juntos e ele não queria desperdiçá-lo se preocupando.

— Pronta para explorar? — Perguntou, levantando-se e estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.

— Ainda temos tempo? — Annis perguntou, aceitando a sua mão estendida.

Ele a levantou e, relutantemente, a soltou e olhou para o relógio dele. — Eu diria que temos uma hora antes de precisarmos ir.

Eles passaram a hora seguinte explorando a estrada com grama crescida que circulava o pequeno lago coberto de lírios.

— Realmente é como o paraíso. Sinto-me como quando estou em Hyde Park - assustada por ainda estar na cidade - ela disse enquanto Henry a escoltava em direção à carruagem.

— Bem, tecnicamente *não* está na cidade, embora certamente esteja quase lá.

— Eu não posso acreditar que o cavalheiro que o possui não queira morar aqui.

Ele apenas sorriu, não querendo contar mais mentiras do que deveria.

Na viagem de volta, Annis parecia pensativa, sem dúvida ainda mortificada por seu comportamento anterior.

Por parte de Henry, pensamentos sobre sua iminente confissão o consumia. Amanhã, aconteceria amanhã. Ele contaria a Colin esta noite e à Lady Sedgwick de manhã. A condessa poderia aconselhar Henry sobre como proceder. E então ele iria prestar uma visita a Annis e seu tio e...

— Vai me deixar no mesmo lugar? — Annis perguntou, tirando-o de seus pensamentos.

Ele sentiu uma pontada de irritação ao pensar em deixá-la em uma esquina. Mas hoje seria a última vez que ele precisaria praticar sua mentira, então ele afastou seu aborrecimento.

Ele tinha acabado de parar o cabriolé quando uma carruagem da cidade parou ao lado deles, chegando tão perto que suas rodas estavam quase tocavam uma na outra. A janela da carruagem se abriu com um *bang* forte, e um senhor de idade o fitou através da abertura.

Henry estava prestes a perguntar o que diabos o homem queria quando Annis arfou.

— Tio Thomas! O que...

— Agora não, Annis — Bowman retrucou, seu olhar voltando para Henry.

— Por favor, siga minha carruagem, Parker.

As sobranceiras de Henry se ergueram com o tom rude de Bowman. — Para onde estamos indo? — Ele deu ao tio de Annis o meio-sorriso que ele sabia que outras pessoas - especialmente homens - achavam extremamente provocador.

A julgar pela carranca de Bowman, ele era um desses homens. — Para minha casa.

— Posso perguntar por quê?

— Eu acho que sabe exatamente por que — respondeu Bowman. — Pretendo enviar uma mensagem ao seu empregador solicitando sua presença imediatamente!

Henry se divertiu imaginando a reação frenética de Colin a uma convocação tão hostil.

— Isso é porque eu levei sua sobrinha para passear de carruagem?

— Sim, é sobre os encontros *clandestinos* que os dois têm tido. É também sobre o fato de tê-la *arruinado* hoje.

Henry se chocou com aquilo, seus olhos se encontrando brevemente com os de Annis - que estavam tão redondos quanto pires - antes de dizer ao tio. — Estou logo atrás do senhor.



Capítulo Doze

— **O** que acha que ele quer dizer? — Annis perguntou com uma voz trêmula quando o cabriolé começou a se mover.

— Parece que ele pode ter mandado alguém segui-la.

— Oh meu Deus — Annis fechou os olhos com força, sentindo-se fraca, depois sentiu uma grande mão cobrir a dela.

— Não se preocupe, Annis.

E se o tio Thomas tiver me visto hoje?

Era tudo o que ela podia fazer para continuar respirando enquanto sua imaginação fértil criava incidente após incidente, cada um mais horrível do que o outro. E se a tia, o tio *e* as primas a tivessem visto hoje?

O cabriolé parou suavemente e Annis abriu os olhos. Eles já estavam na frente da casa do seu tio.

Enquanto a carruagem do tio Thomas não estava à vista, um laçao esperava em frente a porta de entrada e um cavaliário apareceu vindo da direção dos estábulos.

Henry jogou as rédeas para o cavaliário e saltou, virando-se para a lateral da carruagem e ajudando-a a descer.

— Não se preocupe — assegurou-lhe novamente, mais suavemente desta vez. — Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Ele parecia e soava tão certo que ela estava quase convencida. Quase.

No saguão, Annis lutou com a fita do seu chapéu, apertando ainda mais o nó.

Henry sem dizer uma palavra pegou a fita de seus dedos trêmulos e desfez o nó rápido. Ela estava terminando de tirar a capa quando seu tio Thomas entrou no saguão com Coombs logo atrás.

— Coombs enviará um mensageiro para Lorde Rotherhithe imediatamente. Annis, pode esperar no...

— O senhor não precisa se preocupar com a mensagem. Eu sou Lorde Rotherhithe, Sr. Bowman.

A mandíbula de seu tio cedeu e sua tia - que havia entrado no saguão a tempo de ouvir o anúncio - emitiu um grasnido nada elegante.

— Certamente *não é!* — A Sra. Bowman se aproximou do marido, colocando-se entre Henry e o tio Thomas como se para protegê-lo. — Eu não sei o que essa... essa *pessoa* lhe disse, mas ele enfaticamente não é o Conde de Rotherhithe. Ele é um funcionário, um criado!

Henry a ignorou. — Podemos sair do saguão para discutir isso, Sr.

Bowman? — Ele lançou olhares significativos para o mordomo e dois lacaios pairando com os olhos arregalados.

Tia Agnes ofegou com seu tom condescendente. — Thomas, eu não sei o quê...

— Acalme-se, minha querida — disse o tio Thomas. — Este cavalheiro - quem quer que ele seja - está certo sobre este não ser o lugar para ter essa discussão. Não mande ninguém até que eu resolva isso — disse ele a Coombs. E então, seu olhar mais frio do que Annis já tinha visto, assentou nela. — Quanto menos pessoas souberem sobre *esse* assunto em particular, melhor — ele pegou o cotovelo de sua esposa e gentilmente, mas com firmeza, a guiou escada acima. — Venha, Annis. — Ele berrou por cima do ombro quando ela fez uma pausa e se virou para Henry.

Henry franziu a testa para o seu tio e Annis temeu que ele estivesse prestes a dizer algo - provavelmente combativo - então ela subiu correndo as escadas atrás deles.

Coombs mal havia fechado a porta atrás dele quando sua tia se virou para Henry, seu comportamento era o de um cão pronto para atacar. — O que o senhor pensa que está fazendo? Quem o sen...

Tio Thomas levantou uma mão, e para a surpresa de Annis, ela fechou a boca.

Seu tio se virou para Henry, que estava se abaixando em uma cadeira sem convite.

— Parece haver alguma confusão sobre quem realmente é, *senhor*. Exijo uma explicação.

Henry esticou casualmente as pernas longas e musculosas, a própria imagem de um homem à vontade. — Tenho vergonha de admitir que qualquer confusão é inteiramente minha culpa.

Ele não soava nem parecia envergonhado. Na verdade, Annis achava que ele estava muito orgulhoso.

A porta do escritório abriu em uma explosão, batendo forte contra a parede, fazendo as janelas tremerem.

Seu primo Percy apareceu na porta, Miriam e Susanna logo atrás dele. As mulheres permaneceram atrás quando Percy entrou no escritório, fitando Henry como se ele fosse o próprio Belzebu encarnado.

— O que diabos está acontecendo aqui? — Percy exigiu. — Coombs disse algo sobre Parker alegando ser Rotherhithe?

— Agora Percy... — Tio Thomas começou.

— Esta *pessoa* diz ser Lorde Rotherhithe — Tia Agnes parecia e soava muito mais com ela agora que estava cercada por seus filhos.

Suspiros e exclamações preencheram a sala.

Percy marchou até a cadeira de Henry e olhou para ele com um sorriso feio no rosto. — Ouso dizer que terei que ensiná-lo que não é sábio fingir ser seus superiores.

Annis arfou com sua ameaça condescendente, mas Henry apenas sorriu.

Sua tia agarrou o braço de Percy e tentou levá-lo para longe, mas ele não se mexeu.

— Por favor, afaste-se dele, Percy. Não há necessidade de se manchar — ela se virou para o marido quando o filho se recusou a ouvir. — Sr. Bowman, acho que o senhor deveria convocar o oficial da polícia. Ou o magistrado. Ou...

— Antes de convocar alguém, talvez o senhor queira falar com o cavalheiro deste cartão, ele pode atestar minha identidade — Henry extraiu uma caixa fina de prata com uma única e *enorme* esmeralda. Seus movimentos eram lânguidos e relaxados, e Annis soube, sem dúvida, que ele era quem dizia ser. Como todos deixaram de reconhecer essa confiança assertiva? Sua aura de comando?

Percy pegou o cartão de sua mão e o leu antes de proferir um escárnio: — Ha! Qualquer um pode imprimir um desses.

— Percy — mais uma vez, Thomas Bowman usou um tom que exigia autoridade instantânea. Ele pegou o cartão de seu filho, olhou para ele e rapidamente olhou para cima, suas sobrancelhas desaparecendo sob um montante de cabelo branco. — Sidmouth?

Henry deu de ombros de forma preguiçosa. — Nós, Henrys, andamos juntos.

Annis também ficou olhando fixamente. Visconde Sidmouth, ou melhor Henry Addington, era Secretário de Estado.

Até aquele momento, Annis ainda mantinha algumas pequenas dúvidas. Ela realmente não acreditava que Henry fosse quem Freddie havia afirmado que ele era. Afinal, as pessoas muitas vezes tinham certas semelhanças com estranhos, como sócias, existia até mesmo uma palavra em alemão para isso: *doppelgänger*.

Mas certamente Henry não levantaria o nome de Sidmouth se ele não estivesse dizendo a verdade? Uma coisa dessas seria fácil ser refutada e apenas um tolo tentaria mentir sobre isso.

Ele devia mesmo ser Rotherhithe.

Ela podia ver pela expressão do tio que ele estava pensando a mesma coisa.

— Sente-se, Percy.

— Mas papai, certamente o senhor...

— Fique *quieto*, Percy.

Por um momento, Annis pensou que o jovem esquentado poderia dizer algo. Ela podia ver que sua tia *achava* que ele deveria e parecia desapontado quando Percy se sentou longe de Henry.

— Sidmouth esteve fora do país — disse Henry. — Mas voltou há dois dias — ele abriu um meio sorriso. — Eu sei disso porque ele me convidou para jantar e discutir a possibilidade de alugar alguns dos meus navios. Se o senhor quiser, pode enviar seu laçao até *sua casa* e *convocá-lo* para me corrigir.

Tio Thomas pigarreou e engoliu em seco, ainda olhando para o cartão que segurava. — Vou assumir que o senhor é quem diz ser.

Henry sorriu.

Thomas Bowman olhou para a porta, para onde suas filhas ainda estavam paradas. — As duas podem sair, Percy também.

A sala irrompeu em pandemônio enquanto seu tio discutia com sua prole.

— Eu não entendo, papai. Como isto pôde acontecer? — A voz de Susanna subiu acima da discussão e Annis não pôde deixar de sentir pena de sua prima, que acabara de descobrir que estava bajulando o próprio homem - um criado humilde - com quem ela repreendeu Annis por dançar.

— Este é um comportamento *ultrajante*, senhor! — sua tia gritou, olhando para Henry.

— Sim, concordo com a senhora. E peço que me perdoe. — Os lábios de Henry se contraíram ligeiramente. — Embora eu garanta que o verdadeiro Colin Parker - meu criado - é solteiro e filho de um vigário rural eminentemente respeitável.

Annis estremeceu com o desequilíbrio de Susanna.

O rosto de Percy se contorceu em um rosnado com o tom confiante, quase arrogante de Henry. — O senhor acha a dor da minha irmã divertida?

Henry apenas olhou para ele.

— Isso é tudo culpa *sua*.

— Sim, é. — Admitiu Henry, tirando um pedaço de fiapo do punho.

Percy se lançou em direção a ele.

Em vez de pegá-lo de surpresa, Henry fluiu de sua cadeira tão facilmente quanto a fumaça subindo de uma chaminé, colocando-se sobre o outro homem, seu tronco musculoso duas vezes mais largo. — Deve pensar com muito cuidado sobre o que está prestes a fazer, Bowman.

— *Percy!* — os pais gritaram juntos.

Tia Agnes abandonou sua filha que soluçava e agarrou o braço do filho para impedi-lo, o que foi fácil de fazer, já que Percy sabiamente se afastou no instante em que Henry se levantou de sua cadeira.

— Por favor, Percy, afaste-se dele.

Thomas Bowman inclinou-se sobre sua mesa, apoiando-se em seus punhos, seus olhos azuis pálidos positivamente letais. — Se disser uma palavra sobre duelos ou desafios, Percy, eu mesmo o espancarei. Agora, todos nos deixem, exceto Annis.

— Certamente o senhor, meu marido, não está me incluindo nessa ordem? — disse sua esposa.

Seu tio hesitou, lançou um rápido olhar para Annis e firmou a mandíbula.

— Sim, também deve ir, minha querida.

— Por que Annis pode ficar? — Os olhos selvagens da tia Agnes deslizaram para Henry. — Bom Deus, Thomas, certamente não pode querer...

— *Por favor*, controle-se, Sra. Bowman — retrucou o marido. — Agora, todos, *por favor*, saiam.

Demorou mais do que deveria para os quatro Bowmans desocuparem a sala, mas finalmente a porta se fechou atrás deles.

Tio Thomas se virou para Henry. — Por favor, milorde, pode se sentar?

— Seu filho está certo, Sr. Bowman — Henry cruzou uma perna elegante e vestida de pantalone sobre a outra. — É por minha causa que sua filha se apaixonou por um pobre.

— Os dotes das minhas filhas são generosos, milorde. Se Susanna realmente deseja se casar com o homem, não vou negar apoio para mostrar meu descontentamento.

Annis pôde ver que as palavras de seu tio surpreenderam Henry, que murmurou: — Que democrático da sua parte.

O tio flexionou as mandíbulas, mas ignorou o comentário. — É o *senhor* e seu comportamento com minha sobrinha que eu gostaria de discutir — ele desviou o olhar de Henry e virou para Annis. — Estou profundamente desapontado contigo, Annis.

Ela engoliu em seco, mas se recusou a desviar o olhar.

— Não há necessidade de puni-la por alguns passeios de...

— Meu lacaios o seguiu hoje, *milorde* — Tio Thomas forçou as palavras com os dentes cerrados. — O que ele a viu fazendo é a razão pela qual eu não quero minha esposa e minhas filhas presentes nesta sala nesse momento — seus olhos deslizaram para Annis. — Eu diria que teria vergonha de falar desses assuntos na frente da minha sobrinha, mas como ela é uma devassa...

— Já chega — disse Henry. Pela segunda vez em alguns poucos minutos, ele ficou de pé. Desta vez, foi sobre o tio dela que ele pairou sobre. — O senhor está me dizendo que mandou um de seus criados *espionar* sua sobrinha?

— É exatamente o que estou dizendo, senhor!

Annis cobriu a boca com a mão. Por Deus. Alguém tinha visto o que ela tinha feito hoje.

Henry pareceu se expandir para o dobro de seu tamanho já intimidante. — Como se atreve a enviar um homem para...

O tio dela se levantou, assustando Annis e Henry. — Eu me *atrevo* porque ela está praticamente noiva de outro homem! Um homem a quem dei minha palavra.

Henry cambaleou para trás como se o tio o tivesse atingido. — O quê?

Ambos os homens se voltaram para Annis, que sentiu como se alguém tivesse jogado um castelo sobre seu peito. — Er...

— Ele não sabe, não é? — Tio Thomas perguntou.

— Isso é verdade, Annis? — Henry exigiu.

Eles falaram ao mesmo tempo, mas foi a pergunta de Henry que ela se forçou a responder.

— Eu... nunca foi minha intenção... — ela mordeu o lábio, olhou diretamente para o olhar horrorizado dele e disse: — Sim, é verdade.

Henry sabia que sua boca estava aberta, mas não conseguiu encontrar força para fechá-la. — Quem? — foi tudo que conseguiu dizer.

Foi o tio dela quem respondeu: — Sr. Harold Norburg.

— Norburg, o banqueiro? — Henry perguntou, desviando o olhar do rosto culpado e miserável de Annis.

— Sim — a boca de Bowman encolheu como uma ameixa. — Ele pode não ser um nobre, milorde, mas é um homem extremamente rico, influente e um a ser considerado. A maneira como Bowman ficou pálido, disse a Henry que ele deveria ter alguns negócios com o banqueiro experiente, um homem que Henry ouvira falar, mas que não conhecia pessoalmente.

As mandíbulas de Bowman se flexionaram, como se ele estivesse exercendo uma enorme vontade de se controlar. — Foi Norburg quem me contou sobre os passeios vespertinos da minha sobrinha depois de vê-los juntos. Ele ficou muito descontente e estava preparado para interromper o acordo entre eles. Mas eu o assegurei que o que ela estava fazendo era inofensivo — ele estreitou os olhos para a sobrinha. — Então hoje...

— Então, o senhor mandou segui-la — completou Henry. — E quanto a Norburg, *ele* enviou alguém para segui-la?

— Eu sinceramente espero que não — respondeu Bowman.

Henry também, mas provavelmente não pelas mesmas razões. Só de pensar em outro homem observando Annis, seja um laçao ou um banqueiro rico, o fez querer destruir algo.

Na esteira desse pensamento estava outro que era ainda mais irritante: ele estava com *ciúmes* - certamente a mais baixa das emoções humanas - de uma mulher que estava tramando e planejando se casar com outro homem. Um homem muito rico.

A voz de Bowman puxou Henry de sua raiva em espiral. — Então, isso representa um problema significativo, milorde.

Ambos se viraram para olhar para a sobrinha.

Para seu crédito, Annis não desviou do olhar de Henry.

Outro homem a estava cortejando enquanto ela o encontrava em segredo. Ela estava quase noiva enquanto se contorcia sob a mão dele hoje?

Ele olhou em seus olhos azuis cristalinos e balançou a cabeça; com que facilidade ela o enganou, fazendo-o acreditar que ela era inocente.

A cabeça de Henry latejava de raiva, ciúme e traição.

Controle-se, Henry. Sim, ela estava noiva, mas não sabe a história toda, e se os tios a estivessem forçando? Afinal, faz pouco sentido que ela tivesse feito o que fez hoje com um mero criado se não tivesse sentimentos por quem é?

Aquele pensamento diminuiu sua raiva, o efeito sobre ele tão repentino que lhe deu uma espécie de chicote emocional.

Essa última parte era verdade. Nenhuma mulher em sã consciência faria o que Annis fez hoje com um homem pobre se ela estivesse genuinamente ansiosa para se casar com um rico.

Henry percebeu que tio e sobrinha estavam esperando que ele falasse.

Ele afastou o emaranhado de emoções, que ele teria o resto do dia - inferno, o resto de sua vida - para resolver e se virou para seu anfitrião.

— Posso ter alguns momentos a sós com sua sobrinha, Sr. Bowman?



O rosto de Annis escaldou quando Ford, a criada pessoal de sua tia, entrou na biblioteca com a cesta de bordado no braço.

Era ridículo que seu tio insistisse que ela tivesse um acompanhante neste momento. Annis podia ver pela expressão de Henry que ele estava mais divertido do que irritado com o que era, agora, um decoro superficial. Tudo o que isso conseguiu foi garantir que eles não pudessem ter nenhuma conversa honesta ou direta.

Isso provavelmente também era bom; Annis não estava com pressa de explicar a Henry por que ela se comportou como uma devassa enquanto estava quase noiva de outro homem.

Uma vez que Ford se acomodou em um assento próximo da janela, Henry se virou para Annis.

— O que estou prestes a dizer será desconfortável, mas precisa ser dito. A senhorita gosta do Sr. Norburg? Porque se gostar — ele continuou, antes que ela pudesse responder, — isso — ele acenou com a mão para abranger os dois — pode ser resolvido de uma forma que permita que seu noivado com ele continue — ele mostrou os dentes com um sorriso nefasto. — Eu posso pessoalmente garantir isso. Se a senhorita deseja se casar com Norburg, deve me dizer agora.

Annis hesitou, não porque ela não sabia o que queria - ela queria *Henry* -, mas porque ele havia formulado a pergunta da pior maneira possível.

Se ela dissesse *não*, então isso levantava a questão do porquê ela permitiu que o cortejo do Norburg começasse.

Se ela dissesse *sim*, então a faria parecer o tipo de mulher que mantinha dois homens em uma corda, como se fossem intercambiáveis.

Eu me casaria com outro homem porque era rico, mesmo te amando.

Não, isso não parecia bom, também.

— Precisa de mais tempo, Srta. Bowman? — seu tom era ameaçador, seus olhos eram pedras verdes duras.

E isso era outra coisa: esse Henry - conde Henry - não era *nada* parecido com o criado Henry, o homem que ela amava.

Este Henry era comandante, severo e aterrorizante.

Quanto mais ela hesitava, mais os olhos dele se estreitavam. — Não — ela assegurou apressadamente. — Eu não preciso de tempo. Eu não desejo me

casar com o Sr. Norburg — em sua visão periférica, ela viu Ford dar um pulo.

— Me daria a honra de se tornar minha esposa, Srta. Bowman?

Ford pulou novamente.

Henry parecia... irritado, não como um pretendente, mas como um homem de negócios cuja reunião havia tomado um rumo inesperado e estava excedendo seu tempo previsto. Na verdade, ele parecia tão frio e desapagado que a lembrou do Sr. Norburg.

Annis queria explicar o que estava fazendo, mas sua explicação não a desculpava.

Mas a presença de Ford, combinada com o perigo visível e justificável de Henry, estava fazendo o cérebro de Annis se agarrar como uma dobradiça que havia enferrujado. Se ela tentasse explicar agora, pareceria uma imbecil e...

Apenas responda ao homem e explique mais tarde!

— Seria uma honra me desposar do senhor.

Em vez de parecer satisfeito, seus lábios se transformaram em uma linha reta. — A senhorita deseja um casamento grande?

Ela piscou com a pergunta inesperada. — Er... não, de modo algum — isso, pelo menos, era verdade.

— Então eu acho que uma cerimônia rápida e pequena seria melhor. Uma semana é o suficiente?

Sua mente se confundiu com a ideia de se tornar a esposa desse homem em uma semana, mas ela assentiu quando viu que ele parecia impaciente.

— Vou falar com seu tio e informá-lo sobre o que decidimos. Se ele estiver de acordo, voltarei amanhã para discutirmos o contrato de casamento. Há mais alguma coisa?

Annis hesitou.

Deve perguntá-lo agora, Annis, independentemente da presença de Ford. Não pode concordar com o casamento sem perguntar sobre o dinheiro.

— Sim? — ele cutucou, formando um véu de aborrecimento entre as sobrancelhas.

Seus olhos deslizaram para Ford.

Henry entendeu rápido. — Senhora — chamou.

A cabeça de Ford se ergueu. — Sim, senhor?

— Nos deixe a sós.

— Mas o Sr. Bowman...

— Isso vai demorar mais de cinco minutos? — Henry perguntou a Annis.

Ela balançou a cabeça.

— Dê-nos cinco minutos e depois volte — ordenou ele. — Vá! — ele berrou quando Ford hesitou.

Em qualquer outro momento, Annis teria sorrido ao ver a criada normalmente sumptuosa disparar como um coelho. Mas quando ela olhou para o rosto de Henry, todas as risadas desapareceram.

— Temos cinco minutos — a lembrou.

— O que eu fiz com o senhor hoje, enquanto encorajava o cortejo do Sr.

Norburg, foi errado e desonesto com os dois.

Ele apenas ergueu uma sobranceira.

— Não há nada que eu possa dizer que possa justificar. No entanto, posso explicar parte da minha, er, motivação.

— Estou ouvindo.

Ela desviou o olhar, incapaz de suportar o peso de seu escrutínio. — Eu aceitei a corte do Sr. Norburg porque ele é rico — ela engoliu em seco, convulsivamente. — Eu sei que é moralmente repreensível, mas... — Annis mordeu o lábio, desejando estar em qualquer outro lugar do mundo naquele momento.

— Mas?

Ela se forçou a olhar para ele. — Eu precisava de dinheiro para pagar uma dívida grande e urgente.

A surpresa brilhou em seu rosto. — Que tipo de dívida?

— Bem, na verdade, é um assunto privado, milorde.

Suas sobranceiras se levantaram.

Seu rosto fervia de vergonha enquanto ela imaginava como seu pedido deveria soar.

Annis respirou fundo e disse: — Eu sei que isso é irregular, milorde, também sei que não sabia da dívida até agora, vou liberá-lo do nosso noivado — ela entrelaçou os dedos sobre o colo e esperou.

— É isso que a senhorita quer, ser liberada?

— Não, milorde, não é isso o que eu quero — teve que morder o lábio para não derramar toda a história sórdida e patética sobre ele.

— Então é por isso que a senhorita ia se casar com Norburg, para conseguir dinheiro para pagar uma dívida?

Ela assentiu.

— Ele sabia sobre a dívida?

Ela balançou a cabeça miseravelmente. — Ainda não.

Ele olhou para ela com a expressão indecifrável. Annis queria rastejar sob o sofá, mas ela manteve o olhar dele.

— Quanto?

— P-perdão?

— De quanto a senhorita precisa?

— Doze Mil Libras.

Quando ele não disse nada, ela continuou: — Eu sei que é uma quantidade enorme e eu não...

— Eu vou dar-lhe o dinheiro.

Annis piscou. — O senhor vai?

— Sim, é claro — ele parecia quase irritado por ela duvidar dele.

— Obrigada. Isso é *muito* gentil...

— Eu posso fazer um cheque bancário para a senhorita amanhã. Isso é rápido o suficiente?

— Sim, seria ótimo. Estou muito agradecida, milorde. Eu também sinto

muito...

— A senhorita não precisa me agradecer, nem precisa se desculpar.

Uma vez achou que ele tinha uma semelhança com Alexandre, O Grande. Naquele momento, ele a olhou da maneira que ela imaginava que o falecido rei poderia ter olhado para um inimigo vencido e desprezado.

Annis assentiu.

— Há mais alguma coisa que preciso saber? — ele perguntou.

— Não.

— Muito bem, vejo a senhorita amanhã — ele se levantou e pegou a mão dela, curvando-se sobre ela. — Me fez muito feliz, Srta. Bowman.

Se isso fosse verdade, então Annis se perguntou por que ele parecia um homem que estava indo para a forca.



Capítulo Treze

Henry queria ir diretamente para Casa Rotherhithe e barricar-se na biblioteca com uma garrafa de uísque.

Não, apague isso. Ele realmente queria se hospedar em uma suíte no Clarendon, não em sua pilha de tijolos. Ele queria fazer uma refeição decente, beber uma garrafa de vinho inteira e dormir em uma cama quente e confortável até esquecer o que acabara de ouvir: que a primeira mulher, em anos, em que ele sentiu algum *tipo* de interesse permitiu que outro homem a cortejasse enquanto passavam as últimas três tardes juntos.

Henry deu um bufo de descrença; logo ele seria unido por toda a vida a uma mulher que rolaria em um cobertor com um homem enquanto estava prometida a outro.

Em vez de ir para casa ou para o Clarendon, ele virou seu cabriolé em direção à casa de Lady Sedgwick. Ele precisava falar com a condessa antes que as notícias de sua identidade se tornassem de conhecimento comum.

Sua mente girou enquanto o cabriolé rastejava pelo tráfego pesado do final da tarde.

Estranhamente, não era Annis quem ele odiava, embora tal mulher gananciosa e conivente fosse uma das razões pelas quais ele havia começado essa farsa. Não, era ele mesmo que ele desprezava. Ele era um idiota que merecia seu destino. Ele tinha sido um tolo em conceber esse disfarce para começar e acabou sendo *çado por seu próprio petardo*. Ou vítima de seus próprios planos

Ele sorriu para o ditado arcaico. Quando ele visse Annis novamente, ele teria que perguntar-lhe de onde o ditado origi...

Henry fez uma careta e parou aquele pensamento agradável. Tomaria muito tempo - se é que fosse acontecer - antes que ele pudesse imaginar ter conversas divertidas sobre expressões idiomáticas com uma mulher tão mentirosa e intrigante.

Ele era um *idiota*. Aqui ele estava zombando de Colin por perseguir uma mulher mercenária, quando ele sucumbiu a uma sem sequer pestanejar.

Quantas vezes em sua vida ele se permitiria ser atraído por uma mulher antes de aprender sua lição?

Não tantas vezes, já que logo se casará, Henry.

Ele gargalhou, fazendo seus pobres cavalos tremerem. — Perdoe-me, rapazes — ele murmurou.

Henry precisava controlar seu temperamento, porque logo teria que

confessar sua pequena farsa para Lady Sedgwick e lidar com sua boa e merecida ira. A condessa era, infelizmente, uma casualidade não intencional da sua farsa, e ele estava envergonhado por tê-la usado. Sua vida dependia de sua reputação entre o beau monde, e Henry provavelmente havia prejudicado essa reputação.

Independentemente de quanta culpa e pavor ele sentia ao confessar a verdade a Lady Sedgwick, uma imagem continuava a aparecer na sua mente como uma serpente carregando uma maçã. Uma imagem de Annis no cobertor de piquenique naquela tarde.

Seu membro, que havia perdido o interesse, no instante em que Henry soube do pretendente banqueiro de Annis, rapidamente reanimou com a memória de seu corpo flexível se contorcendo e gemendo sob sua mão e...

Henry cerrou os dentes contra a memória provocativa. Ele não queria pensar coisas boas dela porque estava furioso com ela.

Por que ela fez aquilo, tudo aquilo? Não apenas o que houve no piquenique, mas os passeios de carruagem escondidos, quando ela estava tentando fisgar o banqueiro rico?

Devido a sua distração, Henry se viu parado na frente da porta de Lady Sedgwick muito mais cedo do que ele gostaria. De fato, a parte covarde dele - que aumentava a cada passo que se aproximava da casa da condessa - rezou silenciosamente para que ela não estivesse em casa.

— Colin Parker para ver Lady Sedgwick — disse ele, contando sua mentira pela última vez para a criada que atendeu a porta.

Antes que a mulher pudesse responder, a própria condessa apareceu descendo as escadas graciosamente.

— Ah, Sr. Parker — disse Lady Sedgwick, seus lábios bem torneados se curvando no sorriso felino que sempre o fazia sentir como se ela *soubesse* das coisas. Ela olhou atrás dele. — O senhor veio sozinho hoje?

— Sim. Gostaria de saber se posso ter um momento do seu tempo?

— É claro. Por favor, entre — ela se virou para a criada. — A senhora pode mandar um bule de chá, por favor?

A última coisa que Henry queria era outra bebida aquosa, mas ele poderia de fato precisar de um pouco de chá hoje.

Assim que se acomodaram em seus assentos, ela começou: — Como posso ajudá-lo, Sr. Parker.

Henry odiava ser dramático, mas...

— Eu não sou Colin Parker. Sou Henry Singleton. Parker - o homem que a senhorita acha ser o conde - é na verdade o meu empregado.

— Eu sei.

Henry piscou. — Perdoe-me, mas a senhora disse...

— Eu sei quem o senhor é há algum tempo, milorde.

— Como?

— Um conhecido ressaltou sua semelhança com seu falecido avô.

Henry tinha visto retratos de seu avô paterno quando viveu em Stoke. A

semelhança sempre o surpreendeu.

— Quando? — ele finalmente perguntou.

— Semanas atrás.

— Por que a senhora não me contou?

— Não tenho certeza do porquê — ela confessou, parecendo confusa. — Por que o senhor fez isso, milorde?

— Em parte um capricho e em outra parte para estudar a *ton* de uma perspectiva diferente. Ao pagar Parker para ser eu, pude observar sem ser observado.

— Isso é basicamente o que a Srta. Annis Bowman disse quando lhe contei quem o senhor realmente era.

Aquela confissão fez com que seus pelos do pescoço se arrepiassem, como uma carga elétrica de uma tempestade. — Perdão, mas... o quê?

— Eu expus minhas suspeitas sobre o senhor para Annis - não se preocupe, ela é discreta e não contará a ninguém - e ela disse quase exatamente a mesma coisa que o senhor acabou de dizer — Lady Sedgwick franziu a testa quando Henry permaneceu mudo. — Há algo de errado, milorde?

— Quem mais sabe sobre mim?

— Apenas a Srta. Bowman e o Conde de Avington.

Annis sabia.

Annis sabia.

—... em breve, milorde? *Milorde?*

Henry ergueu a cabeça. — Perdoe-me, o que estava dizendo, senhora?

— Eu perguntei se o senhor estava planejando contar a verdade em breve?

— Sim. Sim, estava — respondeu distraído.

— Há algo errado, Lorde Rotherhithe?

— Não, perdoe-me. Acabei de me lembrar de algo que esqueci.

— O senhor precisa ir.

— Não agora — ele limpou a garganta. — Na verdade, eu esperava que a senhora não estivesse muito brava comigo para aceitar outro trabalho.

Ela riu suavemente.

— Eu sei — disse ele, embora ela não tivesse falado. — Eu não mereço sua ajuda, mas...

— Não tenho por que não aceitar se o senhor está me pagando — Ela apontou.

Ele não pôde deixar de sorrir. — Não, a senhora está certa. Se estiver disposta, gostaria de contratá-la para me ajudar a passar pela próxima semana.

Ela abriu a boca e depois hesitou.

— O que foi, milady?

— O senhor está pedindo ajuda com seu, er, empregado e as expectativas que ele pode ter levantado com a Srta. Susanna Bowman?

— Não, tudo isso já foi resolvido.

Era a vez dela de parecer confusa. — Já foi?

— Sim, falei com o Sr. Bowman, e ele agora sabe exatamente quem o Sr. Colin Parker realmente é. O assunto pelo qual eu gostaria de contratá-la é o meu noivado.

Suas sobranceiras elegantes se arquearam. — É mesmo? E quem, posso perguntar, é a afortunada dama?

Henry olhou para ela, procurando algum sinal de que ela estava mentindo, que ela sabia que era sua amiga. Que as duas planejaram isso e montaram uma armadilha para pegá-lo. Mas ela parecia genuinamente mistificada.

— É uma das senhoritas Bowman.

Seus lindos olhos cinzentos se arregalaram. — O senhor está noivo de uma das irmãs *Bowman*.

— Não, não é uma das irmãs. Estou noivo da Srta. Annis Bowman.



Henry estava exausto quando deixou a casa de Lady Sedgwick uma hora depois.

Ela não levantou a voz, nem se moveu do lugar, nem sequer lhe deu os olhares sujos que ele merecia.

Não, ela era muito mais sutil e inteligente com seu castigo.

No momento em que ele a deixou, ele concordou em não apenas ficar em Londres por mais oito dias, mas também se juntar ao turbilhão social, desta vez com sua noiva ao seu lado, em vez de Colin.

— O senhor *deve* ficar e fazer as pazes, milorde. Certamente entende isso?

— Na verdade, eu não entendo.

Isso quase perturbou a inconstante condessa. — Porque o senhor *deve* garantir que, Annis seja bem-vinda quando voltar para Londres.

— E por que diabos ela, ou nós, faríamos *isso*?

— Presumo que parte da razão para o casamento sejam os filhos. Se esse é o caso — ela continuou não esperando por uma resposta, — então o senhor não vai querer que eles sejam excluídos entre seu próprio povo, vai?

Bem, o que Henry poderia dizer sobre isso? Ele, um homem que passou seus anos de formação, expulso não apenas da *ton*, mas de sua própria família.

Por mais irritado que estivesse com Annis agora, Henry não queria machucá-la ou fazê-la infeliz - ele não era tão desgraçado - nem queria arruinar o futuro de seus filhos que ainda nem nasceram.

E assim - depois de apenas uma luta simbólica - ele capitulou: eles ficariam na cidade por oito dias.

A melhor coisa que saiu da reunião dolorosa foi que Lady Sedgwick concordou em planejar seu casamento.

A pior parte, pelo menos na mente de Henry, era que não seria um evento pequeno ou rápido.

— Uma cerimônia apressada seria impossível — garantiu Lady Sedgwick.

— O senhor está em Londres, assim como todo o *beau monde*. Não há razão

para ter um evento às pressas e isso refletirá mal para os dois e será lembrado por muito tempo. Além disso, Annis desejará que sua avó esteja presente, então não acredito que seja possível casarem-se amanhã. Mesmo daqui a oito dias é surpreendentemente rápido, mas terá de ser. Se o senhor cuidar da licença especial, farei todos os outros arranjos.

— Não acredito que alguém além da avó de Annis queira vir ao nosso casamento — disse ele.

Ela estreitou os olhos. — O senhor pode ter uma igreja vazia se quiser, milorde. Mas o senhor deve pelo menos tentar fazer as pazes.

— Annis pode querer estar envolvida no planejamento — ele apontou.

— Naturalmente, vou consultá-la primeiro.

Henry correu da casa depois disso, com medo de que ela tivesse mais ideias, como apresentações na corte ou a presença dele em uma das recepções do Regente.

Quando ele parou do lado de fora da casa quinze minutos depois, ele teve que esperar por um laçao.

Vários minutos depois, ele ainda estava esperando.

Amaldiçoando baixinho, ele fez algo que não tinha feito desde que era um rapaz. Ele colocou o polegar e o indicador na boca e emitiu um apito estridente.

A porta se abriu quase que instantaneamente e Owen, o mais desleixado e menos respeitoso de seus laçaios, apareceu na abertura.

— Leve o cabriolé para trás — Henry retrucou, seu tom agudo galvanizando o homem em ação.

Flitwick apareceu na abertura antes de Owen se aproximar. — Eu ouvi um...

— Lorde Rotherhithe está aqui? — Henry interrompeu, jogando as rédeas para Owen sem olhar para ele e caminhando em direção ao saguão.

— Sim, Sr. Parker. Ele está no seu...

— Diga-lhe que quero vê-lo na biblioteca, imediatamente — Henry ordenou, tirando as luvas.

Em vez de parecer surpreso, o homem apenas assentiu. — Claro, sir.

Henry fez uma pausa e estreitou os olhos. — Há quanto tempo já sabe?

— Eu tive a honra de servir seu avô, milorde.

Henry soltou uma risada. — Então, sabia o tempo todo.

— Sim, milorde — Flitwick hesitou e disse: — Posso dizer a verdade aos outros, senhor?

— Está dizendo que eles ainda não sabem?

— Apenas a Sra. Flitwick, milorde.

— Sim, faça o anúncio. E quero que faça as alterações necessárias nos criados. - Henry deu ao homem um olhar significativo.

Ele não diria a Flitwick para demitir nenhum deles, mas esperava que o mordomo dispensasse Owen, pelo menos. O homem não era apenas insolente, ele também era preguiçoso e rude.

— Claro, milorde.

— Eu quero que contrate dois cavaleiros, dois lacaios e um valete que não se importem em viajar para acompanhar a mim e minha nova esposa para Yorkshire.

As sobancelhas de Flitwick subiram uma fração. — Parabéns, milorde. E o evento auspicioso ocorrerá em breve?

— Sim, em oito dias. Eu lhe darei mais informações quando conseguir.

— Muito bem, milorde.

Com as palavras anteriores de Annis ainda ecoando em sua cabeça - sobre a Casa Rotherhithe - Henry olhou para o seu mordomo e disse: — Eu também decidi fazer algumas mudanças na casa. Estou autorizando-o a implementar os reparos que julgar necessários e contratar a equipe necessária para administrar o lugar. Encaminhe as contas para Yorkshire para meu mordomo em Stoke — ele hesitou e depois acrescentou: — Espero que o senhor e a Sra. Flitwick mantenham suas posições enquanto eu for o dono da Casa Rotherhithe.

Os olhos normalmente relaxados de Flitwick se arregalaram. — Muito bem, senhor. Muito obrigado, milorde — disse ele, seu tom quase trêmulo.

Henry fugiu antes que o homem caísse de joelhos e se oferecesse para beijar seu anel.

Ele tinha acabado de se servir de um copo de uísque quando a porta da biblioteca se abriu e Parker entrou, com os olhos arregalados. — Flitwick disse que o senhor precisava me ver imediatamente. É suposto...

— Acabou, Colin. A farsa terminou — ele esclareceu quando o outro homem o encarou perplexo.

— Oh.

Henry entregou a Colin o copo que acabara de se servir, já que o pobre coitado parecia precisar mais do que ele.

— Obrigado, milorde — a mão de Colin tremeu quando ele pegou o copo e bebeu em um gole só o conteúdo.

Henry a encheu novamente sem ser perguntado e serviu uma para si.

Quando ele ergueu o copo em um brinde, ele viu que o queixo de Colin estava tremendo perigosamente e seus olhos estavam vítreos. Como Flitwick, ele parecia estar à beira do choro, mas, ao contrário do seu mordomo, ele não estaria chorando de alegria.

— Qual é o problema agora? — Henry perguntou bruscamente e se sentiu ainda pior quando Colin deu um pulo. — É a maldita garota Bowman?

— Eu a amo, milorde. E agora ela nunca vai...

— Ela vai — Henry assegurou, sem se preocupar em adicionar as palavras, *se ela realmente se importa contigo*. Ele bebeu o uísque, olhou para a garrafa e depois se decidiu contra um segundo copo.

— Mas, mas eu não tenho dinheiro, nem conexões, nem...

— A garota tem um dote generoso e o Sr. Bowman disse que não ficará no seu caminho — ele fez uma careta. — Eu não posso dizer o mesmo sobre a mãe.

Colin estremeceu. — Sim, a Sra. Bowman é bastante...

— Sim, sim, estamos de acordo com isso — Henry apressou-se a dizer, não querendo falar sobre a mulher abrasiva.

Ficaram sentados em silêncio por um longo momento.

Foi Colin quem quebrou o silêncio. — O que o senhor vai fazer agora? Devo fazer as malas e...

— É bem-vindo a ficar aqui — Henry o acalmou. — Embora, porque gostaria de ficar, eu não sei.

— Obrigado, milorde.

Colin parecia tão grato que Henry se sentiu como um ogro.

— Vou falar com alguém na Leadenhall Street em seu nome — assegurou Henry.

Mas Colin não parecia muito feliz com a perspectiva de um novo emprego. Henry não podia culpá-lo, o homem não era o tipo “funcionário”. Para ser honesto, o único trabalho que realmente se adequava a Colin era o que ele tinha feito nas últimas semanas: o de um nobre irresponsável e preguiçoso.

— Eu autorizei Flitwick a fazer os reparos necessários e contratar mais pessoal — acrescentou ele, na esperança de animá-lo de sua melancolia. — Isso significa móveis novos, uma cozinha funcionando e até mesmo uma cozinheira.

Para sua surpresa, Colin sorriu. — O senhor vai consertar a velha?

— Decerto que sim — Henry respirou fundo. — Deveria saber que estou noivo da Srta. Annis Bowman.

Os olhos de Colin se arregalaram. — Não... está mesmo?

— Sim, Colin. Mesmo.

Suas feições móveis se transformaram em um enorme sorriso. — Ora, ora, ora. Eu nunca sequer imaginei. Parabéns, seu libertino indecoroso! — Ele deve ter se lembrado com quem estava falando. — Oh, que maçada! Não quis...

— Obrigado por suas felicitações — disse Henry, acabando logo com comportamento subserviente.

Um Colin vangloriado já era ruim o suficiente. Um Colin subserviente seria insuportável.

— Eu vou ficar em Londres pelos próximos dez dias, então pode também terminar o que resta da Temporada — disse Henry, e então imediatamente quis bater a cabeça contra a lareira de mármore por fazer uma sugestão tão absurda.

— *De verdade?* — Colin quase pulou em sua cadeira. O cachorrinho triste havia desaparecido e o cachorrinho exuberante estava de volta.

— Não deveria ficar tão feliz assim — Henry avisou. — É provável que não *haja* muita Temporada para nós dois.

O rosto de Colin caiu. — O senhor acha que as pessoas ficarão com raiva de nós?

— Ouso dizer que estará a salvo o suficiente de muita represália. Quanto a mim? Bem, em breve descobrirei — Henry pegou seu relógio e ficou irritado ao saber que ainda havia muito tempo para sua próxima missão. Ele guardou o relógio e se levantou.

— Aonde está indo, milorde?

— Fazer as pazes — disse ele sombriamente. — Pode muito bem vir comigo.



Capítulo Quatorze

Annis dormiu menos de duas horas naquela noite e acordou um pouco confusa e com os olhos doloridos e destemidos.

Depois de deixar o escritório do tio, sua tia enviou uma bandeja com seu jantar para o quarto, deixando seus sentimentos sobre o seu noivado perfeitamente claros.

Jantar em seu quarto deveria significar que ela poderia ir para a cama mais cedo, mas ela se virou tanto de um lado para o outro que seus lençóis haviam se transformado em um emaranhado quando ela finalmente conseguiu dormir às sete horas da manhã.

Como resultado, ela estava se trocando ao meio-dia.

Bem, Annis pensou enquanto trançava o cabelo e o enrolava no penteado parecido com a coroa que ela preferia, se sua tia esperasse ferir seus sentimentos excluindo-a de outro jantar em família, ela não atingiu o objetivo.

Não atingiu o objetivo.

Ela fez uma pausa, sorrindo para a citação antiga e bíblica.

Compartilhar a alegria da linguagem era algo que ela só tinha feito com o pai. Até Henry. Ele não só lhe ensinou algumas frases em Urdu todas as vezes que estiveram juntos, mas adorava provocá-la soltando expressões idiomáticas em suas conversas.

Depois da maneira como ele olhou para ela ontem, Annis teria sorte se ele falasse com ela novamente, no idioma que for.

— Ugh — murmurou olhando para seu reflexo.

Houve uma batida na porta do seu quarto.

— Entre — disse ela.

Era Coombes. — Seu tio deseja vê-la, Srta. Annis.

— Agora?

— Sim, Srta. Annis.

Ela suspirou e seguiu o imponente mordomo escada abaixo, chocada por ele ter se rebaixado para entregar-lhe uma mensagem. Aparentemente, a notícia de seu noivado com um lorde tinha se espalhado, e ela tinha subido de posição.

Seu tio se levantou quando ela entrou na biblioteca. — Sente-se, querida.

Annis sentou-se.

— Eu entendo por que não se juntou a nós para o jantar ontem à noite, Annis - ontem foi terrivelmente exaustivo - mas espero que não tenha evitado a refeição porque estava preocupada que nós a maltratássemos. Por favor,

junte-se a nós para as noites que restam.

Aquilo era um ramo de oliveira, então ela não lhe disse que tinha sido sua esposa, em vez de sua própria vontade, que a manteve em seu quarto. — Obrigada, tio.

— Sua Senhoria esteve aqui esta manhã e nós chegamos a um acordo rápido sobre o seu acordo de casamento. Ele foi, er, muito generoso e não vai lhe faltar nada.

Annis não queria ouvir isso, especialmente depois de já ter tirado uma fortuna do homem. Ela apenas assentiu.

— Sua Senhoria pediu que lhe fosse permitido explicar os detalhes pertinentes do contrato e seus planos para o seu casamento — ele olhou para o relógio. — Ele estará aqui em breve. Suponho que não tenha dificuldade em conversar com ele sobre esses assuntos?

— Não, tio — não depois de ontem, quando teve que admitir ser uma gananciosa imoral disposta a se casar com um homem que não amava, e então, imediatamente depois, implorar-lhe por doze mil libras. Não, não teria problemas em falar com ele sobre nada agora.

Na verdade, ela acolheu a oportunidade, não importa se seria desconfortável. Ela não gostava que seu tio cuidasse de seus negócios por ela. Ela preferia lidar com seus próprios assuntos, não importava que ela tivesse estragado tanto as coisas para ela e sua avó.

Além disso, a ajuda de seu tio não inspirou exatamente confiança no passado.

— Eu sei que não fui o defensor mais firme de seus interesses no passado — disse ele, como se ela tivesse falado em voz alta. — Mas eu quero que saiba, que não precisa fazer nada que não deseje fazer.

Ela ergueu as sobrancelhas com essa declaração surpreendente.

— O que quero dizer é que não precisa aceitar a proposta de nenhum dos dois — sua pele pálida ficou quase perigosamente vermelha. — Eu sei que já aceitou Lorde Rotherhithe, mas não é tarde demais para mudar de ideia. Ele é rico e - atrevo-me a dizer - fisicamente atraente, mas não será um homem fácil de conviver, eu acredito.

Seu tio não poderia ter surpreendido Annis mais, se tivesse invadido uma casa.

Antes que ela pudesse gerar uma resposta a essa demonstração pouco característica de afeto, a porta se abriu.

— Sua Senhoria, o Conde de Rotherhithe.

Thomas Bowman se levantou e se aproximou de seu convidado. — Boa tarde, milorde.

Henry deu um leve aceno de cabeça. — Bowman.

O tio Thomas endureceu com a saudação fria e se virou para Annis. — Annis, tem alguma coisa para me dizer?

Ela sabia o que ele queria dizer. — Não, tio. Mas, obrigada pela oferta.

Ele assentiu. — Então eu vou deixá-los a sós — ele fez uma pausa. —

Não vou chamar Ford, mas peço que a reunião seja breve.

— Sim, tio.

A porta se fechou atrás do homem e Henry sentou-se na cadeira mais próxima dela.

Ele parecia ainda mais impressionante do que o normal, e ela supôs que ele poderia agora se vestir de uma maneira adequada a um homem de sua posição.

Ele usava calças largas que moldavam seus quadris, coxas e panturrilhas musculosas de uma maneira que a deixava sem fôlego. Seu casaco verde escuro e colete dourado e verde deram a seus olhos de avelã uma tonalidade verdejante. Seus hessianos, brilhavam da cor de mogno rico e polido, e seu linho era tão impressionante quanto a geada fresca.

Ele era absolutamente lindo.

Annis mais uma vez, estava usando um vestido de segunda mão, este com uma cor menos desagradável, um rosa pálido que enrubescia um pouco suas bochechas, mas com um corte igualmente malfeito.

— A senhorita quer que eu explique o contrato de casamento? — ele perguntou friamente.

— Isso não será necessário — disse ela, e depois hesitou.

— Sim?

Era imaginação dela, ou ele parecia ainda mais hostil do que o dia anterior?

— Bem, há algo que eu gostaria de dizer.

— Continue — o sorriso em seu rosto não era particularmente agradável.

Bem, de quem era a culpa? Sem dúvida, ele estava se perguntando que *outras* surpresas ela tinha para ele.

— Eu sabia que o senhor era Rotherhithe antes de ontem.

— Eu sei.

— O-O quê?

— Eu fui ver Lady Sedgwick depois que saí daqui, e ela me disse a verdade — ele colocou uma ênfase nada tão sutil nas palavras *ela* e *verdade*.

Oh, meu Deus.

— O senhor... er, eu... — Annis tossiu; sua garganta estava muito seca para formar qualquer frase. Ela engoliu em seco e tentou mais uma vez. — O senhor deve estar se perguntando por que eu não disse nada.

— Devo?

Annis se encolheu com seu tom e olhar mordaz. Ela abriu a boca para se desculpar por mais uma mentira, mas ele não havia terminado.

— Eu me perguntei — ele admitiu, — de fato, passei a maior parte da noite de ontem me perguntando. Mas então percebi que mal tenho moral quando se trata de dizer a verdade, não é?

Annis decidiu que era uma pergunta retórica. — O senhor está... está furioso comigo por não ter-lhe contado ontem?

— Ficar furioso com algo que já aconteceu é inútil.

Ainda assim, ele não parecia feliz, e ela não podia culpá-lo. — Posso explicar meu raciocínio, ou pelo menos tentar?

Ele inclinou a cabeça.

— Presumi que o senhor tivesse se dado a tanto trabalho porque não queria ser alvo de caçadoras de fortunas ou de títulos.

— Sim, eu esperava ver as pessoas como elas realmente são, e parece que consegui.

O rosto de Annis ardeu com o olhar frio e avaliador dele, mas prosseguiu. — Eu agi errado em vê-lo quando eu já estava sendo cortejada pelo Sr. Norburg, eu sei disso. Considerei contar sobre ele, mas acreditava que o senhor ficaria...

— Enojado com a senhorita por aceitar se casar com ele por dinheiro?

Foi uma maneira brutal de dizer, mas era verdadeira. — Sim.

— Ouso dizer que sim — admitiu. Suas palavras fizeram com que um nó se formasse em sua garganta.

Annis engoliu. — E me preocupei que, se eu dissesse a verdade - que eu precisava de dinheiro - o *senhor* pensaria... — ela mordeu o lábio, incapaz de continuar.

— Eu pensaria que a senhorita estava querendo que *eu* a ajudasse?

Annis assentiu. — Sim — parecia que nada do que dissesse ou fizesse melhoraria as coisas, seu rosto enrugou em uma careta. — Bem, além de não concordar em vê-lo em primeiro lugar, é claro. Mas... mas eu... — Annis não conseguiu continuar, e ele não a pediu que continuasse.

— Eu mencionei há alguns minutos que não há absolutamente nada a ganhar lamentando o passado, e eu quis dizer isso — ele se inclinou para mais perto dela, seu olhar se intensificando, seu rosto duro e severo. — Mas essas serão as últimas mentiras que contaremos um ao outro. Hoje começamos do zero, de acordo? — Ele fez uma pausa e ela assentiu. — Então, com isso em mente, há mais alguma coisa que a senhorita precisa me dizer?

Conte a ele sobre Leech!

Isso está no passado e não tem nada a ver com o que aconteceu ontem ou na semana passada. Certamente, Henry não pretendia que eu divulgasse todos os segredos vergonhosos da minha vida.

— Annis? — Henry perguntou.

— Não — ela balançou a cabeça. — Não, não há mais nada. — E não haveria depois que Annis substituísse o dinheiro que Leech havia roubado. Esse seria o fim daquele capítulo sórdido em sua vida.

— Muito bem — falou ele. — Vou obter uma licença especial esta tarde. Eu esperava ter uma pequena cerimônia, mas lady Sedgwick me convenceu de que seria uma péssima maneira de começar nosso casamento.

Annis sabia que Freddie provavelmente estava certa. — O que ela sugere?

— Um casamento adequado com muitos convidados.

Ela fez uma careta. — Sim, suspeito que é isso que deva acontecer. Quando?

— Eu pensei em nos casarmos em oito dias. Isso é aceitável?

— Quanto antes melhor.

— Sua família está dificultando as coisas para a senhorita aqui?

Ela estremeceu com o toque ameaçador em sua voz. — Não, mas duvido que minha tia e minhas primas fiquem satisfeitas quando a verdade for revelada e os convites deixarem de chegar.

Para seu espanto, ele riu.

— Perdão — disse ele ao olhar assustado dela. — Eu não estou rindo da situação, bem, na verdade, acho que estou.

— O que quer dizer com isso?

— Depois de falar com Lady Sedgwick e depois com Colin, fui ao White's para *enfrentar o leão em sua toca* — ele fez uma pausa, seus lábios se curvando para o menor dos sorrisos. — Então?

A garganta de Annis coçou, e ela teve que engolir suas lágrimas, gratidão quase que a inundando com essa pequena demonstração de carinho, ou pelo menos uma pequena oferta de paz. — É um provérbio antigo baseado na Bíblia - Samuel.

Ele assentiu. — Ah, sim. Eu devia ter imaginado. De qualquer forma, pensei em começar a arrumar essa bagunça que fiz, começando com a parte masculina da *ton*. Antes que eu pudesse confessar, no entanto, descobri que a verdade já estava circulando por aí.

— Estava? Mas, como? Quem poderia ter... — ela ofegou. — Percy! Oh, ele não fez isso!

— Parece que o jovem Percy foi diretamente daqui para o White's ontem. Ouso dizer que ele estava esperando por um duelo antes que eu pudesse disparar um tiro — seu sorriso se transformou em um sorriso feroz. — Mas seu plano saiu pela culatra. Alguém a quem ele contou foi ao jantar semanal do Clube Beefsteak, a senhorita já ouviu falar?

— É aquele clube de homens, bobo. Mas, por que isso deveria importar?

— A senhorita sabe que o Regente é um membro?

— Eu não sabia disso, mas não estou surpresa.

— Ele estava lá ontem à noite e ouviu a história.

Annis gemeu. — Oh, não! Por que Percy faria isso? Minha tia e meu tio precisarão se mudar para outro país.

— Eu acredito que não. Veja, Prinny foi citado como rindo imensamente e chamando o evento de *uma brincadeira engraçada*. Esta manhã, recebi uma carta convidando Colin e a mim à Carlton House para o último jantar do Regente da Temporada.

Annis cobriu a boca com as duas mãos.

— Então, é meu palpite que os convites começarão a *chegar* aos montes hoje — ele sorriu enquanto ela ria. — Passei na casa de Lady Sedgwick antes de vir para cá, esperando me certificar de que ela não fosse boicotada.

— Ela ficou feliz?

— Sim. Foi a condessa que me garantiu que a aprovação do Príncipe

Regente em tal assunto fará não apenas Colin e eu os convidados mais procurados pelo resto da Temporada, mas o prestígio provavelmente se estenderá a senhorita e sua família também.

Annis riu. — Ouso dizer que Freddie está certa. O Regente, que muitas vezes é alvo de piadas, define o tom em tais assuntos. O que mais Freddie tinha a dizer?

— Ela é inflexível que aproveitemos essa sorte social e mostremos nossos rostos a cada evento, baile, jantar e festa até o casamento.

Ela fez uma careta. — Mas o senhor *odeia* essas coisas.

— Sim, bem, ela me convenceu de que era o melhor.

Annis queria perguntar por que, mas ele não deu a ela uma chance.

— Espero que a senhorita não se importe que eu tenha recorrido a ajuda de Lady Sedgwick para planejar o casamento?

— Estou muito feliz que tenha feito isso. Receio que o senhor irá descobrir que eu tenho pouca experiência em... bem, em qualquer coisa, exceto ensinar idiomas.

— A senhorita estará com as mãos ocupadas montando um novo guarda-roupa. Não há muito tempo, a senhorita precisará encomendar roupas o mais rápido possível - os olhos dele piscaram sobre dela, os lábios dele se contorcendo de descontentamento com o trapo que ela usava. — A partir desta manhã, seu tio lhe fornecerá uma mesada para roupas, mas a senhorita pode guardar o dinheiro para outras despesas pessoais. Vou fornecer o material para suas novas roupas de meus armazéns.

— Armazéns?

— Sim, acumulei uma boa quantidade de tecido no comércio ao longo dos anos, bem como uma grande quantidade de musselina da fábrica que meu parceiro agora possui. É da melhor qualidade, grande parte indisponível aqui.

A cabeça de Annis estava girando demais para discutir com ele sobre sua generosidade. Além disso, ele provavelmente estava fazendo isso por si, tanto quanto por ela; ele dificilmente gostaria de ser visto em sua companhia se ela estivesse maltrapilha.

— Vou levá-la a uma modista amanhã.

— *O senhor* irá me levar?

— Sim. Isso é aceitável para a senhorita?

Algo em seu comportamento de confiança e *senhorial* de repente a irritou. — E se *não* for aceitável?

— Então a senhorita deve me dizer o que prefere, e será feito — ele respondeu suavemente.

Annis rangeu os dentes. Oh, ele sabia como tirar qualquer satisfação do desafio!

— Tudo bem, irei acompanhá-lo.

— A senhorita parece perturbada com a ideia. É tão incomum assim?

— Acredito que seja.

— Bem, *eu* sou incomum — disse ele, como se ela já não soubesse disso.

— Certamente não pode ser muito escandaloso se sua criada pessoal nos acompanhar.

— Eu não tenho uma criada pessoal.

Annis podia ver pelas narinas infladas que ele não gostava nem um pouco dessa informação. — Vou pedir a Lady Sedgwick para nos acompanhar, eu contratei seus serviços até o casamento, afinal.

— Isso seria adorável — disse Annis, satisfeita em pensar em passar tempo com a amiga enquanto Freddie ganhava dinheiro por isso.

— Vou contratar uma criada para a senhorita também — disse ele.

— Isso provavelmente também é incomum. A maioria dos homens *não* contrata criados para sua noiva.

— A senhorita se importa? — Ele parecia genuinamente curioso.

Ela se importava se ele comprasse suas roupas e contratasse uma criada para ela antes de se casarem? Por alguma razão, parecia impertinente, como algo que um homem faria para a sua amante.

Isso mortificaria e enfureceria a tia dela.

Annis sorriu com o pensamento. — Eu ficaria grata por sua oferta com minhas roupas. Quanto à sua oferta de uma criada pessoal, Grace, uma das camareiras do meu tio, está esperando encontrar trabalho como criada pessoal. Ela ocasionalmente ajudou minhas primas e fez um trabalho admirável. Vou perguntar se ela está interessada.

Ele assentiu. — Então, para resumir nosso plano de batalha, nos casaremos daqui a oito dias. Até lá, atenderemos a todos os eventos que Lady Sedgwick estipular. Após o nosso casamento, ficaremos uma noite no Clarendon, porque a Casa Rotherhithe mal é habitável, e partiremos para Stoke no dia seguinte. A senhorita tem perguntas ou pedidos antes de nos encontrarmos novamente amanhã?

Centenas de perguntas pulavam em sua cabeça, mas nenhuma delas se transformou em palavras. — Não, não há nada em que eu possa pensar no momento.

Henry enfiou a mão em seu casaco impecavelmente cortado e tirou um envelope fino. — Este documento autoriza o portador a sacar o valor, que a senhorita solicitou, do meu banco — ele entregou a ela.

— Obrigada — Annis pegou o envelope, sem fôlego com a facilidade com que ele acabara de salvar o futuro da sua avó. Seu rosto ardeu de vergonha enquanto ela olhava para o dinheiro que ele havia dado sem questionar.

Felizmente, a porta se abriu e um lacaio entrou, carregando uma bandeja. Atrás dele estava Ford com seu bordado.

Henry se levantou.

— O senhor não vai ficar para o chá?

— Eu tenho um compromisso que não posso atrasar — ele pegou a mão dela e se curvou sobre ela. — Eu voltarei ao meio-dia de amanhã.

Ele sorriu para ela, mas, ao contrário do passado, a expressão nunca chegou aos seus olhos.

Henry não teve que esperar muito em frente à casa de Thomas Bowman antes de Annis aparecer - sem uma criada ou um laçao, é claro - andando apressadamente.

— É ela quem eu devo seguir, chefe? — perguntou o cocheiro da carruagem de aluguel.

— Sim, tente ser discreto.

O cocheiro riu. — Pelo que está me pagando, posso ser até mesmo invisível.

— Ela está chamando uma carruagem — Henry apontou, desejando que o homem parasse de tagarelar e mantivesse os olhos em Annis.

— Estou vendo, chefe.

Henry recostou-se e observou as ruas passarem. Ele se sentia como um rato por segui-la?

Talvez. Mas então ela mentiu para ele imediatamente depois de prometer que não haveria mais segredos entre eles. Na verdade, a mulher era a pior mentirosa do mundo. Ele odiava quando as pessoas mentiam para ele quase tanto quanto ele odiava quando as pessoas escondiam segredos dele.

Não que nada disso justificasse o que ele estava fazendo.

Henry suspirou; ainda não eram duas horas, e o seu dia já fora todo ocupado. Também tinha sido muito desconfortável. Seu segundo encontro com Lady Sedgwick - que ele não acreditava que pudesse ser mais desconfortável do que o primeiro - não era uma hora de sua vida que ele gostaria de repetir.

Se ele acreditasse que o selo de aprovação de Prinny faria a mulher perdoá-lo e esquecer sua mentira, ele estava muito enganado.

— Graças ao nosso Regente, o senhor não encontrará nada além de tapetes vermelhos aonde quer que vá, milorde. Espero que perceba a sorte que tem. No futuro, se o senhor não se importa com a bênção da sociedade para si mesmo, pelo menos pense em sua esposa e filhos.

Sim, Lady Sedgwick sabia como envergonhar um homem, enquanto o enchia de chá e biscoitos.

Mas ela estava certa; Henry se comportou como um idiota, e era seu dever limpar a bagunça. Graças ao Príncipe Regente - o líder nominal da Grã-Bretanha - e seu senso de humor juvenil, resolver a bagunça seria consideravelmente menos desagradável do que poderia ter sido.

Sua penitência seria mais miséria do tipo que ele suportou por semanas: funções sociais insípidas. Mas por mais zangado que ele ainda estivesse com ela, então ele mentiu para ela sobre não estar zangado. O que tem isso? ele gostaria de vê-la participar de pelo menos alguns eventos da Temporada enquanto estivesse bem-vestida.

Os sentimentos de Henry em relação a ela pareciam mudar a cada cinco

minutos. Justo quando ele achava que ela merecia coisas bonitas e a homenagem de seus nobres, ele se lembraria de como ela manteve ele e o Sr. Norburg em suas mãos.

Passar da adoração para a raiva sobre as coisas no passado não era confortável. Ele era um homem do outro lado dos trinta, não uma criança, e sabia que cabia a ele olhar além de seu desagrado. Logo, eles se casariam e viveriam juntos até que um deles morresse. Ele estava gostando muito da companhia dela antes de descobrir que ela planejava se casar por dinheiro. Agora ele poderia desfrutar da companhia dela pelo resto de sua vida.

A carruagem desacelerou e ele viu que eles tinham ido até o distrito financeiro.

— Ela está descendo logo a frente, chefe — disse o cocheiro, inclinando-se para o lado, para que Henry pudesse ver a estrada à frente deles, onde Annis estava pagando o cocheiro.

— Aproxime-se — disse Henry.

Uma vez que eles pararam, Henry a observou entrar em um prédio que tinha várias placas de latão ao lado da porta. Era algum tipo de escritório para advogados ou homens de negócios, a julgar pela aparência do lugar e do local.

Uma vez que ela desapareceu no prédio, Henry saltou para fora. — Espere por mim — disse ele ao cocheiro, jogando-lhe uma moeda que fez o homem sorrir.

Demorou apenas alguns minutos para discernir que o escritório em que ela havia entrado pertencia a Norman Pears, advogado e homem de negócios.

Henry voltou para a carruagem e entrou.

— O que fazemos agora? — o cocheiro perguntou.

— Agora esperamos — disse Henry.

Se Annis insistiu em esconder a verdade dele, talvez ele possa convencer o Sr. Norman Pears a esclarecer as coisas.



Capítulo Quinze

Annis parecia como uma caipira envolta em um rolo de tecido preenchendo uma boa parte da elegante loja da Madame Jenette na Oxford Street.

— Minha nossa! — os belos olhos de Freddie brilhavam enquanto ela observava a visão quase mágica.

— Tirou as palavras da minha boca — Annis murmurou.

Eles chegaram ao estabelecimento da escolha de Henry e descobriram que ele havia fechado a loja da modista para o dia inteiro.

— Ela é *muito* exclusiva — Freddie sussurrou. — Nunca tive um cliente que conseguisse colocar o pé na porta. Normalmente, ela é bastante insuportável — acrescentou Freddie.

Elas observaram um pouco divertida enquanto Henry comandava a mulher como se ela fosse uma de suas criadas.

Por mais arrogante que a francesa parecesse, ela estava se comportando com uma obsequiosidade quase cômica, seja por causa de sua posição, aparência ou pela vasta quantidade de tecido que ele entregava à sua loja, Annis não sabia dizer.

Madame, por sua vez, ordenava seus funcionários como se fosse uma general comandando tropas, certificando-se de que todo o refinamento fosse exibido corretamente.

Henry não apenas trouxe rolos de tecido, também havia varas de renda requintada, penas coloridas, acessórios enfeitados, franjas de seda e dezenas de outros luxos que Annis nunca sonhou em comprar no passado.

Depois de dar suas instruções à modista, ele se virou para Annis. — Esses são os tecidos e cores que achei que poderiam ser mais adequados para a senhorita — explicou ele. — Tudo o que não quiser, eu ofereci para vender para Madame Jenette — seus lábios se contorceram em um sorriso irônico. — Por um preço excepcionalmente baixo.

As cores e os materiais eram vibrantes, lindos e *perfeitos*; era como se ele tivesse entrado na cabeça de Annis e selecionado todos os seus favoritos: azul pervinca, verde primavera, uma dúzia de tons de rosa e - o mais notável - uma seda vermelha vívida.

Freddie levantou a seda escarlate até o rosto de Annis, balançando a cabeça lentamente. — Eu nunca teria considerado tal cor, mas é extraordinária com sua pele clara — ela se virou para Henry, um brilho de respeito em seus olhos cinza-claros. — O senhor é um homem de talentos ocultos, milorde?

Henry apenas sorriu. — Além do material que estão vendo aqui, eu entreguei alguns tecidos e musselinas finas para uma mulher que Madame Jenette sugeriu. Ela passará suas medidas para vestuários personalizados, mas a senhorita precisará comprar vários itens prontos para os próximos dias.

Annis corou; ele quis dizer roupas íntimas.

Henry gesticulou para uma prateleira de vestidos que dois balconistas trouxeram da sala dos fundos. — Madame selecionou uma série de vestidos que podem ser rapidamente alterados para caber na senhorita. A senhorita deve escolher o suficiente para durar pelo menos os próximos três dias até que ela possa entregar algumas das novas roupas.

A musselina rosada mais linda ganhou o olhar de Annis. Ela estendeu a mão para tocá-lo.

— Sim — disse Henry, seu olhar avaliando enquanto olhava para ela. — Eu pensei na senhorita assim que vi essa cor.

Annis engoliu em seco, de repente desconfortavelmente quente. Ele pensou nela?

Freddie pigarreou levemente, quebrando o silêncio tenso. — Fiz uma lista do que vai precisar, Annis.

— Eu também — disse Henry, entregando a Freddie um pedaço de pergaminho dobrado, seus olhos ardentes ainda chamuscando Annis.

Enquanto os dois comparavam suas listas, Annis escapou para a prateleira de roupas, não vendo *realmente* as roupas que estavam ali, enquanto era consumida por culpa e vergonha. Henry fez tudo isso por ela?

Ele ainda devia gostar dela, pelo menos um pouco?

E, no entanto, sua reserva para ela não diminuiu.

Annis se afastou das roupas adoráveis e do pensamento infeliz. Ela sorriu levemente com a imagem da sua amiga mais querida e se deu ao trabalho de se derramar sobre uma pilha de amostras de tecidos e discutir o que melhor lhe convinha.

Ela não poderia ter imaginado uma virada tão agradável de eventos e queria aproveitar este dia, que mulher não ficaria feliz em ter tudo o que sempre quis? Pelo menos tudo que era material.

Mas sua garganta ficou desconfortavelmente apertada enquanto ela olhava para os ombros maciços de Henry e para a nuca vulnerável dele enquanto ele e Freddie trabalhavam juntos. Por mais adorável que tudo isso fosse, ainda era superficial e material. Era isso que Henry achava que *ela* queria dele? É por isso que ele acreditava que ela estava se casando com ele? Por causa de roupas finas e carruagens confortáveis?

No dia anterior, ele havia dito que não havia sentido em insistir no que havia acontecido no passado.

Mas isso significava necessariamente que ele ansiava por um futuro com ela?



Annis olhou para seu reflexo.

E olhou fixamente.

Atrás dela, o sorriso de sua nova criada pessoal transformou-se em uma carranca preocupada. — Não gostou, Srta. Annis?

O *que* estava em questão era o novo penteado que Grace insistira em implementar primeiro.

— A senhorita tem o cabelo mais bonito que eu já vi, Srta. Annis. Meus dedos coçavam para fazer algo com ele desde a primeira vez que a vi.

Annis riu disso. — Agora é sua chance, Grace. Está no comando da minha aparência, deve fazer o que achar melhor.

Grace gritou de felicidade.

E agora, enquanto Annis olhava para sua imagem no espelho, ela não podia se arrepender daquela decisão de permitir que Grace aparasse seu cabelo.

— Fez um *belo* trabalho — disse Annis suavemente.

Grace juntou as mãos e sorriu. — Ah, obrigada, senhorita.

Ela arrumou tudo, alegando que era bonito demais para cortar curto. — Eu nunca vi um cabelo assim em uma adulta, apenas crianças. Com todo respeito, senhorita — ela acrescentou quando viu o olhar irônico de Annis.

— Oh, não me insultou — Annis garantiu. — Já sou crescadinha o suficiente para ficar constrangida por essa tonalidade chocante.

— Constrangida! Mas por quê?

— Porque *é* a cor do cabelo de uma criança.

Mas ela teve que admitir que o estilo elegante que sua nova criada havia escolhido a fez ficar quase bonita.

Claro, muito disso era por causa do vestido de baile que ela estava usando, o primeiro que não era de segunda mão.

— É uma cor excelente na senhorita — o olhar de Henry deslizou criticamente sobre a linda seda azul pervinca, que era uma das poucas roupas prontas. — O corte e o desenho são requintados, mas eu gostaria que a qualidade do material fosse melhor.

Para o choque de Annis, Freddie riu, talvez um dos sons mais desinibidos que ela já ouviu sua elegante amiga fazer.

— O que é tão engraçado? — Henry perguntou, erguendo uma sobrelanceira imperiosa.

— É uma das sedas mais bonitas que já vi. O senhor é mimado, milorde.

Seus lábios se contorceram em um leve sorriso. — Talvez.

Annis viu sua criada franzir a testa enquanto olhava para o lindo vestido. — O que foi, Grace?

— Com esse decote, a senhorita precisa de algo no pescoço.

Annis pensou infelizmente nas pérolas da avó. Outra coisa que o Sr. Leech roubou dela.

— Bem, terei que ser o suficiente assim — ela pegou a retícula

correspondente que Freddie havia insistido.

Houve uma batida na porta.

— Sim? — ela respondeu.

A cabeça de Coombs apareceu na porta. — Sua Senhoria está aqui, Srta. Annis. Ele está a esperando na biblioteca.

— Céus. Já está na hora?

— Não se esqueça do xale, Srta. Annis — Grace estendeu metros e metros de uma rede delicada e a cobriu com infinitos cuidados em torno dos ombros de Annis.

— Pronto. A senhorita está perfeita.

— Obrigada, Grace.

Suas pernas pareciam oscilar enquanto ela ia em direção à biblioteca. Ela passou a maior parte do dia com Henry - ele já a tinha visto naquele vestido, pelo amor de Deus! - e ainda assim ela se sentia como uma garota indo ao seu primeiro baile.

— Tola — ela murmurou quando entrou na biblioteca.

— Ah, aqui está, minha querida — seu tio sorriu como se estivesse genuinamente satisfeito em vê-la.

Henry, que estava sentado na cadeira em frente ao tio, se levantou.

Annis prendeu a respiração. Ela já o tinha visto usando fraque antes, é claro, mas nunca em nenhum que estivesse tão perfeitamente encaixado em seu corpo.

Os olhos dele passaram por sobre ela brevemente antes de encontrar seu olhar.

A camada gelada de medo que se fechou ao redor dela dois dias antes derreteu com o olhar que estava recebendo dele, não eram frios, mas satisfeitos.

— A senhorita está linda — o elogio foi tão sensual quanto uma carícia.

— Sua Senhoria trouxe-lhe algo, Annis — a voz do tio a tirou de seu devaneio prazeroso. — Eu disse a ele que dar joias antes de se casarem é muito irregular — suas bochechas pálidas escureceram. — Mas então percebi que eu - que deveria ter me assegurado de que tivesse pelo menos um conjunto decente de pérolas para usar - deixei-a sem...

— Isso não importa, tio — ela interrompeu, não querendo vê-lo flagelar-se, não importa o quão merecido poderia ser.

Henry gesticulou para uma grande caixa de veludo no canto da mesa do tio. — Eu acredito que isso vá combinar com seu vestido.

Ela abriu a caixa com os dedos trêmulos e ofegou quando viu o que havia no cetim branco dentro. O conjunto continha um colar, pulseira e brincos. O cenário prateado era simples, mas elegante, e as grandes pedras azuis eram diferentes de tudo o que ela já tinha visto.

O tio dela veio ver. — Céus. Isso é bastante...

— Requitado — disse Annis, virando-se para Henry. — Obrigada.

— São safiras do Ceilão, que são conhecidas pelo azul pálido — sua

mandíbula flexionou quando ele olhou das pedras para Annis. — Eles me lembraram de seus olhos.

Annis estava tendo muita dificuldade em respirar para responder-lhe.

Ele levantou o colar da caixa e foi para atrás dela, abaixando-o em torno de sua garganta. Seus dedos grandes e quentes mal a tocaram enquanto ele prendia o fecho lagosta.

— Dê-me seu braço — ele ordenou calmamente.

Annis obedeceu, olhando furtivamente para a cabeça curvada dele enquanto ele prendia a pulseira ao redor do pulso dela. Assim que ele terminou, seus olhos a estudaram, um leve sorriso possessivo curvando seus lábios. — Coloque os brincos, Annis.

Como se estivesse em transe, ela tirou a última das joias da caixa.

— O senhor irá ao baile de Burton hoje à noite? — o tio perguntou, claramente determinado a ser educado.

— Sim.

Seu tio enrubesceu com a resposta curta de Henry. — A criada pessoal dela deveria acompa...

— Lady Sedgwick está nos esperando em minha carruagem.

— Oh — disse o tio Thomas, visivelmente perplexo. — O senhor deveria tê-la trazido para dentro.

Os lábios de Henry se flexionaram em um breve sorriso, e Annis sabia que ele provavelmente estava se lembrando das palavras de Freddie de mais cedo: Vou esperar na carruagem de Sua Senhoria, Annis, pois receio que não consigo falar civilizadamente com ninguém daquela família agora.

Henry estendeu o braço para Annis. — Está pronta para matar dragões, Annis?

Seus lábios se separaram e ela deu uma leve gargalhada. — Ora, acredito que o senhor pode ter me vencido com essa, milorde. Não faço ideia de onde veio essa expressão.

— Ah — ele deu a ela o primeiro sorriso genuíno que ela tinha visto em seu rosto o dia todo. E, enquanto ela olhava nos olhos dele, Annis se lisonjeou com o fato de que havia pelo menos um pouco de carinho em seu olhar.



Capítulo Dezesseis

Na manhã do casamento, Henry desejou ter pegado Annis e corrido para a fronteira.

Ele acreditava que o turbilhão social fosse tão desgastante quanto antes, quando ele era apenas Colin Parker.

Ele não poderia estar mais enganado. Era *duas vezes* mais exaustivo ser um nobre.

Agora que ele era um conde - e o atual favorito do Regente, um homem que fazia Colin parecer sábio em comparação - as hordas haviam descido sobre ele da mesma maneira que desceram sobre Colin. Exceto que Henry, ao contrário de seu empregado, não tinha que manter todos os parasitas à vista.

Ele esperava que ter Annis ao seu lado aliviasse a irritação que era socializar.

Novamente, ele estava errado.

Embora ele tivesse participado de compromissos sociais com Annis todo santo dia - e noite -, eles não tiveram tempo para ficarem sozinhos, nem mesmo cinco minutos.

Parte disso era porque Lady Sedgwick os acompanhava em todos os lugares.

Mas mesmo nas dezenas de bailes e outras funções, eles dançavam apenas uma dança por noite, nada mais. E ele não podia monopolizar a sua companhia quando não estavam dançando.

— O senhor tem apenas uma semana para ser visto — Lady Sedgwick lembrou-o quando ele reclamou sobre o fato de que estavam participando de duas a três ocasiões sociais todos os dias.

— Annis precisa desta semana, e o senhor deve fazer tudo o que puder a ela, para estabelecer seu lugar na sociedade.

Henry não discutiu porque concordava com a condessa.

Como resultado, os dias que antecederam ao casamento foram tão agitados e desgastantes que Henry não teve um momento de paz.

Mas o ritmo agitado estava quase esquecido agora.

A voz do pároco ecoou pela ala central fria e cavernosa, puxando Henry de volta ao presente.

— Se alguém mostrar justa causa porque esse casal não pode legalmente se unir, que fale agora.

Por um momento tenso, ele se perguntou se alguém - ele não sabia quem - poderia pular das sombras e interromper a cerimônia.

Naturalmente, isso não aconteceu.

Enquanto Henry estava na igreja diante de uma pequena coleção de convidados - principalmente dela - e olhava no rosto de Annis, ele não podia se arrepender de sua escolha. Mesmo que ela não o amasse, ela seria uma companheira divertida e a vida com ela nunca seria tediosa.

Agora que ela tinha sido equipada adequadamente, ela não parecia mais tão pequena ou como uma criatura mística e sim como uma jovem extremamente adorável, delicada e etérea. Seu cabelo de seda cor de milho - sua coroa gloriosa - tinha sido estilizado de uma forma que não mais sobrecarregava seu pequeno rosto, mas aumentava sua beleza delicada. Seus olhos azul-celeste pareciam maiores do que nunca, e sua pele estava tão aveludada quanto uma rosa branca. A única pitada de cor em suas bochechas era aquela refletida na seda rosada de seu vestido de noiva.

Ela estava muito bonita.

Ela também parecia aterrorizada.

Henry teria acreditado que ela estava aterrorizada com o que estava acontecendo naquele momento - a cerimônia de casamento - se ele não tivesse visto uma expressão semelhante em seu rosto com frequência durante os últimos oito dias; algo a preocupava.

Ele desejou que ela compartilhasse seus fardos com ele, mas eles começaram esse casamento com os pés errados, e suas vidas foram caóticas demais nos últimos dias para que conseguissem uma audiência juntos.

Uma vez que se casassem e pudessem fugir de Londres e suas distrações superficiais, iria lhe garantir que estava preparado para fazer tudo ao seu alcance para que seu casamento fosse um sucesso

—... enquanto ambos viverem?

As palavras afastaram Henry de seu devaneio.

Annis encontrou seu olhar diretamente. — Sim.

O vigário se virou para Henry.

— Aceitas esta mulher como tua legítima esposa, para viverem juntos após a ordenança de Deus no sagrado estado do Matrimônio? Amando-a, consolando-a, honrando-a e protegendo-a, na doença e na saúde; e, abandonando todas as outras, guardando-se apenas para ela, enquanto ambos viverem?

— Sim.

Quando pegou as mãos de Annis, podia sentir que elas estavam geladas, mesmo através de duas camadas de luvas. Ele esfregou o polegar sobre os nós dos dedos dela e sorriu.

Seus olhos se arregalaram e parte da tensão aliviou seu corpo.

Ele deve ter se perdido em seu olhar azul por um momento, porque a próxima coisa que percebeu era que a estava escoltando da igreja e caminhando em direção aos amigos e familiares reunidos para os cumprimentarem e abraçar sua nova esposa.



Eles estavam casados.

Annis era sua esposa.

Ela olhou para a longa mesa onde estava o marido, seu estômago se agitando com aquela palavra.

Marido.

Tio Thomas insistiu que o café da manhã do casamento fosse na North Audley Street e Annis sabia que seria grosseiro sugerir outro lugar, embora a rigidez de sua tia em relação a ela não tivesse diminuído na semana desde o noivado.

Na verdade, sua família tinha ficado mais fria, como se estivesse descontente com sua boa sorte.

Mas a manhã tinha corrido bem, e esse café da manhã era uma ocasião festiva com alguns dos amigos mais íntimos de Annis e sua avó.

A oferta de Henry de enviar sua carruagem para Lady Cecily, havia instigado seu tio a “sair debaixo da pata do gato”, fazendo com que ele enviasse sua própria carruagem para sua mãe, trazendo-a em duas paradas para Londres e colocando-a em uma linda suíte em sua casa. No passado, seu tio permitiu que a tia Agnes forçasse a avó a viajar em uma carruagem lotada e, em seguida, a colocava em um dos menores quarto de hóspedes.

— Viu como já elevou minha posição, minha querida? — sua avó sussurrou ao chegar a Londres.

Quando Annis olhou para sua avó - tão feliz e segura - ela não podia se arrepender da mentira e conspiração que havia feito para chegar a esse ponto.

Lady Cecily teria uma vida de conforto e Annis também poderia comprar luxos adicionais para sua avó com a mesada ridiculamente generosa que Henry lhe havia concedido.

Pensar no dinheiro, lembrou Annis de sua última conversa privada com Henry quando ela pediu que ele mantivesse parte de sua mesada trimestral como reembolso pelo empréstimo.

Foi a primeira vez que Annis o viu verdadeiramente zangado.

— Realmente acredita que eu cobraria minha própria esposa como algum agiota qualquer? Não vamos falar deste assunto novamente, milady.

Sua fúria com o dinheiro a deixou sem palavras.

E esta noite, Annis pagaria por esse dinheiro.

Medo e pavor percorreram-na enquanto ela ponderava sobre a noite que a aguardava.

Não era o pensamento do amor físico que ela temia. De fato, só de *pensar* na noite de núpcias a manteve acordada diversas vezes na última semana. Todas as vezes ela estava vermelha, quente e excitada. Todas as vezes ela se deu prazer, usando a mão do jeito que Henry havia feito.

Não, não era o leito conjugal que a aterrorizava.

Era o medo dela do momento em que ele percebeu que ela havia mentido para ele, novamente. Que ele se casou com uma mulher arruinada.

Annis lutou para engolir o nó em sua garganta enquanto olhava furtivamente ao longo da mesa, até onde Henry estava envolvido em uma conversa com Lorelei. O que quer que Henry estivesse dizendo a amiga geralmente espinhosa - pelo menos no que dizia respeito aos homens - estava fazendo Lorie rir.

Lorie havia chegado inesperadamente apenas dois dias antes, sua presença era uma surpresa tão agradável que Annis chorou. Ela amava todas as suas amigas, é claro, mas conhecia Lorie há mais tempo.

Lorie era ainda mais pobre do que Annis, então uma viagem da Cornualha para Londres teria sido um gasto significativo.

Mas quando Annis se ofereceu para pagar sua passagem de volta para casa, Lorie a surpreendeu mais uma vez. — Vou ficar em Londres por um tempo.

— Encontrou um trabalho?

— De certa forma — disse Lorie, suas bochechas escurecendo. — Vendi uma das minhas histórias para a Minerva Press e eles querem mais. Então, poderei me dar ao luxo de compartilhar despesas com Freddie.

Annis não tinha certeza se deveria parabenizá-la pela venda ou não. — Mas isso é bom, não é? Quero dizer, sobre eles quererem mais?

— Sim, isto é bom. Não se preocupe, Annis, eu não parei de trabalhar no meu romance de *verdade*.

Lorie era uma escritora brilhante, mas o tipo de histórias que ela gostava de escrever não era o tipo que as editoras queriam das autoras.

— Estou tão feliz que estará aqui com Freddie — disse Annis. — Ela vai precisar de sua presença, Lorie.

Na época, elas estavam na sala de estar de Freddie. Sua amiga estava no pequeno terraço lendo uma carta de Miles, seu belo rosto pálido e sério.

Tanto Annis quanto Lorie sabiam o que isso significava: Miles finalmente havia ficado noivo. Ou, pelo menos, logo estaria.

Lágrimas queimaram os olhos de Annis com a lembrança da expressão devastada de Freddie e Annis se sentiu culpada por ter tido a sorte de se casar com o homem que amava - mesmo que Henry não a amasse -, mas a pobre Freddie e Miles nunca poderiam ficar juntos.

— Há algo errado, Annis? — Portia - agora a Condessa de Broughton - estava rudemente se debruçando sobre seu lindo marido, Stacy.

— Não, claro que não — Annis assegurou-lhe.

— Está tão quieta, minha querida. Não é nada parecido contigo.

— Estou aproveitando ter as minhas amigas aqui todas juntas.

Portia baixou a voz para um sussurro. — Está preocupada com a noite de núpcias, não está?

Annis deu uma risada nervosa e olhou para Lorde Broughton. Ela podia sentir o olhar dele nela, mesmo que não pudesse ver seus olhos, que estavam

escondidos atrás dos óculos escuros que ele nunca deixava de usar.

Embora tanto sua coloração quanto a perfeição clássica de seus traços o fizessem parecer uma estátua de mármore, seus lábios se curvaram em um sorriso quente e humano. — Portia, meu amor, acredito que esteja envergonhando sua amiga.

Sua esposa irreprimível se afastou da gentil repreensão do conde. — Bobagem, Stacy. Annis é muito prática para ser muito conservadora quando se trata do amor físico. Mas é natural ficar um pouco nervosa.

O rosto de Annis estava pegando fogo. — Não, Portia, não estou nervosa.

— Fazer amor pode ser uma coisa muito bonita — continuou Portia, dando ao marido um olhar rápido, mas escaldante. — Gostaria que eu explicasse o que acontece?

— Não! — gritou. — Pelo menos, não agora — Annis apressou-se a dizer. — Talvez possamos ter uma palavrinha rápida antes de partirmos?

Portia assentiu. — *Bene. Io parlo con te più tardi.*

Era mais fácil aceitar a oferta da amiga por uma conversa rápida sobre coito após o café da manhã do que contar a verdade, que ela já estava familiarizada com o processo.

Embora talvez ela pudesse praticar, confessando a verdade a Portia?

De alguma forma, Annis suspeitava que confessar a uma amiga não seria o mesmo que contar ao seu novo marido.

Annis fez uma careta. Um homem esperava que sua noiva viesse para sua cama imaculada, e ainda assim ela o havia enganado. E ela o fez depois de prometer que não haveria mais mentiras entre eles.

Ela respirou fundo e expirou devagar; não havia motivo para se preocupar agora. Ela não podia fazer nada agora. Além disso, não havia nada que Henry pudesse fazer se estivesse descontente com ela.

Bem, ele poderia espancá-la ou matá-la de fome agora que ela era sua propriedade sob a lei, mas Annis sabia que ele nunca a machucaria, pelo menos não fisicamente. Ela até acreditava que ele ainda gostava dela. Pelo menos um pouco.

Ela só podia esperar que essa próxima confissão não matasse o delicado broto de afeto que permanecia entre eles.

Annis suspirou. Esta noite, ela poderia finalmente parar de viver uma mentira. E se ele a odiasse por isso, bem, ela lidaria com isso amanhã. E pelo resto de sua vida.



Eles saíam de Londres logo pela manhã, então se despediriam de seus amigos após o banquete de casamento, uma refeição que era na verdade um cruzamento entre o almoço e o jantar.

Henry agradeceu ao Sr. e Sra. Bowman por oferecerem a refeição, mas, além disso, ele não tinha uma alma para se despedir.

Bem, além do Colin.

Mas seu antigo funcionário estava tão ocupado olhando ansiosamente para Susanna Bowman, que Henry duvidava que ele o ouvisse.

Colin fez o seu melhor na semana passada para cortejar a irmã Bowman mais nova, mas ele não era páreo para a Sra. Bowman, que se certificou de que Colin nunca tivesse uma dança ou conversa com Susanna.

— Estou em uma encruzilhada, milorde — Colin choramingou há apenas dois dias. — E Susanna também. Sua última mensagem para mim sugeriu Gretna Green.

Henry ficou agradavelmente surpreso que o objeto das afeições de Colin correspondesse a sua consideração, mas ele se encolheu com o pronunciamento de Colin.

— Pode levá-la onde quiser, Parker. Mas vai esperar pelo menos uma semana depois que eu deixar Londres para fazer qualquer coisa. Não quero dar à sua futura sogra razões para me odiar mais do que ela já odeia. Também pode querer considerar se a Srta. Bowman concordará em morar na Casa Rotherhithe contigo — era a maneira mais gentil que ele conseguia pensar para lembrá-lo que ele não tinha nem um emprego nem um lar naquele momento.

— Ela disse que viveria em uma cabana de barro contanto que estivesse comigo. O senhor pode acreditar nisso, milorde?

Não, Henry não poderia. Mas ele guardou isso para si mesmo. Ele também guardou para si qualquer ceticismo que sentisse ao pensar na Srta. Susanna Bowman morando na Casa Rotherhithe enquanto ela passava por uma restauração.

Mas Henry desenvolveu um ponto fraco pelo homem, então ele deu a Colin permissão para viver na casa o tempo que quisesse, com ou sem esposa, embora ele tivesse que perguntar a Flitwick primeiro.

— Mas milorde... é a sua casa. O senhor pode fazer o que quiser — o mordomo assustado assegurou-lhe.

— Terá que aguentá-lo — Henry havia apontado. — E eu ousou dizer que a Sra. Flitwick terá que cuidar dele como um pintinho, então me avise se deseja que eu o expulse antes de eu sair.

Flitwick parecia tão horrorizado com a sugestão, que Henry percebeu que o velho criado era mais uma pessoa que Colin havia enrolado sem esforço na ponta dos dedos. Henry realmente não o teria expulsado, mas foi divertido provocar o coração mole de Flitwick.

Por mais que Henry gostasse de Colin, ele estava feliz por não ter mais que passar todos os seus dias e noites com o homem.

Enquanto Henry mal podia esperar para se afastar de seu único convidado de casamento, Annis ficou visivelmente de coração partido ao se despedir de suas amigas.

Não apenas Lady Sedgwick e Lorde Avington, mas também as duas que inesperadamente fizeram a viagem para Londres no último momento, a Srta.

Lorelei Fontenot e Lady Broughton, que veio com seu marido, o Conde de Broughton.

Henry ficou surpreso ao descobrir que havia feito negócios com Broughton no passado, mas o conhecia como Eustace Harrington, dono de uma grande empresa de navegação com sede em Bristol, que ele próprio construiu, antes de herdar seu título.

Ele não teve muita chance de conversar com Broughton, mas o que ele aprendeu sobre ele - que ele era prático e não de nariz empinado - ele gostava.

— Olá, Rotherhithe.

Henry se virou e encontrou Avington parado ao lado dele. O cumprimento do homem era amigável o suficiente, mas seu olhar era gelado.

— Olá, Avington — disse Henry, com a mesma frieza.

Miles só falou com Henry uma vez na semana que passou, mesmo que os dois tivessem se cruzado com frequência. Sua única conversa ocorreu no baile de Asquith e foi hostil e direto ao ponto.

— Ah, Rotherhithe, exatamente o homem que eu estava procurando — disse Avington.

Henry deu apenas uma olhada nos olhos frios e planos de Avington e adivinhou o que estava por vir. — Bem, aqui estou, milorde.

— Talvez possamos ir até o terraço por um momento? — Ele se virou sem esperar por uma resposta.

Avington levou Henry pelas portas francesas até o terraço, esperando até que eles estivessem bem longe da casa antes de começar a falar. — Se sua farsa asinina causar algum problema para Lady Sedgwick, responderá a mim, *milorde*.

Isso *não* era o que Henry esperava que o outro homem dissesse, e ele ficou momentaneamente sem palavras antes de responder. — Eu já disse à condessa para me informar se ela encontrar alguma dificuldade.

— Se fosse tão simples assim, Rotherhithe, mas a *ton* nem sempre mostra sua desaprovação de maneiras evidentes.

Henry sabia que era verdade. Por mais injusto que fosse, a aprovação vocal do Príncipe Regente sobre a mentira de Henry não apenas o absolveu de qualquer irregularidade, mas o jogou de cabeça na *ton*.

O mesmo não acontecia com a Condessa de Sedgwick. Seu comportamento imprudente *havia* comprometido a credibilidade de Lady Sedgwick e ameaçado seu sustento.

Ele lamentou profundamente, mas fez tudo o que pôde para ajudá-la. Ela não estava próxima de passar por dificuldade. Especialmente para o Conde de Avington.

E isso foi exatamente o que ele disse ao outro homem antes de sair e deixar Miles fervendo no terraço de Asquith.

— Eu ainda não o parabeneizei — disse Avington, agora, um sorriso zombeteiro sentado estranhamente em seus traços angélicos.

— Obrigado, milorde — Henry deu-lhe um sorriso malicioso e não pôde

deixar de acrescentar: — Eu entendo que o senhor vai celebrar suas próprias núpcias em breve.

Avington recuou. — O que está falando?

— Estou falando da Srta. Mary Barnett, da Barnett Iron — Henry deu a ele um olhar inocente. — Ou há alguma outra herdeira de quem o senhor esteja quase noivo?

O desprazer emanava do outro homem como o calor de uma forja. — Quem lhe disse isso?

— O beau monde não tem o monopólio da fofoca, Avington. Nós temos *nostros* próprios rumores, sabe.

— É falso da sua parte reivindicar a designação da burguesia, Rotherhithe. Seu título é antigo, seu sangue muito mais azul que o meu — ele se aproximou até que eles estivessem apenas a um centímetro de distância. — Eu notei que Annis não tem agido com sua forma vivaz habitual esta última semana. Espero que não haja nada de errado em seu relacionamento.

O sorriso sumiu da boca de Henry. — Não precisa se preocupar com *minha* esposa, Avington.

— Annis é muito querida para mim, Rotherhithe, e eu levaria para o lado pessoal se ela fosse infeliz — os olhos azuis normalmente amigáveis de Avington estavam como gelo.

Henry diminuiu a distância que permanecia entre eles, batendo no peito do outro homem com força suficiente para fazê-lo dar um passo para trás. — Perdeu qualquer direito de sentir *pessoalmente* em relação à minha esposa quando a abandonou por dinheiro, milorde.

A testa de Avington franziu. — Do que diabos está falando?

— Por favor, não insulte minha inteligência fingindo que não está apaixonado por ela. Eu vi a maneira como olha para ela.

— Annis e eu...

— Annis? Não a cite como Annis — sibilou Henry, seu ciúme furioso escorregando como um cão selvagem. — Teve sua chance com ela e fez sua escolha. Se sabe o que lhe é bom, *milorde*, ficará longe da minha esposa.

Avington piscou. — Quer que eu fique longe de Annis?

— Isso mesmo.

Avington olhou para ele por um longo momento.

E então, o desgraçado *riu*.

— O que é tão engraçado? — Henry exigiu.

O conde sorriu e balançou a cabeça, ainda rindo enquanto caminhava de volta para seu grupo de amigos.

Um rosnado baixo escapou das mandíbulas cerradas de Henry enquanto observava Avington se inclinar e beijar a bochecha de Annis.

Ela estendeu a mão e segurou o rosto dele nelas, seus olhos vidrados enquanto olhava para o divino Avington, sua expressão de profunda tristeza.

— Maldição — Henry murmurou, afastando-se da cena afetante. Ela superaria Avington? Ou seu amor por outro homem era algo que Henry

precisaria enfrentar pelo resto de sua vida?

Ele sentiu um leve toque em seu braço e se virou para encontrar Annis ao lado dele.

— Estou pronta para partir — ela sussurrou.

Ele a guiou para fora do saguão até onde sua carruagem esperava para levá-los para sua nova vida. Uma vez que a acomodou lá dentro, ele se sentou do lado oposto, observando enquanto ela sorria e acenava para o pequeno grupo de convidados que os seguira do lado de fora para vê-los partir.

Ela acenou até que não pudesse mais vê-los e depois se virou para Henry, a expressão alegre que usara apenas momentos antes - com suas amigas e avó - em nenhum lugar. Na luz brilhante da tarde, ele podia ver as manchas escuras sob seus olhos.

Avington tinha razão sobre uma coisa: ela não parecia feliz.

Ele acreditava que o conde de Avington tinha sido um tolo por jogar fora seu amor. Henry tinha sido um tolo por se casar com uma mulher que amava outro homem? Ela estava tão apaixonada por Avington que nunca seria feliz sem ele?

Nenhum deles disse uma palavra até chegarem a Clarendon, onde Henry havia reservado as maiores suítes de conexão.

Uma vez que o bagageiro os mostrou seus quartos - onde ambos os seus criados já estavam ocupados e estabelecidos - Henry parou na porta entre seus aposentos adjacentes.

— Achei que talvez quisesse descansar um pouco, então pedi um jantar privado em seu quarto, voltarei às nove horas.

Ela se assustou, como se suas palavras a surpreendessem. Acreditou que ele iria renunciar a dormir com ela?

Se sim, então ela estava muito enganada sobre isso.

Henry pode não possuir seu coração, mas seu corpo pertencia a *ele*, comprado e pago.

Muito bem, Henry. Essa é uma excelente maneira de pensar em sua nova esposa, como sua posse.

— Obrigada, milorde — ela assentiu com força e fechou a porta, deixando Henry parado do outro lado.



— Não chore, Annis — ele implorou, dando um tapinha estranho no ombro dela.

Ela deu um pulo com o toque dele, mas quando ele baixou a mão, ela se jogou contra ele; seu rosto enterrado em seu peito.

Meu Deus, isso era um pesadelo. Por que diabos os homens sempre preferiam as virgens?

— Vai ficar tudo bem, Annis — ele acalmou. — Prometo que serei gentil. É do meu entendimento que dói apenas na primeira vez, por um momento apenas. Se estiver muito cansada, podemos esperar até...

— Não!

Ele recuou com a resposta aguda dela.

— Perdoe-me, Henry — ela murmurou contra o cetim grosso de seu roupão.

— Olhe para mim, querida — ele pegou o rosto em forma de coração com as duas mãos, limpando suavemente as lágrimas com os polegares. — Vai ficar tudo bem. Eu sei que tenho agido estranho contigo desde que tudo isso aconteceu, mas não estou com raiva de você e nunca vou...

— Não, não é isso. Eu tenho algo a lhe dizer, Henry.

Um sentimento ruim atravessou seu corpo. *Homessa. E agora?*

— Sim? — ele perguntou, preparando-se para o pior.

— Eu n-não sou v-virgem.

Não era a confissão que ele temia - que ela estivesse apaixonada demais por outro homem para permitir que Henry a tocasse - e Henry ficou surpreso demais para ter uma resposta rápida.

Objetivamente, ele sabia que deveria sentir raiva. Afinal, os homens queriam se casar com virgens. Isso não era segredo.

— Henry? Está terrivelmente desapontado?

— Er... desapontado? — Estava? Ele não tinha certeza do que sentia.

Henry não gostou da ideia de ela ter se deitado com outro homem, mas isso era ciúme em vez de decepção. Ele queria perguntar quem era, mas realmente não queria ouvir a resposta. Porque se fosse Avington, um homem que ela amava, Henry nunca poderia condená-la por isso.

Ele abriu a boca para tranquilizá-la de que não estava com raiva ou desapontado, mas ela falou primeiro.

— Provavelmente está pensando que eu sou uma... uma... assanhada sem vergonha.

Ele deu uma risada chocada. — Perdão — disse ele quando ela parecia magoada. — Estou rindo porque não era isso que eu estava pensando — ele não podia dizer-lhe que esperava que não fosse Avington que tivesse sido seu amante.

Então, em vez disso, ele disse: — Não precisa ficar preocupada, Annis. Eu não a culpo por fazer algo que eu também fiz. — Praticamente todas as semanas desde que tinha dezesseis anos.

Ela olhou para as lapelas de seu robe, acariciando incansavelmente seu quadril e nádega, alisando o tecido sobre sua pele quente e sensível repetidamente. Henry suspeitava que ela não sabia exatamente o que estava

fazendo, ou como isso o estava afetando.

— Mas isso é diferente. Os homens não são considerados mercadoria estragada se... bem, acho que sabe. Mas os homens esperam uma donzela na noite de núpcias. Especialmente... — ela se interrompeu, mordendo aquele delicioso lábio dela novamente.

— Espero que não vá dizer, *especialmente homens ricos*? — mas sua expressão disse a ele que era exatamente o que ela estava prestes a dizer.

Henry suspirou. — Primeiro, não é mercadoria *estragada*, Annis. Segundo, eu não a comprei. E eu certamente não comprei sua virgindade — sua boca se flexionou em uma onda de desgosto. — Para ser honesto, eu não entendo a preocupação masculina com a virgindade — ele cuidadosamente arrancou um fio de cabelo que estava emaranhado em seus cílios e o colocou atrás de sua orelha. — Admito que não gosto de pensar que estive com outro homem, mas não penso menos a seu respeito. Entendido?

Ela assentiu, mas continuou mordendo o lábio inferior.

— Isso é o que a tem feito parecer tão infeliz a semana toda?

— Sim.

— Bem, pode parar de se preocupar agora. Somos casados, Annis. Vamos tentar esquecer o nosso noivado constrangedor, sim? Vamos voltar para aquele dia no cobertor no piquenique, mas em vez de parar, podemos explorar um ao outro completamente a noite toda.

— Eu não posso acreditar que não esteja com raiva.

— Pode ter certeza disso — ele deslizou os braços ao redor do corpo esguio dela e a colocou de pé, mas ele ainda precisava se curvar quase ao meio para beijá-la.

Os braços dela se entrelaçaram como videiras resistentes ao redor do pescoço dele e o puxaram para baixo enquanto ele saqueava sua boca.

Sua Annis não era tímida e o saqueava em troca, embora desajeitada e de forma adorável. Não demorou muito para atrair a língua dela para a boca dele, e ele fechou os lábios ao redor dela e chupou.

Ela assustou e ofegou.

— Não gostou disso? — ele perguntou, arrastando beijos suaves de sua boca até sua orelha e mordiscando suavemente seu lóbulo aveludado.

— Eu gostei — disse ela com uma voz ofegante, — mas me surpreendeu. Eu não sabia que seria tão bom fazer isso.

Henry deslizou as mãos por baixo de seu traseiro surpreendentemente generoso e a ergueu enquanto endireitava as costas. — Enrole suas pernas em mim.

— Mas... eu não sou muito pesada?

— Não. E é muito mais fácil para a minha espinha do que ter que me curvar.

Ela abriu as pernas e Henry grunhiu quando ela pressionou seu sexo contra seu membro duro.

— Deus, como é boa — ele murmurou, movendo os quadris para se

entalhar em sua fenda macia.

— Henry — ela ofegou, mexendo-se para lhe dar melhor acesso.

Ele se esfregou nela como um adolescente sem controle. — Gosta disso? — ele perguntou quando ela deu um gemido baixo, a respiração falhando, os lábios entreabertos.

Sua única resposta foi um rosnado inarticulado.

Henry a acompanhou até a cama, onde a deitou no colchão e depois se afastou.

— Henry? — Ela olhou para ele com olhos negros de desejo.

— *Tsk, tsk*, tão impaciente — ele provocou, desabotoando a linha curta de botões em sua camisola branca.

Ela afastou as mãos dele. — Eu posso fazer isso mais rápido. Eu quero vê-lo. Por favor.

Sua ânsia por ele era um afrodisíaco, não que ele precisasse de um acima de tudo o mais, e ele puxou a faixa do seu robe e o deixou deslizar até o tapete, observando o rosto dela enquanto se exibia.

— Oh, minha nossa — ela sussurrou, seus lábios se separando de uma maneira que lhe deu todos os tipos de ideias.

Ele cerrou os dentes e envolveu a mão na base do seu membro, apertando com força.

Ela se equilibrou sobre os cotovelos, o olhar cravado na mão dele. — O que está fazendo, Henry?

— Estou tentando fazer nossa noite durar um pouco mais — disse ele, sua voz tensa com excitação e desconforto.

— Como isso funciona?

Ele deu uma risada estrangulada. — Gosta de saber das coisas, não é?

— Especialmente coisas assim — ela concordou.

— Eu não sei exatamente como funciona, mas se eu apertar com força suficiente, posso atrasar meu clímax. Tire sua camisola — ele ordenou.

Ela se esforçou para obedecer, não tirando os olhos dele.

Qualquer progresso que ele tivesse feito retardando sua excitação saiu pela janela quando ela jogou o vestido de musselina e se expôs a seus olhos famintos.

— Senhor, mas como é adorável — disse ele, seu olhar deslizando lentamente sobre seus seios pequenos e perversos com seus mamilos minúsculos e pedregosos, até seu estômago liso e se acomodando no triângulo de cachos de cor de trigo no topo de suas pernas magras.

— Eu sou muito magra — ela repreendeu, seu olhar ainda preso no membro dele.

— Não, é delicada como uma fada.

Ela lhe lançou um olhar rápido e assustado antes de baixar o olhar novamente.

Ele queria explorar cada centímetro dela com os lábios e a língua, mas não duraria trinta segundos. Em vez disso, ele subiu na cama.

— Deite-se — ele ordenou bruscamente. — Eu tinha planos de levar as coisas devagar na nossa primeira vez, mas teremos que deixar isso para mais tarde. Nesse momento, amor, preciso estar dentro de você.

Ela continuou a olhar para o membro dele, seus lábios se separaram, sua expressão estranha.

— Annis? Há algo errado?



Annis não conseguia parar de olhar para o seu membro viril.

— Annis? Há algo errado?

Ela podia ouvir a preocupação em sua voz e desviou o olhar antes de balançar a cabeça.

— Parece assustada.

— Não, não, não estou assustada. Apenas, er, preocupada — seus olhos deliberados baixaram novamente.

Sim, ainda era enorme.

— Disse que já fez isso antes — disse ele, parecendo confuso.

— Sim.

Ele parou por um segundo. — Então?

— Ele não era tão, er, prodigioso.

Ele riu, e ela arrancou os olhos da flexão fascinante de seu estômago musculoso para olhar para o rosto dele. — Obrigado — ele disse.

— Não é um elogio, é uma constatação de fato — assegurou, fascinada pela veia espessa que subia pela frente do membro. Ela inclinou a cabeça para que pudesse olhar para o lugar onde seu corpo se juntava, a raiz, ela supôs que era chamado. Abaixo da raiz grossa estavam seus testículos, um saco carnudo e levemente peludo que pairava pesadamente entre suas coxas musculosas.

O cérebro de Annis lutou com o que ela estava olhando. Ela tinha visto desenhos anatômicos desde que sua amiga Lorie estava praticamente obcecada em educar as mulheres sobre seus próprios corpos e os dos homens.

E, claro, ela realmente teve relações sexuais mais de uma vez, mas nunca tinha visto um homem nu.

— Annis? Quer dizer alguma coisa?

Ela havia esquecido que Henry ainda estava no quarto. — Acredito que isso faz sentido.

— O que faz sentido? — ele perguntou, se divertindo.

— É grande por toda parte. Eu só pensei que... Esquece.

— Não, me diga o que pensou — ele sorriu para ela, aparentemente inconsciente de como divino ele parecia imponentemente sobre ela, seu corpo poderoso em exibição.

— Eu acho que pensei que todos fossem do mesmo tamanho.

— Ah.

— Mas nem todos os narizes, bocas ou ouvidos são iguais, então por que

eu teria acreditado em tal coisa? — ela perguntou.

— Não sei dizer.

Mas agora outra coisa lhe ocorreu. — Então, as mulheres são... elas... er...

— Tem tamanhos diferentes dentro?

Ela assentiu.

— Sim.

Annis lutou para absorver essa informação. — Mas...

— Annis, querida? — Sua voz parecia tensa.

— Hum?

— Poderíamos discutir a fisiologia humana *depois*? — Ele estava olhando para ela com certa urgência.

— Oh — disse ela, corando. — É claro.

Ele se abaixou sobre ela com um suspiro de contentamento, os joelhos entre as coxas dela, abrindo-a enquanto sustentava seu peso nos antebraços. Ele pressionou a boca na garganta dela e começou a lamber, beijar e chupar. — Tem um gosto delicioso — ele murmurou, seus joelhos abrindo anda mais as pernas, até seus quadris abaixarem e...

Ela tremeu quando o comprimento quente e duro dele deslizou sobre sua barriga.

— Sh, amor — ele sussurrou, erguendo-se em um braço enquanto segurava seu seio.

Annis gemeu e suas costas se arquearam quando a palma da mão quente dele esfregou seu mamilo. Ela soltou uma série de ruídos mortificantes enquanto ele beliscava a ponta entre dois dedos e a cabeça cega de seu membro acariciava a carne macia de sua barriga, sua boca quente e molhada em sua garganta, sugando e mordendo até que sua pele estivesse em chamas.

Mas dentro de seu corpo, ela se sentia dolorosamente vazia.

— Por favor — implorou.

Quando a mão dele desapareceu do seio dela, ela choramingou com a perda dele.

— Relaxe, querida — ele a acalmou entre beijos. Ele passou a mão sobre a barriga dela e então dedos longos e grossos penetraram seus cachos privados.

Annis gritou quando ele roçou aquela parte dela que estava cheia de necessidade.

Ele tocou aquele local primoroso novamente, muito brevemente, e ela se animou, perseguindo seu toque. Annis jogou a cabeça em frustração enquanto ele continuava a acariciá-la, mas continuava perdendo o lugar que implorava por ele. Ele não sabia? Ele não percebia? Por que ele não...

— Ah! — ela gritou enquanto ele roçava a fonte de seu desejo. Ela enfiou os dedos nos quadris dele e tentou puxá-lo para baixo.

Mas ele apenas riu, imóvel como uma pedra, enquanto seu polegar a circulava com toques provocadores.

Sem pausar seu tormento, outro dedo pressionou a abertura do corpo dela.

— Henry — ela gemeu, enquanto ele a acariciava lá, suas coxas se abrindo mais enquanto ela se abria, implorando-lhe com seu corpo.

Desta vez, ele deu a ela o que ela exigiu e enfiou um dedo grosso nela, deslizando por sua umidade, esticando-a.

Ele grunhiu enquanto empurrava todo o caminho para dentro, seu polegar acariciando-a com mais força agora, do jeito que ela precisava.

Annis empurrou os quadris para cima, esforçando-se para levá-lo mais fundo.

Ele riu, o som baixo e estranhamente obsceno. — Tão ansiosa por mim... tão molhada e apertada.

Constrangimento e desejo lutaram dentro dela com sua confiança presunçosa. Annis ficou atordoada e excitada com o efeito que suas palavras tinham nela, seu elogio revirando os músculos tensos e trêmulos em seu corpo ainda mais.

Ele caiu em um ritmo suave de acariciar e estocar, encontrando-a nas suas estocadas uma por vez, colocando um segundo dedo nela, o esticamento beirando a dor, mas o prazer estava construindo e crescendo até...

Annis arqueou as costas da cama. — Henry!

— Sim, goze para mim querida — ele murmurou, os dedos enterrados até os nós dos dedos, a plenitude intensificando o prazer cada vez que os músculos internos dela convulsionavam ao seu redor. Um êxtase a consumiu, onda após onda de intensa sensação a golpeou. Ela flutuou de prazer, apenas vagamente ciente de que ele estava se mexendo, até que algo grosso e duro pressionou sua entrada e Annis voltou a si.

— Está pronta para me tomar?

Ela agarrou os quadris dele, cravando os dedos na dureza impossível de seus músculos. — Agora — ela implorou, — faça isso agora.

Ele a preencheu com uma estocada longa e firme que a fez gritar.

— Shh, amor — murmurou.

Annis se contorceu enquanto ele a segurava esticada e cheia; isso não parecia nada com o dedo dele, nem mesmo com os dois. E *nada* como Richard.

Ele apoiou seu peso nos cotovelos, mas sua pélvis estava confortável contra a dela, prendendo-a à cama como uma borboleta em uma prancha.

— Está com dor?

Ela balançou a cabeça, mesmo que *tivesse* doído e ainda estivesse desconfortável. Mas já a dor estava mudando para outra coisa, algo indescritivelmente erótico.

Annis sibilou enquanto ele se retirou e depois reentrou nela com uma lentidão extraordinária, fazendo-a sentir cada centímetro. E parecia haver muitos centímetros.

Seus olhos estavam pretos e infinitos enquanto ele a trabalhava em golpes profundos e medidos e ela lutava para se ajustar ao seu comprimento e

perímetro.

— Eu pensei em fazermos isso por semanas — disse ele, sua voz tensa com necessidade reprimida enquanto seus quadris bombeavam com mais força. — Supera até minhas fantasias, Annis.

Annis temia que seu coração explodisse de amor por ele. Ela não conseguia expressar o que sentia com palavras, então se abriu para ele, inclinando os quadris para convidá-lo mais profundamente.

Ele deu um grunhido de aprovação e mergulhou mais fundo.

Annis prendeu as pernas em torno de seus quadris e agarrou-se a ele quando seus impulsos se tornaram mais rápidos e selvagens, até que ele enfiou quase dolorosamente fundo e jogou a cabeça para trás com um grito, seu membro flexionando e engrossando enquanto a enchia de calor.

Depois de um longo momento, ele estremeceu, suspirou e depois abaixou seu corpo no dela, engolindo-a e esmagando-a.

Era uma luta para respirar, mas estar cercada por ele valia o esforço.

Supera até minhas fantasias, Annis.

Ela estremeceu quando as belas palavras percorreram seu caminho através de sua exaustão. Alguém já lhe disse uma coisa tão adorável antes? Se já disseram, ela não se lembrava.

Annis pressionou os lábios contra a pele úmida e levemente salgada de sua garganta e se deleitou com sua felicidade.

Ele se recuperou muito cedo. — Estou esmagando-a — murmurou. — Desculpe.

Antes que ela pudesse negar, ele virou os dois corpos, então estava deitada em cima dele, seu membro mais calmo ainda dentro dela.

Ele puxou os cobertores sobre eles, cobrindo-a antes de deslizar os braços ao redor dela e segurá-la com força.

— Está bom assim? — ele perguntou, um bocejo enorme esticando a palavra.

— Está.

Uma grande mão segurou seu traseiro e deu-lhe um aperto suave antes que sua respiração se aprofundasse e seu corpo relaxasse.

Supera até minhas fantasias, Annis.

Annis estava sorrindo enquanto caía em um meio-sono, as palavras adoráveis ecoando em sua cabeça.



Capítulo Dezoito

Ainda estava escuro quando Henry acordou, a única luz que ainda brilhava no quarto vinha de velas do grande quarto adjunto.

Ele sempre teve o sono leve e acordava com frequência durante a noite.

Mas hoje era diferente.

Esta noite, ele tinha um corpo pequeno em cima do dele; esta noite, seu membro duro e pulsante não estava embalado em seu punho, mas dentro de sua nova esposa.

Henry experimentou um momento de felicidade pura e concentrada enquanto olhava para a escuridão.

Acalme-se Henry, só passou uma noite, nem isso, apenas algumas horas.

Ele sabia que era apenas uma noite, mas foi muito melhor do que ele esperava. O casamento deles poderia ter nascido de mentiras, mas ambos eram atraídos um pelo outro fisicamente. Eles gostavam um do outro - pelo menos ela parecia gostar dele - e os casamentos eram muitas vezes construídos com muito menos, então talvez eles tivessem uma chance?

Ele certamente adorava seu corpo e a maneira como ela olhava para ele, curiosidade, inteligência e desejo transbordando em seus olhos magníficos.

Henry colocou as mãos em seu traseiro exuberante, segurando uma banda em cada palma da mão e depois flexionou os quadris, embainhando-se mais profundamente em seu calor apertado e úmido.

Ela fez um som suave aspirando em seu pescoço, onde seu hálito quente havia umedecido sua pele. — Henry?

— Sim, é seu marido — ele sorriu tolamente com a resposta. — Está muito dolorida para me tomar de novo?

Ela deu uma gargalhada sonolenta. — Acredito que eu *já* o estou tomando. E então ela respondeu à pergunta apertando os músculos internos ao redor dele.

Ele sibilou um suspiro agudo enquanto se retirava lentamente e, em seguida, entrava novamente nela com um impulso poderoso.

Ela gemeu, e seu corpo o apertou como um punho.

— Isso é tão bom — ele murmurou.

Ele sentiu os lábios dela se curvarem em um sorriso contra sua pele. — Eu tenho andado praticando.

As palavras dela tiram uma risada dele. — Andou é?

Ela assentiu, seus cabelos sedosos suavemente abrasando sua pele sensível. — Sim, se eu fizer o suficiente, er... — Ela enfiou o rosto no

peçoço dele, como se pudesse penetrar nele, e Henry sabia que ela havia falado sem pensar, um dos seus atributos favoritos dela.

— Se fizer o suficiente, pode se dar um orgasmo? — adivinhou.

Ela assentiu.

— Uma garota tão perversa — brincou e depois gemeu quando ela apertou em resposta às palavras dele. Ele sorriu para si mesmo, trabalhando-a com golpes lentos e constantes que a penetravam profundamente a cada vez.

Ela estremeceu e depois suspirou, o som de profundo contentamento.

Henry acariciava suas nádegas até as coxas, imaginando como ela era por trás, aberta e exposta, enquanto seu membro grosso entrava e saía de sua abertura apertada.

Ele gemeu com a imagem mental e deslizou a mão entre seus corpos, querendo sentir o lugar onde estavam unidos.

— Hmm, eu gosto disso — disse ele, explorando sua carne escorregadia e quente com as pontas dos dedos.

Quando ele roçou seu clítoris, ela se contorceu e se encostou nele, usando-o para seu prazer. Juntos, eles facilmente arrancaram um clímax de seu corpo responsivo.

— Minha nossa, isso parece divino — ele congelou enquanto paralisava dentro dela, seu corpo tremendo com necessidade enquanto ela convulsionava ao seu redor, onda após onda de seu orgasmo chacoalhando os dois.

— Sente-se — ele persuadiu quando as contrações dela diminuíram. — Eu quero vê-la.

Ela obedeceu sem hesitar e os lábios de Henry se separaram com um suspiro enquanto ele observava a fascinação pura de seu emaranhado selvagem de cabelos, olhos azuis com pálpebras pesadas e as curvas suaves de seu corpo esbelto.

Suas mãos largas e escurecidas pelo sol pareciam enormes e brutais enquanto cobriam seus seios delicados. — É tão perfeita.

Ela estremeceu sob o toque dele, pressionando contra as palmas das suas mãos.

Ele provocou seus mamilos, beliscando-os e contorcendo-os até que ela se tornasse selvagem. — Cavalgue-me, Annis. Faça-me gozar — ele ordenou, estocando-a com força suficiente que até suas nádegas se levantassem da cama.

Seus olhos gloriosos se arregalaram com seu linguajar vulgar, e então o sorriso mais delicioso e perverso curvou seus lábios.

— Como um cavalo — disse ela, inclinando-se para frente até que suas mãos estivessem postas sobre seu peitoral.

Ele gemeu quando os dedos dela roçaram um de seus mamilos.

— Gosta disso também? — ela perguntou, olhando para a protuberância marrom enrugada com admiração.

Ele murmurou algo incompreensível enquanto ela imitava os beliscões que ele havia feito em seu corpo anteriormente.

Annis sorriu, parecendo muito satisfeita consigo mesma.

Henry agarrou seus quadris, puxando-a para baixo enquanto ele a estocava debaixo para cima. Ele teria que ensiná-la a montá-lo outro dia, naquele momento, ela estava se divertindo muito torturando-o.

Foram necessários mais cinco ou seis golpes vergonhosos antes que ele esvaziasse suas bolas doloridas dentro dela e colocasse as mãos sobre as dela, acalmando seus dedos ágeis enquanto seu corpo espasmava.

Quando ele abriu os olhos alguns momentos depois, ela estava olhando para baixo com uma expressão de triunfo.

Ele sorriu preguiçosamente. — Olha só quem está satisfeita consigo.

Ela sorriu, a expressão roubando-lhe o fôlego. — É uma bela vista daqui de cima — disse ela. — Como se sentar no topo de uma montanha.

Henry estremeceu de rir.

— Ou um vulcão que está prestes a entrar em erupção — ela emendou.

— Este vulcão teve sua última erupção por algumas horas — disse ele, rolando-a para fora dele e a deitando de lado, até que eles ficassem cara a cara.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. — Levará séculos para desembaraçar? — ele perguntou, baixando a mão para descansar em seu quadril.

— Vai demorar um pouco — ela admitiu. — Mas será mais fácil com duas de nós para domá-lo. Grace é muito habilidosa e paciente.

— Ótimo. Porque eu amo vê-lo solto.

— Freddie achou que eu deveria cortar, mas Miles disse que gostaria dele longo.

A mão de Henry apertou seu quadril e ela franziu a testa.

— Eu fiz errado? Gostaria que eu o cortasse? — ela perguntou, entendendo mal o espasmo de ciúmes dele, graças a Deus.

— Não, eu gosto dessa maneira — disse, satisfeito por não parecer tão irritado quanto se sentia.

Foi a Avington que ela deu sua virgindade?

Pensar nisso não o fará um homem feliz, Henry.

Ele sabia disso, mas isso não significava que ele pudesse se conter.

Ela traçou padrões suaves na palma da mão dele antes de levantar a mão para os lábios dela e beijar as pontas dos seus dedos.

Embora Henry tivesse ejaculado pela segunda vez em apenas algumas horas, um raio de desejo disparou diretamente de seus dedos para suas bolas vazias.

— Conte-me sobre Stoke, Henry, como é? Quanto tempo levará para chegar lá?

Henry rolou de costas, aliviado por mudar de assunto, embora o assunto fosse quase tão desagradável quanto o amor de sua esposa por outro homem.

— Stoke estava uma bagunça quando a vi pela última vez há vinte anos. Ouso dizer que está muito pior agora.

— Seu primo era pobre?

— A família não era rica — admitiu ele, — mas boa parte disso foi por causa da má gestão. Meu tio nunca conseguiu fazer melhorias em Stoke ou nas fazendas de inquilinos, e seu filho era muito parecido com ele, eu temo dizer. Alguns anos sem caçar ou cavalgar teriam deixado dinheiro suficiente para fazer os reparos necessários, mas ele não estava disposto a sacrificar tais prazeres — ele se virou para ela e fez uma careta. — Vai ver quando chegarmos lá que tudo na área sofreu por causa da negligência da minha família.

Ela estendeu a mão e segurou a mandíbula dele com uma de suas mãos pequenas e quentes. — Mas vai consertar tudo isso.

Seu gesto terno o tocou mais profundamente do que era confortável. — *Vamos* consertar isso juntos, Annis. Stoke também precisa de uma boa dona.

— Seu primo não era casado?

Henry sentiu seu rosto se contorcer em um sorriso de escárnio. — Ah, sim, ele era casado. Mas se Julia for algo como era naquela época, ela terá se juntado ao meu primo extraindo fundos para financiar seus próprios desejos.

Annis abaixou a mão, uma expressão de preocupação em seus olhos azuis. — Não gosta da condessa? — Ela fez uma pausa. — Bem, suponho que ela seja a condessa viúva agora que somos casados.

— Eu não tinha pensado nisso — Henry sorriu; Julia não se importaria com isso. Ele pegou a mão de Annis e beijou a parte de trás dela. — Quanto a se eu gosto dela? Digamos apenas que não havia amor perdido entre nós até o momento em que eu parti.

— Mas ela mora lá? Sua antipatia não vai tornar a vida juntos um pouco... desconfortável?

— Não se preocupe, querida, não teremos que viver com ela por muito tempo. Ela tem a Dower House — não que ela pudesse viver nela sem o gasto de milhares de libras, se as cartas do mordomo de Stoke forem confiáveis. Bem, agora que ele era casado, ele gastaria o dinheiro para consertar a maldita casa só para mantê-la longe dele.

— Vai me contar sobre sua infância, Henry? Eu nunca soube ao certo o que era realmente verdade e o que inventou.

— Fiquei perto da verdade no essencial — disse ele. — Não foi uma infância feliz, embora eu fosse bem alimentado e vestido — admitiu ele. — Eu cresci nos aposentos dos criados na casa do meu tio.

Seus lábios se separaram em horror. — *Por que* ele faria algo assim?

Essa era a *última* coisa em que ele queria conversar.

Henry deu de ombros. — Não importa — ele mentiu. — Basta dizer que todos na área seguiram os exemplos do meu tio de como deveriam me tratar. Na verdade, ele mostrava seu desagrado a qualquer um que tivesse a audácia de ser gentil comigo.

Annis ofegou. — Ninguém foi bondoso contigo?

Henry sentiu um aperto estranho na garganta e rolou de costas. — A Sra.

Jenkins, a governanta, não era tão ruim — disse ele bruscamente.

Ela ainda estava lá. Henry sabia disso porque tinha visto o nome dela na lista de criados que havia solicitado ao administrador de Stoke, Stephen Milner. A primeira carta que ele escreveu para Milner incluía um aumento substancial no pagamento da Sra. Jenkins.

— Sinto muito que tenha tido uma infância miserável.

Henry bufou, sentindo-se como uma criança chorona. — Fui alimentado, alojado e cuidado — disse ele. — Isso é muito mais do que muitas pessoas podem ter.

Ela beijou o braço dele e depois deitou a cabeça sedosa e perfumada no ombro dele. — Me tem para amá-lo e cuidá-lo agora, Henry.

O coração de Henry bateu dolorosamente em seu peito com as palavras dela, e ele abriu a boca para dizer, o quê?

Além disso, ela não quis dizer que o *amava*. Foi uma figura de linguagem.

Então, em vez de responder, Henry fechou a boca e não disse nada.



Capítulo Dezenove

Enquanto rolavam no esplendor da carruagem de viagem arejada e revestida de couro de Henry, Annis refletiu sobre a deliciosa noite anterior, uma noite que durou todo o tempo até o nascer da primeira luz, quando Henry a acordou fazendo amor com ela uma última vez antes de começarem seu primeiro dia como marido e mulher.

A melhor parte da noite não foi todo o prazer físico que ele lhe deu, ou a fascinação de dividir uma cama pela primeira vez. Em vez disso, tinha sido a maneira como ela foi capaz de dar prazer para ele.

Cada vez que eles se reuniam, ele trabalhava incansavelmente para garantir a satisfação dela antes da dele. Vê-lo desmoronar em êxtase foi a experiência mais erótica de sua vida. A sensação de poder que sentia, que ela, a tola Annis Bowman, poderia ter sobre esse homem exuberante, era inebriante.

— Por que está parecendo tão presunçosa, Lady Rotherhithe?

A cabeça dela se levantou. Seu novo marido a observava com um livro aberto em seu colo ignorado.

— Eu estava pensando em como o dia foi adorável — isso não era uma mentira completa. *Foi* um dia agradável.

O sorriso dele lhe disse que não acreditou nela nem por um minuto.

Embora o relacionamento deles ainda fosse mais formal do que antes daquele dia fatídico, ele parecia descongelar um pouco mais a cada hora que passava. Annis tinha grandes esperanças de sua felicidade futura.

— O que está lendo? — ela perguntou.

Ele levantou o livro, e ela viu que era sobre métodos agrícolas.

— Há uma grande quantidade de terra?

— Não tanto quanto costumava haver; trinta mil acres, eu acredito.

— A terra foi vinculada à herança?

— Sim, tudo está, exceto a casa de Londres. A única razão pela qual eles não a venderam é porque ela está tão onerada e dilapidada que apenas um tolo iria comprá-la. Se eu a vendesse, o novo proprietário provavelmente a demoliria para construir uma nova casa.

— Isso seria uma tragédia.

Ele encontrou o olhar dela com um olhar sarcástico. — Eu deveria tê-la levado em uma excursão antes de deixarmos Londres. Tem corrente de ar, vazamentos e a última melhoria foi feita durante o reinado de George I.

— Não quer uma casa em Londres?

— Eu tenho três, se quiser ficar com uma, pode escolher. Mas se gosta mais de Rotherhithe, vamos mantê-la.

— Três?

— Sim. Na verdade, aquela em que passamos aquelas tardes adoráveis é uma das minhas casas.

— *Você é o cavalheiro que é o dono?*

Ele deu a ela um sorriso malicioso. — Eu sei que me chamar de cavalheiro é um exagero.

— Por que a comprou?

— Eu vendi uma grande quantidade de propriedade na Índia e precisava investir parte do dinheiro, pois não queria que ficasse parado. Adicionei vários navios novos à minha frota, mas a propriedade é um excelente investimento no atual clima econômico.

Annis só podia acenar com a cabeça.

Ele abriu um meio sorriso. — Viu? Seu marido *não é* um cavalheiro. Ele é um homem de negócios.

— Um homem não pode ser os dois?

— Não de acordo com seu *beau monde*.

— Eles não são *meu beau monde*.

— Eles são agora, se quiser. Não pude passar muito tempo ao seu lado na última semana, mas o seu cartão de dança parecia bem cheio e ouvi de Lady Sedgwick que recebeu muitos visitantes.

— Sim, isso é verdade. Fiquei surpresa com a rapidez com que me tornei *alguém* interessante.

Ele deu uma gargalhada. — Apenas lembre-se de que isso pode desaparecer tão rápido quanto aconteceu.

— Iremos a Londres com frequência?

— Vou deixar que escolha isso.

— Vai? — ela perguntou, sem se preocupar em esconder sua descrença.

— Por que não? Se quiser ir para a cidade, eu provavelmente poderia responder as próximas intimações em vez de ignorá-las.

Ela arfou. — Não!

— Sim.

Depois de um bom momento, ela perguntou: — Não quer pertencer, Henry?

— Nunca foi uma prioridade. E o que quer?

— Eu quero pertencer a pessoas de minha escolha, mas não a estranhos ou pessoas que me julgam com base no meu dinheiro ou conexões.

— Quer dizer suas amigas da academia?

— Sim, elas são amigas para toda a vida. Se elas forem para Londres, eu gostaria de passar parte do ano na cidade. Mas, em geral, prefiro o campo.

— O que fará no campo?

— Suponho que o tipo de coisas que fazia na casa da minha avó, será muito diferente do que farei em Stoke. Quando eu morava com ela,

complementávamos sua renda com o jardim, algumas galinhas e eu tinha alunos particulares.

— Não terá que fazer nada disso — ele disse. — Não, a menos que queira. Sua boca flexionou em uma carranca. — Eu sei que a fazenda estava um desastre quando eu morava em Stoke. As casas de sucessão estavam em ruínas, e o conde via muito pouco fruto. Tudo isso para dizer que, se tiver algum interesse em horticultura ou botânica ou o que quer que seja, haverá muitas oportunidades para fazer algo.

Annis sentiu um frisson de excitação com suas palavras. — Jardinagem é realmente uma das poucas coisas que faço bem.

— Suspeito que faça muitas coisas bem. Eu posso pensar em várias no momento — ele deu a ela um sorriso luminoso e malicioso.

— Conte-me sobre a casa — disse ela, envergonhada. — Eu sei que é antiga e ouvi falar sobre as relíquias de Stoke, mas isso é tudo o que eu realmente sei.

— A estrutura original é um castelo, mas ela não é realmente útil para a vida diária. É bastante apertada, fria e desconfortável. A parte construída durante os anos 1500 constitui o *salão moderno* e as duas asas que são mais recentes, ainda. Acho que a intenção era formar um ‘E’ elisabetano, mas tinha que acomodar a estrutura original, então está mais um ‘G’.

Annis riu. — Parece fascinante.

— Era um lugar maravilhoso para explorar quando menino. Muitas das partes mais antigas do prédio estão fechadas e são perigosas devido à podridão e à decadência, então aqueles eram lugares perfeitos para um menino perambular e se esconder.

— E cresceu lá com seu primo?

Sua mandíbula flexionou, uma ação que ela estava começando a reconhecer como um sinal de desagrado.

— Dois primos, Charles e Edmund, e a protegida de meu tio, Lady Julia Tybald.

Quando ele terminou de listar os nomes, sua boca se torceu em um sorriso de escárnio.

Então, não são boas lembranças desses três.

Ele continuou: — Charles, é claro, herdou o condado. Edmund, meu herdeiro presuntivo, ainda vive em Stoke. E Julia eu já mencionei.

— Mencionou?

— Ela é a condessa viúva.

— Ah, então a conhece a vida toda.

— Algo assim.

Annis não tinha certeza do que dizer sobre isso. Das quatro crianças que cresceram juntas, três logo viveriam na mesma casa. E seu novo marido não parecia especialmente satisfeito com isso.



A viagem para Stoke levaria seis dias.

— Nós poderíamos fazer essa viagem mais rápido — Henry respondeu quando Annis perguntou. — Mas não há necessidade de nos desgastarmos. Já que estou a tirando de uma lua de mel, pensei em me esforçar um pouco para tornar essa jornada mais agradável.

Ele se ofereceu para levá-la em uma viagem de casamento - para onde ela quisesse ir -, mas Annis queria ver o lugar que seria sua casa primeiro.

Por sua vez, Henry não tinha pressa de chegar a Stoke. Quanto mais ele pensava em seus planos anteriores - fazer Julia sofrer privando-a de dinheiro - menos isso o atraía.

Como ele havia dito a Annis duas semanas antes, isso era tudo passado. De que adiantava descontar sua ira em uma pessoa que agora dependia dele? Onde estava a diversão nisso?

Intellectualmente, Henry podia entender esse argumento. Mas emocionalmente, ele ainda era aquele garoto de dezesseis anos que fora expulso de Stoke como se fosse lixo.

Ele queria vingança ou pelo menos reparação, algum tipo de compensação, embora ele não soubesse o quê. Infelizmente para Julia - e Edmund, em menor grau - eles eram os únicos que restavam em quem ele podia expressar seus sentimentos de raiva.



Naquela noite, Grace vestiu Annis com uma das camisolas que Henry havia escolhido para ela.

Ela estava muito preocupada na noite anterior para vestir qualquer uma das roupas elegantes e sensuais, temendo que ele deixasse o quarto ao saber a verdade.

— Oh, a senhora está linda, milady — Grace murmurou enquanto escovava seus cabelos.

— Esta é uma camisola muito bonita — ela concordou.

— Não é apenas isso, milady, é essa cor. Acho que nada combina melhor com a senhora.

Annis estudou seu reflexo e não pôde deixar de sorrir; era verdade que o azul pervinca fazia seus olhos parecerem maiores e quase lavanda.

A camisola em si era o mais escandaloso pedaço de renda. Felizmente, Henry havia comprado um robe muito menos revelador da mesma cor, então ela não estava vermelha enquanto sua criada pessoal escovava o seu cabelo.

Annis sorriu enquanto pensava na noite deles. Eles tiveram um jantar delicioso e jogaram xadrez.

— Eu não jogo há séculos — ela admitiu enquanto montava o tabuleiro.

— Jogava com seu pai? — Henry perguntou.

— Sim, mas, mais recentemente estava jogando com Miles.

— Ah.

Annis tinha a estranha sensação de que Henry não gostava mais de Miles, embora os dois tivessem parecido tão amigáveis quando Henry se mudou pela primeira vez para Londres.

Grace largou a escova e Annis assentiu para ela. — Obrigada, Grace, isso é tudo por hoje.

A porta mal havia se fechado atrás de Grace quando a porta que ligava o quarto de Henry se abriu.

Annis se perguntou se alguma vez pararia de sentir aquela faísca de prazer que a atingia toda vez que o via, ela esperava que não.

— Levante-se e deixe-me olhá-la — disse ele, seus olhos excitados enquanto a examinava.

Annis engoliu seu nervosismo e se levantou, seu corpo esticado enquanto ele a circulava, parando na frente dela.

— Está fascinante, esposa — seus lábios se contraíram no sorriso preguiçoso que ela amava.

— Sua vez, *marido* — Annis ordenou, recuando e cruzando os braços.

Suas sobranceiras saltaram. — Ah, uma tirana no quarto — ele se virou para ela, lentamente, estendendo os braços enquanto fazia isso.

Esta noite, ele estava vestindo um banyan de seda verde escuro que tinha dragões dourados bordados em ambos os lados da frente e uma cena notavelmente detalhada na parte de trás que incluía criaturas míticas e um edifício elegante com um telhado de quadril e empena.

— O robe é lindo — disse ela, sem mencionar o corpo grande que cobria.

— Obrigado. Encontrei o tecido em uma de minhas viagens à China.

— A China foi maravilhosa?

— É um lugar como nenhum outro — ele sorriu de repente. — Por favor, não pergunte se eu falo mandarim ou cantonês. Receio mal poder dizer *olá* e *obrigado* sem começar uma guerra.

— Os idiomas tonais são difíceis de aprender para os falantes de inglês.

Sua sobranceira se ergueu. — Fala chinês?

— Meu pai estava aprendendo mandarim com um homem que conheceu em Oxford. Ele planejou me ensinar depois de aprender o bastante, mas morreu antes que isso pudesse acontecer.

Henry inclinou a cabeça. — Sente muita falta dele.

Não era uma pergunta, mas Annis assentiu.

Ela afastou a tristeza repentina que havia descido sobre ela e passou as mãos pelos dragões em seu robe. — Eu não quero ficar triste agora.

— Eu também não — ele se aproximou dela, seus dedos grandes indo para as faixas de seu robe. — Eu tenho fantasiado contigo usando essa camisola.

As palavras dele fizeram as pernas dela se transformarem em água. Annis olhou para cima até encontrar seus olhos. — Obrigada por escolhê-la.

— Eu gosto de vesti-la, imaginando a roupa que eu seleciono na sua pele

— seus olhos caíram. — Há algo indescritivelmente íntimo em vestir uma mulher para o próprio prazer.

Annis pensou que poderia derreter em uma poça antes que ele tirasse o robe dela.

Ele alcançou a faixa e deslizou as mãos sob a fina seda, deslizando-a suavemente para fora de seus ombros.

Ele respirou fundo quando viu o vestido de renda embaixo. — Meu Deus Annis. Seu peitoral subia e descia mais rápido, sua garganta se movendo enquanto ele engolia em seco. E depois engoliu de novo. Quando ele levantou as mãos e segurou seus seios, era a vez de ela engolir.

Ele acariciou os montes sensíveis, atormentando seus mamilos, que estavam enrugados e carentes desde que escorregou no traje perverso.

— Olhe-se — sussurrou com uma voz áspera. — Esse traje faz com que pareça mais nua do que se estivesse nua — disse maravilhado, afastando os olhos brevemente do peito dela para encontrar seu olhar, os lábios se curvando em um sorriso encantado. — Vai me perdoar se eu tirar um momento para me auto agradecer por uma escolha tão inspirada de camisola.

Encorajada pelo desejo dele por ela, ela alcançou a faixa que mantinha seu robe fechado, uma ação que ela nunca imaginaria que fosse capaz de fazer.

— Também se saiu bem — ela provocou. — Este robe combina contigo. Mas eu quero tirá-lo — seu rosto ardeu e seus dedos se atrapalharam quando ela abriu a faixa dele, e o lindo robe se abriu e revelou um corpo ainda mais lindo.

Ele *estava* nu. E ereto. Ela o alcançou sem pensar e depois puxou a mão para trás, chocada com sua audácia.

— Toque-me — ele murmurou, pegando a sua mão estendida e colocando-a em seu membro inchado.

Ele gemeu quando ela fechou os dedos ao redor dele e seus olhos saltaram para os dele.

Sua expressão estava desprotegida e, por uma fração de segundo, ela viu uma luxúria crua e desenfreada antes que ele colocasse seus traços em uma máscara mais civilizada.

— Me faz sentir tão bem com suas mãos — disse Annis. — Eu quero fazê-lo se sentir assim também.

— Vamos tirar sua camisola.

A roupa estava bem ajustada, para que ele pudesse tirar a fina renda de seus ombros e descer por seus quadris estreitos. Ele o jogou no chão junto com o robe, e Annis sentiu uma pontada de culpa por ele tratar as roupas adoráveis tão mal.

Mas quando ela alcançou a bela seda, ele rosnou: — Mais tarde.

Ele jogou seu próprio robe com um encolher de ombros gracioso enquanto a levava de costas para a cama.

Ele era tão grande - uma parede de homem - que ela deveria ter se sentido oprimida pelo tamanho dele. Em vez disso, ela se sentiu protegida e segura

enquanto ele a pegava pela cintura e a levantava na cama, posicionando-a como se fosse uma boneca.

— Deite-se — ele ordenou.

Annis caiu de costas nos cotovelos, animada demais para fazer qualquer coisa além de assistir.

Como ele havia feito na noite anterior, ele se ajoelhou acima dela, proporcionando-lhe uma vista magnífica de seu corpo enquanto colocava as mãos enormes em torno de suas coxas e abria as pernas dela.

Quando ela percebeu o que ele estava olhando, ela tentou fechar as coxas.

Ela era uma mosca lutando contra seu aperto firme e inquebrável.

— Pare de lutar comigo, Annis. Farei com que a agrade — ele prometeu, seus olhos de pálpebra pesada piscando para os dela antes de voltar para o sexo exposto dela. — Tão delicioso.

O coração de Annis bateu tão forte que ela podia sentir seu pulso batendo sob a pele sensível na base de sua garganta.

Ele soltou as pernas dela e os músculos tensos em suas coxas se contraíram para se fecharem e proteger a parte mais privada de seu corpo contra seu olhar intenso. Mas ela fez o que ele ordenou e as manteve abertas.

Ela ficou tensa quando ele a alcançou, acariciando-a levemente, mas com firmeza.

— Shhh — ele murmurou, empurrando o polegar entre os lábios inchados dela e acariciando a fonte de seu prazer.

Annis mordeu o lábio para não implorar, seu olhar disparando de sua mão que acariciava para seu rosto duro e severo.

Ele acariciou a pele sensível da parte interna da coxa dela com a outra mão. — Tão macia — disse, seu polegar perverso não perdendo tempo.

Annis se contorceu de prazer em vez de vergonha desta vez, e seus lábios se contraíram naquele sorriso sensual e arrogante que ela amava tanto.

Suas mãos mal pararam seus movimentos eróticos quando ele se abaixou entre as pernas dela, seus ombros largos a abrindo mais.

Annis se ergueu sobre os cotovelos para assistir, e ele a olhou rapidamente. — Alguém já a beijou aqui antes?

Não era o que ela esperava que ele dissesse. — *Me beijou?*

Henry pareceu satisfeito. — Acho que essa é a minha resposta.

Ela observou em antecipação chocada enquanto ele separava seus lábios inferiores com seus dedos grossos, mas ágeis.

— Deus, Annis — ele deu um grunhido quase dolorido com o que viu; seus lábios se separaram e sua respiração ficou áspera. — É tão perfeita, rosa e molhada.

Todo o corpo de Annis corou.

Ele lambeu o lábio inferior, o gesto tão carnal que seus músculos internos se apertaram.

Era a vez de Annis grunhir quando ele abaixou a boca sobre ela, o calor suave de sua boca a envolvendo.

E então seus lábios se fecharam em torno do broto sensível, e ele chupou.

— Henry!

Ela sentiu a curva da boca dele contra seus lábios inferiores antes que ele destruísse sua capacidade de pensar.

Ele usou não apenas a língua e os lábios, mas até os dentes. Annis observou sua cabeça escura entre as coxas até que o prazer sobrecarregou sua força e ela caiu de costas, seu clímax rápido e intenso.

Ele fez um som de aprovação contra sua carne inchada e, em seguida, empurrou um dedo para dentro do seu corpo apertado. Ela estava vagamente ciente de que havia levantado os quadris ainda mais para tocar ainda mais a boca dele e que seus dedos haviam se emaranhado em seu cabelo grosso e sedoso enquanto puxava a cabeça dele para baixo, usando-o para seu prazer.

O tempo passou em um borrão enquanto ele a trabalhava em direção à liberação após liberação, conduzindo implacavelmente seu corpo até que ela se transformasse em um feixe de nervos trêmulos.

— Demais — ela murmurou, puxando o cabelo dele.

Ele riu e depois se ajoelhou.

Annis olhou para ele através de olhos cortados de luxúria, tremendo com o que estava vendo. Seus lábios e queixo estavam vermelhos e escorregadios, seus olhos pretos.

Sua boca se curvou em um sorriso perverso quando seus olhos se encontraram, e ele deslizou a mão em torno de seu membro inchado e bombeou a si mesmo lento e firme. — Viu o que fez comigo, Annis?

Ela olhou, hipnotizada, enquanto ele se acariciava. Sua coroa ficava escorregadia e úmida a cada estocada de sua mão, até que o eixo espesso e avermelhado brilhasse à luz de velas cintilante.

— Vire-se — disse ele, sua voz rouca.

Annis o ouviu falar, mas não conseguiu desviar os olhos da visão erótica diante dela.

— Virar? — ela repetiu, incapaz de se lembrar exatamente o que as palavras significavam naquele momento.

Ele riu, se soltou e a virou de barriga para baixo antes que ela soubesse o que estava acontecendo.

— Mãos e joelhos — ele ordenou. Desta vez, ele não esperou que ela obedecesse, mas pegou seus quadris com as duas mãos e a colocou de joelhos.

Annis levantou-se com dificuldade e depois se virou para olhá-lo por cima do ombro.

Ele encontrou o olhar dela, seu rosto severo e sem sorrir enquanto acariciava a curva do traseiro dela e depois colocou um dedo.

Ela deu um grito assustada com a penetração repentina, que era tão diferente - mais intensa - naquele ângulo.

A cabeça de Annis caiu para frente, e ela fechou os olhos enquanto ele usava as duas mãos nela, abrindo-a, acariciando-a, empurrando, invadindo-a com dois e depois três dedos, até que ela estivesse choramingando como um

animal e empurrando contra sua mão para mais, mais fundo, mais forte.

Ele retirou os dedos, mas antes que ela pudesse sentir a falta deles, um calor contundente agora familiar pressionou sua entrada.

Annis gemeu quando ele entrou nela, não parando até que sua virilha pressionasse contra o seu traseiro.

Ele fez uma pausa, mantendo-a preenchida enquanto acariciava suas costas e quadris. — Gosta disso?

Ela soltou um barulho e esperou que ele entendesse que era assentimento.

Ele riu, flexionando o membro dentro dela, fazendo-o dançar. — Parece mais profundo, não é? — ele perguntou, retirando-se quase todo antes de voltar para dentro.

— Henry — era tudo o que ela conseguia dizer.

Ele a trabalhou com golpes profundos e preguiçosos. — Eu gostaria que pudesse ver o jeito que está me tomando — ele relaxou até que apenas a coroa gorda dele ainda a penetrasse e depois pulsou, esticando suavemente sua abertura.

Annis se empurrou de volta para ele - ou pelo menos tentou -, mas as mãos deles seguraram seus quadris imóveis.

Ela rosnou.

Henry riu, um som de autossatisfação que ela quis bater nele. — Pobre querida — ele provocou. — Precisa de algo?

Annis se recusou a implorar.

Ele deu-lhe três golpes profundos e selvagens. E depois parou.

— O que é? — ele perguntou quando um gemido frustrado escapou dela.

Annis mordeu o lábio.

Ele pulsou mais, provocou e atormentou, seus impulsos rasos alimentando as chamas de sua luxúria cada vez maiores sem nunca extinguir seu desejo.

Quando ele parou, ela cerrou os dentes.

Ele riu, mesmo que ela não tivesse dado nem um pio.

Desta vez, não foram três ou quatro estocadas preguiçosas, mas uma enxurrada vertiginosa de estocadas poderosas e ferozes.

Uma tensão diferente e mais profunda se acumulou dentro dela e Annis bateu de volta contra ele, indo de encontro a cada estocada. Ela estava tão perto... tão perto...

E então ele parou.

— Henry!

— Henry, o quê? — sua voz era grossa com a diversão presunçosa e arrogante que a estava enlouquecendo. — Quer algo?

— Sabe o que eu quero — ela choramingou, horrorizada com sua necessidade, mas desesperada demais para se importar. — Eu quero — seu membro flexionou dentro dela, mas ele ainda não se moveu.

— Implore por isso, Annis.

O corpo dela se apertou com o comando chocante dele, mas a boca dela já estava formando as palavras. — Por favor, Henry. Por favor, faça-me... gozar

— a última palavra mal foi um sussurro, mas - felizmente - foi suficiente.

Ele deu uma risada triunfante e abaixou o corpo sobre o dela, cobrindo suas costas com seu peitoral, os braços enjaulando os dela, os quadris batendo forte e rápido.

Ele pegou o queixo dela nos dedos e virou sua cabeça. — Olhe, Annis.

Havia um espelho de três partes na pequena penteadeira. Annis ofegou. O espelho os refletia dos ombros para baixo, o enorme corpo de Henry envolvendo o dela, suas coxas e nádegas musculosas flexionando a cada estocada poderosa.

A posição dominante era primitiva e rústica; também era a visão mais erótica que ela já tinha visto.

Ele suportou seu peso com um braço e deslizou o outro por baixo do corpo dela.

Annis gritou e se apertou ao redor dele enquanto ele trabalhava seu clítoris inchado, os quadris batendo nela, o saco batendo contra o sexo dela, o dedo acariciando.

— Eu quero que goze comigo, Annis — suas palavras eram excitantes e duras contra sua têmpora. — Eu quero sentir sua boceta apertada me apertando. Eu quero que me ordene até secar.

As palavras chocantes eram tudo o que ela precisava para empurrá-la para o limite.

Suas estocadas tornaram-se selvagens e irregulares antes de dar uma última estocada selvagem, seu braço como uma faixa de ferro em volta de sua cintura enquanto seu corpo sacudia, jatos quentes de sementes a açoitando profundamente por dentro.



— **E**u a usei muito grosseiramente? — Henry perguntou assim que voltou a si, pouco tempo depois.

— Mmm, não.

Ele sorriu para a resposta que ela murmurou. Seu próprio corpo estava agradavelmente dolorido, então ele sabia que ela provavelmente sentiria o efeito de seu intenso amor no dia seguinte. Ele precisaria se conter por alguns dias.

— Está confortável nesta posição? — ele perguntou alguns momentos depois.

Mas ela não respondeu, sua respiração já profunda e regular.

Eles estavam deitados de lado, como duas colheres, seu corpo muito menor enrolado em frente ao seu peitoral, seu membro aninhado na fenda de seu traseiro contra a roseta apertada com a qual ele ficou seriamente tentado a brincar mais de uma vez enquanto ele a fodia.

Mas isso era algo para mais tarde. Ele já a estava usando com muito mais força do que um homem deveria usar uma esposa de apenas dois dias.

Ele tinha muita sorte de que a nova esposa era uma coisinha aventureira, curiosa e sensual. Henry quase gozou em suas mãos quando ela pediu que ele lhe mostrasse como agradá-lo.

Então, não importa que ela seja uma mentirosa?

Henry fez uma careta para a escuridão. Onde estava? Não importa. Volte para lá.

O riso zombeteiro ecoou em sua cabeça, ofuscando o brilho da felicidade. Ele tentou se segurar, para recuperar a alegria - como uma criança segurando um brinquedo favorito -, mas o contentamento que ele estava sentindo se afastou.

Está feliz agora?

Mas seu amigo imaginário semeou dúvida e fugiu.

Annis se mexeu em seus braços, seu corpo esbelto ficando rígido, sua respiração repentinamente áspera e mais difícil. — Não, Richard... por favor, não conte. Não posso... não posso!

O resto do que ela disse estava muito distorcido, mas sua voz pulsava de puro terror, e parecia que ela os estava forçando através de mandíbulas cerradas.

Henry franziu a testa. Richard? Não pode o quê?

Ela gemeu e se contorceu em seus braços.

— Annis? — ele sussurrou, puxando-a para mais perto. — Está tendo um pesadelo.

Ela lutou contra ele por mais um minuto e depois aquietou em seus braços.

— Annis?

Mas ela dormiu, sua respiração lentamente voltando ao normal.

O que foi aquilo? O que exatamente Richard fez com ela?

Ela fez um som suave e choramingando, escavou de volta contra ele, seu traseiro rangendo contra ele de uma forma que garantiu que Henry não dormisse tão cedo.



Capítulo Vinte

No momento em que rolaram pela calçada que levava ao Castelo de Stoke, Annis estava mais do que pronta para sair da carruagem. Por mais bem ventilada e luxuosa que fosse, seus ossos estavam doloridos, e ela estava completamente cansada de ficar sentada por quase seis sólidos dias.

Felizmente, a última etapa da jornada era tão curta que eles chegariam à sua nova casa enquanto ainda era de dia.

— O lugar é antigo parece impressionante, pelo menos de longe — explicou Henry. — Então, vale a pena dar sua primeira olhada durante o dia.

Henry havia feito coisas pequenas e atenciosas assim ao longo de sua jornada - desde garantir que ela tivesse as comidas de que mais gostava, até colocá-la nos melhores quartos que ele havia garantido nas pousadas, ele fez tudo ao seu alcance para deixá-la confortável. Jamais alguém havia cuidado tanto dela.

E então havia as noites deles.

Embora a viagem tivesse sido mais tranquila do que a maioria, ela ainda estava tão cansada depois de um dia na carruagem que mal conseguia se mexer.

Henry, cuja força e energia pareciam ilimitadas, havia enviado um batedor à frente para garantir que um banho quente e uma bandeja de chá a esperassem em suas paradas noturnas.

Mais tarde, depois que ela descansasse e jantasse, ele ia para a cama dela e lhe dava prazer até que ela ficasse inconsciente.

Se suas noites estavam cheias de prazer onírico, suas tardes eram com os pés no chão e encantadoras. Eles conversavam sobre uma ampla gama de assuntos, liam, jogavam cartas ou xadrez, ambos os quais Annis era um desastre, mas Henry não parecia se importar.

Nas últimas tardes, ela leu para ele sua leitura atual, *Waverley*.

— Eu poderia me acostumar com isso — disse ele mais cedo naquele dia, quando ela fez uma pausa para descansar a voz. — Espero que continue lendo para mim quando estivermos em Stoke.

Encantou Annis ouvir que ele tinha gostado da leitura dela. Quando ele lia, geralmente eram revistas científicas ou jornais. Ela estava ansiosa para iniciá-lo no mundo da ficção, que eles poderiam explorar juntos.

— Só mais alguns minutos agora.

Annis olhou ao som da voz de Henry. Ele sorriu. — Terá a melhor vista deste lado — Apontando para a janela da direita.

Annis guardou o livro e se aproximou da janela. — Oh, há uma aldeia à frente.

— Sim, é Stokely, que na verdade fica nas terras de Rotherhithe.

A carruagem desacelerou quando eles entraram na pequena, mas pitoresca, aldeia às margens de um rio.

— Oh, olha, Henry!

As pessoas estavam saindo das lojas e casas que faziam fronteira com o que Annis presumira ser a entrada para Stoke, mas na verdade deveria ser a estrada principal.

— Eles saíram para nos receber, Henry — Annis acenou para uma mulher que estava segurando uma garotinha em seus braços, a criança estava acenando com tanto entusiasmo que o nariz de sua mãe estava em perigo.

Ela olhou para Henry quando ele não respondeu. Ele estava olhando pela janela com um sorriso zombeteiro, este muito mais arrogante do que qualquer expressão que ela já vira em seu rosto.

Annis abaixou a mão. — Henry?

Ele se virou para ela lentamente, seus olhos tão frios que nem se pareciam com os dele. — Essas pessoas me desprezavam ainda mais do que meus parentes. Mas agora, ao que parece, está tudo esquecido. Pelo menos por eles.

Annis não suportava seu olhar morto. Ela se virou e olhou pela janela, em vez disso, sorrindo e acenando para o povo - o povo de Henry - embora toda a alegria, tenha sumido.



Henry sabia que suas palavras a chocaram.

Ele chocou até a si mesmo com sua fúria. Mas parecia que quase não havia passado um dia desde que ele esteve aqui pela última vez. As pessoas o chamavam de, O bastardo de Singleton. Ou apenas, Bastardo.

Havia uma certa alegria na maneira como os habitantes da cidade o atormentavam. Henry sabia que grande parte de seu prazer era devido a oportunidade de implicar com um membro da família do conde sem incorrer em qualquer ira.

E os aldeões aproveitaram essa oportunidade ainda mais vezes do que seus primos. Até mesmo os adultos zombaram e o provocaram, e gangues de garotos da aldeia o pegaram mais de uma vez.

Henry observou sua esposa enquanto ela olhava para o povo e a aldeia. Quando Annis se recostou em seu assento, ela não estava mais sorrindo, e seus olhos estavam vincados de preocupação.

— Não se preocupe, minha querida. Não descarregarei minha raiva neles. Já instruí meu mordomo a inspecionar as várias fazendas de inquilinos, bem como as propriedades da aldeia que possuo e arrendo, que é a maioria delas. O povo de Stokely terá em mim um senhorio benéfico.

Se ele achasse que sua garantia sarcástica iria aliviar sua carranca, ele

estava muito enganado.

— O que te aconteceu aqui, Henry?

Henry descansou os cotovelos sobre as coxas e se inclinou para ela, de repente furioso por estar de volta a este lugar que o fez se sentir tão pequeno e impotente, mesmo que tivesse sido decisão *sua* voltar. — O que aconteceu? — Ele bufou. — Não sei por onde começar a litania de ofensas, milady. Mas a linguagem a fascina, já ouviu falar de *lingchi*, ou morte por mil cortes?

Ela balançou a cabeça.

— É uma forma de tortura usada na China. A vítima é amarrada a uma moldura de madeira, colocada numa praça pública, e cortada dezenas, se não centenas, de vezes. Cada corte, por si só, nunca é suficiente para matar. É uma punição que é guardada para os crimes mais hediondos, um tormento lento e persistente que continua mesmo depois que a vítima está morta. *Foi nisso* que os aldeões e minha família se envolveram por onze anos. Pequenos cortes administrados o mais publicamente possível. Se eu tivesse permanecido, tenho certeza de que ainda estaria vivo, aleijado e derrotado, mas seria muito entretenimento me permitir o alívio da morte.

Ela olhou para ele com os olhos brilhando de lágrimas. Por ele, supôs.

Henry sorriu e agarrou sua mão. — Não desperdice lágrimas com o passado, Annis.

— Algum dia será capaz de perdoar as pessoas da aldeia e sua família?

— Vou usar meu dinheiro e poder para garantir que a vida seja mais feliz e saudável para todos que dependem de mim, Annis. Meu perdão é realmente necessário?

— Ódio, raiva e ressentimento são tão... corrosivos — ela colocou a mão livre sobre as que estavam juntos. — Perdoe-os, Henry, seria um ato de bondade para consigo.

Henry sentou-se em seu banco e suas mãos se separaram. Ele se virou para olhar pela janela assim que passaram pelos portões que levavam a Stoke. Quando ele era menino, a portaria ficava ocupada. Agora, a pequena e pitoresca casa de pedra estava fechada e sem vida, mais uma baixa da má gestão de seu tio e primo.

— Olha — disse ele, enquanto subiam um pouco.

Ela abriu a boca como se pudesse dizer algo mais, mas depois suspirou e se virou para olhar para onde ele se dirigia.

— Oh, meu Deus, Henry. É linda — ela estava perto o suficiente da janela para que sua respiração embaçasse o vidro.

— Sim — Henry concordou, olhando para sua amável e adorável esposa, em vez da casa onde ele passou os piores anos de sua vida. — Muito bonita.

love

Era como um castelo de um conto de fadas, ou então Annis acreditava até que eles se aproximaram. Então era impossível ignorar a negligência e a

decadência: pedaços de pedra e argamassa desmoronando ou faltando, janelas cheias de tijolos ou tábuas em vez de vidro, ardósias do telhado rachadas e faltando e - o mais notável - o que parecia ser uma pequena árvore brotando de uma seção de uma torre coberta de musgo.

— Ah.

Ela olhou para a expiração suave de Henry e seguiu sua linha de visão.

Ah, de fato. Enquanto olhava para a estrutura, ela não notou a linha dupla de criados que se estendia do pórtico bastante incongruente que havia sido construído - precariamente, em sua opinião -, em relação à estrutura original, provavelmente nos últimos cem anos.

Uma mulher emergiu de baixo do pórtico. Annis estava vagamente ciente de que havia um homem ao lado dela, mas não conseguia desviar o olhar da mulher mais bonita que já vira. Ela era alta e tinha uma forma de ampulheta, cabelos loiros com vislumbres de ruivo brilhando ao sol. Ela se movia com uma graça sinuosa e sensual e seu vestido cinza liso, era um alumínio perfeito para sua beleza quase chocante.

Annis lançou um olhar para Henry quando o lacaio baixou os degraus e abriu a porta. Seu marido estava olhando para o par que se aproximava deles, seu sorriso sarcástico, a expressão nervosa e pedregosa de volta em seus olhos.

Ele abriu a porta e saltou antes que o lacaio pudesse ajudá-los, ajudando Annis a descer antes que ambos se virassem para encarar a dupla que se aproximava.

— Henry! Que adorável vê-lo depois de tanto tempo — disse a mulher, as mãos estendidas na frente dela em boas-vindas, os olhos azuis escuros brilhando de contentamento, os lábios de rubi curvados em um sorriso que parecia quase... alegre.

Henry ignorou suas mãos, em vez disso, virou-se para Annis. — Annis, minha querida, esta é Julia, a Condessa viúva de Rotherhithe e meu primo Edmund Singleton. Seu sorriso mudou para um leve sorriso de escárnio antes de acrescentar: — também conhecido como Visconde Singleton, meu herdeiro — ele assentiu para o casal. — Julia, Edmund, esta é minha esposa, Lady Rotherhithe.

Sem sequer um vislumbre de surpresa, mágoa ou aborrecimento, a viúva ofereceu as mãos a Annis, que estava tão mortificada com o desprezo de Henry que tomou calorosamente as mãos da outra mulher.

— É um *prazer* conhecê-la, milady. E bem-vinda a Stoke — a viúva sorriu para ela, deixando Annis ciente de como devia ser a sua aparência ao lado de um espécime tão requintado.

— Obrigada, milady — Annis murmurou, um pouco sobrecarregada com a saudação entusiasmada e os olhares deslumbrantes da mulher.

O cavalheiro esbelto e de cabelos escuros ao lado dela era uma versão menor e menos distinta de Henry, como um pedaço de pedra que havia sido arrancada e corroída até que todas as bordas afiadas se desgastassem.

— É um prazer vê-lo de novo primo, e a nova senhora de Stoke — o visconde lançou um olhar rápido e astuto à viúva e virou-se para Henry, seu sorriso agradável deslizando apenas um pouco. — Henry, já se passaram muitos anos.

— De fato — Henry virou-se para Annis e perdeu o rubor do outro homem em sua saudação gelada e desdenhosa. — Pode inspecionar a criadagem, meu amor? Ou está muito cansada após nossa jornada?

Ela se assustou ligeiramente com o *meu amor*, procurando em seu rosto qualquer sinal de que ele falava sério.

Mas seu rosto era uma máscara, seus olhos uma porta fechada para os seus pensamentos.

Annis sorriu. — Eu ficaria encantada em conhecer todos.

Para uma casa tão enorme, havia muito poucos criados - apenas trinta para o interior e exterior - e a maioria deles era muito velha ou muito jovem.

— Esta é a Sra. Jenkins — começou Henry, sua voz aquecendo ligeiramente quando ele apresentou Annis a uma mulher que parecia ter sessenta e poucos anos e vestida com o traje sóbrio de uma governanta.

Annis lembrou que Henry mencionou o nome uma vez, que ela permaneceu como uma espécie de pais para ele quando criança.

— Milorde, milady — cumprimentou a mulher, fazendo uma reverência graciosa, seus grandes olhos castanhos pulsando com alguma emoção poderosa e nunca deixando o rosto de Henry.

— Como está, Sra. Jenkins? — Henry perguntou, um pouco da geada derretendo enquanto encarava a governanta magra e estranhamente arrebatada.

Então, aqui, pelo menos, havia uma pessoa em Stoke que ele não detestava.

— Eu tenho estado bem, milorde — ela hesitou e depois acrescentou com pressa: — Estou feliz que o senhor tenha voltado para casa.

Ele olhou para ela por um longo e desconfortável momento e suas bochechas pálidas escureceram.

E então ele se virou para a pequena fileira de criados que estavam vestidos principalmente para o trabalho ao ar livre, junto com dois lacaios em fardas envelhecidas e desbotadas.

— Onde está Cooper? — Henry perguntou à Sra. Jenkins.

— Ele morreu no ano passado. Receio que ainda não tenhamos contratado um novo mordomo — disse Lady Rotherhithe, sua voz suave surpreendendo Annis, que não sabia que ela estava bem atrás deles. Ela virou os gloriosos olhos azuis da meia-noite para Annis. — Posso acompanhá-la aos seus aposentos? Eu...

— Jenkins vai nos mostrar — disse Henry, seu tom curto e frio.

Lady Rotherhithe inclinou a cabeça, um sorriso fraco e apertado nos lábios. — Como desejar.

— Vamos querer chá em meia hora — disse ele à Sra. Jenkins. — O Salão

Vermelho?

Mais uma vez, foi a viúva que respondeu. — Receio que houve um incêndio lá há três anos e ainda não foi remodelado. Estamos usando a sala de estar menor, no final do corredor do Salão Vermelho.

— Vá na frente, Sra. Jenkins — disse Henry, como se a viúva não tivesse falado.

— Obrigada, milady — Annis acrescentou apressadamente antes de seguir Henry e a governanta.

A Sra. Jenkins os levou a um salão de entrada de pedra verdadeiramente magnífico, mas congelante. As paredes estavam cobertas de armas antigas e dois trajes de armadura estavam em exposição na frente de telas de madeira requintadas que obviamente haviam sido instaladas mais recentemente.

Annis sabia que estava boquiaberta como uma tola, mas não conseguiu evitar.

— Em seguida, passaremos pela galeria inferior, que é...

As palavras se misturaram e sua cabeça chicoteou de um lado para o outro enquanto ela tentava absorver tudo.

— Vai ficar com dor no pescoço, Annis — brincou Henry. — Não precisa ver tudo de uma vez, terá muito tempo para conhecer — disse ele enquanto subiam um conjunto de escadas de pedra antiga.

Depois de uma série desconcertante de voltas e mais dois conjuntos de escadas, eles passaram por um arco estilizado com portas duplas.

— Meu Deus — ela sussurrou enquanto entravam em outro mundo. Em vez de pedra frígida e janelas quebradas, o amplo corredor era preenchido por lambris aconchegantes e pisos de madeira acarpetados.

Embora o tapete estivesse sem vida e os enforcamentos de seda na parede entorpecidos pela idade, tudo estava polido, meticulosamente limpo e cheirava a cera de abelha e terebintina.

A Sra. Jenkins parou ao lado de uma porta e se virou para Henry, um nó de apreensão entre os olhos castanhos. — Os aposentos do mestre e da senhora não foram ocupados desde a morte do seu tio e estão um pouco, er, antiquados, mas pensei que o senhor os desejaria, pois ambas as suítes são as mais espaçosas e oferecem as melhores vistas.

— Meu primo e sua esposa não ocuparam os aposentos? — Henry perguntou.

— Não, milorde. Eles mantiveram seus aposentos originais.

As sobranceiras de Henry se levantaram com aquela informação.

A Sra. Jenkins abriu a porta e Annis sentiu como se tivesse voltado no tempo.

As câmaras eram sem dúvida femininas, decoradas com rosa escuro e ouro antigo, ambas cores de uma era mais opulenta. A cama era uma monstruosidade barroca coberta de veludo rosa com um dossel de cetim dourado suspenso do teto, completo com nuvens, querubins e anjos. Os pisos eram uma madeira bonita e polida, coberta de tapetes compostos de rosa,

creme e ouro.

E cada pedaço de mobília no quarto, estava repleto de ouro.

Ela olhou para o teto, a boca aberta.

— Um quarto adequado para uma rainha — disse Henry ao lado dela, sua voz pesada de diversão.

Annis deu uma risada ofegante.

— O quarto de vestir conecta seu quarto aos de Sua Senhoria — a Sra. Jenkins conduziu Annis e Henry por um espaçoso vestíbulo em direção a uma porta branca e dourada.

Do outro lado estava a contraparte masculina dos aposentos de Annis, completa com veludo e dourado, mas em vermelho sangue.

A porta se abriu e uma criada muito jovem entrou.

— Ah, aqui está sua água quente. Coloque-o na cômoda, Agnes — a Sra. Jenkins dirigiu antes de se virar para Henry. — Mais alguma coisa, milorde?

— Não, obrigado, Sra. Jenkins — disse Henry. — Tenho certeza de que preparar esses quartos no breve tempo que teve foi um desafio. Tudo parece meticulosamente limpo e confortável.

A governanta corou com seu elogio e depois fez uma reverência antes de sair silenciosamente do quarto.

Henry virou-se para Annis, com uma expressão triste no rosto. — É um pouco... — ele parou, encolheu os ombros e riu.

— Sim, *é* um pouco — ela concordou ironicamente.

— Talvez esses dois quartos possam ser os primeiros que precisarão da sua atenção.

Annis se encolheu ao pensar em redecorar quartos tão magníficos, ou uma casa tão magnífica; ela nunca teve dinheiro suficiente para decorar um armário antes.

A porta do quarto de Henry se abriu e seu novo valete, Norwich, entrou, carregando uma grande valise.

Annis se virou para Henry. — Suponho que é melhor eu me preparar.

Henry abriu a porta para ela. — Voltarei em meia-hora, se estiver de acordo?

— Sim, obrigada.

A porta se fechou e Annis respirou fundo e exalou, lutando para acalmar as batidas do coração em seu peito ao pensar no desafio que ela enfrentaria.

Bem, não havia razão para se preocupar com isso. Tudo o que ela precisava fazer *agora* era se refrescar.

E tomar chá com a família do seu novo marido. A quem ele parecia odiar.

Annis fez uma careta e afastou o pensamento.

Depois de lavar a sujeira da viagem, Grace arrumou o cabelo e a ajudou a vestir um lindo vestido de veludo verde musgo. Annis acreditava que o vestido seria muito quente para esta época do ano, mas seria perfeito para sua nova casa, que era úmida e tinha corrente de ar.

Ela estava pronta com alguns minutos de sobra e foi olhar pelas janelas

voltadas para o oeste. Havia um brilho fraco que devia ser o pequeno rio que corria ao lado de Stokely. Ela podia ver o telhado de uma casa grande não muito longe de uma pequena área arborizada. Parecia muito perto para ser um vizinho, então talvez este fosse um dos inquilinos que Henry havia mencionado.

Ela ouviu a porta se abrir e se virou para encontrar Henry. — Está pronta, Annis?

Seu cabelo estava úmido, e ele parecia fresco com uma camisa limpa e uma gravata nova. Seu cheiro era delicioso, o que significava que seu valete deve tê-lo barbeado com seu sabão especial.

— Sim, estou pronta.

Ele estendeu o braço.

Annis tentou prestar atenção o caminho que eles estavam indo, mas, novamente, ela se perdeu depois de três ou quatro voltas.

Henry sorriu para ela. — Terei que desenhar um mapa para ajudá-la a encontrar seu caminho?

— Provavelmente. Tenho um péssimo senso de direção. Miles sempre disse que eu deveria carregar um bolso cheio de pão, para que eu pudesse deixar um rastro de migalhas.

Ele não respondeu e quando ela olhou para ele, ele estava olhando para frente, com a mandíbula rígida.

Annis suspirou, triste por ele estar com ciúmes porque ela tinha um amigo homem. Tensionou a própria mandíbula; se recusava a desistir de seus amigos só porque seu novo marido estava com ciúmes.

— Aqui estamos — disse ele, interrompendo seus pensamentos infelizes e parando na frente de uma porta de madeira com uma cruz levantada proeminente. — Vai encontrar essas portas por toda a casa. Muitas foram instaladas pelo ancestral que trouxe de volta a segunda ou terceira relíquia. Não consigo me lembrar de qual deles agora.

— As relíquias são mantidas aqui? — ela perguntou, mais do que um pouco curiosa para ver os famosos objetos.

— Há um relicário especial que é mantido no cofre e trazido uma vez por ano no Dia de St. Oswald.

— Eu nunca ouvi falar dessa celebração antes.

Henry riu. — Eu ficaria surpreso se tivesse, pelo que eu sei, somos os únicos na Grã-Bretanha a comemorar isso. No entanto, não terá que esperar até cinco de agosto. Vou mostrar-lhe as relíquias sempre que quiser — ele abriu a porta para uma sala encantadora e ensolarada com dois ocupantes.

O visconde Singleton e Lady Rotherhithe, pareciam estar sentados em silêncio, separados por várias cadeiras e assentos. Ambos sorriram e se levantaram, como autômatos que só se animaram pela entrada de Annis e Henry na sala.

Enquanto os quatro esperavam pela bandeja de chá, trocaram uma conversa estranha e vazia sobre o clima.

Bem, seria mais correto dizer que Annis e os outros dois conversaram enquanto Henry observava.

— E estão gostando dos seus aposentos? — perguntou a viúva. — A Sra. Jenkins e as camareiras trabalharam dia e noite para preparar os quartos. Receio que ninguém ocupou esses quartos desde que a mãe do meu marido estava viva, quase quarenta anos atrás.

Annis sorriu. — Eles são adoráveis, milady.

— Eu imploro para que não faça cerimônia; deve me chamar de Julia.

— E, por favor, me chame de Edmund — o visconde tocou com um coração falso.

Annis sorriu. — Obrigada. Os dois devem me chamar de Annis.

Depois de um longo e embaraçoso silêncio, Henry disse: — Os dois podem me chamar de Lorde Rotherhithe ou milorde.

Edmund e Julia o olharam por um momento, e então Edmund riu. Depois de um momento, Annis e Julia se juntaram.

Ainda rindo, Edmund disse: — Sempre teve um senso de humor afiado, Henry.

Henry não respondeu ao primo.

Annis não achava que o marido estivesse brincando.



Annis já estava na cama - e já há várias horas - e estava se perguntando se Henry se juntaria a ela quando a porta se abriu e ele entrou no quarto dela, ainda vestindo suas roupas de jantar.

Ele parecia... tenso.

Annis deixou de lado o livro enquanto ele caminhava em direção à cama dela. — Henry? Tem algum prob...

Ele deslizou os braços ao redor dela, a palma da mão larga embalando a cabeça dela enquanto abaixava a boca e a reivindicava em um beijo ardente e urgente.

Annis se derreteu em seu abraço e deslizou os dedos em seus cabelos, seu corpo flexível contra o dele.

Ele gemeu quando ela puxou seu cabelo da maneira áspera que sabia que ele gostava. Ela estava tonta e sem fôlego quando ele se afastou.

— Abra minha calça e me coloque para fora — ele ordenou asperamente.

As mãos de Annis se atrapalharam para obedecer. Seu membro grosso estava empurrando contra o material fino de suas calças e saltou livre quando ela abriu o último botão.

Ele ergueu a camisola até os quadris e a levantou da cama com facilidade desconcertante, segurando seu traseiro com as duas mãos enquanto se alinhava com sua entrada e depois entrou nela com uma estocada selvagem.

Annis gritou em uma mistura de prazer e surpresa, suas pernas enganchando sobre seus quadris estreitos.

Seus braços eram como faixas de ferro quando ele levantava e abaixava seu corpo para encontrar suas estocadas dirigidas, cada golpe profundo e firme. Não deve ter passado mais de um minuto ou dois antes que ele soltasse um grito rouco, se levantasse e gozasse dentro dela.

Foi a primeira vez que Henry a tomou sem antes se preocupar com o prazer dela primeiro. Ele parecia quase louco por sua necessidade. Enquanto ela gostava de sua paixão - mesmo sem atingir o clímax - seu comportamento causava desconforto em seu estômago.

Ele a segurou com força e ela não podia ver seu rosto, mas podia sentir quando seus braços afrouxaram e ele voltou da amnésia do seu prazer.

Tão rápido quanto a tomou, ele a colocou na cama, olhando para ela como se não soubesse quem ela era. Sua pele estava corada e manchada de suor pelo esforço dos últimos minutos. Seu membro úmido estava ereto, uma visão carnal chocante quando contrastada com a elegância civilizada de seu fraque.

— Henry? — Ela estendeu a mão para ele, mas ele deu um passo para trás.

— Perdoe-me — disse ele, balançando a cabeça um pouco. — Aquilo foi...

— Não se desculpe.

— Eu a machuquei? — ele perguntou, suas mãos fechando distraidamente as elegantes calças de cetim que ele usara pela primeira vez na presença dela. Normalmente ele usava pantalonas, mesmo para a maioria dos eventos formais. Mas esta noite, ele parecia cada centímetro o aristocrata que era.

— Não, é claro que não — disse ela. — Mas, qual é o problema?

— Nada — ele murmurou, passando a mão pelo cabelo em um gesto estranhamente cansado. Seus olhos escuros olharam em volta do quarto antes de se acomodar nela, um sorriso cansado curvando seus lábios. — Sinto muito por ter sido um amante egoísta.

Ela fez um barulho exasperado. — Acho que posso sobreviver a uma noite sem o excesso de prazer que costuma me dar. Qual é o problema?

Seu sorriso repentino a assustou. — Eu não quero que apenas *sobreviva*, milady. Quero que seja uma escrava do meu corpo.

Annis revirou os olhos. — Já alcançou esse objetivo. Mas por que eu suspeito que me dizer o que o está incomodando não será algo que fará por mim?

— Eu não sei expressar especificamente o que está me incomodando — disse ele, andando inquieto pelo quarto dela e estudando as mobílias de uma maneira vaga.

— Onde foi depois do jantar? Eu esperei-o, mas não veio à biblioteca depois que tomou o Porto com Edmund.

— Sinto muito, querida, isso foi rude. Eu não tomei vinho com Edmund, eu o deixei tomar sozinho — ele bufou. — Embora julgando por todas as linhas vermelhas em suas bochechas e nariz, não foi a primeira vez que ele bebeu hoje. Não vou deixá-la sozinha com eles - ou com ela - de novo.

— Foi tudo bem, Henry. Julia me contou um pouco sobre a casa, os criados e a nobreza local — ela sorriu. — Ela estava planejando uma festa para nós, uma espécie de combinação de festa de boas-vindas e celebração do casamento.

— É mesmo? Bem, não a deixe fazer nada que não deseje, Annis.

— Ela tem sido muito gentil, Henry. Por que não...

Ele levantou a mão e ela parou de falar de surpresa. — Prefiro que *nunca* falemos de Julia. Especialmente não em nenhum dos nossos quartos.

— Não vai me dizer o que aconteceu? Por favor? Eu posso sentir a tensão entre os três, é como...

— Levaria dias - semanas - para explicar o que aconteceu comigo nesta casa, Annis.

— Mas temos que *viver* com eles, certamente...

— Vou ver a Dower House o mais rápido possível e tirá-la de debaixo do nosso teto. Quanto a Edmund, ele tem uma casa própria, mas ele alugou o lugar ou ele iria embora amanhã. Ele retomou seu ritmo; seus ombros poderosos tão tensos que ela podia sentir em seu próprio corpo.

— Não vem para a cama, Henry?

— Não estou pronto para dormir, Annis. Eu apenas a manteria acordada.

— Não me importo. Na verdade, durmo melhor quando está perto. Não vai se dist...

— Vou descer até a biblioteca. Duvido que eu estarei pronto para dormir tão cedo. Ele falou bruscamente, mas depois franziu a testa, vindo em direção à cama. — Perdoe-me — disse ele pela terceira ou quarta vez. Os olhos dele piscaram sobre a pessoa desganhada dela. Ela ainda estava acima das cobertas, sua camisola na altura das coxas. Suas pálpebras baixaram. — Deixe-me dar-lhe algo para ajudá-la a dormir — ele murmurou.

Ele ignorou os fracos protestos dela e abriu as coxas dela antes de abaixar a boca sobre o sexo dela, os lábios e a língua fazendo a magia deles.

Annis gemeu. — Não pense que não estou ciente de que está me distraindo.

Seus lábios se curvaram em um sorriso contra suas dobras sensíveis.

— Eu não vou esquecer essa conv... ah! — Um arrepio balançou seu corpo enquanto ele sugava seu botão dolorido em sua boca quente.

— Precisamos conversar — ela murmurou, parecendo pouco convincente para seus próprios ouvidos. — Depois — acrescentou ela.

A resposta dele foi abrir ainda mais as pernas dela e mergulhar dois dedos grossos nela e levá-la ao êxtase.



Capítulo Vinte e Um

Henry sabia que estava se comportando como um homem desequilibrado, mas não conseguia se conter.

Todas as noites antes de ir para a cama - geralmente muito mais perto do amanhecer do que do anoitecer - ele jurava que no dia seguinte seria melhor. Que *ele* seria melhor.

Mas hoje era sua sexta manhã em Stoke e ele estava mais tenso do que na primeira manhã.

Ele estava determinado a passar algum tempo com Annis hoje. Ele a negligenciou vergonhosamente desde que chegou a Stoke, deixando-a sozinha na pilha decadente de tijolos com Julia e Edmund na maioria dos dias, enquanto visitava as várias fazendas, horrorizado com os reparos e manutenção que haviam sido adiados por décadas.

Tanto ele quanto seu administrador, Milner, um homem robusto e fleumático de meia-idade, trabalharam de sol a sol, contratando todos os que pudessem encontrar nos negócios de construção para enfrentar as tarefas mais importantes primeiro. Como telhados, por exemplo. Cada casa de fazenda tinha telhados antigos e vazando.

Quando Henry voltava para casa à noite, ele mal tinha energia suficiente para tomar banho, fazer a barba, jantar e, em seguida, ele estava nisso novamente, lendo tudo e qualquer coisa que pudesse encontrar sobre a agricultura, um assunto sobre o qual ele era lamentavelmente ignorante.

Ele também conseguiu tempo para inspecionar a Dower House, e acertou que uma equipe de telhados começasse a trabalhar na casa na semana seguinte, depois de consertarem um dos telhados dos inquilinos, que tinha um buraco do tamanho de uma roda de carruagem.

Nas primeiras noites, ele foi até Annis, fez amor com ela menos egoisticamente do que na primeira noite, e depois se jogava e se virava na cama dela até o amanhecer. Ele teria ido para seu próprio quarto, mas sabia que ela gostava de tê-lo por perto.

As regras dela começaram há quatro noites, então ele foi para a sua própria cama naquelas noites, geralmente não dormia até uma ou duas horas antes do sol nascer.

Ela perguntou-lhe, mais de uma vez, o que estava errado.

Como ele poderia dizer-lhe se ele não sabia? Tudo o que ele podia dizer era que se sentia... frenético, como se estivesse trabalhando contra um relógio que ele não conseguia ver.

A única coisa que o fazia se sentir melhor era continuar andando. Sempre que ele tinha muito tempo para pensar, ele sentia que sua pele rastejaria para fora de seu corpo.

Hoje era o primeiro dia em que ele trabalharia em Stoke, em vez de andar pela propriedade com Milner. Apenas estar no mesmo castelo com Julia e Edmund por perto, era o suficiente para fazê-lo se sentir violento, mas Stoke era *sua* casa e ele dificilmente poderia evitá-la para sempre.

Ele entrou na sala de café da manhã um pouco mais tarde do que o normal, às seis e meia. Em sua primeira manhã em Stoke, ele desceu para comer às seis e encontrou uma lareira fria, sem comida e sem criados.

Ele chamou a Sra. Jenkins para perguntar onde ele poderia encontrar o café da manhã.

— Visconde Singleton e Lady Rotherhithe, costumam comer em seus quartos, milorde.

Isso não funcionaria assim, de forma alguma. Mal haviam criados suficientes para manter o casarão funcionando. A última coisa que eles precisavam fazer era servir café da manhã para as pessoas em seus quartos.

— Todos, exceto minha esposa, tomarão café da manhã na sala de café a partir de agora — ele decretou. — A condessa pode comer o que quiser, onde quiser.

Por *todos*, ele quis dizer Julia e Edmund.

Todas as tias-avós e tios mais velhos que abarrotaram Stoke quando ele era menino já haviam morrido. Um ou outro, foram desdenhosos e desagradáveis com ele. Ele agora sabia que a maior parte do comportamento deles, tinha sido culpa de seu tio, qualquer um que fosse gentil com Henry arriscava a censura do conde.

De qualquer forma, a sala de café da manhã era agora o único lugar para seus dois parasitas restantes comerem.

Ele chegou na pequena sala ensolarada e encontrou uma série de pratos esfolados no aparador bastante gótico. Como de costume, a Sra. Jenkins estava à disposição para se certificar que o café de Henry chegasse escaldante.

— Bom dia, milorde — disse ela, oferecendo-lhe a bebida preta e viscosa de um bule de prata fumegante.

— Bom dia, Sra. Jenkins.

— Seus ovos escalfados estarão aqui em breve, milorde.

Henry assentiu, não querendo olhar para ela e encontrar o olhar de adoração que ela parecia reservar apenas para ele.

— E aqui estão as correspondências... milorde — ela pairou logo à direita da cadeira dele.

Henry respirou fundo e ao olhar para cima a encontrou olhando para ele como um diretor orgulhoso do seu melhor aluno. Ele não pôde deixar de se divertir com quantas vezes ela disse *milorde* nos últimos cinco minutos.

A dinâmica de mestre e criado entre eles deixou Henry mais do que um pouco desconfortável. Para todos os efeitos, Jenkins tinha sido sua mãe e seu

pai quando ele era um garoto. Embora ela nunca tivesse sido afetuosa - pelo menos não em palavras - ela o tratou com bondade, certificando-se de que ele tivesse um presente para abrir na manhã de Natal, algo especial em seu aniversário, e que ele estivesse decentemente, se não dispendiosamente, vestido. Dado o jeito fechado de seu tio, Henry suspeitava que a Sra. Jenkins tinha gastado seu próprio dinheiro com ele.

— Estarei em Stoke o dia todo — disse ele, tomando um gole de café e quase gemendo de prazer com a bebida preta e forte. — Quero lhe falar sobre a situação dos criados.

— Sua Senhoria se encontrará comigo às onze, mas não tenho nada depois disso, milorde.

— Sua Senhoria? Quer dizer minha esposa?

— Sim, milorde.

Hum, interessante. Annis não havia mencionado isso para ele. Mas também ele mal a via, a não ser para dormir com ela ou jantar com ela.

— Venha ao meu escritório ao meio-dia e traga uma lista do que precisamos.

— Sua Senhoria e eu estamos realizando um inventário, milorde. Estarei pronta.

Agradou-lhe que Annis estivesse tomando as rédeas da casa.

— Pode se retirar — disse Henry, sabendo que ela ficaria contente em permanecer de pé e o encarar, se permitisse. Ele se virou para a pilha de cartas, não relaxando até ouvir a porta se fechar atrás dela. A maneira como ela olhava para ele - tão veneradora e carente - o deixava ansioso. Como ele deveria responder?

Ele falou com ela em sua terceira manhã em Stoke e ofereceu-lhe uma pensão e ela pareceu abalada.

— Mas... Desejo ficar aqui e trabalhar, milorde. Por favor, não me mande embora — ela implorou.

Henry se sentiu como um maldito ogro em sua resposta e permitiu que o assunto morresse. Mas ele se sentia estranho toda vez que tinha que dar-lhe uma ordem, algo que ele tinha que fazer com frequência, pois ela era sua governanta.

Ele suspirou e voltou sua atenção para sua correspondência, a maioria relacionada a negócios, tendo a ver com sua companhia de navegação ou com as muitas propriedades que adquiriu nos últimos dois anos.

A única correspondência privada que veio, era para Annis. Hoje havia uma carta de Lady Sedgwick. Henry sorriu para sua caligrafia burilada, tão adequada e adorável, assim como a própria mulher.

Havia outra carta para Annis e ele teve que se esforçar para entender o franqueado bagunçado no canto para decifrá-la.

Ele fez uma careta; era de Avington. Não era incomum os homens escreverem para mulheres que não eram parentes? Henry olhou para o envelope, como se isso lhe desse respostas. Ele sabia que Avington ocupava

um lugar especial para as professoras da escola Stefani. Ele viu em primeira mão como pelo menos quatro delas - Annis, Lady Sedgwick, a Condessa de Broughton e aquela pequena megera Lorelei Fontenot - trataram Avington como se ele fosse um animal de estimação especial.

Dizer que Henry estava irritado que Avington estava escrevendo para sua esposa, era um eufemismo. Henry estava *fervendo* de ciúmes.

Sua primeira reação foi enviar ao homem uma carta irritada exigindo que ele parasse de se corresponder com sua esposa, e proibir Annis de escrever de volta para ele.

Ele não apenas ficou enojado com seu impulso primitivo, mas foi sábio o suficiente para entender que seria extremamente imprudente. Sim, ela era sua esposa e estava legalmente obrigada a obedecê-lo. Henry poderia usar todos os métodos que não fossem assassinatos para discipliná-la. Mas o pensamento de fazê-la infeliz era visceralmente repugnante para ele. Ela era sua esposa, droga, não sua serva.

Henry fez uma careta para a carta; ele não falaria e não faria nada. Ela podia trocar cartas com quem quisesse.

A porta se abriu e Henry olhou para cima. Ele devia estar olhando fixamente porque Harold, o jovem laçaio, congelou na porta, segurando uma bandeja de comida no peito como um escudo.

— Entre — Henry berrou, não ajudando em nada a compostura do rapaz.

Ele jogou a carta de Avington na pilha para Annis e voltou para sua refeição, expulsando Miles Maldito Avington de sua mente.

Uma hora depois, ele examinou todas as cartas e estava terminando sua segunda xícara de café - e também o *Times*, que lhe entregaram junto com vários outros jornais - quando Edmund entrou na sala.

Sem rumo. Essa era uma excelente expressão para descrever seu primo. E herdeiro.

— Henry, não o vi assim tão cedo antes — o rosto de Edmund estava enrugado e vermelho, como se ele tivesse o empacotado apressadamente em uma caixa muito pequena na noite anterior.

Henry olhou penetrante para o relógio: já passavam das oito. Ele raramente ficava até tão tarde na sala de café da manhã, mas como passaria o dia em Stoke, ele decidiu fazer as coisas devagar.

— Eu gostaria que viesse à biblioteca às nove — era muito cedo para estragar o dia dele tendo que falar com o primo, mas ele poderia muito bem acabar logo com isso.

Edmund hesitou, o jarro de leite parou acima do chá, que ele estava destruindo sistematicamente com leite e açúcar. — Há algo errado?

Henry se permitiu um sorriso muito desagradável, que ficou ainda maior quando seu primo empalideceu. — É sobre isso que falaremos em quarenta e cinco minutos — ele jogou o guardanapo de linho desgastado sobre a mesa e se levantou.

Infelizmente, a porta se abriu antes de ele sair e Julia entrou.

Seu rosto se iluminou quando ela o viu. Por um momento, isso o transportou de volta vinte anos e seu coração cambaleou desconfortavelmente em seu peito. Quantas horas ele passou sonhando com ela sorrindo assim para ele? Vários dias sonhando acordado, se somar tudo.

Agora, seu sorriso apenas o fazia querer machucá-la, não fisicamente. Não, ele queria esmagar o espírito dela e humilhá-la. Ele queria vê-la chorando, banida e aterrorizada por seu futuro, como ele foi todos aqueles anos atrás.

Ele queria vingança.

Não era um sentimento cavalheiresco, mas ele não se importava.

— Henry, eu comecei a suspeitar que só se materializava para comer seu jantar todas as noites — sua risada era melódica o suficiente para fazer os anjos chorarem.

— Não suspeite mais, Julia. Aqui estou — ele sorriu e o próprio sorriso dela diminuiu com o que ela viu em seu rosto.

— Eu quero falar contigo, quando tiver um momento, Henry.

— Que coincidência, Julia. Eu gostaria de *lhe* falar— ele se aproximou dela mais do que o decoro permitia.

Julia, que não tinha nada de inocente, não se afastou. Na verdade, ela floresceu, como uma variedade rara de flor que só florescia quando exposta à atenção masculina. — Coincidência, de fato — ela ronronou, seus olhos quase acariciando seu corpo enquanto piscavam para ele.

Ele sorriu para a expressão lasciva que ela evocara tão facilmente. — Estarei no meu escritório. Pode escolher o horário, nove e meio-dia já estão ocupados.

— Não permitiu que *eu* escolhesse meu horário — disse Edmund.

Henry o ignorou, não tirando a atenção da bela víbora diante dele.

— Eu estarei no vicariato esta tarde — disse ela. — Amanhã seria tarde demais?

— Amanhã está bom — na verdade, seria melhor; Henry não queria ter os dois no mesmo dia. Ele pode não ser capaz de controlar seus impulsos punitivos.

— Uma hora? — ela perguntou.

— À uma hora, então — ele esboçou uma reverência e deixou os dois para o que quer que fosse que eles estavam tramando e planejando. E ele tinha certeza de que estavam tramando algo, embora o quê, não saberia dizer. Tudo o que sabia, era que envolveria dinheiro.

Edmund recebeu um pequeno legado no testamento de seu primo, mas não havia dinheiro suficiente para mantê-lo - pelo menos não sem a ajuda de Henry. E a pensão de Julia era totalmente financiada do bolso de Henry. Não era seu dever legal apoiar nenhum deles, e ele não planejava fazê-lo. Mas agora que estava casado, mudou de posição. Ele pagaria dez vezes mais para tirá-los de sua casa.

Henry trabalhou não apenas lendo as correspondências do dia, mas todos

os outros negócios que ele permitiu acumular na última semana.

Ele estava imerso em uma carta do capitão de seu mais novo navio, quando Edmund bateu à porta e entrou.

— Está muito ocupado? — ele perguntou, esperançosamente olhando para a mesa desastrosa de Henry.

— Não muito ocupado para conversarmos, primo. Por favor, sente-se.

Henry tirou os óculos que precisava para ler e recostou-se na cadeira. Uma rápida olhada no relógio mais próximo mostrava que seu primo estava vinte minutos atrasado. Então, Edmund estava mostrando um pouco de dentes, não é?

Ele sorriu; a rebelião insignificante de Edmund faria com que lhe dar a notícia fosse mais agradável.

— Eu não vou fazer rodeios, Edmund — Henry fez uma nota mental para perguntar a Annis sobre essa expressão idiomática mais tarde. — Por que está aqui?

Edmund piscou. — Me pediu para vir.

— Não, não na minha biblioteca. Por que está morando na minha casa?

— A família sempre viveu em Stoke.

— Tias solteiras e parentes velhos demais para se cuidarem sozinhos sempre tiveram um lugar em Stoke. Mas tem sua própria propriedade.

— Falcrest está...

— Alugada? — Sim, eu sei. Henry inclinou a cabeça. — Conte-me sobre esse contrato.

— Mas... por quê?

— Porque eu gostaria de ajudá-lo a rescindi-lo, Edmund. Eu gostaria de ajudá-lo a voltar para sua própria casa.

Os olhos de Edmund se estreitaram e a máscara que ele usava nos últimos seis dias caiu como penas de um pássaro em mutação. — Quer me expulsar, Henry. Por que não diz logo?

— Eu quero expulsá-lo, Edmund.

Seu primo recostou-se, como se Henry o tivesse esbofeteado.

— O arrendamento é de sete anos e ainda faltam dois. Rescindi-lo seria... proibitivo — disse Edmund, com o rosto mal-humorado.

— Eu pagarei os dois anos *e* compensarei os locatários por sua inconveniência.

A mandíbula de Edmund cedeu de uma forma que não era atraente, mas ainda conseguiu ser muito satisfatória. — Mas... isso vai custar uma fortuna.

— Sim, eu ousou dizer que vai.

— Pagará todo esse dinheiro apenas para me tirar de Stoke.

— Sim.

Edmund deu uma risada de descrença. — Deve me odiar muito.

— Não há necessidade de entrar nisso, Edmund — Henry sorriu. — Além disso, acho que minhas ações falam mais alto do que minhas palavras.

O rosto de Edmund ficou vermelho. — Isso tomará algum tempo.

— Tem até o Dia de St. Oswald. Isso parece adequado, não acha?

Edmund ignorou sua pergunta. — Não entende. Primeiro, terei que...

— Eu não preciso ouvir os malditos detalhes, Edmund. Eu apenas quero que faça isso.

— E se eu não tiver *dinheiro* para isso, Henry?

— Não tem dinheiro?

— Sabe que não tenho! Sem o dinheiro ganho do arrendamento de Falcrest, eu não terei nada.

Henry tirou as chaves do bolso e abriu a gaveta de cima da mesa. Ele puxou um maço de papel e jogou-o na mesa; as notas voaram como confetes. — Estes são seus.

Edmund pegou um papel que voou e pousou ao lado da sua bota cara. Ele olhou para o papel e ofegou. — Onde conseguiu isso?

— Não importa — Henry se inclinou sobre a mesa. — Aqui está o que importa: diz que não tem dinheiro e, no entanto, perdeu uma fortuna nos jogos. Vou pagar essas dívidas que acumulou.

— Vai? — Os olhos de Edmund estavam redondos como bolas de gude.

— Sim. Cada uma delas, o que não é uma quantidade insignificante, não é?

Edmund engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Assim que eu pagar tudo, esse é todo o dinheiro que verá de mim. Mesmo que eu morra antes, sem um filho que herde Stoke, não terá minha fortuna.

Edmund balançou a cabeça, como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. — Isso é por causa daquela noite, não é? Eu *não tive nada* a ver com aquilo. Foi tudo ideia da Julia. Acredito que nem mesmo Charles sabia o que...

Henry deu uma risada genuína. — Não é por causa de *uma noite*, seu pequeno réptil pusilânime.

Edmund deu um grito de surpresa. — Mas...

— Foi um completo desgraçado comigo por onze anos, Edmund. Nunca foi o líder, mas dançava as músicas de Julia e Charles sem cessar. E agora, como dizem, os pombos voltaram para casa para descansar.

Outra expressão idiomática para Annis.

— Isso foi há vinte anos! Éramos crianças, Henry — Edmund choramingou. — Foi apenas uma brincadeira.

— Sim, *éramos* crianças. E de nós quatro, apenas um de nós foi banido e jogado ao mundo graças à sua *brincadeira*. Apenas um de nós tinha que se alimentar e cuidar de si. Algo que ainda tem que aprender a fazer, embora esteja se aproximando dos quarenta, Edmund — Henry pegou o relógio. — Agora, tenho uma manhã bastante ocupada. Se não tem mais nada.

Edmund se levantou. — O chefe da família deveria cuidar de seus membros, Henry, não exatamente vingar-se deles. Está fazendo um trabalho terrível até agora.

— Eu posso viver com isso, Edmund.

— Seu... bastardo.

Aquela palavra novamente. Antes o acertava como uma pedra. Agora Henry apenas sorriu.

Edmund saiu da biblioteca batendo a porta atrás dele.

Henry suspirou e caiu em sua cadeira, drenado, mas aliviado por ter começado o processo de reivindicar Stoke como seu.

Infelizmente, Edmund tinha sido apenas um ensaio geral.

Julia seria a performance real.



Capítulo Vinte e Dois

Pela primeira vez, Annis teria Henry só para ela no jantar.

Ela não sabia para aonde Edmund tinha ido, mas Julia estava jantando na casa do escudeiro local.

Compartilhar suas refeições com duas pessoas que seu marido odiava não transformava as noites relaxantes, e Annis ficou entusiasmada com a chance de ficar sozinha com Henry.

Ela usava um vestido de seda verde enevoado que Henry havia escolhido. O corpete era mais baixo do que ela normalmente usaria e havia apenas uma anágua insubstancial.

Grace precisou amarrar seu corpete mais apertado para que ela pudesse caber no vestido e, pela primeira vez, Annis realmente tinha uma figura bonita.

Hoje marcava o fim de suas regras e ela queria deixar claro para Henry que ele não era apenas bem-vindo, mas também desejado em sua cama.

Quando ela chegou à mesa de jantar, ele já estava lá, servindo-se de uma taça de vinho de um decantador.

Seus olhos viajaram da cabeça aos pés novamente. Embora ele não tivesse sorriso, ela podia ver que ele estava satisfeito. — Está linda.

— Obrigada. E obrigada por escolher o tecido para mim. E todo o desenho — ela riu. — Tudo o que tenho que fazer é usá-lo.

— O que faz excessivamente bem — ele puxou a cadeira dela e encheu a taça com vinho.

— A Sra. Jenkins disse que tinham uma reunião hoje — disse Annis depois de tomar um gole.

— Sim, foi muito lucrativa. E obrigado por montar esse inventário impressionante. Irei a York em alguns dias para visitar meu banco, então deixarei sua carta na agência de contratação e farei os vários pedidos que ela me solicitou.

— Irá a York? Posso ir junto? Eu sempre tive o desejo de ver o Mosteiro.

Ele hesitou, mas depois sorriu e disse: — Eu adoraria a sua companhia e vale a pena ver o Mosteiro.

A porta se abriu, e os lacaios trouxeram o primeiro prato.

Annis esperou até que eles estivessem sozinhos para dizer: — Julia diz que a data da festa é o final do mês.

Henry abaixou a colher. — E isso lhe convém?

— Não tenho preferência.

Ele não parecia totalmente convencido, mas voltou a comer.

— Como está o trabalho nas fazendas dos inquilinos? — ela perguntou quando ele permaneceu quieto.

— Há muito a ser feito e poucos trabalhadores para fazerem o trabalho, mas acredito que os telhados em piores situações devem ser remendados até o final do verão.

— Eu gostaria de acompanhá-lo nas visitas às fazendas na próxima vez que for — disse ela.

— É claro. Estava falando com o Sr. Benson sobre uma égua que ele está vendendo. Acho que ela pode ser-lhe adequada.

— Eu amo montar, mas não sou uma boa amazona — ela advertiu. — Eu não cavalgo há anos.

— Terá muitas oportunidades aqui.

Embora a conversa deles parecesse simples na superfície, Annis sentiu que algo mais o estava incomodando.

Quando eles terminaram de comer, ela disse: — Vou deixá-lo para tomar o seu Porto.

— Eu não desejo Porto esta noite. Pensei em fazer um pouco mais de trabalho no escritório, se importaria em se juntar a mim?

— Sim, seria ótimo.

Mas não foi ótimo, exatamente.

Enquanto eles ficaram sentados relaxados e fazendo companhia um ao outro, *era* silêncio. Henry parecia bastante envolvido no que quer que estivesse trabalhando e mal olhou para cima.

Annis estava sentada em frente ao fogo e fazendo bordado por uma hora, mas a verdade era que estava estragando o seu projeto - uma capa de almofada - mais do que o normal. Então, ela colocou o seu tambor de lado e sentou-se na mesinha que ela estava usando para sua correspondência.

Ela recebeu cartas de Lorie, Portia, Serena, Freddie e Miles nos últimos dias.

Os quatro primeiros foram fáceis de responder. O de Miles, que havia chegado apenas naquela manhã, era muito mais difícil.

Querida Annis:

Escrevo-lhe esta carta em sigilo absoluto. Não sei se Henry contou-lhe, mas estou prometido à Srta. Mary Barnett.

Henry *não lhe havia contado nada*, e Annis estava muito curiosa para saber como ele sabia de uma coisa dessas.

Ela olhou-lhe por cima dos cílios. Ele estava usando os óculos que precisava para ler. Devia ter algo de errado com ela, por que ela achava a imagem de um homem tão poderoso usando óculos extremamente atraente?

Sua testa estava franzida de concentração e as linhas ao redor de sua boca estavam profundamente esculpidas. Ele parecia inacessível, para dizer o mínimo.

Ela suspeitava que esta noite não seria um bom momento para fazer tal

pergunta.

Annis se voltou para a carta.

Foi Freddie quem me apresentou à minha futura esposa.

Annis mordeu o lábio inferior, os olhos formigando. É claro que foi Freddie. Ela saberia que, se não tivesse ajudado Miles, ele teria se casado com a primeira herdeira que o fisesse.

Todos os seus amigos conheciam a história de como o pai de Miles tentou forçá-lo a se casar anos antes. Miles tinha se juntado ao exército e ido para a guerra em vez de se casar por dinheiro.

Agora ele não tinha tal refúgio.

Eu sei que usa o mesmo homem de negócios que Freddie - escreveu Miles.

Na verdade, foi Annis quem apresentou Freddie ao Sr. Pears, que trabalhou para o pai de Annis por anos e ficou feliz em assumir o controle das escassas economias de Freddie.

Como Freddie não tinha família, ela fez de Annis uma consignatária. Annis agradeceu a Deus que a papelada que Freddie tinha com o Sr. Pears, não estava na casa de sua avó ou o Sr. Leech também a teria roubado.

Eu sei que é signatária de Freddie. Quero que dê ao Sr. Pears o dinheiro que sobrou da venda da minha comissão. Quero que ele acrescente isso à anuidade de Freddie. Claro, ela não pode saber que o dinheiro é meu.

— Algum problema?

A cabeça de Annis ergueu-se com o som da voz de Henry. Ele estava olhando para ela com um pouco de preocupação.

— Não? Por que está me perguntando isso?

— Acabou de emitir um som estranho.

— Não, não tem nada errado.

O olhar dele baixou para a carta na mão dela. — Algo perturbador em sua carta?

Ela forçou um sorriso. — Eu estava rindo. Talvez seja isso que ouviu — ela mentiu. — Freddie tem várias histórias divertidas sobre seu ex-funcionário — pelo menos isso era verdade. — Eu mostrarei para que leia quando terminar de responder.

A carta de hoje de Freddie foi a terceira que ela recebeu. Annis compartilhou as duas anteriores - que detalharam as palhaçadas de Colin em sua perseguição por Susanna - com Henry.

— Vejo que recebeu uma carta de Avington.

— Sim, eu recebi.

— O que ele tem a dizer?

— Ele está noivo. Mas ele diz que já sabia disso.

— É verdade. Tenho um contrato de transporte com a Barnett Iron. Conheci a Srta. Barnett em Londres recentemente.

Annis estava confusa. — E *ela* contou-lhe sobre o noivado?

— Não. Eu fiquei sabendo disso por outra pessoa.

Ela esperou que ele compartilhasse sua fonte, mas ele apenas olhou para

ela.

O rosto dela aqueceu sob o olhar fixo dele. — Por que está me olhando assim?

— Assim como?

— Não sei como descrever, exatamente — ela não queria dizer que achava que era suspeita que ela viu no rosto dele.

— Vai compartilhar a carta de Avington comigo, bem como a de Lady Sedgwick?

À medida que as perguntas saíam, não era apenas surpreendente; também era lamentável.

Annis engoliu em seco, empatando o tempo. — Eu, er, receio que não possa. É particular.

Suas sobrancelhas se ergueram e ele deu a ela o sorriso que ela o vira dar a Edmund e Julia. Um sorriso que ele dava para as pessoas que ele não gostava, em outras palavras.

E então ele colocou os óculos e voltou para os documentos.

Annis olhou para a carta em suas mãos, sem vê-la.

Ela odiava a resposta que dera a Henry e não teria gostado de receber a mesma resposta dele se uma amiga tivesse escrito para ele. Annis gostava de tratar as pessoas da maneira que gostava de ser tratada, e acabara de fazer o oposto com o marido de apenas duas semanas.

Mas a carta de Miles a obrigava manter segredo.

Talvez ela possa compensá-lo na cama por tê-lo machucado aquela noite. Eles tinham suas melhores e mais honestas conversas depois que faziam amor.

Mas, no momento, ela precisava escrever uma resposta para Miles. E para ser honesta, ela não tinha certeza do que dizer.

Por um lado, o dinheiro extra daria a Freddie uma segurança nos tempos difíceis. Porém, Annis estaria mentindo para a amiga se ajudasse Miles a fazer o que ele queria. Freddie era uma mulher orgulhosa e ela não iria querer o dinheiro de Miles. Especialmente se ele fosse se casar com outra mulher. Uma mulher rica.

Annis massageou suas têmporas doloridas. Não importa o que ela fizesse, ela machucaria ou desapontaria um deles.

Ela não conseguia pensar direito para responder a carta, então devolveu o papel para a gaveta e se virou para encontrar Henry observando-a novamente.

Ela forçou um sorriso. — Mencionou anteriormente que poderia me mostrar as relíquias. Seria possível vê-las agora?



Ele hesitou por um momento antes de responder.

O que ele realmente queria era ser deixado em paz. Mas foi ele quem levantou o assunto sobre os ícones religiosos, então ele sorriu e se levantou.

— É claro. Venha ver o cofre que foi especialmente construído para o

relicário. É bastante adorável à sua maneira.

— Há quanto tempo eles estão na sua família? — ela perguntou enquanto o seguia.

— O fragmento da Única Verdadeira Cruz foi o primeiro, mas não está claro exatamente quando isso chegou à posse da família. Acreditamos que um ancestral que se juntou a uma das Cruzadas posteriores a trouxe de volta.

Henry pegou a chave do bolso e mostrou a ela. — Esta é a única cópia em Stoke, mas mantemos uma segunda no cofre privado em um banco em York.

— É para lá que está planejando ir em sua viagem? — ela perguntou.

— Essa é uma tarefa.

Fazer uma visita ao banco e inspecionar o conteúdo do cofre estava em uma longa lista de tarefas para cuidar durante as próximas semanas. Henry duvidava que houvesse algo de valor no cofre do banco, já que seu primo e tio antes dele, haviam vendido tudo o que podiam vender anos atrás.

— Alguém já tentou roubar as relíquias? — ela perguntou.

— Ah, sim, houve três tentativas das quais a família está ciente, a última há apenas setenta e cinco anos. Aparentemente, o mordomo na época tomou a ideia em sua cabeça. Ele chegou até Bristol quando foi preso, e as relíquias foram recuperadas. Acredito que foi a tentativa mais bem sucedida. Os outros roubos foram frustrados antes que os itens pudessem ser retirados do cofre.

— Tem certeza de que é sábio carregar a chave contigo? E se alguém os roubasse de novo? Eles não o atacariam?

Henry retirou o quadro que escondia o cofre. — De acordo com os termos do testamento, devo carregar a chave comigo o tempo todo — ele sorriu. — Não conte a ninguém, mas geralmente eu o mantenho em um espaço escondido sob um desses andirons — ele gesticulou para os cães de ferro forjado na enorme lareira.

Annis deu uma risada nervosa. — Eu gostaria que não tivesse me contado, Henry.

— Por quê? Não é de confiança?

— Sim, eu sou, mas eu ainda prefiro não ter essa informação.

Henry inseriu a chave e a girou até que houvesse um *baque* maçante e abriu a porta pesada.

Annis murmurou baixinho quando avistou o relicário. — É lindo.

Henry estendeu a mão e ergueu a caixa incrustada de gemas com um grunhido.

— É ouro maciço?

— Eu não seria capaz de levantá-lo se fosse, mas há bastante — disse ele, colocando-o cuidadosamente em uma mesa de cavalete resistente que estava lá para esse propósito. Ele levantou a tampa e a colocou de lado.

Annis estava perto dele, como uma menina na manhã de Natal. — Está certo; o relicário em si é uma obra de arte.

Ele entregou a caixa de vidro chanfrado.

Ela o pegou com mãos cuidadosas, olhando para o fragmento dentro com

admiração. — Ora, parece apenas um fragmento normal de madeira.

Henry riu. — Sim. Uma pessoa não tem como saber se foi da cruz que Jesus Cristo carregou no Gólgota ou de uma das muitas vigas podres que existem no Castelo de Stoke.

Ela olhou para ele em silêncio, e Henry sabia o que ela diria antes que ela dissesse. — Se é genuíno, então é um pedaço de madeira que foi tocado pelo filho de Deus.

— Quer tocá-lo?

— Não! — Ela lançou um olhar horrorizado para ele. — O tocou?

— Não, não parecia certo — ele admitiu.

Ela devolveu a caixa de vidro, as mãos tremendo ligeiramente.

Ele deu a taça de ouro a ela em seguida. — Disse-se que este é o cálice do Diocleciano, São Jorge, supostamente a taça da qual o santo bebeu antes de partir e matar o que quer que seja que ele supostamente tenha matado.

— É pesado — ela o levantou em suas mãos e examinou as safiras e os diamantes colocados no ouro maciço.

Em seguida, uma cruz incrustada de rubi. — Esta é a única das quatro relíquias que está bem documentada. Foi adquirida durante a Cruzada liderada por Ricardo da Cornualha. — Deu-lhe um olhar irônico. — Meu palpite é que não foi dado livremente ao meu ancestral.

O último item que ele entregou a ela foi uma pequena pintura emoldurada a ouro. — Este é St. Oswald.

Ela segurava o pequeno retrato de madeira com as duas mãos. — É bem pesada. É ouro também?

— Sim, e esses são rubis, não granadas.

— E não pode vender nenhum desses? — ela perguntou, devolvendo o retrato.

— Fazer isso invocaria uma cláusula que faria com que Stoke voltasse a ser igreja.

Era irônico que até mesmo uma relíquia teria sido suficiente para não apenas reparar Stoke, mas pagar as incumbências que seu tio e primo haviam acumulado.

— Por que mantê-los aqui? — ela perguntou quando ele remontou o relicário e o devolveu ao seu lugar de descanso.

— Essa é uma excelente pergunta — disse Henry, fechando o cofre e devolvendo o retrato ao seu devido lugar. — Depois do Dia de St. Oswald deste ano, vou levá-los ao banco. Na carta que encontrei na pilha de documentos que se acumularam desde a morte do meu primo é do Mosteiro de York, o bispo, aparentemente, pediu para hospedar as relíquias por alguns anos.

— Consideraria isso? — ela perguntou enquanto caminhavam de volta para onde ela estava sentada.

— Acho que as pessoas deveriam poder vê-las mais de uma vez por ano.

Ela sorriu para ele.

— O quê? — ele perguntou.

— Eu gosto que faça isso.

Henry ignorou o frisson de prazer que experimentou em seu elogio.

Ela olhou para o relógio. — É tarde. Acredito que vou subir — disse juntando suas coisas. Henry abriu a porta para ela, mas ela parou ao lado dele, em vez de passar. — Eu o verei esta noite?

Era sua maneira de deixá-lo saber que suas regras haviam terminado. Seu rosto estava corado e Henry sabia que a envergonhava ser tão ousada.

Naturalmente, seu membro ficou excitado com a oferta. — Subirei em meia hora.

Ele fechou a porta atrás dela e depois se serviu de um copo de uísque.

Seria sábio ir até ela? Embora ele tivesse subjugado sua raiva com a carta de Avington, ainda estava fervendo sob a superfície.

E mesmo assim, se ele não fosse até ela esta noite, então quando? Quando ela não amasse mais Avington? E se isso nunca acontecesse? Ele viveria sua vida sem o prazer de uma mulher em sua cama?

Henry estava furioso consigo mesmo; ele se casou com uma mulher que estava apaixonada por outro homem e não via a situação deles mudar logo.

Ele esperava que Avington tivesse tido a graça de deixar Annis em paz, mas claramente não era assim. Nem mesmo o aviso de Henry importava. Na verdade, ele viu um brilho de malícia no olhar azul muito perfeito de Avington naquele dia. Claramente, *Miles* considerava as mulheres da Academia Stefani como sua alçada. Ele provavelmente escrevia cartas para todas elas.

Maldição, como esses pensamentos o irritava. O ciúme ferveu nele.

Ele tomou o resto de seu uísque, apagou as velas e foi para seus aposentos. Norwich, que parecia não dormir, estava mexendo no seu vestíbulo.

— Farei a barba — disse Henry.

Seu valete devia estar esperando isso, porque já havia um jarro de água fumegante.

Ao longo de se despir e ser barbeado, seu temperamento diminuiu e fluiu. Primeiro, ele dizia a si mesmo que Annis tinha o direito de se corresponder com quem quisesse. Inferno, ela não olhava para *suas* cartas ou pedia para lê-las.

Henry quase se convencia, mas depois ele se lembrava da expressão trágica e ansiosa que ele a viu lançar na direção do belo senhor mais de uma vez e o ciúme explodiria em sua barriga, ameaçando sufocá-lo.

Ela simplesmente tolerava os toques de Henry e sua presença em sua cama? Afinal, como ela poderia gostar do que ele fazia com seu corpo quando ela amava outro homem?

Henry não podia acreditar que seus toques a enojavam, a menos que ela fosse uma atriz excelente.

Graças a Deus, ele não se permitiu desenvolver sentimentos profundos por ela. Amar alguém que amava outro seria... lamentável.

Ele pode não a amar, mas gostava muito dela. Muito, na verdade.

Seria sábio colocar alguma distância entre eles. Ele continuaria a ir até ela, é claro - ele precisava de um herdeiro, afinal -, mas ele não dormiria mais a noite toda com ela. A proximidade que estava se desenvolvendo entre eles só levaria a expectativas de sua parte. E dor.

Dez minutos depois - menos conflituoso, embora não menos infeliz - Henry entrou no quarto de sua esposa para encontrá-la lendo na cama.

Ela estava usando uma das camisolas que ele havia pedido para ela, uma seda branca cremosa que tinha quase o mesmo tom de sua pele pálida.

Henry podia ver as sombras de seus mamilos através da renda.

Ela sorriu e deixou de lado seu livro, dando as boas-vindas a ele em sua cama, embora ela amasse outro homem.

De alguma forma, saber que ela fazia o melhor de sua situação o azedou, em vez de agradá-lo.

Pela primeira vez, ele não queria olhar para ela enquanto a tomava. Em vez disso, ele apagou as velas a caminho da cama, até que apenas a lamparina pela qual ela estava lendo permanecesse acesa. Ele alcançou as cortinas da janela e as fechou, deixando o quarto em total escuridão.

Assim que tirou seu robe, ele deslizou por baixo do cobertor. Em vez de tirar a camisola, como ele costumava fazer, ele levantou a bainha até que tivesse exposto os quadris dela. E depois ele abaixou a boca sobre o sexo dela e se deliciou.

Henry adorava o gosto dela e se deleitava com a maneira como seu corpo respondia aos toques dele. Ele se certificou de que ela tivesse pelo menos dois orgasmos antes de se ajoelhar, abrir as coxas dela e entrar nela lentamente, saboreando a doce sensação de esticá-la, fazendo-a sentir cada centímetro de seu membro.

Ele não tinha pressa para o seu prazer e tomou o seu tempo, fazendo com que fosse bom para ela, inclinando os quadris de tal forma que ele a levou ao clímax mais uma vez antes de aumentar o poder e a velocidade de suas estocadas, montando-a com força antes de se render à sua necessidade e se esvaziar dentro dela.

Ele se permitiu descansar um momento, reunir suas forças, e então se afastou do corpo dela e rolou de costas.

O único som no quarto era suas respirações pesadas.

Quando ele finalmente se levantou e se virou para sair da cama, ela disse: — Aonde está indo?

— Eu vou dormir em meus aposentos — ele tentou achar seu robe no chão e o vestiu na escuridão.

— Está descontente comigo, Henry?

— Não — ele mentiu. — Eu só não tenho dormido bem — isso era verdade. — Vou descansar melhor na minha cama — mais uma mentira.

— Oh. Entendo — ela parecia tão pequena e tão... desamparada que ele quase cedeu. Mas então ele se lembrou que ela estava apaixonada por

Avington.

Não, seria melhor assim. Para os dois.

Ele podia ver o contorno fraco dela quando a luz do luar iluminava um pouco sua cama. Ele se inclinou e a beijou na testa. — Obrigado, Annis. Durma bem.

Não até que Henry tivesse vestido seu robe e sentido seu tecido gelado ele percebeu que ela não o respondeu.



Capítulo Vinte e Três

Henry esperava que Julia flexionasse os músculos da única maneira que ela sabia: fazendo-o esperar.

Mas ela apareceu exatamente na hora.

Ele se levantou quando ela entrou. — Por favor, sente-se, Julia.

Era difícil não olhar para ela, mesmo que ele a desprezasse. Objetivamente, ela ainda era a mulher mais bonita que ele já viu. Ela poderia ser ainda mais adorável aos trinta e seis anos do que aos dezesseis. Seu corpo era voluptuoso, e as poucas linhas ao redor de seus olhos adicionavam uma certa textura ao seu rosto perfeito.

Mas, ao contrário de vinte anos atrás, quando ela o deixava duro como uma pedra apenas por existir, ela agora o deixava frio.

Agora ele gostava de olhos que eram um tom mais pálido de azul, cabelos que eram como seda, cor de milho em vez de ouro. E um sorriso que era genuíno em vez de um que zombava, provocava e insultava.

Ela abriu a boca - sem dúvida - para proferir algo confuso, ofuscante ou enredado.

Henry a interrompeu antes que ela pudesse começar. — O primeiro assunto que eu gostaria de discutir é a parte que a senhora se comprometeu a organizar.

Apenas um lampejo de irritação, tão rápido ele percebeu, passou por seu rosto. — Falei com Annis ontem e disse-lhe que vinte e sete de julho seria melhor. Isso servirá? — Sua expressão dizia que sua pergunta era uma mera formalidade.

— Não.

Ela franziu a testa. — Por que não?

— Podemos fazer a festa no dia cinco de agosto e transformá-la na celebração de sempre.

— O senhor deseja sediar uma celebração à St. Oswald este ano? — Ela parecia mais do que irritada. Ela parecia... preocupada?

Henry a observou mais de perto, seus sentidos formigando. — A senhora não parece feliz com essa ideia.

— Não, não, de forma alguma — disse ela apressadamente. — É que não fizemos isso nos últimos dois anos, nem o senhor mencionou isso desde o seu retorno. Eu pensei que tivesse dispensado o ritual um tanto cansativo.

— Teria sido difícil organizar uma festa desde a morte de Charles, considerando que não tínhamos um conde de Rotherhithe, nem a chave para

as relíquias — ele sorriu. — Quanto ao fato de o evento ser cansativo? Bem, felizmente para a *senhora*, minha esposa estará aqui este ano, então não precisará se cansar.

— Sim, certamente — disse ela com força. — Então, o senhor também vai fazer uma exibição, então?

— Naturalmente. Afinal, é dever do atual conde compartilhar a generosidade do lorde com seu povo.

Pela primeira vez, Julia parecia incerta. — Eu não pensei que fosse especialmente religioso.

— Mas também a senhora não me conhece, não é?

Ela sorriu e abaixou os cílios de uma maneira que o teria encantado, no passado. — Eu o conhecia muito bem, Henry.

Foi muito difícil não rir daquilo. — A senhora conhecia um menino de dezesseis anos, Julia.

Seus lábios se curvaram em um sorriso condescendente e superior. — Ah, vejo que o senhor ainda guarda rancor.

— A senhora acha que isso sou eu tendo rancor? — Henry riu dessa vez. — Oh, querida, acredite, quando eu guardar rancor, a senhora o sentirá com mais afinho.

— Obrigada pelo aviso, querido Henry. Mas o senhor não acha que devemos trazer o assunto daquela noite - sua última noite em Stoke e a peça que lhe pregamos - à tona e acabar logo com isso?

Henry olhou em seus olhos azuis perfeitos e não viu vergonha nem arrependimento. Ele sabia com certeza que ela raramente, se alguma vez, pensou em sua última noite em Stoke. Na verdade, ele duvidava que ela tivesse pensado nele. Pelo menos não até que seu marido morreu sem um herdeiro e Henry voltou para a sua vida, rico e no controle de seu futuro. Ele suspeitava que, nos últimos dois anos, ela havia pensado muito nele.

Para Henry, aquela fatídica noite era uma ferida que nunca cicatrizou; era uma ferida que ele cutucava e mantinha aberta, ano após ano. E agora ela queria trazer esse assunto *à tona e acabar logo com isso*?

A última coisa que ele pretendia era expor sua ferida para a mulher que estava na sua frente. A única coisa que tal conversa faria era dar-lhe diversão.

— Não tenho intenção de discutir aquela noite agora, ou nunca, minha querida Julia.

Ela riu.

— Pobre Edmund está certo, então.

— Oh?

— Sim, ele tem certeza de que o senhor guarda rancor e que pretende nos desapossar e nos ver destruídos.

— Edmund não é tão estúpido quanto eu pensava.

Seu sorriso endureceu. — Os advogados foram generosos em me informar que qualquer dinheiro que eu recebesse viria do *senhor*. Está dizendo que vai dificultar minha vida, Henry?

— Por Deus, não. Na verdade, já arranjei homens para trabalharem na Dower House na próxima semana. Se as coisas correrem bem, a senhora poderá se mudar antes do festival cristão. Quanto à anuidade, eu a financiei imediatamente após a morte de Charles e o dinheiro continuará a ser pago pelo resto de sua vida.

Ele não esperava nenhum agradecimento dela, e ela não o desapontou.

— Tenho certeza de que será divertido me ver tentar sobreviver com uma quantia tão escassa.

Henry sorriu.

Ela suspirou. — Eu sei que o senhor não tem obrigação de consertar a casa ou me dar dinheiro.

— A senhora está certa, não há obrigação legal, mas há uma obrigação moral.

— Ouso dizer que devo agradecê-lo.

— Por favor, guarde seus agradecimentos, Julia.

— Suponho que não consideraria me permitir morar na casa de Londres, em vez de na Dower House? — ela teve o descaramento de perguntar.

— Receio que não. Um amigo meu viverá na Casa Rotherhithe, no futuro próximo.

Seus lábios se contorceram em um sorriso amargo. — O senhor sabe que seria melhor se eu não morasse na sua porta.

— Melhor para quem?

— Para nós dois — ela retrucou. Sua máscara escorregou e ela permitiu que seus olhos brilhassem com a aversão que sentia por ele. — Certamente o senhor não é um camponês tão ignorante que não consegue ver isso?

Henry sorriu, começando a se divertir. — O que a senhora pode esperar do filho de uma criada, minha querida?

Julia deu uma gargalhada áspera. — Oh, como o senhor deve estar se divertindo neste momento.

Henry não discutiu com ela. — Então, a senhora acredita que eu deveria comprar uma casa para que morasse em outro lugar quando há uma casa perfeitamente boa aqui?

Ela se levantou, espetando-o com um olhar de desdém. — Eu me recuso a me contorcer para sua diversão. Se isso era tudo o que queria dizer, posso ir?

— Deixe-me abrir a porta.

— Não se incomode — ela saiu apressada, batendo a porta quase tão alto quanto Edmund havia feito no dia anterior.

Henry esperou algum sentimento de satisfação inundá-lo, mas ele não sentiu nada, exceto uma vaga sensação de vergonha por ter intimidado uma mulher sem absolutamente nenhum poder.

Isso é o que ele se tornou: um valentão.



As semanas passaram em um borrão agitado, o que era bom, já que Annis não queria ter muito tempo em suas mãos para refletir sobre o que havia acontecido com seu casamento brevemente feliz.

Não que a vida dela fosse desagradável. Na verdade, além de Henry dormir em sua própria cama à noite, eles se davam bem.

De fato, eles passaram não um, mas dois dias adoráveis juntos em York. Em ambas as ocasiões, Henry tirou um tempo de sua agenda lotada para explorar a cidade e visitar o Monastério com ela.

Ele vinha até ela todas as noites e dava a ela a maior alegria física que ele poderia dar, ensinando a ela maneiras novas e excitantes de agradar um ao outro.

Embora passassem pouco tempo juntos durante o dia, isso era o resultado de uma exigência em vez de qualquer desejo de evitar a companhia um do outro.

Henry estava trabalhando duro para colocar a casa e a propriedade em ordem, antes do inverno chegar. Para Annis, havia a restauração de Stoke, das casas de sucessão, e os preparativos aparentemente intermináveis para a Festa de St. Oswald.

Então, sim, ambos estavam terrivelmente ocupados.

E se talvez houvesse um pouco mais de reserva na atitude de Henry em relação a ela do que durante os primeiros dias do casamento, isso era compreensível, já que ele vivia entre pessoas que ele não gostava.

Julia e Edmund, também, mudaram em seu comportamento. Ambos haviam deixado de lado seus modos educados, e nenhum deles fez qualquer esforço para mascarar sua aversão a Henry.

Annis ficou muito feliz por, Dower House estar pronta para ocupação logo após a festa de comemoração, apenas uma semana depois. Enquanto Annis se dava bem com Julia, ela não gostava do efeito que a presença da outra mulher tinha em Henry.

Não que Julia planejasse morar em sua nova casa por muito tempo.

— Vou me juntar a uma amiga da escola em Paris que gentilmente me convidou para visitá-la pelo tempo que eu quiser — Julia anunciou no jantar algumas noites antes.

— Engraçado que nunca mencionou essa amiga antes, querida Julia — Edmund havia atirado.

E isso era outra coisa. Edmund e Julia, brigavam um com o outro tanto quanto ambos *tentavam* brigar com Henry.

Annis ficou aliviada ao saber que Julia estava saindo em uma longa viagem. Porque Henry insistia em colocá-la tão perto de Stoke, ela não sabia. A essa altura, ela descobriu que sua riqueza estava muito além do que ela esperava. Como seus antepassados distantes, seu império marítimo era um dos maiores da Grã-Bretanha. Ele poderia facilmente se dar ao luxo de abrigar Julia em York - ou mesmo Londres - em algum lugar em que ela estaria muito

mais feliz e fora do caminho.

Infelizmente, Annis não sentiu que tinha o direito de interferir nos negócios da família, então manteve a boca fechada.

E depois havia o Edmund.

Annis acreditava inicialmente que forçar Edmund a truncar o arrendamento de sua propriedade era cruel e desnecessário. Mas três semanas passadas na proximidade do herdeiro de seu marido a convenceram de que uma vida de lazer era prejudicial para Edmund.

Administrar sua própria propriedade lhe daria uma razão para se levantar de manhã, não às duas ou três horas da tarde. Ele bebia copiosamente no jantar e Annis sabia, conversando com Grace, que ia à aldeia na maioria das noites para farrear no pequeno pub.

A cada dia Edmund se tornava mais agressivo com Henry.

A cada dia, Henry se tornava mais frio, mais arrogante e mais desapegado.

A cada dia, a atmosfera de violência fervilhante a deixava mais ansiosa. Quanto mais cedo Edmund se fosse, melhor.

— Pare de pensar neles — Annis murmurou baixinho enquanto corria em direção ao vicariato. Henry preferia que ela pegasse a charrete ou montasse a bela égua que ele havia comprado para ela, mas Annis adorava caminhar e sentia falta das longas caminhadas que fazia em Londres.

Quanto a levar um servo com ela, não gostava que aguardassem enquanto Grace a acordava ou que um laçao ficasse preocupado em esperá-la caso se atrasasse.

Verdade seja dita, Annis precisava de um tempo sozinha. Ela nunca havia morado com tantas pessoas, a maioria das quais estava lá para servi-la, como agora. Isso a oprimia, manter tantos criados ocupados e direcionados, então ela gostava dessas caminhadas de meia hora sozinha.

O vigário e sua esposa, Sra. Townshend, se comportaram como se Annis fosse da realeza quando a viram.

— A senhora gostaria de chá, milady? — a Sra. Townshend vibrou de uma forma que fez Annis se sentir ansiosa e culpada por causar tanto alvoroço.

— Receio que eu não possa ficar. Só parei para entregar seu convite para o jantar de St. Oswald.

A Sra. Townshend fez mais alvoroços. — Oh, minha nossa, entrega pessoal! Que honra!

E assim por diante.

Annis só podia sair com a desculpa de que precisava chegar ao mercantil antes que fechasse. Mesmo assim, não foi fácil.

— Ora, a Sra. Coleman ficaria feliz em abrir para a senhora se ela estiver fechada — disse o vigário.

— Ela não precisará, espero — disse Annis, saindo apressadamente.

Mas Annis logo temeu que não chegaria à loja a tempo, pois todas as pessoas em Stokely a impediram para dizer algo ou agradecer por algo.

Annis nunca viu Henry com os aldeões, então ela não sabia como eles se comportavam ao redor dele, mas eles trataram Annis como se ela andasse sobre a água. Ela suspeitava que era porque tinha visitado pessoalmente a maioria deles.

Ela ficou surpresa ao saber que Julia não visitava inquilinos há décadas. Aparentemente, ela não abraçou nenhum dos deveres que acompanhavam sua posição. Quanto mais Annis descobria sobre Julia e seu falecido marido, mais ela entendia que o casamento deles era profundamente infeliz. Nem o conde nem Julia pareciam se importar com muito além de seu próprio prazer.

Por causa da popularidade de Annis, ela teve menos de dez minutos para comprar as poucas coisas de que precisava quando finalmente chegou ao mercantil.

Mais quinze minutos para trocar mais gentilezas com a Sra. Coleman, a dona da loja, e várias outras pessoas a caminho da aldeia e logo eram quase seis horas, e ela tinha que se apressar, ou chegaria atrasada para o jantar.

Ela pegou o atalho pela floresta, o que a levou até a Dower House.

Annis fez uma pausa quando chegou à casa, curiosa para ver o trabalho que haviam feito desde a última vez que ela passou por lá, uma semana antes. O novo telhado já havia sido colocado, e eles substituíram as vidraças quebradas. A porta da frente tinha sido recém-pintada e...

A porta em questão se abriu, e duas mulheres e um homem saíram dela. Uma era Julia, mas ela não reconheceu a outra mulher.

Então Annis olhou para o homem e o chão pareceu abrir debaixo dela.

— Boa tarde, Annis — disse Julia, aparentemente sem saber que a terra tinha acabado de se inclinar descontroladamente em seu eixo. — Este é o Sr. Gates e sua irmã, Srta. Gates. O Sr. Gates está desfrutando de férias no Dales antes de aceitar o vicariato em Kent. Eles estavam procurando o poço dos desejos, mas se perderam e me encontraram, em vez.

Todos os três riram.

— Sr. e Sra. Gates, esta é minha querida prima, Lady Rotherhithe.

Como um fantasma ou um pesadelo, Richard Leech veio em sua direção, seus olhos castanhos excitados e brilhando de diversão. — É um prazer conhecê-la, milady — disse ele, curvando-se quando ela não conseguiu oferecer sua mão.

Annis só conseguia olhar fixamente.

— Boa tarde, milady — cumprimentou a Srta. Gates, fazendo uma reverência graciosa.

— Annis? Há algo errado? A senhora está pálida — o belo rosto de Julia se enrugou de preocupação.

Recomponha-se. Agora!

— Não, estou apenas um pouco sem fôlego por sair correndo pela aldeia — disse ela, sua voz rouca.

Julia olhou para o pequeno relógio que mantinha preso ao corpete e fez uma careta. — Minha nossa! Está tarde. É melhor nos apressarmos, minha

querida, ou chegaremos atrasadas para o jantar — ela se virou para Richard - ou qualquer que fosse o nome dele - e para a mulher. — Se virar à esquerda na placa de identificação, em vez de à direita, encontrará o caminho que leva ao antigo poço.

— Foi um prazer conhecê-la, Lady Rotherhithe — Richard fez uma reverência, sorriu, e então os dois voltaram para a estrada.

Annis usou todas suas forças para não começar a correr.

— Ora, — disse Julia ao lado dela. — A senhora *está* com pressa.

Annis havia esquecido de Julia. — Perdoe-me — ela desacelerou seu ritmo vertiginoso.

— Henry é tão tirano que a castiga se atrasar-se para o jantar — Julia riu, mas Annis ouviu a amargura em sua voz.

Ela ignorou o comentário.

— Que irmão e irmã simpáticos são o Sr. e a Srta. Gates — disse Julia. — É uma pena que eles estejam aqui apenas para o feriado. Eu amo o Reverendo Thompson, mas ele *está* ficando velho. Seria bom ter um jovem vigário cheio de energia e vigor como o Sr. Gates. A senhora não acha?

Annis teve que engolir risadas histéricas. Ela fez um barulho descomprometido, em vez de arriscar abrir a boca.

A caminhada de dez minutos passou em um borrão, com Julia conversando. Annis provavelmente não disse cinco palavras, mas Julia não pareceu notar.

Quando Annis chegou ao seu quarto, ela fechou a porta e desabou contra ela.

Como isso foi acontecer? Era apenas uma coincidência? Afinal, o Sr. Leech disse que estava aceitando um vicariato em Yorkshire. Obviamente, ele mentiu sobre a parte de ser curador, mas talvez ele pretendesse vir para Yorkshire todo esse tempo?

Mas Yorkshire era um grande condado - o maior da Grã-Bretanha - quais eram as chances de ele acabar na porta de Annis?

Ela sentiu a porta se mover atrás dela e percebeu que alguém estava tentando entrar. Ela se afastou, as pernas tão instáveis quanto as de um potro recém-nascido.

— Oh, eu não a vi entrar, milady — disse Grace. — Eu descí para procurá-la, mas Sua Senhoria não a tinha visto.

— Não, acabei de chegar.

— Eu não acho que a senhora terá tempo para tomar banho antes do jantar, milady. Eu tirei o azul e a prata, como a senhora queria.

Annis sentiu como se estivesse enlouquecendo, se vestindo como de costume e respondendo a perguntas mundanas sobre banhos e roupas enquanto o homem que quase destruiu sua vida - e a de sua avó - estava a poucos minutos de distância.

Isso devia ser um pesadelo. Isso não poderia estar acontecendo.

Mas estava.

Oh, meu Deus. O que ela faria?



Capítulo Vinte e Quatro

— **T**em certeza de que está disposta a isso? — Henry perguntou quando Annis o convidou para seus aposentos.

Ele estava mais do que preocupado com a esposa. Ela estava péssima no jantar. E depois ela se sentou no escritório dele com um livro nas mãos, sem virar uma página.

— Sim, estou bem — assegurou-lhe, seu sorriso forçado.

— Então subirei em meia hora.

Depois que ela saiu, Henry se virou para a mensagem que estava esperando por ele depois do jantar.

Era conciso, mas então Jonathan Green era um homem de poucas palavras, uma das razões pelas quais Henry o havia contratado em Londres.

— Cheguei há apenas algumas horas. Não o contactei imediatamente, pois estava ocupado seguindo nossa presa. Estou hospedado no Crown sob o nome de Ned Bowen. Eu tenho uma quantidade significativa de informações para transmitir-lhe. Por favor, informe quando e onde podemos nos encontrar.

Henry rapidamente anotou uma resposta igualmente breve e chamou um laçao.

O laçao abriu a porta alguns momentos depois. — Por favor, entregue isso a Haskell e diga-lhe para entregá-lo no Crown imediatamente — Haskell era um dos novos cavaleiros que ele havia contratado antes de deixar Londres. Jonathan Green havia recomendado o homem, e Henry confiava nele implicitamente.

Assim que o criado saiu, Henry jogou a mensagem de Green no fogo e apagou as velas antes de sair. Assim que ele estava fechando a porta de seu escritório, ele viu um vislumbre azul real pelo canto do olho, da mesma cor de uma das capas de Julia.

Henry franziu a testa. Era quase meia-noite; o que diabos ela estava fazendo?

Ele mal hesitou antes de descer as escadas atrás dela.

Mas quando ele chegou ao térreo, apenas alguns segundos atrás de Julia, não havia nenhum sinal dela. Como diabos ela desapareceu tão rápido?

Ele investigou as salas pelo corredor, mas todas estavam vazias. Assim que ele fechou a última porta, uma criada veio do corredor que levava ao vestíbulo.

— Lady Rotherhithe passou por aqui?

O medo inundou os traços da garota, como se Henry pudesse comê-la. —

A condessa, milorde?

— A viúva — ele esclareceu, não pela primeira vez desejando que houvesse um título menos confuso para Julia.

— Não, milorde. Eu não passei por ninguém.

O que fez Henry se perguntar por que ela precisava de esclarecimentos sobre as mulheres, mas ele deixou o assunto em paz e voltou a subir as escadas. O que quer que Julia estivesse fazendo, ele não tinha tempo de segui-la; ele já estaria atrasado para o quarto de Annis.

Enquanto ele fazia a jornada não insignificante para seus aposentos, ele pensou em como ela parecia no jantar: assustada.

Henry desejou desesperadamente que ela confiasse nele, mas ele lhe deu várias oportunidades para esclarecer as coisas e ela não lhe disse nada. Ele dificilmente poderia importuná-la para dizer a verdade quando ela já havia afirmado fazê-lo.

Talvez não precise atormentá-la, mas apenas mostrar-lhe alguma bondade.

Nunca sou cruel com ela.

Cruel, não, mas tem andado reservado e distante desde aquela carta de Avington, e sabe disso. E ela também.

A acusação, que tinha mais do que um grão de verdade, irritou Henry. Ele a manteve distante nas últimas semanas. Não para puni-la por seu apego a Avington - ou assim ele disse a si mesmo -, mas para se impedir de desenvolver... expectativas.

Talvez possa confessar o que sabe em vez de esperar que ela lhe diga.

Mas Henry não podia. Ele simplesmente não podia.

Quando seu valete terminou de fazer a barba, ele estava quinze minutos atrasado e Annis se assustou quando ele entrou no quarto dela. Pela primeira vez, ela não estava lendo, apenas olhando fixamente para a parede oposta.

— Desculpe-me pelo atraso — em vez de apagar as velas, como ele vinha fazendo há semanas quando ia para a cama dela, ele as deixou acesas. Ele precisava vê-la.

— Pensei que não viria — ela estava plissando o lençol, seus movimentos bruscos e ansiosos.

Conte-me. Conte-me. Conte-me, ele implorou silenciosamente.

Em vez disso, ela escureceu a lamparina ao lado da cama, deixando apenas as velas atrás de Henry acesas.

Sombras dançavam em seu rosto pálido quando Henry se sentou na cama. — Annis, está...

Ela saiu de baixo da roupa de cama e se lançou no colo dele, montando suas coxas e cobrindo sua garganta com beijos quentes e frenéticos enquanto ela aterrava sua fenda macia contra seu membro dolorido.

Henry gemeu e pulsou os quadris, acariciando-se contra o tecido sedoso de seu robe, que era tudo o que separava sua boceta doce de seu membro.

— Preciso vê-la — ele facilmente a afastou, mesmo que ela resistisse.

— Não — ela choramingou. — Eu não terminei ainda.

Ele ignorou sua reclamação e se contorceu e baixou o olhar para onde sua camisola transparente se arregalara em torno de seus quadris nus, expondo o triângulo dourado de cachos ao seu olhar faminto.

Cristo, ela era linda. Henry veio até ela na escuridão nas últimas semanas para conter seus impulsos. Senhor, mas ele sentia falta de vê-la.

Ele deslizou um dedo entre seus lábios amuados e massageou levemente seu clitóris, sorrindo com os sons que ela fazia enquanto provocava seu botão inchado.

A mão dela se fechou sobre o pulso dele. — Por favor — ela implorou com uma voz rouca. — Nunca me deixa lhe dar prazer.

Henry poderia facilmente ter se livrado das mãos dela, mas ele estava curioso para saber o que ela faria, então ele assentiu e a soltou.

Ela se inclinou para frente e fechou a boca quente sobre o mamilo dele.

Henry sibilou enquanto ela o chupava, se erguendo contra ela e rolando os quadris, o movimento acariciando seu membro, que ainda estava preso debaixo de seu maldito robe. Ela o encontrava estocada a estocada e eles caíram em um ritmo erótico que satisfizesse os dois se o som de ronronar que ela estava fazendo era algo para comparar.

Quando seus movimentos se tornaram erráticos, Henry alcançou entre suas coxas, com a intenção de levá-la ao clímax.

Mas Annis soltou seu mamilo com um *estalo* úmido e se recostou, com as mãos delicadas estendidas sobre seu peitoral. — Não. Sempre toma conta de mim. Eu quero cuidar de *você* — ela olhou para ele com olhos que brilhavam como safiras sob suas pálpebras pesadas. — Me ensinará?

Ele pegou o pulso dela e moveu sua mão em direção à abertura de seu roupão.

— Não — disse ela novamente, as pálpebras ainda mais caídas, manchas gêmeas de vermelho brilhante florescendo em suas bochechas. — Com a minha boca.

Suas bolas, já cheias e doloridas, enrijeceram com as palavras dela.

Ela abriu os lábios e, em seguida, deliberadamente passou a língua sobre a inferior.

Henry rosnou e a levantou do colo antes de se levantar. Ele tirou o robe, sorrindo para a maneira como a respiração dela falhava quando ela olhou para a evidência de seu desejo por ela.

— Tire sua camisola e depois sente-se na cama com as pernas cruzadas — ele ordenou.

Ela rapidamente obedeceu, expondo seu corpo aos olhos gananciosos dele.

Henry desviou o olhar por tempo suficiente para localizar o pequeno conjunto de degraus que ele nunca usou, movendo-os até que estivessem na frente dela. Quando ele pisou na primeira plataforma, ficou com o corpo no nível certo.

Teria sido mais fácil tê-la ajoelhada no chão, mas os tapetes eram velhos e

finos, e ele não queria que ela ficasse mais desconfortável do que ela precisava nessa primeira vez. Ele já estava preocupado que seu membro grosso não coubesse em sua pequena boca de botão de rosa.

Ele pegou a mão dela e fechou os dedos ao redor dele, logo abaixo da coroa. — Use meu prepúcio para me acariciar. Assim — ele moveu a mão dela em um gesto de bombeamento, expondo a cabeça avermelhada e úmida, deslizando a palma da sua mão antes de empurrar a mão de volta para baixo.

— Sim — disse ele, rouco, enquanto a mão dela apertava mais. — A cabeça é a mais sensível, especialmente logo abaixo da fenda. Use a língua e os lábios. Apenas certifique-se de não usar os dentes.

Ela sorriu com isso, sua expressão ansiosa o fazendo latejar por ela.

Observá-la pegá-lo era tão erótico quanto o calor sedoso de sua boca. Os lábios dela se esticaram para acomodar seu perímetro, até que fossem uma linha fina e rosa.

Henry gemeu com a visão e prudentemente fechou a mão em torno da base de seu membro e apertou enquanto ela usava os lábios e a língua para explorá-lo, tomando-o um pouco mais fundo.

— Não tente colocar tudo na boca — ele advertiu com uma voz tensa. — Mmm, assim — ele elogiou enquanto ela balançava a cabeça. — Agora chupe-me.

Ela estremeceu com o comando bruto dele, seus olhos negros de paixão enquanto seguravam seu olhar, a língua acariciando e as bochechas escavando enquanto ela tentava coordenar sucção, lambida e bombeamento.

— Sim — ele sibilou. — Está me fazendo sentir tão bem, Annis — ele usou um dedo para contornar onde os lábios escorregadios dela envolviam seu membro. — Tão bonita.

Ela o arranhou um pouco, mas Henry não se importou. Sua Annis era uma aprendiz rápida e, uma vez que ela se esquecia de ficar envergonhada com os sons molhados e de chupar, que seu esforço tão grande estava criando, seus movimentos se tornaram mais confiantes.

Ele passou os dedos pela massa grossa de cachos dela, lutando para manter o toque leve quando o que ele realmente queria, era montar sua doce boca, como um demônio.

Em vez disso, ele pulsou os quadris em um movimento quase imperceptível, deleitando-se com a visão de seu comprimento deslizando para dentro e para fora de sua boca.

Ele queria fazer com que aquilo durasse, mas rapidamente, ele teve que pará-la. Henry não queria esvaziar em sua boca e enojá-la. Ele adorava o quanto ela queria agradá-lo. A última coisa que ele queria era destruir seu entusiasmo inocente.

Havia outra razão pela qual ele não queria esvaziar na boca dela. Porque colocar um bebê na barriga dela se tornou uma obsessão para ele. Nunca ele quis tanto um filho - ou uma família - e, no entanto, agora a ideia de uma garotinha que se parecesse com ela, ou um menino que fosse grande como ele,

mas a aparência elegante e a disposição radiante de sua mãe, se tornou algo com que ele até sonhava.

Havia também o desejo primitivo de marcá-la de uma maneira que fosse clara para o mundo.

Quer dizer clara para Avington.

Tudo bem, sim. Claro para Avington. Ele pode ter o coração de Annis, mas pelo menos Henry estava vivendo a sua vida com ela e teriam filhos juntos.

Henry estava se aproximando do pico de seu autocontrole, então ele colocou a mão no ombro dela e acalmou seus movimentos antes de remover cuidadosamente seu membro do céu.

Os lábios de Annis se agarraram a ele, sua língua pequena lambendo sua fenda para atraí-lo de volta.

— Não está facilitando, querida — disse ele com os dentes cerrados, indescritivelmente excitado com o desejo dela por ele.

— Eu fui muito ruim, Henry?

— Foi incrível — ele a assegurou, empurrando-a de costas enquanto subia na cama e afastava suas coxas. — Mas eu quero estar aqui — ele empurrou um dedo entre seus lábios inchados, rompendo sua entrada apertada e dedilhando seu canal apertado com golpes profundos e vigorosos até que ela estivesse se contorcendo e lutando e o encharcando com seu prazer.

Uma vez que seu corpo estava sem força e relaxado, ele retirou seu dedo liso e o lambeu, sorrindo para seu olhar atordoado.

— Henry — ela sussurrou, seus olhos comicamente enormes, suas bochechas escarlates brilhantes. — Isso é tão *perverso*.

Ele sorriu e se posicionou entre as coxas dela, deslizando as mãos por baixo das nádegas para levantá-la e se alinhar. E então, ele entrou nela com um golpe duro e longo.

Suas costas se arquearam para fora da cama enquanto ela o tomava inteiro, sua bainha apertada flexionando com força suficiente para ser dolorosa, mas oh que dor esplêndida era.

Henry se inclinou de uma maneira que daria prazer aos dois e depois começou a estocar mais forte do que nunca, de repente desesperado para estar nela o mais profundamente que pudesse.

Annis era como uma coisa selvagem quando ele bombeava dentro dela. Ela marcou o peito dele com as unhas, os quadris se contraindo para encontrar os dele, os gritos ecoando alto no vasto quarto.

— Henry!

Henry se rendeu à sua própria necessidade quando ela gozou, martelando-a com uma enxurrada de estocadas selvagens antes de se erguer e esvaziar as bolas dentro dela. Seu corpo estremeceu com cada espasmo de seu membro e ele a encheu com jato após jato de semente. Annis o segurou com força enquanto suas contrações internas o ordenhavam, até que não restasse nada.

Henry começou a rolar para fora dela, mas ela envolveu as pernas em

torno dele, segurando-o com força contra seu corpo. — Fique — ela sussurrou. — Deite-se comigo por um momento. Eu quero isso, Henry. Por favor.

Henry assentiu. *Somente por um minuto, não mais*, ele prometeu a si mesmo.

Mas ele deve ter cochilado por mais do que alguns minutos porque suas costas estavam frias quando ele acordou.

— Estou a esmagando — ele murmurou grogue, rolando para fora dela.

— Não, não está — ela ofegou.

Henry não queria nada mais do que colocá-la sobre seu peitoral e dormir.

Mas isso seria um erro, um erro *grave*.

Antes que ele pudesse se sentar, ela agarrou o antebraço dele, os dedos cavando a protuberância muscular, a mão pequena não chegando perto de abranger seus bíceps. — Durma comigo esta noite.

A súplica em seus olhos fez algo com a respiração dele.

— Fique só um pouquinho.

Henry sabia que se arrependeria dessa decisão mais tarde, mas assentiu. — Deixe-me apagar as velas primeiro.

Quando ele voltou para a cama, ela puxou os cobertores para ele. Ele mal havia se deitado quando o pequeno corpo dela pressionou contra o dele, de costas para a frente dele.

Henry deu um suspiro de contentamento e ignorou a voz de aviso muito fraca em sua cabeça.

Amanhã ele poderia lidar com a voz.

Esta noite, ele dormiria com sua esposa.



Capítulo Vinte e Cinco

Annis vivia com medo constante de receber uma mensagem de Richard.

Ela não era estúpida; agora que ele sabia quem ela era, ele iria tirar proveito de suas conexões, assim como da última vez.

Mesmo os dias que antecediavam a Festa de St. Oswald, fossem uma corrida louca, ela não saiu de casa, enviava criados para fazerem as tarefas ou viagens a Stoke. Ela estava se comportando como uma criança, se escondendo de Leech e fingindo que ele não poderia machucá-la se ela não o visse.

Mas agora havia uma tarefa, que ela não podia delegar a um criado.

— É uma tradição para a senhora de Stoke entregar as cestas de St. Oswald — disse Julia a Annis na noite passada, quando as duas se retiraram para a sala de estar após o jantar.

Annis ficou surpresa por a outra mulher ter se juntado a ela. Ela também ficou desapontada, pois esperava ir ao escritório de Henry e conversar enquanto via algumas correspondências.

Mas ela mal podia implorar, quando raramente via Julia nos últimos dias. Além disso, Julia iria embora em menos de uma semana; Annis poderia aguentá-la até lá.

A antipatia entre Henry e Julia agora corria em ambas as direções. O que quer que tivesse acontecido entre eles, Julia evitava Henry tanto quanto ele a evitava.

— Eu a acompanharia para entregar as cestas se não estivesse tão ocupada — Julia disse quando Annis perguntou se ela viria com ela.

Julia ficou apenas meia hora na sala de estar antes de se retirar para seus próprios aposentos, quase como se *tivesse* se juntado a Annis somente para dar a notícia sobre as cestas.

Talvez ela tivesse. Afinal, apesar da afirmação inicial de Julia de que *ela* queria organizar a festa de boas-vindas, foi a única que cuidou de todos os aspectos de tomar conta de Stoke e da organização do banquete e do baile.

Annis nunca organizou uma festa em sua vida.

Graças a Deus pela Sra. Jenkins, que gentil e eficientemente a guiou através dos inúmeros detalhes envolvidos em um empreendimento tão grande.

— O banquete e o baile foram muito menores nos últimos anos — confessou a governanta enquanto organizava o mapa de assentos para o jantar, que era apenas para a nobreza local, enquanto o baile seria aberto a todas as pessoas.

— Quantas pessoas costuma colocar sentadas? — Annis perguntou.

— Vinte no máximo.

E este ano eles teriam quarenta.

— Mesmo anos atrás, quando o velho conde ainda estava vivo, não havia tanta extravagância. A Sra. Jenkins acrescentou. — Mas Sua Senhoria insistiu que convidássemos todos de qualquer nível social para jantar e que tivéssemos comida e bebida suficientes para acomodar todas as pessoas que vivem na área. Será uma maneira magnífica de celebrar seu retorno ao lar — um sorriso pequeno, mas extremamente satisfeito, pairava em torno de sua boca.

Divertia Annis o quanto a governanta, bastante reservada adorava Henry. Ela não pôde deixar de desejar que se sentisse confortável o suficiente com o marido para perguntar sobre seu relacionamento com a mulher mais velha, mas ele não ofereceu nada, então Annis manteve suas perguntas para si mesma.

De qualquer forma, ela tinha gostado bastante de organizar a festa com a ajuda da Sra. Jenkins, pelo menos ela tinha, até ver Richard Leech.

Desde aquele encontro horrível, Annis não conseguia ficar feliz por cinco minutos antes de se lembrar de que ele estava à espreita em algum lugar próximo. A única vez que ela realmente esquecia-o, era à noite, quando ela estava na cama com Henry.

Infelizmente, Annis precisaria passar por mais um dia antes de poder estar na cama com ele novamente.

Mesmo que ela entregasse todas as cestas sem ver Richard hoje, ela sabia que ele poderia entrar em Stoke no dia de St. Oswald. Afinal, eles convidaram todos para o baile.

Conte ao Henry, Annis. Diga-lhe agora antes que Richard faça qualquer exigência. Deve isso a ele. Deve a ele...

Uma batida em sua porta perturbou a intimidação familiar.

— Entre — Annis respondeu.

A porta se abriu e Gordon, seu laçao favorito, apareceu na soleira. — O cabriolé está carregado, milady.

— Obrigada, Gordon, já vou descer — Annis se virou para Grace, que estava envolvida em alguma confusão de última hora com seu chapéu.

— Estamos quase terminando? — ela perguntou. Grace levaria o dia todo para prepará-la se não fosse checada.

— Sim, milady — Grace correu para pegar sua capa no vestíbulo enquanto Annis olhava sem ver o reflexo.

Vá contar ao Henry agora mesmo.

Direi a ele se Richard fizer alguma exigência. Ele pode estar aqui por coincidência.

A voz gritou ruidosamente com isso.

Annis não poderia culpá-la.



Às quatro horas daquela tarde, Annis começou a esperar que pudesse escapar ilesa.

Eles já haviam entregado vinte e nove cestas, tiveram vinte e nove visitas embaraçosas e educadamente recusaram vinte e nove ofertas de chá.

— Só faltam mais três cestas — disse Gordon depois de subir no assento do cabriolé ao lado dela.

— Quem é o próximo?

— Horace Brown. Não deve levar mais de dez minutos para chegarmos à sua casa.

Annis se forçou a relaxar e aproveitar o belo dia, embora estivesse com uma forte dor de cabeça. Durante toda a manhã e à tarde, seus olhos dispararam constantemente, pois ela esperava que Leech saltasse de trás de cada arbusto e árvore.

E então, quando ela parou de esperar por ele, ela o viu.

Por um momento, ela acreditou que era uma miragem. Mas então Gordon disse: — Oh, ali está o pároco visitante, o Sr. Gates e sua irmã.

Então, não era uma alucinação.

— Boa tarde, milady — gritou Leech, acenando para eles.

— Devo parar? — Gordon perguntou em voz baixa.

Annis não podia ordenar que ele *passasse por cima* dele, então ela assentiu.

Antes que o cabriolé parasse, ela disse: — Boa tarde, Sr. Gates, Srta. Gates. Receio que não tenhamos muito tempo para conversar.

Ao lado dela, Gordon se encolheu com sua grosseria.

Leech parecia mais divertido do que ofendido. — Não teríamos interrompido sua missão de misericórdia, mas a pobre Laura torceu o tornozelo enquanto pulava uma cerca. Seria muito *inconveniente* pegar uma carona de volta para a aldeia?

— É claro que não — ela mentiu. — Mas eu tenho várias outras entregas para fazer primeiro, então pode ser mais rápido se a senhorita for andando.

Gordon olhou para ela; a boca aberta.

— Eu não me importo de esperar em seu cabriolé — Laura assegurou-lhe. — Tirar meu peso do tornozelo vai ser muito melhor.

Annis rangeu os dentes. — Tudo bem — mas a senhorita vai ter que sentar-se no banco de trás. Gordon vai lhe abrir um espaço.

— Obrigada, senhora é muito gentil — Richard sorriu para ela antes de ajudar a *irmã* a subir atrás.

Logo eles estavam andando de novo. Felizmente, o cabriolé fazia muito barulho para poder conversar com seus passageiros. Não que Annis pudesse ter falado com qualquer um dos *Gates* sem rosnar.

A entrega seguinte foi em poucos minutos na estrada, para que Annis pudesse escapar do par enquanto ia até a pequena casa. Gordon a acompanhou, carregando a enorme cesta em ambos os braços.

Como de costume, a senhora da casa ficou muito feliz em vê-la e implorou para dar-lhe refresco.

Annis queria morar com a mulher em vez de voltar para o cabriolé.

Em vez disso, ela educadamente recusou o refresco e voltou a sofrer durante a hora seguinte.

No momento em que entregaram a última cesta, Annis estava tão tensa quanto uma corda de arco.

Ela esperava deixar os dois no Crown e ir embora imediatamente, mas ela deveria ter adivinhado.

— Ah, maldição — disse a Srta. Gates enquanto o irmão a ajudava a descer. — Devo ter deixado minha retícula na chapelaria mais cedo e ela está prestes a fechar.

— Que desatenta é, minha querida — repreendeu Richard, seu olhar deslizando para Gordon. — Poderia buscar a bolsa da minha irmã enquanto eu a ajudo a subir para o quarto, gentil senhor?

Gordon deu a Annis um olhar curioso. Annis podia ver o pobre jovem preocupado que - mantendo seu comportamento rude - ela negaria esse simples pedido de ajuda.

De que adiantava prolongar mais aquilo? Ela poderia muito bem ouvir o que Leech queria. Não que ela não pudesse adivinhar.

— Por favor, traga a bolsa da senhorita, Gordon.

No segundo que Gordon estava fora de alcance, Leech sorriu, seus olhos brilhando maliciosamente. — Ora, querida Annis! Que tarefa tem sido termos um momento a sós, agora que é uma grande dama.

— Seja o que for que estiver querendo, não vai conseguir — Annis sibilou.

Leech deu uma risada zombeteira. — Oh, minha querida e iludida Annis. Claro, vai me dar o que eu quero. A menos que queira arrastar o nome e a reputação do seu marido pela lama.

— Lorde Rotherhithe, não dá a mínima para o que as outras pessoas pensam.

— Ele vai se importar quando sua esposa estiver enfrentando acusações de roubo.

— Contar ao meu marido sobre mim significaria confessar seus próprios crimes, Sr. Leech - ou qualquer que seja o seu nome, embora Leech certamente lhe caia bem - para que suas ameaças sejam vazias.

Ele encolheu os ombros. — Se não se importa com a reputação do seu marido, talvez se importe com a da sua pobre avó? Atrevo-me a dizer que sua vida se tornaria intolerável se a pequena aldeia de Cockleshams soubesse que ela abrigava uma ladra em seu meio. Algumas pessoas podem alegar que Lady Cecily *sabia* o que estava fazendo e encorajou isso. Afinal, ela vivia com tão pouco.

Medo e fúria travaram uma luta dentro dela. — Graças a *você*, ela tinha ainda menos para viver, sua cobra vil e nojenta. Se acha...

— Aí vem seu criado — disse Richard calmamente, sem mais sorrir. — Encontre-me na Dower House à meia-noite. Caso contrário, não vai gostar das consequências.

— Receio que sua bolsa não estava na chapelaria, Srta. Gates — disse Gordon.

A Srta. Gates, que apenas assistiu Leech e Annis discutirem com um sorriso de diversão sombria no rosto, disse: — Oh, meu Deus, que tola eu sou! Lembro-me agora que está no meu quarto. Sinto muito mesmo.

Annis mal conseguiu passar pelas despedidas prolongadas sem gritar.

Ela manteve as mandíbulas bem fechadas até chegar em casa, grunhindo rudemente ou acenando com a cabeça para qualquer coisa que o pobre Gordon dissesse.

O que, em nome de Deus, ela ia fazer?



Henry observou Annis conversando com o Sr. e a Srta. Gates - que eram na verdade um casal chamado Richard e Martha Loring - do quarto de Jonathan Green no Crown and Antler Inn.

Sua esposa estava olhando para os Lorings, com total aversão.

Seu lacaio, Gordon, havia fugido para algum lugar, sem dúvida em uma missão forjada, deixando Annis e os dois ladrões sozinhos.

— Loring está à espreita em sua casa nos últimos cinco dias — disse Green ao lado dele. — Ele e sua esposa se encontraram com a viúva novamente na noite passada.

— E quanto a Edmund? — Henry perguntou. — Ele se encontrou com eles?

— As únicas coisas que o visconde Singleton encontrou, foram várias dúzias de cervejas caseiras no bar do hotel.

Henry bufou com a avaliação seca. Ele gostava muito de Jonathan Green e estava planejando oferecer ao homem emprego permanente uma vez que essa tarefa terminasse. Com seus óculos de aro de arame e estatura esbelta, Green não parecia nada com a percepção popular de um Bow Street Runner. Sua aparência indescritível era especialmente útil para investigações como esta, onde ele estava se passando por Ned Bowen, advogado de Henry em Londres.

As frequentes reuniões de Henry com Green, estavam causando muita curiosidade entre os cidadãos de Stoker.

Durante suas primeiras semanas em Stoke, Henry evitou passar algum tempo na pequena aldeia. Mas isso era um comportamento tolo que não podia continuar. Annis estava certa sobre uma coisa: era hora de superar o passado.

Henry passou muito tempo na aldeia desde a chegada de Green. Como resultado, ele encontrou várias pessoas que uma vez o atormentaram e - para um homem - todos eles se humilharam. Os meninos que o espancavam e provocavam agora eram maridos e pais, alguns até avós, que mal passavam e

alimentavam suas famílias.

E cada um deles confiava em Henry para seu sustento de uma forma ou de outra.

Henry não podia ter prazer em fazer essas pessoas rastejarem.

Na verdade, ele achou melhor se comportar como se nunca tivesse conhecido seus antigos perseguidores. Esse comportamento não apenas eliminava desculpas indesejadas, mas também proporcionava a Henry um pouco de diversão observar seus rostos quando eles descobriram que importavam tão pouco para ele que ele nem se lembrava deles.

O resultado interessante de se comportar como se não se lembrasse deles era que Henry havia começado a esquecer o passado. Esquecer não foi o perdão que Annis sugeriu, mas era um passo nessa direção.

Henry observou Annis ir embora com Gordon antes de se virar da janela e dizer a Green: — Acho que eles a abordaram hoje, na esperança de pressioná-la a um encontro.

O investigador assentiu, sua expressão desconfortável. Sem dúvida, ele estava reticente em dizer qualquer coisa quando se tratava da esposa de Henry. Ele era um homem sábio.

— Estou surpreso que tenha levado tanto tempo para eles se aproximarem dela — disse Henry. — Suponho que ele queria que ela sofresse um pouco primeiro.

Green pigarreou, mas permaneceu em silêncio.

— Fale livremente — disse Henry. — Sua franqueza não vai me irritar — bem, ele *tentaria* não ficar com raiva.

— Eu também acho que ele queria que ela sofresse aflição por alguns dias — disse Green. — E acredito que Loring está preocupado que Sua Senhoria possa não ser tão, er, tratável quanto ele espera, então quanto menos tempo ele lhe der para pensar, uma vez que se aproximou dela, menos tempo ela terá para mudar de ideia. Acredito que possa haver alguma dificuldade entre Loring e a viúva.

— Ah, interessante. Acha que ele está tentando fazer o trabalho sem Julia?

— Eu acredito que sim. Principalmente porque é inédito para Loring trabalhar em parceria com qualquer pessoa, exceto sua esposa.

— Mas o negócio dele é vender suas falsificações — Henry apontou.

— Sim, mas geralmente isso é uma transação de plena concorrência, e ele nunca encontra seus clientes pessoalmente. Ele trabalha sozinho ou vende suas falsificações e deixa seus clientes substituírem as falsificações por conta própria.

Henry soube pela primeira vez da existência de Richard Leech pelo homem de negócios de Annis, o Sr. Pears. O homem se tornou eloquente sobre Leech quando soube que Henry estava noivo de Annis.

— Leech forjou o nome da Srta. Bowman em vários documentos financeiros — admitiu Pears. — E suspeito que ele tenha feito muito mais do que ela me contou. Pedi que ela contasse às autoridades, mas ela ficou agitada

e eu não a pressionei.

Henry sabia que ela se preocuparia com o efeito de uma investigação pública sobre sua avó. Ele considerou, deixar para trás - realmente não era assunto dele -, mas ele simplesmente não podia tolerar a ideia de Leech se safar do que havia feito.

E então, ele contratou Jonathan Green e certificou-se de que o Bow Street Runner ficasse ciente da natureza sensível da investigação.

Green precisou de apenas algumas semanas de investigação diligente para descobrir que Richard Leech era Richard Loring, um homem que usava dezenas de pseudônimos ao longo dos anos. A maioria dos clientes de Loring, acreditavam que era apenas uma pessoa que fazia as falsificações. Na verdade, era uma dupla de marido e mulher, e eles eram conhecidos coletivamente pela alcunha, *O Artista*.

O par estava operando na Grã-Bretanha há mais de uma década, roubando joias e obras de arte, substituindo os originais por falsificações habilidosas.

Muitas das fontes - policiais de Green e outros investigadores - especularam que a maioria dos roubos de O Artista, não foram detectados porque as falsificações eram tão boas que ninguém notou que os originais haviam desaparecido.

E *este* era o homem - um criminoso de carreira nojenta e inteligente - que enganou Annis.

Loring era a razão pela qual ela estava disposta a se casar com Norburg.

Ele era a razão pela qual ela se *casou* com Henry quando estava apaixonada por outro homem - um homem pobre.

Henry estava furioso por ela ter mantido um segredo tão terrível para si mesma. Ele ficou profundamente ofendido por ela não confiar nele para tirar o fardo de seus ombros. Ele era o *marido* dela, pelo amor de Deus. Era seu dever proteger e cuidar dela.

Mas então, dois dias atrás, Henry experimentou uma espécie de epifania.

Ele não era o melhor quando se tratava de se colocar no lugar dos outros - infernos, ele era horrível fazendo isso - mas de repente, *finalmente*, entendeu por que Annis estava aterrorizada demais para pedir-lhe ajuda.

A pobre mulher tinha sido vítima de um dos vigaristas mais proeminentes na Grã-Bretanha. Loring e sua esposa haviam roubado dezenas, se não centenas, de pessoas na última década. O homem era um virtuoso no que fazia. Não era surpresa que ela estivesse com muito medo de pedir ajuda.

Deus apenas sabia com o que Loring a estava ameaçando para mantê-la em tal estado de medo, mas Henry suspeitava que tinha algo a ver com sua avó, a pessoa que ela mais amava no mundo.

Ela estava petrificada, e há meses.

Esta noite, Henry acabaria com o sofrimento dela.



Capítulo Vinte e Seis

A mente de Annis se comportou como uma peça de maquinaria que havia sofrido tanto estresse que simplesmente parou.

— Milady?

Ela ergueu os olhos do livro que estava olhando cegamente para ver Grace pairando incerta na porta do vestíbulo.

— Sim?

— A senhora não quer se preparar para o jantar? Já está na...

Houve uma breve batida na porta dela antes de abrir.

Henry entrou em seu quarto. — Ah, aqui está! Estou feliz que a peguei antes de começar a se trocar para o jantar — ele deu-lhe um sorriso mais caloroso que ela teve dele em semanas, não, desde aqueles primeiros dias em que eles saíam para seus passeios ilícitos. — Eu pedi jantar para nós em meus aposentos esta noite. Tem trabalhado muito, minha querida, e eu acho que merece uma noite mais tranquila — ele se virou para Grace. — Mande um banho para o meu quarto imediatamente. Coloque a banheira em frente a lareira da sala de estar e certifique-se de que esteja fumegante. Assim que o banho estiver preparado, ninguém deve nos perturbar até que eu peça o jantar. Depois de fazer isso, estará livre pelo resto da noite; Lady Rotherhithe não precisará de seus serviços novamente hoje.

Grace parecia tão assustada quanto Annis se sentia, mas fez uma reverência e deixou o quarto correndo.

Henry ajoelhou ao lado da cadeira, dando-lhe um olhar tão doce que ela se sentiu ainda mais enojada por dentro com o que ela ia fazer aquela noite.

Ele acariciou a mandíbula dela com o nó dos dedos. — Serei seu criado, darei banho e a vestirei antes de desfrutarmos de um jantar relaxante em meus aposentos.

Annis sabia que estava boquiaberta, mas não conseguiu fechar a boca.

Ele riu. — Parece duvidar das minhas habilidades de criada pessoal, milady?

— Não precisa fazer isso — disse, sentindo-se pior a cada minuto.

— Eu quero — respondeu ele, pegando um dos seus pés e tirando a sandália. — E eu sou seu senhor e mestre, então tem que se submeter aos meus auxílios.

As mãos dele pareciam maiores do que nunca nas sandálias dela, que ele cuidadosamente colocou de lado e depois se levantou, colocando-a de pé.

— Venha — disse ele, levando-a para o vestíbulo, onde ele passou a

despi-la com uma facilidade e habilidade que só poderia ter sido adquirida fazendo a mesma coisa por muitas outras mulheres ao longo dos anos. O pensamento indesejado a fez queimar de ciúmes.

Ainda assim, qualquer emoção era mais bem-vinda do que terror ou vergonha neste momento.

— Não consigo imaginar onde se familiarizou tanto com os corpetes de mulheres, milorde — ela não conseguiu resistir em dizer quando ele a tirou do dela, tanto mais rápido quanto mais ágil do que Grace.

— Eu li sobre isso em um jornal.

Annis riu.

— Assim está melhor — ele caiu de joelhos na frente dela.

A respiração de Annis parou quando ela olhou para ele. De joelhos, ele não era muito mais baixo do que seus um metro e sessenta de altura

Ele pegou o pé dela e colocou-o sobre sua coxa, e depois desamarrou sua liga, sua expressão arrebatada, enquanto ele lentamente a tirava de sua perna.

Annis não resistiu em passar os dedos pelos cabelos escuros e grossos dele, surpresa ao ver um ou dois fios de cabelos brancos entre o marrom escuro.

— Mmm, eu gosto disso — ele ronronou.

— Qual a sua altura? — ela perguntou.

— Eu acho que talvez um metro e noventa.

— Eu sou quase meio metro menor.

Ele riu. — Só está percebendo isso agora? — Ele terminou de rolar a segunda meia, deixando-a em nada além de seu chemise. E então ele se levantou, elevando-se sobre ela. — Levante os braços.

Ele a viu nua muitas vezes, é claro, mas nunca com tantas velas acesas. Ainda assim, seu corpo doía pelo toque dele, então ela resistiu ao desejo de cruzar os braços e se cobrir. Em vez disso, ela fez o que ele pediu e fechou os olhos enquanto ele levantava a musselina fina sobre sua cabeça.

Houve silêncio absoluto por um momento, e então: — É perfeita.

Ela abriu os olhos para a necessidade crua em sua voz e viu a mesma emoção refletida em seus olhos escuros. Ele traçou um dedo em sua clavícula, sobre seu esterno, não parando até que descansasse logo acima de seu osso púbico.

— Eu não acho que seu banho estará pronto ainda — ele murmurou, separando seus cachos e a massageando negligentemente. — Teremos que encontrar alguma maneira de nos entreter por alguns minutos.



Henry estava tão duro que seu desejo por ela doía, mas isso não era nada incomum.

O que era incomum era que ele ainda estava totalmente vestido enquanto ela estava tão nua quanto no dia em que nasceu. Ele decidiu que gostava

muito disso.

Ele também adorava o jeito atordoado que ela olhava para ele.

— Acho que devemos fazer uma breve parada na sua cama — ele declarou, e a pegou em seus braços.

— Ainda está vestido.

— Sim, — concordou ele. — Isso faz com que se sinta um pouco pervertida por estar nua enquanto eu não estou?

Ela deu uma de suas adoráveis gargalhadas. — Pervertida é o antônimo de santa.

— Não? É mesmo? — Henry a jogou na cama, recebendo um grito assustado em troca. — Deite-se de costas, segure os joelhos com as mãos.

Sua mandíbula cedeu e ele pôde ver que ela estava visualizando como tal pose a faria ficar. — Mas...

— Shh — ele colocou um dedo sobre os lábios dela. — Faça o que eu digo e mantenha seus olhos em mim.

O efeito de suas palavras foi instantâneo: um rubor selvagem manchou seu rosto e peito e o ponto de pulso na base de seu pescoço bateu como um pequeno tambor de guerra sob sua pele.

Ela se deitou, seus olhos nunca deixando os dele enquanto assumia a posição, até que ela estivesse como uma borboleta erótica, toda exposta para o prazer mútuo deles.

Ele pretendia provocá-la - fazê-la implorar -, mas esse pensamento fugiu no instante em que a viu. Em vez disso, ele a tomou na boca. O ângulo era estranho e suas roupas e sapatos o tornavam ainda mais estranho, mas ele não se importava.

Ele era implacável, trabalhando-a com dedos, lábios e língua, e empurrando-a para a beira da felicidade repetidamente, até que ela gritou e soltou os joelhos, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Não posso mais... é demais — seu corpo espasmou com os tremores secundários de seu último orgasmo, terceiro, na conta dele.

Henry a pegou em seus braços e caminhou em direção ao seu quarto, parando um momento para ouvir na porta. Mas tudo parecia estar quieto do outro lado, então ele se atrapalhou com a maçaneta. Dentro de seus aposentos, o fogo estava ardendo. O quarto estava, pela primeira vez, desconfortavelmente quente, mas seria bom quando Annis saísse do banho.

O vapor subiu da grande banheira de latão e ele a abaixou o suficiente para que ela pudesse mergulhar um dedo na água. — Muito quente? — ele perguntou.

— Está perfeito.

Henry cuidadosamente a depositou na banheira, seu membro latejando quando ela deu um gemido baixo e sensual de prazer.

Ele tirou o casaco e a gravata e depois, dobrou as mangas antes de jogar uma almofada no chão ao lado da banheira. Ele fez uma pausa para admirar o corpo dela. A água boiava seus seios pequenos, uma sombra mostrava o

triângulo de seu sexo e sua pele estava corada e brilhava.

— Adormeceu? — ele perguntou, pegando a toalha e o pedaço de sabão.

— Hmm-hmm.

Ele sorriu e ensaboou o pano antes de começar com as mãos dela; ele ia lavar cada centímetro de seu corpo.

Ela fungou e depois sorriu. — Oh, minha nossa, é o seu cheiro, Henry.

— Pode usar um pouco do meu sabonete, se quiser — disse ele, mudando para o outro braço, seu olhar em seus seios, que estava fazendo com que ele babasse, como se ele fosse uma besta afligida com hidrofobia.

Ela abriu os olhos azuis sonolentos e o pegou boquiaberto. Seu sorriso era a expressão preguiçosa e saciada de uma mulher que acabara de desfrutar de múltiplos climaxes. — Ah, eu poderia me acostumar com esse nível de serviço — ela brincou.

— Eu também — ele deslizou a mão na água entre as coxas dela.

Ela resmungou. — Eu não posso, Henry. Mas ela abriu as pernas o máximo que a banheira permitia.

Henry sorriu. — Pervertida — disse ele, aprovando. Ele só queria limpá-la, mas uma vez que sentiu a pérola escorregadia e as dobras de seda, ele não resistiu tirar outro orgasmo de seu corpo já saciado.

— Pode-se morrer de tanto prazer? — ela perguntou alguns minutos depois.

— Vou me certificar de que não sofra nenhum dano — ele assegurou a ela.

Ela riu. — Mentiroso.

Henry ensaboou suas mãos e pegou os seios dela nas palmas das mãos, ganhando outro gemido de prazer.

Ele poderia ter brincado com ela o dia todo, mas a água estava esfriando.

Deixando-a na banheira por um momento, ele chamou um criado e pediu o jantar.

Quando ele voltou para a banheira, ela sorriu e ergueu as mãos. — Estou ficando enrugada.

Ele a ergueu e a colocou de pé antes de envolvê-la em uma toalha macia e secar cada parte dela enquanto ela permanecia flexível em seus braços, como uma boneca.

Ele tinha acabado de colocá-la em um roupão quando houve uma batida tímida na porta.

— Deve ser o jantar — disse ele, amarrando a faixa e deixando-a na cadeira mais próxima do fogo antes de abrir a porta e encontrar a Sra. Jenkins e duas criadas esperando com bandejas de comida. — Coloque-as naquela mesa, por favor — ele apontou para a longa mesa atrás do sofá. Ele preferia organizar os pratos sozinho do que ter as criadas mexericando, especialmente Jenkins. Tê-la no quarto com uma esposa que ele acabara de perverter repetidamente fez seu rosto esquentar.

— Obrigado — ele disse. — Vou chamar quando precisar que alguém

limpe.

Jenkins inclinou a cabeça, um sorriso malicioso nos lábios enquanto ela deixava o quarto e fechava a porta sem fazer barulho.

— A Sra. Jenkins o adora.

Ele se virou ao som da voz de Annis. — Achei que estivesse dormindo.

— Não vai me falar sobre ela, Henry?

Ele se ocupou em servir o jantar, usando a distração para considerar o que ela estava pedindo.

Ela quer saber sobre sua infância, Henry, não é como se ela fosse uma espiã que venderá seus segredos mais sombrios para os franceses. É o tipo de coisa que as pessoas casadas conversam. É o tipo de coisa que se conta às pessoas próximas.

Henry queria discutir com seu perseguidor imaginário, mas a verdade era que ele estava cansado de se afastar dela. Talvez, se ele confiasse nela, ela confiaria nele e faria o mesmo?

Só há uma maneira de saber...

Depois que ele preparou os pratos e serviu o vinho, ele não pôde mais evitar a pergunta dela.

Henry se acomodou na cadeira em frente a ela e começou a falar. — Meu tio nunca acreditou que meus pais se casaram — ele tomou um gole de vinho e olhou para a taça. — Quando o sócio de negócios do meu pai, Jitesh Chanchani - um indiano solteiro de meia-idade que não tinha ideia do que fazer com um menino de cinco anos - me enviou para Stoke, não lhe ocorreu enviar uma cópia do registro de casamento dos meus pais comigo — ele olhou para o prato, movendo a comida ociosamente.

— Eu não entendo — disse Annis. — Por que ele precisaria enviar uma coisa dessas?

Henry suspirou e olhou para cima. — Porque minha mãe era camareira aqui em Stoke — os olhos dele se estreitaram enquanto observava a reação dela. — Seu marido é filho de uma criada e da ovelha negra da família, minha querida Annis.

Em vez do nojo que ele esperava, ela apenas parecia preocupada, preocupada com *ele*, ele percebeu, não com sua reputação.

— Quando meu tio - que era o conde até então - soube que minha mãe estava grávida, ele a expulsou de casa. Ele ameaçou meu pai com deserção se não descartasse minha mãe, mas meu pai recusou, então meu tio o expulsou também. Antes de botar-lhe para fora, ele lhe entregou uma escritura para alguma propriedade na Índia e uma pequena quantidade de dinheiro no entendimento de que meu pai nunca mais voltasse para a Inglaterra.

— Então, minha mãe e meu pai foram embora. Eles se casaram em Londres enquanto esperavam pelo navio que os levaria para a Índia — ele deu a ela um sorriso amargo. — Meu tio poderia facilmente ter encontrado prova de que eles se casaram, mas ele não queria aceitar esse fato, então nunca procurou. E quando cheguei, ele colocou o nome *bastardo* em mim e me deu

à Sra. Jenkins para criar.

Annis ergueu a mão na boca para cobrir o suspiro.

— Jenkins me tratava com gentileza, de forma distante. Eu sempre presumi que qualquer falta de sentimentalismo da parte dela era porque eu era um dever para ela. — Ele bufou. — Não foi, até algumas semanas atrás que eu descobri o contrário.

Henry ainda se esquivou de pensar naquela manhã dez dias antes, quando as palavras de Jenkins abriram uma ferida muito antiga.

— Jenkins me disse que meu tio a havia ameaçado se ela me mostrasse um pinga de *afeto*.

— Por Deus — Annis sussurrou, uma lágrima deslizando por sua bochecha.

Henry não contou a ela como Jenkins chorou quando ela lhe confessou a verdade. Ou como ela caiu de joelhos ao lado da cadeira dele, pegou a mão dele e implorou por seu perdão.

— *Eu era fraca e tinha medo, Henry — ela chorou, a testa pressionada com força contra os dedos dele. — Era apenas um garotinho assustado e, em vez de amá-lo, deixei o medo me manter à distância — soluçou tanto que suas palavras eram quase ininteligíveis. — Eu tinha perdido meu bebê apenas alguns anos antes de assumir o emprego com o conde. Meu marido e o pequeno Tommy morreram com poucos meses de diferença. Quando seu tio o entregou para mim, foi como se minhas orações tivessem sido respondidas: um menino para eu amar.*

Ela olhou para ele então, seus olhos angustiados e vermelhos. — Eu não o culpo se me odeia. Mas... Eu tinha tanto medo. Veja, Sua Senhoria me disse que o levaria embora se eu o mimasse. “Ele é um bastardo, Jenkins, ele vai precisar aprender a ganhar seu próprio sustento. Cuidar dele só tornará sua vida mais difícil” — ela deu uma risada meio histérica. — Era apenas uma criança. Eu deveria tê-lo roubado, poderíamos ter nos escondido em algum lugar; ele não teria vindo procura-lo. Eu tenho certeza disso agora. Mas eu era fraca — lágrimas rolaram por suas bochechas. — Pode me perdoar... milorde?

O que mais um homem poderia fazer quando se depara com uma mulher ajoelhada e chorosa? Então, Henry mentiu. — Não há nada para perdoar, Sra. Jenkins — disse ele, ajudando-a a se levantar. — Fez o seu melhor em face da vingança do meu tio. Cuidou de mim e sempre foi gentil — isso era tudo verdade, mas Henry temia que ele sempre guardasse um certo ressentimento em relação a ela. Ou talvez ressentimento fosse uma palavra muito forte. Reserva era uma palavra melhor. Ele não estava com raiva dela, mas ainda sentia os ecos de traição quando olhava para ela.

Henry percebeu que Annis o olhava e se sacudiu.

— Jenkins fez o possível para garantir que eu fosse alimentado, vestido e cuidado.

— Ela o ama, Henry. Eu posso ver isso em seu rosto - em seus olhos -

quando ela o olha.

Henry encolheu os ombros e continuou: — Muitas vezes me perguntei por que meu tio não me levou para uma casa de correção e só posso adivinhar que soubesse que a injúria de tal ação teria caído sobre sua cabeça. Como estava, eu raramente o via. Cresci lá embaixo nas cozinhas. Os criados não eram cruéis comigo, mas ninguém queria me mostrar muita bondade e atrair a ira de seu senhor.

Ele terminou seu vinho e reabasteceu sua taça antes de retomar sua história. — Charles seguiu a deixa de seu pai, e Julia e Edmund seguiam Charles. O povo da cidade e os fazendeiros da área também seguiam o exemplo do meu tio.

— Tive a sorte de crescer e ficar grande e forte e aprendi cedo como lutar. Mas mesmo o maior dos garotos não conseguem ter sucesso contra quatro, cinco ou mais atacantes.

Ele encontrou sua expressão horrorizada com um sorriso irônico. — Meus algozes foram inventivos e persistentes. Uma vez passei quatro dias preso em uma mina abandonada; outra vez, cinco meninos me emboscaram na floresta e acabei com um pulso e uma clavícula quebrados; uma vez eles me amarraram a uma árvore em um pasto, onde fui ferido por um touro, aquela cicatriz que ainda carrego na perna, e tenho sorte de não ser muito pior. Esses são os que eu me lembro bem, mas houve dezenas de outros episódios.

— Mas... *por quê?* — ela perguntou, totalmente atordoada com tal crueldade.

— Eu era como um cão vira-lata que era divertido para chutar e iscar quando não havia nada melhor para fazer. A intimidação é bem conhecida, é um esporte de grupo e houve poucos que resistiram ao desejo de participar do entretenimento.

Ele girou o vinho em sua taça e olhou para ele. — A vida melhorou quando Charles e Edmund, ambos um ano mais velhos, foram para a escola. Quando eles foram embora, até os garotos da aldeia eram menos agressivos. E assim, por meses seguidos, eu poderia viver sem o medo constante da violência.

Humor sombrio brilhava em seus olhos. — O melhor de tudo, quando eles não estavam, Julia era gentil comigo. Na verdade, ela me procurava - por causa do tédio - e nos tornamos... companheiros de brincadeira. Ela, também, tinha que esconder qualquer hora que passássemos juntos, do meu tio.

Ele abriu um sorriso lento. — Acredito que consegue adivinhar o que aconteceu depois. Eu era um garoto tolo e solitário, e me apaixonei por ela. Ela me conduziu a uma dança alegre por alguns meses, até que uma noite, não muito depois que meus primos voltaram para as férias de verão, Julia me convidou para seus aposentos.

— Era uma armadilha — disse ela em um sussurro rouco.

— Sim, de fato era. Meus primos correram bravamente para resgatar a donzela em perigo, e meu tio me acusou de tentativa de estupro. Minhas

opções eram simples: prisão ou Índia — ele deu uma risada amarga. — A história se repetiu, de certa forma. Exceto que deixei Stoke sozinho aos dezesseis anos, não com um amante grávida e uma escritura de propriedade em minhas mãos. Tive a sorte de o sócio do meu pai, Jitesh, ser um homem honrado. Ele me acolheu, me ensinou o ofício e me passou a metade que pertencia ao meu pai. Se não fosse por Jitesh - bem, eu não gosto de pensar nisso.

Seus olhos finalmente se fixaram nela. — Então, vê por que não há amor entre nós.

Seus olhos azuis estavam ardentes, como o centro de uma chama. — Eu também não os perdoaria — ela disse, suas narinas ardentes a fazendo parecer um touro minúsculo e adorável.

Henry deu uma gargalhada assustada com sua fúria.

— Não estou falando de brincadeira — ela insistiu. — O que eles lhe fizeram é um crime. E vê essas mesmas pessoas sobre sua mesa de jantar e sempre que vai para a cidade. Uma cidade que está se beneficiando de *sua* generosidade. Eu deixaria todos morrerem de fome!

Uma onda quente de prazer fluiu através dele com suas palavras. — Ah, minha defensora — ele provocou.

Mas ela não estava sorrindo. Em vez disso, ela estava respirando bruscamente, seu queixo oscilando, suas bochechas escuras.

— Senhor, o que há de errado, Annis? Foi há muito tempo. Não precisa...

— Há algo que preciso contar-lhe, Henry.

Ah, era isso?

Ela limpou a garganta, olhando para tudo, menos para ele.

— Annis.

— Por favor, não seja gentil comigo — ela implorou. — Eu não posso... eu apenas... Ela se levantou. Quando Henry fez o mesmo, ela balançou a cabeça. — Por favor, apenas sente e ouça. Eu preciso andar para contar essa história.



Capítulo Vinte e Sete

Henry brevemente considerou poupá-la da confissão, dizendo a ela que sabia sobre Leech desde antes de deixar Londres. Mas ele acreditava que contar-lhe com suas próprias palavras seria catártico.

— Há pouco mais de um ano, um homem chegou à aldeia de Cockleshams. Ele se chamava Richard Leech e era bonito, gentil e interessante. Ele era um curador que estava aproveitando um suas férias antes de se mudar para sua própria paróquia em Yorkshire. E o melhor de tudo, ele estava interessado em *mim* — ela deu uma risada zombeteira. — *A esperança é a última que morre*, como disse o Sr. Pope. Quando Leech me fez a corte, eu acreditei que ele estava falando sério.

Ela andava inquieta, as mãos agarradas diante dela, os olhos em constante movimento, como se estivesse procurando uma fuga.

— Vou encurtar esta história lamentável. Ele usou a desculpa de me conhecer - um namoro falso - para levá-lo à casa do escudeiro local, entre outros. Por causa de sua conexão comigo e minha avó, eles o convidaram para um jantar no qual ele tinha acesso a um item extremamente valioso. Na verdade, era a única coisa de valor que este pobre cavalheiro do campo tinha: um pequeno Vermeer que algum antepassado intrépido havia adquirido. Estupidamente, o homem o guardava em sua casa, em uma sala sozinha. O Sr. Leech roubou o quadro. Mas a coisa inteligente que ele fez foi substituí-lo por um falso tão bem feito que ninguém notou a troca mesmo um ano depois. Não foi a única casa que ele roubou. Cada vez que ele era convidado para eventos sociais, ele passava algum tempo conhecendo a casa. Ele então voltaria e pegaria qualquer coisa de valor. Nunca na mesma noite - ele sabia que isso teria chamado a atenção para ele -, mas algumas noites ou mesmo semanas depois.

Sua respiração estava irregular agora. — Estou dizendo tudo isso como se eu soubesse o que estava acontecendo enquanto ele estava conduzindo seu roubo, mas eu não sabia na época. Ele só me disse a verdade, depois que eu o peguei uma noite. Ele não teve vergonha; ele *riu* e me disse que se eu o denunciasses às autoridades, ele me levaria para a cadeia junto com ele, e minha avó também. Ele disse que contaria às autoridades que foi minha avó quem teve a ideia, que ela usou sua posição para conseguir acesso às casas das pessoas.

Ela engoliu em seco, convulsivamente. — Ele estava me cortejando abertamente, vindo à nossa casa quase todos os dias, jantando conosco,

andando de carruagem comigo... — Ela interrompeu e torceu as mãos. — Eu sei que era errado, mas mantive minha boca fechada e o deixei ir. Pensei que acabaria quando ele fosse embora, mas não acabou. Há alguns meses, recebi uma carta do homem de negócios que uso há anos. Ele me disse que minha anuidade, a casa da minha avó e as economias dela tinham sumido. Que eu assinei os papéis.

Annis parou na frente dele, respirando com tanta força que parecia ter fugido da aldeia sem parar. — Eu sei que disse que não estava escondendo mais nada. Pensei que Richard Leech estava no meu passado, que não importaria. Mas, mas isso importa porquê...

— Porque ele está aqui.

Ela piscou. — O quê?

— Richard Leech, ele está aqui, em Stokely.

— Como...

Henry estendeu a mão. — Venha se sentar comigo e eu explicarei. Permita-me abraçá-la.

— Não vai querer me abraçar quando souber o que ele quer de mim.

— Ele quer que o ajude a roubar algo de mim. Meu palpite é, com base em seu conjunto particular de habilidades, que ele gostaria de roubar as relíquias.

Ela olhou fixamente.

— Venha e sente-se comigo, Annis.

Ela veio em sua direção como uma sonâmbula. Quando ela estava se sentando no sofá, ele gentilmente a puxou para o colo, puxando seu pequeno corpo contra o peito e abraçando-a.

— Eu não quero que fique tão apreensiva — disse ele.

— Tenho meus motivos.

— Eu sei que sim. Eu sei sobre Leech desde o dia em que lhe dei o dinheiro em Londres.

— O quê?

— Sim, eu a segui até o escritório do Sr. Pears. Esperei até que saísse e depois o questionei a seu respeito.

Suas sobrancelhas pálidas transformaram em um V firme. — Ele não deveria ter dito nada sobre mim!

— Não, ele não deveria. Mas posso ser muito persuasivo.

— O ameaçou.

— Não fisicamente, mas o fiz entender que era imprudente me negar o que eu queria. Ele também sabia que o cheque do banco era meu e que estávamos noivos. E ele queria que alguém fizesse algo sobre o homem que a roubou.

— Por que não disse nada até agora?

— Eu continuei esperando que me dissesse a verdade.

Ela baixou o olhar. — Eu deveria, Henry, eu sei disso. Mas...

— Acreditava que eu ficaria com raiva e me sentiria traído, e que isso tornaria nosso começo já difícil ainda pior? — ele adivinhou.

Ela assentiu.

— Sinto muito por não ter falado antes, Annis. Levei muito tempo para ver as coisas da sua perspectiva.

— E sabe que Leech está aqui? — ela perguntou.

— Sim. Seu nome verdadeiro é Loring, e ele é o principal falsificador de arte e antiguidades. Se precisa de uma pintura copiada, Loring é o seu homem.

— E sua irmã? O que ela faz?

— Martha Loring também é uma artista. Ela aprendeu seu ofício com seu pai, Fritz Doehner, que era joalheiro em algum ducado prussiano até que ele ficou ganancioso e roubou de seu empregador, falsificando peças trazidas para reparo e enviando réplicas em seu lugar. Ele fugiu para a Inglaterra, onde continuou sua ocupação, mas com mais sucesso. Eventualmente, ele trouxe sua filha mais nova para o comércio com ele. Foi Doehner, quem apresentou Martha ao seu futuro marido, Richard Loring.

Annis gemeu. — Ele era casado com ela quando fingia me cortejar, não era?

— Sim, receio que sim. Mas - se serve de consolo - não é a primeira mulher que ele enganou e roubou. Nem de longe. O rastro de vítimas é enorme.

— Como soube de tudo isso?

— Depois de falar com o Sr. Pears, contratei um homem para investigar os Lorings. — ele colocou uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. — E eu também o contratei para atrair os Lorings aqui.

— O quê?

— Eu sabia que o apelo das relíquias e sua presença seria demais para Loring resistir.

— Mas *por que* faria isso?

— Eu queria que eles fossem punidos pelo que lhe fizeram e a sua avó, Annis. Mas aqui está a parte mais interessante, eu não precisei atrair os Lorings para cá, eles *já* estavam vindo para Stoke.

— Eu não entendo.

— Eles já haviam sido contratados para falsificar as Relíquias de Stoke.

Ela arfou. — Meu Deus, Henry! Quem os contratou?

— Alguém próximo às relíquias que pudesse ajudar os ladrões a entrar na casa e abrir o notoriamente difícil cofre.

— Edmund?

— Era quem eu pensava a princípio, mas acontece que eu estava errado por algumas razões. Primeiro, Edmund é muito preguiçoso e está bêbado a maior parte do tempo. Em segundo lugar, Edmund ainda tem esperança de herdar Stoke. Se ele vendesse as relíquias, ele poderia muito bem arriscar perder Stoke se ele fosse descoberto. Não, não Edmund, mas um de seus conspiradores de anos passados, embora as relações tenham azedado entre eles nesse ínterim.

— Julia?!

— Parece tão surpresa, minha querida.

— Isso é porque eu estou.

— Por quê? Acha que as mulheres não são capazes de roubar?

— De forma alguma — disse. — Mas por que ela roubaria quando tem uma casa encantadora e dinheiro suficiente para viver confortavelmente? — Ela franziu o cenho. — Ela *tem* o suficiente para viver?

— Oh, sim — ele não lhe disse que dobrou a quantia que o marido dela lhe havia deixado.

— Então, por quê?

— Julia não quer uma vida de conforto. Ela quer uma de *luxo*. Além de ficar rica vendendo as relíquias, ela poderia tirar Stoke de mim, uma usurpadora — ele sorriu. A julgar pela maneira como sua esposa recuou, não era uma expressão agradável. — Julia poderia ter simplesmente roubado as relíquias, mas isso dificilmente teria sido divertido. Não, é meu palpite que ela vai pegar os bens roubados, se afastar em segurança, e então alertar as autoridades para o fato de que as relíquias no cofre eram todas falsificações que eu esperava passar como verdadeiras. Dessa forma, ela poderia arrancar Stoke dos meus dedos sujos enquanto me marcava como um ladrão ao mesmo tempo.

— Minha nossa! Por que ela seria tão vingativa?

— As pessoas odeiam mais aqueles que prejudicam, alguém famoso não disse isso? — ele provocou.

Mas, pela primeira vez, ela não parecia divertida. — Que pessoa odiosa ela deve ser. E ela parece tão genuína e prestativa.

— Ela é muito boa em parecer doce, gentil e carinhosa — ele concordou severamente. Henry ainda conseguia se lembrar daquela noite, quando realmente acreditava que poderia acabar com sua vida em uma forca, ou talvez ser transportado para alguma colônia de condenados brutal.

— O que vai fazer, Henry? — ela perguntou.

Henry sorriu. — Eu não, *nós*. Vamos levá-los à justiça, minha querida.



Capítulo Vinte e Oito

— Quer que *eu* os roube? — Annis repetiu, olhando para o time presunçoso de marido e mulher. Ela balançou a cabeça e cruzou os braços. — Não, eu não vou fazer isso.

Richard riu. — Eu disse que ela tinha coragem — disse ele à esposa.

Martha Loring deu a Annis um olhar cheio de ódio. — Também me disse que foder com ela era como dormir com um cadáver, Dickie.

Annis se encolheu com as palavras vis e o olhar odioso.

Mais uma vez, Loring riu. — Ora, ora, minha querida. Vamos nos ater aos negócios. Ele se virou para Annis. — Fará o que eu pedir, ou todos saberão a verdade sobre você. E sua avó.

— Vou correr esse risco em vez de me tornar sua cúmplice. Annis podia ver que suas palavras o assustaram. — Eu não sou uma ladra, *Dickie*.

Henry havia dito-lhe que era importante que Loring fosse o único a fazer o roubo real se eles fossem prendê-lo. — Não deixe que eles a convençam a fazer nada, Annis. E não dê a eles a localização da chave facilmente, faça-os trabalhar duro por isso ou eles suspeitarão.

Martha Loring avançou em direção a Annis. — Vai fazer o que Richard diz, sua rameira, ou ele vai...

Loring agarrou o braço da esposa e a puxou de volta. — Quieta, Martha! — Ele olhou brevemente para a esposa antes de se virar para Annis. — Por que está dificultando tanto as coisas? Não é como se seu marido pudesse vender alguma peça das relíquias, todos sabem sobre as condições. As substituições que vamos fazer são tão boas que ninguém vai perceber.

— Substituições? — Ela bufou. — Acredito que a palavra que esteja procurando é falsificações.

O sorriso de Loring era o de uma cobra. — Chame-os do que quiser, minha querida. Ou me ajuda a trocá-los pelos que estão no cofre ou irá se arrepender.

— Já usou a ameaça de prisão e humilhação. Agora sou esposa de um nobre, então pelo menos metade de sua ameaça não tem valor.

Ele deu um passo para se aproximar dela e sussurrou em seu ouvido. — Acha que sua posição protegerá sua avó? Ela pode não ir para a cadeia, mas é uma senhora muito velha, e elas são muito frágeis. Elas morrem o tempo todo.

Annis deu um passo para trás, esbarrando em uma cadeira que estava envolta em uma capa holandesa. — Está ameaçando *matar* minha avó se eu não ajudar?

Ele apenas sorriu.

De repente, todo o corpo de Annis estava tremendo; ela colocou a mão sobre a cadeira para se firmar.

Richard soltou um som. — Isso ficou tão... *feio*. Mas não precisa chegar a isso, Annis. Vou dizer-lhe uma coisa, minha querida, me entregue a chave e eu cuido do resto.

— Como saberei que essa será a última vez? Ou que não machucará minha avó?

— Isso será o suficiente para vivermos pelo resto de nossas vidas. Assim que fizermos o trabalho, deixaremos a Inglaterra para sempre.

— E como eu sei que as falsificações que fez não serão descobertas?

Loring acenou com a cabeça para sua esposa, que levantou a capa de um sofá próximo, expondo a mala preta de médico.

Ela pegou quatro itens da bolsa e colocou-os na mesa coberta com panos.

— Vá em frente, Annis. Dê uma olhada, presumo que tenha visto os originais?

Ela levantou a lamparina que trouxera com ela e levantou o escudo para iluminar os itens na mesa. Seus lábios se separaram em choque.

— Eles são bons, não são? — ele perguntou, sua voz auto congratulando. — Vá em frente, pegue-os e olhe mais de perto.

Ela levantou a cruz primeiro. — É pesado, assim como o original.

— Chumbo revestido com ouro — disse Martha, arrumando-se.

Annis pegou a pintura em seguida. Também era pesado, a moldura de ouro - ou chumbo, ela supunha - incrustada com pedras preciosas que brilhavam o suficiente para parecer real, pelo menos para ela. Ela largou e pegou a caixa de vidro chanfrado. Uma lasca descansava na almofada de veludo.

— Um pedaço de madeira de uma roda de carroça — disse Loring, sua voz grossa de alegria com sua própria inteligência.

Annis olhou para ele. — Como sabia como eram?

— As Relíquias de Stoke são famosas e há muitos desenhos. Em termos de reproduzi-las, não foi difícil — ele sorriu. — Certamente não foi um desafio como o Vermeer.

— Obviamente tem talento suficiente como pintor para ganhar dinheiro honestamente. Por que faz isso?

Martha Loring fez uma careta. — Isso não é da sua...

Loring acenou com a mão para sua esposa. — Eu era um pintor de retratos — uma expressão amarga atravessou seu rosto. — Pessoas ricas me tratavam pior do que seus criados. Eles reclamavam se os retratos eram muito realistas e queriam Sir Joshua Reynolds pelo preço de um varredor de rua — ele encolheu os ombros. — Então, fui para suas casas e pintei retratos lisonjeiros de suas esposas e filhas durante o dia e copiava e substituía suas obras de arte inestimáveis à noite. Foi um bom trabalho enquanto durou.

— Foi pego?

— Não exatamente, mas passou muito perto para meu conforto. E então minha querida Martha surgiu com um novo plano. Afinal, todo mundo ama um homem jovem e bonito, não é mesmo, Annis?

Ela ignorou a provocação. — O que quer que eu faça?

— Primeiro, onde o conde guarda a chave do cofre?

Annis hesitou, mas Henry disse-lhe para contar a verdade. Ainda assim, era irritante apenas...

— Annis — disse Richard, a ameaça em sua voz inconfundível. — Se está pensando em mentir, por favor, lembre-se de sua avó.

— Está no escritório — ela retrucou.

As sobrancelhas de Richard se levantaram, sua expressão justificadamente cética. — Eu achava que era onde ele guardava o cofre, ele nunca guardaria a chave no mesmo lugar.

— Ele a mantém sob um dos andirons, há um lugar oco para isso.

— Ah, inteligente e conveniente. Achei que teria que tirá-la do bolso dele.

— Ele se virou e olhou para a esposa. — O que acha, minha querida?

A outra mulher deu um olhar cheio de ódio para Annis. — Acho que agora é um momento tão bom quanto qualquer outro, Dickie.



Henry observava da floresta, Green ao lado dele. Mesmo que os Lorings nunca tivessem exibido violência no passado, Henry e Green estavam armados com pistolas como precaução.

As janelas da Dower House estavam cobertas, mas uma lasca de luz escapava de uma lacuna entre as cortinas pesadas na sala de estar do andar de baixo.

— Tem certeza de que eles farão isso hoje à noite? Perguntou Green. — Meu entendimento é que eles combinaram com a viúva para esperarem até a noite da festa.

— Tenho certeza de que sim — disse Henry. — Mas de alguma forma duvido que eles queiram dividir os lucros com ela agora que têm minha esposa para ajudá-los a entrar no cofre.

Green estalou a língua. — Ladrões vivem se cruzando. A que ponto o mundo chegou?

Henry riu. — Lá vêm eles — ele sussurrou, escondendo-se atrás da árvore quando a porta dos criados se abriu.

Primeiro saiu Annis, segurando a lanterna. Um momento depois, os outros dois seguiram, e todos os três foram em direção a Stoke.

— Maldição — murmurou Green. — Tem razão.

— Vá e busque um agente — disse Henry. — Eu o encontro na casa.

— Sim, milorde, cuide-se, os animais ficam perigosos quando encurralados.



Capítulo Vinte e Nove

As coisas não estavam indo como planejado, Annis pensou enquanto caminhava apressadamente em direção a Stoke com os Lorings nos calcanhares.

— Quer fazer isso *hoje à noite*? — ela guinchou.

Richard riu de uma maneira que fez Annis querer chutá-lo. — Sim, esta noite, minha querida. Afinal, não queremos dar-lhe tempo para mudar de ideia e fazer algo precipitado, não é, *milady*? Se tivesse um dia ou dois para ponderar, poderia contar tudo ao seu marido. Pode até ser ousada e informar um agente, talvez até o magistrado.

O humor havia desaparecido do rosto de Richard enquanto ela deliberava. — Faremos isso hoje à noite, Annis. *Agora mesmo*.

E assim, eles estavam caminhando através da escuridão em direção à vasta sombra de Stoke.

Sua mente corria muito mais rápido do que seus passos, o que estava fazendo o mais lentamente possível, não era algo fácil, já que Richard estava respirando em seu pescoço.

— Pare de perder tempo, Annis.

Ela tropeçou, e ele agarrou seu braço para evitar que ela caísse. — Tome cuidado — ele avisou.

— Decida-se, Richard. Quer que eu me apresse, ou quer que eu tenha cuidado? Porque eu não posso fazer as duas coisas.

Ele riu, mas não havia alegria no som. — Quando ficou tão ousada, Annis?

Ela ignorou a provocação dele, sua mente em Henry.

Ele disse-lhe que esperaria por ela na biblioteca. Ele já estava lá? E se Richard entrasse e saísse de casa antes que Henry percebesse que ela não viria? E se ela corresse? E se...

— Vamos dar a volta pelos fundos.

A voz de Richard veio de tão perto de seu ouvido que ela se assustou.

— Acalme-se, Annis. Não queremos que expire de medo, não é?

— Os fundos? — ela repetiu estupidamente.

— Sim, uma passagem sob a antiga sala de armas.

— Eu nunca ouvi falar disso.

Ele riu baixinho; o som era tão arrogante que Annis o *odiou*. Se ela tivesse uma pistola, poderia ter atirado nele facilmente.

— Diminua a iluminação — ele ordenou quando eles saíram de trás da

sebe alta.

Já estava tão escuro que ela tropeçava a cada poucos passos, mas ela diminuiu o fogo mais um pouco.

Richard assumiu a liderança, deixando Martha para andar atrás de Annis. Os cabelos em seu pescoço estavam arrepiados por ter a mulher odiosa tão perto de suas costas.

Richard as levou a uma parte do prédio que ela nunca teve motivos para visitar. Era a seção mais antiga de Stoke, e havia um pequeno galpão de pedra preso à estrutura, escondido por um grupo de arbustos.

O galpão estava destrancado e, uma vez dentro, Richard tirou do caminho escadas e ferramentas para expor uma porta de metal tão baixa que até Annis teria que se abaixar.

Richard puxou a porta com força antes que ela finalmente se abrisse com um guincho desagradável de metal na pedra. — Damas primeiro — disse ele, recuando.

Annis levantou a lamparina e apertou os olhos na escuridão; havia um corredor curto com mais uma porta no final. Estava surpreendentemente livre de teias de aranha, então ela entrou.

— Empurre do lado esquerdo da porta — Richard instruiu quando ela chegou à uma placa rústica de madeira, que tinha um anel de metal, mas sem maçaneta.

Ao contrário da outra porta, esta não fez nem um barulho quando a abriu e entrou na sala de armas, um lugar que ela só viu brevemente no dia em que a Sra. Jenkins a levou em uma excursão.

Quando Richard fechou a porta, Annis percebeu por que ela nunca havia notado. A porta em si estava disfarçada por um rodapé de madeira preso a ela, com adagas, machados de batalha e macas em exposição. Uma vez fechada, não parecia uma porta.

Ela só podia presumir que Julia havia contado sobre a entrada. Henry sabia disso também? Se não, ele pode não saber que eles entraram no castelo.

Medo e pavor se contorceram em sua barriga com o pensamento. Ela deveria fazer barulho para chamar a atenção? Ela deveria...

A voz de Richard era um assobio baixo ao lado de seu ouvido: — Não faça nenhuma bobagem, Annis.

Annis engoliu um grito.

— Continue andando — ele ordenou.

Ela rezou para que passassem por um criado em sua longa e sinuosa jornada até o escritório de Henry, mas às uma e meia da manhã não havia uma alma por perto e eles chegaram ao escritório de Henry sem incidentes.

— Abra a porta, Annis.

Annis fez o que Richard pediu e ergueu o escudo da lamparina mais alto quando ela entrou. A lareira brilhava no escuro, as brasas estavam vermelhas, dizendo a ela que havia passado horas desde a última vez que Henry esteve ali. Ela gostava de provocá-lo sobre sua necessidade de acender a lareira,

mesmo no verão.

A porta se fechou atrás dela e houve um clarão de luz de lamparina de Martha.

Richard caminhou em direção à lareira e grunhiu enquanto inclinava o ferro da lareira de pedra.

— Ha! — ele murmurou em triunfo, pegando a chave antes de abaixar o pesado cão de lareira. Sem hesitar, ele foi até o retrato que cobria o cofre, e sua esposa o seguiu.

Annis deu um passo para trás, em direção à porta.

Como se tivesse olhos atrás da cabeça, Martha se virou. — Não tão rápido — ela levantou a pistola. — Coloque a lamparina naquela mesa e venha se sentar aqui, onde eu possa ficar de olho — ela apontou para a cadeira em frente à mesa de Henry.

Annis fez o que lhe foi dito, e Martha se posicionou para que ela pudesse manter Annis e Richard em sua linha de visão.

Houve um *estrondo* metálico maçante e, em seguida, a risada baixa de Richard. — Homessa — ele murmurou, depois grunhiu e recuou.

Quando ele se virou, ele segurava o relicário em seus braços. — Essa coisa deve valer uma fortuna por si só — disse ele com uma voz tensa, colocando-a na mesa com um baque.

— Não é ouro maciço, mas está revestido com espessura — Martha esticou o pescoço para ver melhor enquanto ainda mantinha Annis à vista. — É uma pena que não tenhamos tempo de remover algumas dessas esmeraldas.

— Continuamos com o plano, minha querida — disse Richard enquanto levantava a tampa. Ele assobiou suavemente para o conteúdo. Quando Martha deu um passo mais perto, ele a olhou penetrantemente. — Fique de olho em Sua Senhoria, Martha.

Sua esposa fez uma careta, mas recuou.

Richard abriu a mala que trouxera com ele e tirou um pacote de feltro grosso, colocando um pedaço plano antes de entrar no relicário.

A primeira coisa que ele tirou foi a pintura. Ele a segurou mais perto da lamparina, virando o ícone religioso de um lado para o outro, seu sorriso se virando lentamente para uma carranca enquanto olhava.

— O que foi, Richard? — Martha perguntou. — Tem algo err...

— Ora, ora, ora. O que temos aqui? — A voz de Julia quebrou o silêncio tenso.

Do jeito que Annis se lembraria mais tarde, cinco coisas aconteceram simultaneamente.

Ela gritou, Martha gritou, Richard largou a pintura, um *estrondo* ensurdecedor ecoou na sala cavernosa, e a almofada coberta de seda com a qual ela estava se apoiando explodiu, enchendo o ar de penas de ganso.

Uma fração de segundo depois, um segundo tiro foi disparado e Richard fez um grunhido abafado antes de cambalear um passo para trás, levantando a mão para o peito, os olhos arregalados. — Atirou em mim — constatou, sua

voz grossa de descrença.

— Richard! — Martha gritou, soltando a pistola que ainda tinha fumaça e correu para o marido. Ela pegou Richard enquanto ele deslizava para o chão, desequilibrando sob seu peso e caindo com ele.

A cabeça de Annis se virou para onde Julia estava, uma pistola ainda na mão, seus lábios se separaram em choque. — Não foi minha intenção — disse ela, com o rosto branco como pergaminho.

— Richard! — Martha lamentou.

A porta se abriu, acertando Julia com força o bastante nas costas empurrando-a para frente.

Henry apareceu na abertura com homens armados de cada lado dele, seu olhar frenético até que pousou em Annis. Ele passou por Julia, que ainda estava congelada em choque.

— Está ferida? — ele exigiu, caindo de joelhos e pegando a mão de Annis.

— Estou bem — falou, forçando um sorriso. — Só um pouco em choque.

Ele deu um beijo fervoroso na mão dela. — Graças a Deus — ele a ajudou a se levantar e deslizou um braço firme ao redor de sua cintura antes de se virar para os outros ocupantes na sala.

— Ele está *morto*! — Martha soluçou e se levantou, seu olhar selvagem e assassino para Julia. — O matou — ela gritou, lançando-se contra a outra mulher com força suficiente para derrubá-la.

Henry guiou Annis para longe das mulheres que estavam brigando.

— Eu não acho que precisaremos das pistolas — disse ele aos dois homens. — Sr. Caldwell, por que não pega as armas e sai? Por favor, evite que os criados entrem na sala — ele apontou o queixo em direção à porta, onde várias pessoas apareceram com roupas de dormir, chinelos e toucas.

Assim que a porta se fechou atrás do agente, Henry se virou para o homem que restava. — Sr. Green, por favor, separe as senhoras.

Jonathan Green olhou para as mulheres que se batiam e se arranhavam rolando no chão e hesitou.

— É melhor o senhor entrar lá — Henry o aconselhou, com humor em sua voz.

Enquanto o agente separava as mulheres, Henry se virou para Annis. — Estávamos observando e a seguimos até aqui — disse ele. — Sinto muito por não a ter contado, mas...

— Queria que minhas reações fossem genuínas? — ela adivinhou amargamente.

— Bem... sim — ele admitiu, seus lábios quase se contraindo em um sorriso.

Mas então o humor sumiu, e seu braço se apertou ao redor dela. — *Sinto muito* que eles tenham usado uma arma, Annis. Nada em seus crimes passados indicava qualquer propensão à violência e nem eu nem o Sr. Green antecipávamos tal coisa. Receio tê-la colocado em perigo.

— Eu não acho que eles me machucariam de verdade — disse ela. — Julia os assustou, e acho que Martha puxou o gatilho por medo. Ouso dizer que Julia fez o mesmo.

Henry olhou para a almofada que havia levado a primeira bala e empalideceu. — Meu Deus, mas isso foi muito perto, Annis.

— Estou bem — assegurou.

Ele parecia querer se desculpar novamente, mas Annis apontou para onde o Bow Street Runner estava agora preso entre as mulheres que derrubaram seus óculos e rasgaram seu casaco. — Acho que o Sr. Green pode precisar de sua ajuda, Henry.



Julia estava uma sombra pálida de seu eu habitual, e Henry não podia culpá-la. Ele nunca havia matado um homem antes e imaginou que levaria anos, se é que algum dia, até que ela superasse o que havia feito.

Quanto a Martha, ela ficou devastada com a morte de Loring, mas uma vida inteira como criminosa a ensinaria a se adaptar rapidamente. O marido pode ter morrido, mas ela ainda tinha que viver. E ela foi pega na casa de um lorde com um cofre aberto, um marido morto e um saco cheio de relíquias falsas às três da manhã.

— O que está me impedindo de contar ao magistrado sobre *sua* esposa, milorde? — Martha rosnou para Henry quando ele disse que ela iria entrar na carruagem que estava esperando lá embaixo para levá-la para Hull.

Ele sorriu desagradavelmente. — É uma pena para a senhora que *eu* seja o magistrado nesta área, Sra. Loring.

Aquilo fechou a boca dela com um estalo.

— Aqui é o que vai acontecer — disse ele. — O Sr. Green a acompanhará até Hull, onde ele garantirá que embarque no primeiro navio para Amsterdã. Nunca mais volte para a Inglaterra, porque as coisas não vão correr muito bem para sua pessoa da próxima vez. E mais uma coisa: *nunca* mais ameace minha esposa — ele estreitou os olhos para ela. — Estamos entendidos?

Ela deu-lhe um olhar cheio de ódio, mas assentiu. E então ela voltou seu olhar venenoso para Julia e cuspiu: — E ela?

— O que tem ela? — Henry perguntou.

— Ela matou meu marido e merece ser punida! — Martha gritou.

— A arma que ela estava segurando acidentalmente disparou e matou um homem que estava roubando a casa dela, Sra. Loring.

— Mas sabe que ela estava...

Henry apontou o queixo para Green, que estava de pé ao lado da cadeira.

O agente colocou a mão sobre a boca de Martha e a levantou indelicadamente. — Estamos de saída, milorde — disse Green, curvando-se enquanto segurava facilmente a ladra que se contorcia.

Uma vez que a porta se fechou atrás dos dois, as únicas pessoas que

restaram foram Henry, Annis e Julia. O outro agente, ainda mantinha guarda do lado de fora da porta. Henry não havia mandado Caldwell para fora da sala porque temia que seus criados entrassem, mas porque serviria para que o homem não ouvisse nenhuma das conversas que aconteceriam dentro do escritório.

— O que vai fazer comigo? — Julia perguntou apressadamente, olhando para os pés.

— Também vai para a Europa.

Sua cabeça se ergueu com isso.

— Não no mesmo navio que a Sra. Loring — Henry assegurou. — Fará uma longa excursão pelo Continente, assim como planejou fazer, mas sem levar as relíquias de Stoke.

Em vez de parecer grata, ela fez uma careta. — Eu não terei fundos para fazer uma viagem dessa.

— Vou me certificar de que tenha fundos suficientes para desfrutar de uma longa viagem. Já fez as malas?

Ela assentiu.

— Permaneça em seus aposentos e esteja preparada para partir assim que o Sr. Green retornar de sua missão. Ele a acompanhará pessoalmente até Dover.

Ela bufou, e seu lindo rosto se contorceu em um sorriso zombeteiro e miserável. — Suponho que espere que eu agradeça...

— Apenas vá embora, Julia — disse Henry. — Vá antes que me faça mudar de ideia.

Ela bufou e saiu da sala com uma enxurrada de saias.

Depois que ela se foi, Henry foi até a porta e a abriu novamente para trocar algumas palavras com o agente sobre o descarte do corpo de Loring, que já havia sido transportado para a aldeia.

Caldwell parecia perplexo com a decisão de Henry de não acusar a Sra. Loring de nenhum crime, mas ele assentiu. — Se é isso que gostaria, milorde. Vou cuidar do enterro.

Quando Henry voltou para a sala, viu que Annis havia pegado a pintura de St. Oswald, que estava esquecida no chão do escritório.

— Receio que tenha sido danificado — ela mostrou a ele onde a moldura havia se soltado da pintura.

Henry riu. — Isso não importa.

Annis deu-lhe um olhar ofendido. — Henry, é uma relíquia inestimável, é claro que importa.

— É falso, minha querida.

— O quê?

Henry tirou o quadro das mãos dela. — É uma falsificação muito boa, mas uma falsificação mesmo assim.

Annis apontou para a mala. — Não, as falsificações ainda estão ali dentro.

— Esse é mais um conjunto de falsificações.

— Eu não entendo. Onde estão as relíquias genuínas?

— Em um cofre de banco em Leeds, exatamente onde eles pertencem.

Ele colocou a pintura danificada de volta no relicário, abaixou a tampa e a recolocou no cofre.

Um ponto se formou em sua testa. — Estou confusa.

Ele endireitou a pintura que cobria o cofre e se virou para ela. — Sobre o quê?

— Colocou falsificações no cofre por que sabia que os Lorings iriam roubá-las?

— O verdadeiro relicário e seu conteúdo estão no cofre do banco nos últimos setenta e cinco anos, após a última tentativa de roubo. O conjunto que é mostrado ao público todos os anos é falso.

— Mas... por quê?

— Depois da última tentativa de roubo, meu avô decidiu que manter uma coleção tão valiosa em Stoke era criminalmente uma burrice.

— Então, todos esses anos as pessoas têm admirado falsificações? — Ela bufou. — *Eu* admirei falsificações.

— Assim como eu. Até que fomos a Leeds algumas semanas atrás para ver se havia algo de valor no cofre da família e encontrei os originais e um documento explicando por que eles estavam lá.

Ela franziu a testa. — Mas eu não entendo. Por que Julia teria tido todo esse trabalho para roubar falsificações?

— Porque ela não sabia. A carta escrita em 1743 instruiu os condes de Rotherhithe subsequentes a manter a localização das verdadeiras relíquias em segredo para protegê-las.

— Mas acabou de me dizer.

Ele deslizou os braços ao redor dela. — Isso é porque eu confio em você.

— E não acha que seu primo confiava em Julia?

Ele riu. — Não, Charles era mais esperto do que isso. Jenkins me disse que o casamento deles era infeliz antes mesmo de começar. Aparentemente, Charles tinha se apaixonado pela irmã de um colega de escola, mas meu tio tinha seu coração determinado em que ele se casasse com Julia. Julia também, ao que parece. Percebi que ela enganou Charles para comprometê-la, então ele teve que se casar com ela — ele encolheu os ombros. — Todos esses anos eu acreditei que ele havia participado da brincadeira que me expulsou de Stoke porque ele amava Julia. Mas foi apenas mais uma brincadeira rancorosa.

Annis deitou a cabeça no peito dele. — Obrigada por confiar em mim, Henry.

Henry beijou o topo de sua cabeça loira. — Obrigado por se casar comigo, Annis.

— Henry?

— Sim querida.

— Eu *realmente, de verdade* não tenho outros segredos agora — disse ela, sua voz abafada pelo casaco dele.

Henry riu. — Eu também não, amor. Eu também não.



Annis riu. — Se alguma parte minha se parece uma princesa, é por causa de seus auxílios e do excelente gosto de roupas do meu marido.

Esta noite, pela primeira vez, ela estava usando o vestido escarlate surpreendente que Henry havia escolhido para ela. A cor não era apenas magnífica, mas parecia extremamente bem nela. Ela temia que um tom tão vibrante a fizesse parecer insignificante e ainda mais pálida do que o normal. Em vez disso, ressaltou brilhos dourados em seu cabelo que ela nunca havia notado antes e fez seus olhos parecerem um tom mais escuro de azul.

Annis olhou para seu reflexo e teve que concordar. — Os vermelhos se chocam. Mas minhas pérolas ficarão adoráveis — as pérolas foram mais um presente de Henry, que as comprou para ela em sua recente viagem a York, onde a levou para ver as verdadeiras relíquias de Stoke. Tinha surpreendido Annis que as relíquias genuínas tivessem realmente parecido um pouco maltratadas e não tão magníficas quanto qualquer um dos conjuntos de falsificações.

— Pode tirá-las, Grace.

— Henry! Não deveria. Me mima.

Annis abriu a caixa e Grace ofegou. — Oh, minha nossa!

— Oh, meu Deus — ela sussurrou, passando os dedos reverentemente sobre um trabalho de filigrana de prata que era delicado e intrincado, sua mão tremendo enquanto acariciava um dos enormes diamantes.

Annis piscou rapidamente antes de olhar para cima e entregar a caixa a Grace. — Prata é minha favorita, milorde. É lindo. Obrigada.

Sua sobranceira se curvou para o *milorde*, mas ele sorriu. — Não é prata, mas platina, um metal muito mais duro e mais duradouro do que a prata.

Ambos olharam para o reflexo dela enquanto Grace prendia o colar.

Henry assentiu lentamente. — Esplêndido.

Claro, ela corou e Henry riu quando ela levantou as mãos para o rosto ardente. — Sempre faz isso comigo, Henry.

— Porque fica ainda mais bonita com as bochechas enrubescidas. Coloque a pulseira, o diadema e os brincos nela, Grace. Mas não o broche, eu acho.

Assim que Grace terminou de enfeitá-la com joias, ela fez uma rápida reverência e os deixou sozinhos.

Henry parou atrás dela, e seus olhos se encontraram no espelho. O topo de sua cabeça, ela viu, não alcançava o queixo dele.

Ele acariciou os braços dela, acariciando o lugar onde a pele dela encontrava as luvas de couro marfim. — Tira meu fôlego, Annis — ele deu um leve beijo na têmpora dela.

Ela engoliu em seco, uma sensação de coceira perigosa atrás dos olhos. — Está tentando me fazer chorar, milorde?

Ele sorriu. — Está pronta para sediar seu primeiro baile, Lady Rotherhithe? — Ele se inclinou novamente, desta vez roçando os lábios sobre a nuca dela.

Annis estremeceu. — Estou mais pronta do que nunca.

Seus lábios curvaram-se nos cantos, seu sorriso pecaminoso, sensual e sugestivo dos prazeres que desfrutariam mais tarde aquela noite. Olhar para a promessa em seu olhar, fez Annis se perguntar por que eles estavam dando essa festa, quando poderiam estar na cama juntos.

— Está corando de novo — ele acusou. — Em que travessura estava pensando?

Annis não podia dizer a ele o que realmente estava pensando, mas *havia* duas coisas que ela precisava dizer. Na verdade, três.

— A carta que recebi de Miles, aquela que eu não o deixe ler. O motivo...

— Não precisa se explicar. Tem direito a sua correspondência privada. Eu não deveria...

— Eu *quero* explicar — Annis virou-se em seus braços, precisando esticar o pescoço para olhar para ele. Ela deu uma bufada exasperada. — É muito alto. Sente-se aqui no banco.

Ele se sentou.

— Muito melhor — disse ela, se deleitando com a chance de vê-lo ao nível dos olhos. Ela colocou um dedo sobre seus lábios cheios e macios. — Agora, tenho várias coisas a dizer. Será mais fácil se me deixar dizê-las.

Ele beijou o dedo enluvado dela e depois assentiu.

— Miles queria dar a Freddie o que restava do dinheiro que recebeu quando vendeu sua comissão. Ele sabe que eu sou a signatária dela e queria

que eu depositasse o dinheiro sem dizer nada para ela.

Henry franziu a testa, formando um entalhe entre as sobrancelhas. Ele abriu a boca, mas depois a fechou.

Annis não pôde deixar de rir. — Pode falar.

— Por que ele daria dinheiro para Lady Sedgwick?

— Porque ele a ama, Henry. E ela o ama.

— O quê?

— Sim, embora nenhum deles já tenham se declarado. E duvido que eles já tenham agido de acordo com seus sentimentos. Talvez eles teriam se casado se Miles não tivesse herdado, mas eu de alguma forma duvido. Algo ruim deve ter acontecido com Freddie durante seu casamento porque ela sempre disse que nunca mais se casaria. A propósito — acrescentou ela, quando Henry continuou a olhar. — Escrevi para Miles e pedi sua permissão para lhe contar, então não estou quebrando minha promessa — ela estreitou os olhos para ele. — Por que está me olhando assim?

— Achei que era você.

— Eu o quê?

— Que Avington amava.

Annis riu. — Miles? Deus, não! Eu o vejo como um irmão.

— Eu pensei que o amava.

Annis parou de rir quando viu a expressão intensa e quase dolorida em seus lindos olhos. — E o que o fez pensar uma coisa dessas?

Henry inalou profundamente, seu enorme peito se expandindo, até que finalmente exalou em um suspiro. — Não importa, eu estava obviamente enganado.

Ela segurou o queixo dele. — Estava pensando que eu estava sofrendo pelo Miles?

Ele deu de ombros, mas o leve rubor de cor em suas maçãs do rosto lhe disse que ela havia adivinhado corretamente.

— Oh, não, Henry — ela murmurou, passando um polegar sobre os lábios dele. — Sinto muito. Por que não me disse antes? Ora, deve ter pensado...

— Xiu... — ele sussurrou. — A culpa é minha, não tem do que se desculpar.

Ela bufou. — Bem, eu *estava* permitindo que outro homem me cortejasse enquanto saíamos. Sem dúvida acreditou que eu era capaz de estar apaixonada por Miles, ser cortejada pelo Sr. Norburg e me casar contigo. Fiz um monte de coisas, Henry. Mas eu não amo mais ninguém — ela o beijou, um beijo lento, minucioso e persistente. Quando ela finalmente se afastou, ela disse: — Exceto você.

Seus lábios avermelhados se separaram em choque.

— Por que parece tão surpreso, eu não lhe mostrei que o amo?

— Eu pensei que estava simplesmente fazendo o seu melhor.

Ela riu disso. — Eu não sou tão boa atriz.

Henry pegou o rosto dela nas mãos e a beijou até que ambos ficaram sem

fôlego. — *Main tum sy pyar karta hun.*

— O que isso significa?

— Eu te amo.

Seus olhos se encheram de lágrimas, e uma deslizou por sua bochecha.

— Por Deus, não chore, amor — ele implorou.

— Não consigo evitar — ela fungou. — Estou tão feliz.

Ele puxou um rosto aterrorizado e enxugou as lágrimas que não paravam de escorrer. — Talvez da próxima vez que estiver feliz, possa apenas sorrir ou rir?

Ela deu uma risada aguada. — Bem, não posso prometer que não serei emocional e chorosa pelos próximos oito meses.

— Hum — ele beijou sua bochecha, sua língua saindo tão rapidamente e levemente quanto a de uma cobra para cobrir uma lágrima. — Salgado — ele murmurou, beijando uma trilha pela bochecha até o queixo. E de repente ele se afastou. — Oito meses? — ele repetiu, os olhos arregalados. — Quer dizer...

— Acredito que sim. A Sra. Jenkins também pensa que sim — ela inclinou a cabeça quando ele apenas olhou fixamente. — Está feliz?

— Estou tão feliz que posso começar a chorar agora mesmo — ele estava sorrindo, mas sua voz estava embargada de emoção.

Annis riu, e ele a pegou em um abraço esmagador, segurando-a com tanta força que ela mal conseguia respirar.

— Vai amassar sua linda gravata — ela ofegou.

— Eu a amo tanto, Annis — declarou, as palavras ferozes e quentes contra seu couro cabeludo. — Eu sinto que a esperei uma vida inteira — ele a colocou à distância do braço tão de repente quanto a abraçou, seu olhar quente com mais do que apenas desejo desta vez. — Mas valeu a pena esperar, querida.

Annis estava chorando abertamente agora. — Olha o que fez comigo.

Ele limpou o rosto dela com o lenço. — Por Deus, todo mundo vai pensar que eu a estava espancando.

— Me fez esquecer do baile — disse ela, tentando endireitar sua gravata esmagada.

— Eu *gostaria* de esquecer o baile — ele murmurou. — Eu *gostaria* de levá-la para a cama. E eu *gostaria* de mantê-la lá por uma semana inteira.

Ela resmungou. — Não podemos.

— Não, não podemos.

— Como vamos conseguir passar por essa noite, Henry?

Henry pegou a mão dela, apertou-a levemente e deu-lhe um último beijo persistente. — Juntos, querida. Nós vamos passar por ela juntos.



Espero que tenham gostado da história de amor de Henry e Annis!

O próximo livro da série *A Academia do Amor* apresenta Miles, o novo Conde de Avington, e seu casamento de conveniência com a herdeira machucada e reclusa, Mary Barnett.

Dançando com Amor...

Perfeito para os fãs de Amanda Quick, Madeline Hunter, e Evie Dunmore.

Seu casamento mercenário de conveniência era perfeito... até que o amor atrapalhou...

Mary Barnett não sonhava com casamento e família. Assustada e cautelosa, fez tudo o que podia para evitar os homens. Operar o vasto negócio de sua família seria o seu futuro. Ela não tinha como saber que seu pai colocaria condições sobre sua herança. Nomeadamente, receberia metade do negócio quando se casasse, e a outra metade quando produzisse um herdeiro.

A última vez que sua família tentou forçar Miles Ingram a se casar por dinheiro, ele se rebelou e partiu para a guerra. Seu emprego subsequente como instrutor de dança pode ter sido suficiente para sustentá-lo - mas quando seu irmão morre, sobrecarregando-o com uma miséria, Miles não pode mais se esconder de suas obrigações. Precisar-se casar e depressa...

Eles são completamente opostos, mas seus objetivos estão perfeitamente alinhados. E não falta muito para que percebam que seus corações não estão tão distantes como inicialmente pensavam. Miles e Mary sabem que sua dança com o amor só pode terminar em um feliz para sempre, ou de coração partido. Mas qual será?

Esta história lhe dará toda a sensação de A Bela e a Fera! HEA garantido.

A

Academia do Amor

Livro 1



9786599110665

Compre Aqui

Descobrir que seu marido era bígamo não devastou Portia Stefani; ela manteve a cabeça erguida quando o forçou a sair de sua vida. Mas perder sua amada escola de música como resultado das dívidas de jogo do bastardo traidor, quase a destruiu. A única maneira de conseguir sobreviver é aceitar uma lucrativa posição de tutora na remota Cornualha. O que Portia não previra era o impacto que seu fascinante novo empregador teria sobre sua vida.

Stacy Harrington aprendeu da maneira mais difícil a manter as pessoas à distância. Tocar piano é a única coisa que torna sua vida solitária agradável hoje em dia, e ele será condenado se permitir que seu albinismo o mantenha longe de tudo o que ama. Trazer uma professora particular de música para sua casa era perturbador, mas a única solução. Infelizmente, nada poderia tê-lo preparado para a atração avassaladora que sentiria por sua nova e ardente servidora.

Não demorou muito para que uma paixão compartilhada pela música se transformasse em algo infinitamente mais profundo. Mas quando fantasmas do passado - juntamente com alguns segredos obscuros - surgem para ameaçar tudo o que eles construíram, Stacy e Portia conseguirão continuar a fazer belas músicas juntos? Ou o “felizes para sempre” terminará em uma nota dolorosa e discordante?

Livro 2



9786588382363

Compre Aqui

Gareth Lockheart é um dos homens mais ricos da Inglaterra, mas será preciso mais do que dinheiro para que o excêntrico recluso ingresse nos corredores do poder; será preciso ter uma propriedade rural própria e uma esposa aristocrática com ligações impecáveis. Gareth está determinado a encontrar a mulher certa da mesma forma com que faz tudo em sua vida: usando a lógica e a matemática.

Serena Lombard pode ser a viúva do filho de um duque, mas ela sempre esteve à margem da ton. A emigrante francesa não convencional, trabalhou duro para criar um lar seguro para seu filho e lutou para se estabelecer como uma respeitada escultora e jardineira paisagista.

Gareth deveria saber que fazer negócios com uma mulher seria um erro, especialmente uma viúva francesa pouco ortodoxa, opinativa e demasiado atraente que consegue destruir a sua capacidade de concentração sem nem sequer tentar.

Serena adora o projeto que o rico industrialista a contratou para fazer; é uma pena que o próprio homem seja tão distante e ilegível. Para não falar em perturbador, deslumbrante, e totalmente cativante.

A única coisa em que os dois opostos podem concordar é que eles devem evitar se envolver um com o outro - por mais difícil que isso se revele. Mas quando o perigoso passado de Serena a alcança, é a Gareth que pede ajuda e ele não hesita em dá-la. Mas pode um homem que necessita de ordem, como outros homens precisam de ar, entregar-se à emoção mais imprevisível de todas: O amor?



9786580754434

Compre Aqui

Honoría Keyes não é mais a jovem desajeitada e impressionável que era, aos quinze anos, quando conheceu Simon Fairchild. Doze anos se passaram e hoje ela é uma artista de sucesso, desfrutando de sua independência ao máximo. Simon também mudou. Foi-se o menino lindo e gentil dos sonhos de Honoría. Em seu lugar está um homem perigoso e ferido com a intenção de evitar o contato humano - e as emoções. Seria impensável se apaixonar por esse recluso difícil e ferido. Mas, novamente, Honoría nunca foi do tipo que faz as coisas da maneira mais fácil...

Simon voltou de Waterloo como uma casca amarga e quebrada do homem que era. Como se seu corpo e mente cheio de cicatrizes não fossem ruins o suficiente, ele também depende financeiramente de seu irmão, o duque, enquanto convalesce. O maior desejo do duque é que Simon se case e produza um herdeiro - algo que não tem intenção de fazer. A única coisa que nunca previu, foi todos os sentimentos indesejados que a adorável, talentosa e infinitamente intrigante Honoría desperta nele ...

Honoría e Simon podem curar as feridas do passado e construir uma vida juntos? Ou sua tentativa de felizes para sempre acabará sendo um retrato do fracasso?

Então, quem é Minerva Spencer?

M



Minerva Spencer foi promotora criminal, professora de história na faculdade, operadora de B&B, trabalhadora portuária, fabricante de sorvetes, leitora para cegos, empregada de motel e caçadora de recompensas.

Ok, a parte de ser uma caçadora de recompensas é uma mentira.

Minerva, no entanto, sabe hipnotizar um caranguejo Dungeness, costurar suas próprias roupas da Era Regencial, tricotar um chapéu de sapo, fazer malabarismos, reconstruir um American Rambler de 1959 e obter o controle da Ásia (e se apegar a ele) no jogo do RISK.

Leia mais sobre o Minerva em:

www.MinervaSpencer.com

*Siga Minerva: no **BookBub***

*No **Goodreads***

Informações Leabhar Books®

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente?
Envie o print da compra para o [E-mail Leabhar Books®](#)